



Madelynne Ellis Fantasmagoria

1800 Três anos depois de escapar de Londres com seus amantes bissexuais, Bela Rushdale se levanta uma manhã para dar-se conta de que seu delicado ménage a trois está a ponto de se fazer em pedaços. Vaughan, o Marquês de Pennerley, se foi sem dar nenhuma explicação. Bela, decidida a lhe reclamar como dela e a preservar sua relação, persegue-o até sua residência familiar no oeste do país, onde se vê envolta nos preparativos que ele está fazendo para celebrar a diabólica e gótica festa de Halloween: uma fantasmagoria. Entre as sombras e os fantasmas, Bela e seus dois amantes descobrirão as estremecedoras verdades que cada um deles oculta.

Disp em Esp: MR

Envio do arquivo: Gisa

Revisão: Livia

Revisão Final: Greicy

Leitura Final: Danielle Aguiar

Tiamat - World

Nota da Revisora Livia: Eu achei o livro meio confuso, mas no final valeu a pena revisar, tem muito sexo nele, não só de casal homem-mulher, como homo também.

Nota da Revisora Greicy: Tive diversas reações frente aos acontecimentos do livro. Eu me encantei com os personagens, às vezes, muitas vezes, eu tive ódio do protagonista. O livro é repleto de sexo de diversas maneiras. E o excesso de sexo e falta de amor, foi o que me decepcionou. Esperava que fosse diferente. Embora seja bom, para meu gosto, faltou respeito entre os personagens principais e amor.

Nota da Revisora Danielle: O livro é péssimo.....todo mundo pega todo mundo sem nenhum sentido e do nada. Os mocinhos não se resolvem a mocinha é tosca e falta tomar muito chá de "simancol"enfim....., mas tem cenas quentes.....rssssssss





Bela cravou os dentes nos lábios, já por si inchados. Se ele tão somente soubesse quantas lágrimas ela tinha derramado durante as últimas semanas... Possivelmente então chegasse a compreender. Possivelmente aquilo o aterrorasse.

—Vaughan. — disse apenas em um sussurro, enquanto afundava o rosto na curva de seu pescoço— Tudo está saindo mal, verdade?

—Não, meu rouxinol, só está saindo diferente.

Prólogo

Noite 1799.

Os acordes do violino fluíam em torno da varanda, iluminada pela lua. Vaughan Peredur Forvasham, Marquês de Pennerley, descia sobre a pedra lisa, apoiando suas mãos no corrimão.

—Maldita seja! —gritou. O impacto doeu, mas nem sequer pestanejou, só pôde olhar com raiva a negra mancha que vislumbrava no horizonte, a cidade. Não pôde distinguir nada mais que a catedral do St. Paul.

Vaughan apertou suas têmporas com os dedos. Os cachos caíam em cima do rosto, ocultando sua expressão. *Por que estava ali? O que estava fazendo?* Estava às vésperas do Ano Novo. Supunha-se que deveriam estar se divertindo, celebrando aquele dia. Ele tinha estado bem. Tinha dado uma bofetada no tenente Wilkes, da infantaria número 52 dos Oxfordshires, pelos insolentes comentários que havia feito sobre Bela. Ninguém que não fosse ele tinha o direito de chamá-la de prostituta. O pobre idiota não se atreveu a pedir ajuda. A reputação era algo maravilhoso, embora possa que a influência de seu anfitrião, o alto oficial Herbert Gillray, tivesse tido algo haver também.

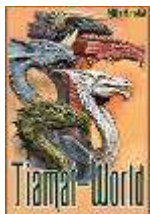
Ah, e também tinha ensinado a aquele fanfarrão francês, o visconde de Maresi, sobre como poderia ser perito um inglês nas inconfundíveis perseguições varonis.

Vaughan passou a língua pelos dentes. O Visconde era dolorosamente atraente e tinha umas bochechas tão tenras como um pãozinho, mas cheirava como uma perfumaria e carecia da paixão de Bela e o encanto de Lucerne.

Ah! Aspirou com força, lembrando de repente de seu débil amante. *Maldito seja!* Por que tinha que ser tão frívolo?

A porta que havia atrás dele se abriu, e um raio de luz golpeou o chão que pisava com o resplendor de milhares de velas. Não se virou, ficou ali parado, cravando seus olhos com determinação na escuridão. Sabia quem se aproximava por trás, a única pessoa em que verdadeiramente confiava. Bom, possivelmente havia outra pessoa mais, mas ela estava muito ocupada dançando para preocupar-se com ele. O outro afundou sua mão entre seu cabelo e a deslizou brandamente pelos seus cachos.

—Vaughan — Lucerne agarrou a mão de Vaughan—. Estamos bem?



—Sim, estamos bem, — Vaughan voltou a respirar com força. *É um mentiroso*, reprovou a si mesmo. Obviamente, estavam muito longe de estar bem.

Muito perto para ter certas intenções amistosas, Lucerne riscou com malícia a curva do traseiro do Vaughan. Foi um movimento sutil para não ter nenhum risco. A sala de reunião contigua estava cheia de companheiros deles. Em outra ocasião, aquele gesto carinhoso teria permitido tomar as rédeas. Vaughan gostava de correr riscos, mas aquela noite não lhe causou outra coisa que um calafrio de irritação.

—Só estou ponderando algumas coisas. É véspera de ano novo. Isso é o que eu costumo fazer — desenhou um sorriso em seu rosto e deu a volta, ficando preso pelo abraço do Lucerne—. Volta para a festa. Irei assim que recupere o humor.

—Se estiver seguro... —Lucerne acariciou a bochecha de Vaughan com o polegar.

—Estou seguro.

—Não fique muito sentimental aqui fora, ok?— desenhou o contorno dos lábios do Vaughan e os roçou com seus lábios brandamente—. A noite acaba de começar. Ainda temos que celebrar o novo século — dedicou a Vaughan um descarado sorriso, carregado de doces promessas.

—Saia daqui — Vaughan observou como Lucerne se unia a um grupo de bêbados. Aquilo não estava bem. Não podia fingir que não estava fazendo mal a ele, ocultar que o repugnava, a maneira em que Lucerne levava seus namoricos.

De todas as maneiras, tinha que ser assim. Percorreu com tranquilidade a longitude da varanda, onde tinha uma hera¹ pendurada, como os cachos de cabelo de uma sereia, sem fazer ruído, só um leve sussurro.

Vaughan agarrou um copo abandonado que encontrou entre os ramos e engoliu o delicioso líquido caramelado que havia dentro sem saboreá-lo. Levantou o copo para a lua, como uma saudação zombadora, e depois deixou que deslizasse pelo corrimão. Quebrou no piso de baixo, fazendo que seus pedaços cintilassem como se fossem lágrimas de anjos. *Tanto faz*. Deixa-os gritar. Deixa que todos os bastardos gritem. Muito em breve, tudo desapareceria.

Capítulo 1

Outubro, 1800

—Rápido Lucerne! Depressa.

Sem reparar na mão estendida do laçao que a esperava para ajudar, Bela Rushdale, sair atrás do carro, alcançou e subiu os degraus da luxuosa casa, enquanto segurava na mão a cauda de seu belíssimo vestido de noite de corte imperial, para evitar tropeçar e cair. Alcançou a porta e se virou, olhando para o carro.

—Acredita que se deu conta de que saímos?

¹ **Hera:** Erva conhecida por sua eficácia no tratamento cosmético.



—Ele sempre se dá conta de tudo.

O visconde Lucerne Marlinscar deslizou seu esbelto corpo de um metro noventa pelo assento de couro e saiu lentamente do interior, com uma bengala de prata em uma mão e uma cigarreira na outra. O casaco de noite, azul marinho que usava era curto na frente, o que lhe permitia mostrar seu colete de cor negra e prata. Suas calças, de cor nata, aderiam as suas coxas como uma segunda pele, o que devia esclarecer em parte, segundo Bela suspeitava a lenta descida do automóvel.

—Sim, mas estará agora vindo a caminho?

Lucerne guardou a cigarreira de prata no bolso e olhou seu relógio.

—Isso dependerá mais ou menos de Henry Tristan e se esteja fazendo bem sua tarefa de atrasá-lo.

—É com esse tipo que o deixou?

—Sim, por quê?

Bela desceu três degraus e agarrou o punho do casaco de Lucerne.

—Então nos alcançará em cinco minutos. Vamos — arrastou Lucerne pela porta dianteira e atravessaram o corredor vazio. Seu primeiro instinto foi meter-se no armário que havia debaixo das escadas e brincar entre as vassouras, mas sabia que Lucerne o desaprovava. Havia muito pó e não gostava das aranhas. Estava mais preocupado por sua roupa do que pelo prazer que pudesse dar a ela, e isso, ela não gostava nada, pois Vaughan já estaria provavelmente dobrando a esquina com seu carro.

Vaughan. O marquês de Pennerley. É obvio se tivesse estado com ele em vez de com Lucerne, não haveria dúvidas com o armário. Inclusive teria preferido fazê-lo em qualquer ruela, do que na casa. Vaughan não respeitava nada, nem a roupa, nem os móveis. Nada disso importava nada poderia ficar no meio de seus prazeres. Assim é como tinha sido nos últimos dois, já quase três anos, desde que ela subiu em seu carro de maneira imprudente e se despediu de Yorkshire.

—Por aqui.

Correram pelas escadas. Lucerne se dirigiu ao quarto principal, onde havia uma enorme cama com dossel que os três compartilhavam, mas aquela comodidade suntuosa e acolchoada não era o que Bela estava procurando. Antes que ele a arrastasse para seus braços, ela foi para esquerda e os levou a porta do closet. O cheiro forte de naftalina, temperado pelo aroma das bolsas de lavanda que ela tinha feito por aborrecimento, flutuava sobre eles.

Não é que tivesse muitos momentos como aquele. Seu tempo em Londres tinha passado muito rápido entre vestidos de noite e excessos sexuais. Só os costumes da alta sociedade pareciam ser as que marcavam as temporadas.

Quando chegou, ao princípio, tudo tinha sido, espartilhos, caudas e meias. Agora, a cintura de seu vestido ficava em algum lugar sob seus seios e uma simplicidade grega diáfana era o que se usava.

Bela gostava da liberdade que lhe dava seu novo vestido e a excitação da mudança, mas nem todas as novidades na moda eram boas. Para começar, todos os homens deviam usar o



cabelo muito curto. Sempre tinha gostado da franja desordenada de Lucerne embora gostasse muito mais dos cachos negros de Vaughan. Felizmente, o Marquês não parecia seguir a moda ou dos estilistas, representados pelo senhor Brummell. Jurou sentir prazer fosse como fosse. Nenhum capitão do exército sem um centavo ia dizer a ele como tinha que vestir-se. Além disso, pensava ela, não via graça de que todos os homens se vistam iguais, como ovelhas de cor nata e azul, e nunca tiveram interesse algum pela moda dos cabelos enrolados ou pelas novidades incríveis como fazia Henry Tristan.

Bela sorriu abertamente. Lucerne já se aproveitou de sua distração e se encontrava explorando o inchaço de seus seios, enquanto seus lábios brincavam na parte posterior de seu pescoço.

—Não, não — ela se voltou bruscamente e o empurrou para o sedoso arco íris que formavam os casacos pendurados.

—Por que não, não? —tentou lhe afastar as mãos, mas Bela lhe empurrava com mais força. Lucerne a olhava furtivamente e com acanhamento através de suas pestanas—. Que tipo de encontro é este, senhorita Rushdale? Não me parece um gesto muito cortês, agredir um colega em um armário.

Descortês? Agressão? Ela deslizou a ponta de seus dedos procurando a entrada para suas coxas. *Sim*, isso é o que estava acontecendo. Ficou nas pontas dos pés para alcançar a beijar seus lábios, evitando com escassa margem a pilha de gravatas que tinha juntado aos seus pés.

—Por que tem que levar tantas capas?

—Eu poderia perguntar exatamente o mesmo. —Lucerne abriu os botões de seu colete até o fim e depois a alcançou. Deslizou a mão por cima de suas meias, para a pele nua de sua coxa—. Exceto —levantou uma de suas sobancelhas, elegantemente arqueadas— porque parece que perdeu alguma.

—Ah... Ah, sim, pode que tenha perdido alguma.

Seu novo vestido era mais bonito sem aquele montão de combinações embaixo dele, só com umas anáguas que lhe tapavam dos joelhos para acima, tendo prescindido de seus espartilhos só fazia umas semanas, e inclusive assim, usava um dos novos modelos que haviam feito com as cintas do espartilho. Uma ou duas de suas amigas usavam as novas calcinhas vermelhas de seda que vinham da França, mas ela pensava que seriam muito picantes e pouco convenientes.

—Embora pareça estranho —disse Lucerne— eu também as esqueci.

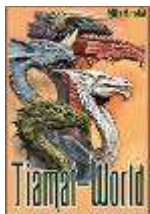
Bela deslizou a mão dentro da prega de suas calças. As pontas de seus dedos encontraram e percorreram a esbelta linha de cabelos dourados para baixo, onde se formavam redemoinhos ao redor de seus quadris.

—Todo este tecido extra, arruína a linha.

Bela riu e percorreu a coluna de sua quente pele.

—Quer dizer que você sempre está preparado para a ação— desabotoou os botões que continha a lapela de sua cinta e arrastou seu corpo até ficar à altura de sua glória revelada.

—Não. Não acredito que seja isso.



Ela percorreu sua ereção com a língua.

—Está certo?

—Sim. Não. Bom, pode que só um pouco — segurou com as mãos a parte posterior de seu pescoço—. Se aproxime um pouco mais, descarada. Não seja tímida — com a mão livre, levou o membro contra os lábios dela.

Bela beijou a ponta cheia e depois se ergueu sobre seus pés.

—Terá um pouco mais depois, caso se comporte bem, milord.

—OH, não! —protestou ele. Baixou a cabeça para que ela pudesse alcançar seus lábios. Bela apertava a mão contra seus corpos enquanto com a outra cobria a quente coluna—. Vaughan chegará a qualquer momento — quase podia sentir como ele se aproximava, conduzindo seu carro a toda velocidade, com seus cachos morenos acariciados pela brisa, todo seda negra e paixão—. Não vamos perder tempo.

Subiu a saia ao redor do seio, descobrindo grosseiramente seu traseiro nu e depois de agarrar os punhos do Lucerne os pressionou contra as paredes do armário. Ele nem sequer resistiu, simplesmente ficou aí contra os casacos, enquanto a olhava com uma espécie de ânsia faminta e tímida.

Mantendo um de seus seios, Bela liberou o outro e umedeceu os dedos entre as pernas, levando à boca de Lucerne para que os lambesse com obediência. Ele o fez com a suavidade de um gato que lambe seus pequenos dedos, tentando aliviá-la, mas Bela não queria que ninguém a aliviasse. Não queria que aquilo ocorresse de maneira doce e suave. Gostava de algo duro, pegajoso e sujo, algo como o que Lucerne só parecia ser capaz de fazer com Vaughan. Ela mantinha uma constante luta por tentar despertar a mesma resposta. Lubrificou seu queixo com saliva, lhe fazendo abrir a boca para que pudesse lambê-la, enquanto seus dedos se fechavam ao redor de seu pulso e mordida sua tenra pele.

Lucerne protestou, sacudindo o braço, embora simplesmente o apertasse com mais força, enterrando os lábios contra os seus.

—Bela — gemeu ele. Sua respiração se voltava agitada e entrecortada pela excitação—. Posso?

De maneira serviçal, ela abriu as pernas e elevou uma que ele segurava contra sua coxa enquanto deslizava dentro dela.

Os olhos azuis do Lucerne se arregalaram

—Está brincando comigo —disse resmungando. Agarrou-se a seu traseiro nu, tentando levantá-la. Ela sabia perfeitamente o que ele queria: levá-la para cama com seu membro ainda dentro dela e fazê-lo entre os lençóis, mas essa não era a questão. A questão era que ela queria tê-lo a sua mercê.

—Sim— assobiou ela contra a boca—. E não há nada que possa fazer para evitá-lo.

Enganchou a perna que tinha levantada por trás de seu joelho e voltou a lhe agarrar o punho, deixando desta vez as marcas das unhas na pele.

Seu pênis tampouco protestou agora. Mas bem, a contenção incitou até maior esforço. Seus



quadris se moviam rápido, lhe permitindo um precário equilíbrio, enquanto seu traseiro se convulsionava ao mesmo tempo.

—Bela, por favor, não faça disto uma batalha! Seja suave para mim. Já tenho suficiente sexo duro e selvagem com Vaughan.

—Sim e vi como isso te faz sentir.

—O que Vaughan me faz sentir... —corrigiu-a ele, decaindo um pouco—. E você faz algo igualmente precioso. — A contra gosto, soltou seu punho. Lucerne desfez o laço que formavam seus dedos ao redor dos punhos e depois enredou as mãos na parte de atrás do cabelo de Bela. — Me beije.

Era doce e íntimo. Sem lhe tirar importância, mas sem paixão furiosa. Lucerne a queria como mulher, não como a substituta de Vaughan. Perguntou-se uma vez mais como chegou tão longe a relação deles, se Vaughan não tivesse estado sempre esperando para entrar em cena. Poderiam se casar, mas seria feliz algum dos dois?

Ela não ouviu o Vaughan entrar no closet, mas sentiu sua presença como uma onda através do tecido daquele pequeno quarto escuro. Podia sentir seu calor inclusive antes que passasse a mão pelo traseiro.

Ele não disse nenhuma palavra, só permitiu que a palma da mão selasse suas intenções.

Provavelmente teria os olhos fechados, com suas pestanas longas e escuras acariciando levemente suas bochechas. Sua boca, cruel e sensual, transformou-se possivelmente na sombra de um sorriso. Tão tolo pensar na expressão de seu rosto, fez que rebolesse mais forte contra Lucerne. Não cabia dúvida de que ambos pertenciam a Vaughan.

Nem de como ele desfrutava lhes fazendo retorcer de prazer.

Já tinham passado quatro semanas da última vez que Vaughan a tocou. Não é que foi a vez em que ele a fez esperar mais, mesmo assim, foi uma longa espera, estar ao seu lado, mas privada de sua atenção. Tinha sido final do verão, na noite do baile que davam os Gillrays. O sacana umedecendo suas anáguas numa tentativa de conseguir um vestido novo. Tinha-lhe enfaixado os olhos, atando-a ao poste da cama e depois, banhando-a com esponja, tendo certeza de que as anáguas ficassem muito molhadas entre suas pernas.

Mais tarde, ela tinha passado toda a noite com o leque, olhando-o estrategicamente sobre o caminho úmido para que ninguém pudesse reconhecer o arbusto de cabelo através do vestido de delicada musselina.

Antes disso, tinha pintado seus mamilos com suco de beterraba e a tinha servido como uma salada a Lucerne e mais quatro amigos íntimos. Vaughan parecia deleitar-se quando brincava com ela. Ninguém a havia tocado em toda a noite, mas essa não era a questão. Quase ao final do jantar, ela se encontrava desesperada por aliviar a sensível dor de seus seios e o fogo de excitação que sentia na vulva.

Quando todos os convidados se foram, Vaughan a cavalgou com força durante toda a noite. Ela sorriu ao recordar-se daquilo, embora Lucerne continuasse provocando seus lábios. Tinha cavalgado os dois, para ser mais exatos. Depois de ter prendido Lucerne a uma cadeira, tinha-o



levado repetidamente ao ponto de orgasmo, só para deter-se antes de chegar ao final, até que por fim, a primeira hora da madrugada, empalou-se ele mesmo com o membro úmido de Lucerne.

A respiração do Lucerne soprava sobre sua cabeça.

—Preciso me mover — se agarrou a seus quadris e as mexeu para frente, desesperado pelo roçar que causava.

—Vá, vá. —Em resposta, Vaughan passeou os dedos pelas nádegas inchadas de Bela, enquanto lhe dizia—: Lucerne, você sempre tão precipitado. —Ela rebolou para trás, contra ele. O melhor sempre vinha quando os dois homens a pressionavam um pela frente e o outro por trás. E agora, ele estava ali...

—Deveriam ter me esperado — disse Vaughan. Bela sentia sua ereção enquanto apertava contra seu traseiro—. Mas lhes perdoo.

—Já pode se unir — lhe soltou Lucerne.

—OH, sério? —disse-lhe alargando as palavras. Deslizou as mãos pelo estômago de Bela e depois as subiu até seu peito—. E você o que diz, senhorita Rushdale? Estou convidado a este encontro de amantes?

Bela se voltou para trás, contra ele.

—Supunha-se que ficava fora. Ele é meu esta noite.

—Ah, mas a distração foi fugaz. Realmente, precisa planejar as coisas com mais cuidado.

Vaughan se afundou sobre seus joelhos atrás dela, com as palmas das mãos seguindo a linha de sua silhueta. Seus lábios passaram roçando a delicada dobra que se formava no lugar onde seu traseiro se encontrava com sua coxa. Deu calafrios em Bela. Era muito sensível naquela parte. Sensível demais.

—Por que não nos deixa sozinhos? Por que não permite que estejamos juntos? —ofegou ela.

Sua língua rastreou ligeiramente suas nádegas, levantando o pelo que havia ao nível de sua sensibilidade para fazê-la retorcer-se. Ela se curvou contra Lucerne, tremendo de prazer.

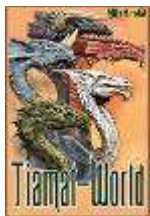
—OH, Bela, sabe perfeitamente por que. Sempre soubeste o porquê.

Sabia, mas gostava de ocultá-lo. Ali, em Londres, tinha uma falsa identidade como à prima de Vaughan, acompanhada por alguma governanta que tinha tirado da miséria por um salário anual de vinte guinês. Lucerne era seu pretendente não oficial, mas ele nunca o tinha proposto. Vaughan era inflexível quanto ao fato de que enquanto estivessem juntos os três, não haveria acordos de exclusividade, nenhum que ele ficasse excluído. Assim aí estavam os três.

A língua do Vaughan deslizou pelo canal entre seus lábios. Plantou-lhe delicados beijos e a acariciou com delicadeza, enquanto suas lambidas ficavam lentamente mais intensas mais invasivas até que se viu explorando sua vulva quente e acendendo intermináveis chamadas de êxtase.

Os quadris de Bela balançavam com o movimento dos dois homens. Lucerne estava aproximando mais dela. Podia ouvir sua respiração.

Detestava que Vaughan fizesse isso a ela. Havia algo errado em tudo aquilo. Lambê-la parecia um tema mais tabu que lhe encher o traseiro com sua ereção, e ela sabia que ele tentaria



suavizar o assunto beijando-a depois com pouco esmero. Mesmo assim, não podia separar-se deles, inclusive embora não estivesse apanhada pelos dois corpos.

—Vou fodê-la com a língua até que goze — disse ele, levantando seu pelo púbico ao redor da pele—. Depois vou fazê-lo com Lucerne e, se te comportar bem, deixarei que olhe.

Faria com certeza. Vaughan sempre cumpria suas promessas e adorava lambê-lo e dar seu traseiro quase tanto como o Lucerne. Às vezes, ela desejava que Vaughan lhe tivesse mostrado o mesmo nível de devoção que tinha pelo Lucerne.

Vaughan encontrou sua pérola e a esfregou. Ela não queria gozar assim, com sua mão, enquanto lhe lambia o traseiro com ânsia, mas seu corpo traiu suas intenções. Seus quadris se moviam ao mesmo tempo em que Lucerne. Ela procurava seus lábios, mas ele já estava gritando ao ar enquanto ela gozava em cima de seu membro.

Enquanto o orgasmo percorria todo seu corpo, os dois homens beijaram seus ombros, ignorando-a enquanto se dirigiam a atenção um ao outro. Quando eles não mostraram nenhum sinal de retirar-se, Bela deslizou para o chão e se arrastou entre as pernas do Vaughan. Já bastava que Lucerne fora só para ela!

Depois de tudo, não tinha estado ruim. Bela ficou cômoda na cama e lentamente começou a esfregar o clitóris enquanto observava como os dois se acariciavam. Vaughan e Lucerne eram muito atraentes, as duas caras da mesma moeda e nunca melhor que quando atuavam juntos daquela maneira. Enquanto ela gostava mais de estar entre eles dois, tinha aprendido a aceitar que aquilo era parte de sua relação e não tinha escrúpulos em gozar enquanto os observava juntos.

Os dois homens saíram torpemente do closet, com as pernas ainda entrelaçadas, arrancando a roupa um do outro. Lucerne baixou as cuecas até as coxas, descobrindo umas nádegas pálidas, marcadas com as unhas de Vaughan. Fiel a sua maneira de atuar, Vaughan o inclinou imediatamente sobre a beira da cama.

—Sei o que necessita — sussurrou a Lucerne no ouvido—. Não tente sequer negá-lo. Seu membro nunca perdeu sua dureza.

Lucerne se agarrou aos lençóis. Seu emplumado cabelo loiro pegava à testa com doçura, obscurecendo seus nebulosos olhos azuis. Mais abaixo, os músculos de seu pescoço e aqueles que desciam sobre seus braços se esticavam, preparando-se para o que vinha.

—Isto não é o que necessito. Bela estava me satisfazendo como eu gosto — gemeu Lucerne a ela, lhe mandando um beijo.

—Isso é o que você diz — Vaughan agarrou os quadris de Lucerne e ficou atrás, até seus quadris nivelarem com o traseiro de Lucerne. Não importava as vezes que ela o tinha visto fazer aquilo, ainda a fazia umedecer-se. Bela cobriu a vulva com a mão e esfregou uma coxa contra a outra. Havia algo extremamente sexy na maneira em que ele manipulava o corpo de Lucerne com tal facilidade e como o excitava apesar de seus protestos. — Mas não me rechaçaste.

Um calor rosado e quente banhou as maçãs do rosto de Lucerne.

— Eu sei mais do que você pensa, — a resistência sempre havia feito Vaughan mais



determinado. Mais de uma vez, as relações sexuais se pareciam com uma briga, inclusive Vaughan gostava de fingir que estava a ponto de lhe dar um murro.

Bela amassava sua buceta com mais força. “*Continua, negando*, —pedia ao Lucerne em silêncio—. *Faça-lhe trabalhar mais duro*.” Observou como se tornava para trás para alcançar os braços do Vaughan, mas já era muito tarde. Sua boca se abriu e deixou escapar um alívio urgente. Vaughan estava dentro dele, movendo-se em seu ritmo especial. Não havia maneira de resistir.

Os olhos do Lucerne ficaram brancos. Com descaramento, empurrava para trás, contra a intrusão.

—Nada te faz sentir desta maneira, verdade, Lucerne? —as mãos do Vaughan se moviam fazendo círculos em seu traseiro, apertando-o, moldando-o. Ele o alcançou, agarrou o membro de Lucerne, imitando o ritmo de seu movimento—. Você adora, não é verdade? Inclusive desde a primeira vez, nunca foste capaz de ter suficiente.

—Não estou tão desesperado como pensa — grunhiu, com as pálpebras entrecerradas—. Eu sempre fiquei satisfeito com uma mulher.

—Sério? —Vaughan lhe empalava com mais firmeza—. Assim deslizar um dedo no meu pênis não faria que gozasse tão forte que descarregaria sobre seu próprio corpo?

—OH!

—Aqui vem, Lucerne. Acredita que será capaz de aguenta-lo? É obvio que não. Conheço-te. Sei o que te faz gozar — mordiscou a orelha de Lucerne—. Se te agarro jogando sujo outra vez...

—O que fará?

Vaughan guardou silêncio. Ficou quieto embora Lucerne não parasse de se mover intensamente.

—Já o verás. Está preparado? —Deslizou-lhe um dedo por todo o membro. Imediatamente, Lucerne ficou rígido. Os calafrios percorreram todo seu corpo. Estava respirando forte, tentando controlá-lo, ofegante, determinado a negar a vitória de Vaughan, embora em vão—. É um maldito idiota! —grunhiu-lhe.

Bela observava como se afundava sobre os lençóis, onde continuou queixando e tremendo uns minutos. Quando finalmente deu a volta, sua camisa estava pastosa, e inclusive seu peito, ambos pegajosos por seu sêmen. Tirou a camisa e limpou o peito.

Vaughan lhe olhava do banheiro.

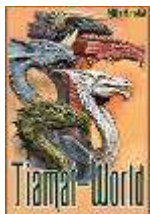
Algo estava passando, Bela tinha certeza e não era a primeira vez que aquela ideia a rondava a cabeça. Vaughan ainda tinha o pênis ereto e indomado, mas parecia contente de não fazer nada para alterar essa situação. Não era muito raro, mas era curioso.

Lucerne desceu da cama e se dirigiu para ela. Envolveu-a em seus braços.

—Não pode fazer nada contra o que sinto por ela, Vaughan — ele disse.

—Não. —Vaughan estava de acordo. Vestiu as calças—. Suponho que não posso.

Definitivamente, ela estava perdendo algo. Bela se apegou àquele pensamento enquanto observava o resplendor da vela refletido como negras brasas os olhos de Vaughan. Mas independente do que fosse, guardavam para eles mesmos.



Vaughan observava a luz na pele de Bela com toques de dourado e laranja. A cabeça do Lucerne repousava ali. Sem fazer nada, acariciava com os dedos suas tranças loiras. Era muito tarde, mas não tinha vontade de dormir. Seus dois amantes caminhavam à deriva fazia horas, mas as palavras do Lucerne ainda retumbavam em sua cabeça.

“Não pode fazer nada contra o que sinto por ela”.

Não pode me intimidar para que te ame, podia ter dito também aquilo, e era certo. Não podia evitá-lo, levava muito tempo tentando.

Claro que a situação a que tinham chegado estava resolvida. Bela tinha sido o acordo ao que ele tinha chegado para que Lucerne estivesse em primeiro lugar. Aquele homem estava muito preocupado pela reputação e o respeito para arriscar-se a escandalizar a seus colegas. Mas nem Bela nem Lucerne eram as mesmas pessoas que ele tinha encontrado tão loucamente apaixonados por ele nos selvagens isolados de Yorkshire. A cidade tinha transformado Lucerne em um mequetrefe amoral e a Bela em outra mulher bela com vestido estampado. Estava perdendo sua paixão. OH, ainda possuía uma afiada língua e um sentido malvado da diversão, mas gostava mais antes, quando era mais ingênua e a cor de suas bochechas não era causada pelo ruge.

Vaughan lhe tocou as pontas do cabelo que caía solto sobre suas costas. Desejou que ela abrisse os olhos para ver como tinham mudado as coisas. Ao princípio, tinha-a aceito como uma necessidade, convencido de que ela perderia o interesse ou a paciência. Nenhuma mulher esperaria sempre uma proposta de casamento. Surpreendeu-se de que tivesse demorado tanto tempo sem nem sequer uma sugestão de proposta e possivelmente estava satisfeita.

Mas Bela não era o verdadeiro problema. Podia dirigi-la perfeitamente. Era a outra zorra a que supunha um problema. Seus lábios desenharam um sorriso sádico enquanto enredava os dedos ao redor da massa de cabelo de Lucerne. Puxou-os em sinal de mal-estar, causando um grunhido de protesto.

—Tranquila, dorme — disse ele, acariciando-a com doçura. —Não desperte. Não se preocupe. Desfruta enquanto dure.

Vaughan cravou o dente no lábio inferior. Era a hora. Pode ser que não fosse capaz de fazer nada contra a maneira em que Lucerne sentia as coisas, mas poderia exercer alguma influência na maneira em que Bela sentia pelo Lucerne, ou ao menos lhe abrir os olhos.

Agora. Esta noite. Estava começando e... terminando.

Capítulo 2

Bela despertou com frio. Lucerne tinha roubado outra vez as mantas. Estava afastado dela, enrolado dentro do aconchego das colchas, enquanto o lençol pendurava da cama por um só canto. Vaughan supôs ela, estava no chão, ao lado dele. Apesar de sua paixão por arrumar-se e seu amor às delicadezas, não lhe atemorizava o desconforto, como acontecia com Lucerne. Uma



vez, tinha-o encontrado dormido no batente de uma janela.

Bela se aconchegou ao lado de Lucerne e esfregou o nariz contra sua nuca, onde acabava seu cabelo. Divertiram-se a noite passada, mas naquele momento estava preparada para uma chamada energética de despertar.

—Ainda estou dormindo — murmurou ele—. Pare de se mover, ainda necessito de umas três horas.

—Ok. Não tem remédio — Bela se levantou—. Estou me vestindo. Faz frio aqui e me roubaste as mantas outra vez. —Deu-lhe uma palmada no traseiro, mas Lucerne se escondeu ainda mais debaixo das colchas e botou um travesseiro sobre a cabeça. Eram nove e meia. Se levantasse antes das onze, seria um milagre ou um acontecimento esportivo.

Enquanto dava a volta, reparou que Vaughan não estava no chão e tampouco havia sinal dele no piso de baixo. Bela odiava tomar o café da manhã sozinha. Enquanto, o tempo passava e viu que Vaughan não aparecia: começou a sentir que algo não ia bem.

— Lorde Pennerley foi montar? —perguntou ao William, seu principal laçao.

—Não que eu saiba senhorita Rushdale, mas não o vi em toda a manhã.

Bela franziu o cenho. Ninguém podia entrar ou sair da casa sem que William soubesse. Não era normal que Vaughan estivesse dormido ainda, em qualquer lugar que tenha por acaso se deitado.

Foi para o quarto de hóspedes, mas o contínuo tic tac do relógio de cima da lareira só a punha mais nervosa. O chá tampouco a tinha ajudado. Queria um pouco de companhia. Onde tinha se metido? A casa estava muito tranquila.

Bela se deteve no final das escadas, com a mão sobre o corrimão. Depois de uns minutos, cruzou o patamar e chamou a sua porta. Como não tinha ouvido nenhuma resposta, entrou com insolência. No pior dos casos, encontraria-o ainda na cama e lhe atiraria algo à cabeça ou, melhor ainda, o teria iniciado em alguma espécie de tortura erótica.

A cama estava vazia.

—Maldito seja.

Bela ficou olhando um momento as obscurecidas mantas, imaginando seu cabelo, como uma nuvem negra cobrindo seu rosto sonolento, antes de arquear uma sobrancelha em sinal de confusão. As cortinas não estavam jogadas, assim que a luz clara de outubro fluía e salpicava os lençóis, como as folhas de outono na rua. Havia algo estranho naquele quarto. Tentou pensar o que era, mas não podia nem imaginar. Não tinha entrado ali muito frequentemente. Não havia nada fora do lugar, nem sequer uma gravata desfeita ou uma folha de barbear suja na mesinha, embora, por outra parte, Vaughan sempre tinha sido ordenado e limpo.

De fato, não havia nada em seu lugar, tampouco.

Um calafrio lhe percorreu a espinha dorsal. Bela se liberou dele, aproximando-se das gavetas e abrindo o primeiro compartimento. Estava vazio, igual ao segundo.

—Vaughan! —dirigiu a mão espontaneamente para os lábios—. OH, Meu Deus! —mordeu os nódulos. Não podia ter ido. Não podia ter sido capaz. Por que iria? Eram felizes—. Lucerne! —



Lembranças da noite passada lhe invadiam a cabeça. Tinham tido aquela estranha sensação, pela rara e cautelosa conversa que tinha estado tentando decifrar—. Lucerne!

Invadiu-a o pânico. Vaughan não podia ter ido embora, não sem nem sequer dizer adeus. Seu olhar recaiu outra vez sobre a suave cama. Era isso. O relicário. O precioso presente que só tinha uma mecha de cabelo loiro como fechamento e que comemorava a primeira noite que Vaughan e Lucerne tinham passado juntos. Se ainda estava ali, significava que teria que voltar.

Se não podia encontrá-lo...

Seus dedos se fecharam sobre a frieza dos lençóis. Desesperada, tirou os travesseiros da cama, esparramando as plumas enquanto o fazia. Flutuavam ao redor dela, mas não havia sinal alguma do relicário. Sem confrontar o desvanecimento de sua esperança, Bela afundou as mãos entre o colchão e a cabeceira. Mas não encontrou nada.

—Nãooooo!

Seu chiado despertou finalmente Lucerne. Correu a grande velocidade até o quarto, meio vestido e trazendo seu criado, ao que estava discutindo sobre algo.

—Bela! —Lucerne a puxou e a olhou com curiosidade, com as sobrancelhas impressionantemente levantadas—. O que está fazendo? Por que demônios estava gritando?

Ela saltou da cama e se jogou em seus braços. Ao diabo com o decoro, além disso, Ivo não contava porque sabia perfeitamente bem quais eram os acordos de convivência na casa.

—Vaughan se foi — ofegava contra o pescoço da camisa de Lucerne—. Se foi.

—Não diga tolices — a separou de seus braços e permitiu ao Ivo agachar-se entre eles assim como continuar lhe costurando as calças que se aderiam a ele como uma segunda pele.

—Não estou dizendo tolices. Suas coisas não estão aqui — franziu o cenho para Ivo, tentada de lhe dar uma bofetada.

—Deixe isso — disse Lucerne, dando a Ivo um tapinha no ombro—. Pode ir —esperou até que o homem tivesse saído do quarto e depois segurou a mão de Bela, lhe oferecendo um sorriso complacente.—Simplesmente saiu para dar um passeio, Bela. Pensa por um momento.

—Olhe — o agarrou pelo peito e o arrastou para que a visse abrir as gavetas outra vez.

—Ah — disse em resposta à ausência de roupa.

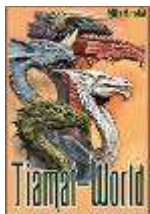
—Acredita em mim agora?

Lucerne sacudiu a cabeça.

—Isso não prova nada — caminhou para a janela. Bela o seguiu duvidando. Vaughan não estava como ela havia esperado, de pé no pavimento rindo dos dois. A julgar por sua expressão, Lucerne tinha esperado encontrar-se com o mesmo.

—Espero que tenha ido a algum lugar que o convidaram esta semana e se esqueceu de mencionar — passou a mão através de seu cabelo despenteado—. Ultimamente, ele passou muito tempo com Frenchy Allenthorpes.

—Agora é você o que está dizendo tolices — reprovou Bela—. Ele disse muitas vezes que o Visconde cheira como a relva fermentada e inclusive você não levaria toda sua roupa para ir por só uns dias.



—Pensou em tudo, equivoco-me? —havia um ar de diversão na voz de Lucerne.

Bela o olhou, enquanto moderava seu ânimo.

—Não, não fiz —não precisava fazê-lo. O relicário era a única coisa de valor que Vaughan guardava no quarto, mas não estava segura de se Lucerne estava a par daquilo. Estava bastante segura de que nem sequer Vaughan era consciente de que ela sabia.

Lucerne se sentou na cama, dando tapinhas ao colchão para que ela se unisse a ele.

—Não fique brava, Bela. Voltará. —Acomodou-a a seu lado, ainda com o sorriso desenhado em seu rosto—. Sempre o faz. Como uma moeda falsa.

—Pode ser— permitiu que seu abraço a reconfortasse. Nunca tinha duvidado de que Vaughan aparecesse em algum momento. Mas também podia estar na metade do caminho, descendo pelo canal. A França não era o destino ideal enquanto os que governavam seguissem entretendo a Madame Guilhotina.

Perguntou-se inclusive se teria dormido um pouco na noite passada. Ainda estava observando-os da escuridão quando acabou adormecendo, o que era pouco comum. Definitivamente, não tinha visto nenhum sinal de perigo.

Maldito seja!

Bela se afundou sobre Lucerne. Estava lhe escapando alguma coisa, algo óbvio.

—Brigou com ele? —perguntou, levantando-se de maneira que pudesse lhe olhar aos olhos.

Ele deslizou os dedos pela parte dianteira do cabelo, fazendo que suas mechas lhe caíssem sobre a sobrancelha.

—Viu-nos ontem à noite. Deu-te a impressão de que tínhamos brigado?

Bela se sentou mais perto.

—Isso. Como se supõe que tenho que confiar, quando lhes torturam rotineiramente em sinal de afeto? Inclusive quando tiveram aquela bronca monumental em maio passado depois da assinatura da Ata de União entre a Irlanda e Grã-Bretanha, foderam como bestas.

—Bela! —A pele que rodeava seus olhos se enrugou em sinal de aborrecimento—. Pode que o fato de estar separada de Vaughan seja bom para ti. Pelo menos, suavizará sua linguagem. Nunca foste tão mal educada.

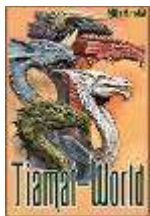
—Não me critique. Foi-se. Não se dá conta de que é um maldito desastre?

Para seu aborrecimento, Lucerne caiu rendido na cama, rindo.

—OH, para com isso. Como se tivesse ido ao silêncio da noite. Encanta o que temos aqui. É responsável pelo acordo. Recorda? —Dava leves golpes a sua perna distraidamente—. Dê-lhe um dia ou dois e estará de volta, rindo do susto que nos deu.

Bela massageou suas têmporas. Realmente desejava acreditar nele, mas não era fácil. Era como se um abismo lhe abrisse no peito. Sentia a mão de Lucerne quente sobre sua coxa. Seu toque se converteu em carícia.

—Bela — a aliviou, com uma voz doce como o mel. Ele levou seus dedos aos lábios—. Sabe como é. Para ele tudo é um jogo. Provavelmente só esteja provocando uma reação, e está tendo êxito.



Bela sacudiu a cabeça, mas permitiu que Lucerne a abraçasse. Ele inclinou ambos os corpos para que ficassem estendidos sobre o suave edredom, cara a cara. —Não fique remoendo isso — sentia a respiração quente contra os lábios—. O conhece perfeitamente. Se tivesse estado zangado com algum dos dois, haveria dito algo.

—Sim — coincidiu ela a contra gosto. Lucerne lhe plantou um beijo no nariz e depois outro na bochecha.

—Me olhe — ele disse, enquanto roçava brandamente seus lábios com o polegar. Bela o olhou. Seu sorriso enrugava os lados de seus olhos, iluminando seu azul profundo. —estivemos esperando isto, Bela. Não é verdade? Uma oportunidade para estar juntos a sós. —Beijou seus lábios—. Podemos fazer tudo o que queiramos.

Sentia-se soluçar, mas em lugar disso, dedicou-lhe um sorriso. Era verdade, tinham tido pouco tempo para eles, Vaughan tinha assegurado de que fosse assim. Se só pudesse estar segura de que realmente estava voltando, então não teria nenhum reparo em lançar-se sobre o Lucerne e possuí-lo de todas as maneiras possíveis. Mas ainda havia só uma dúvida perturbando.

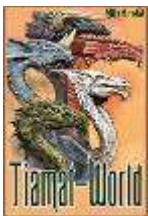
Pode ser que tivesse trocado o relicário de lugar fazia umas semanas.

Lucerne estirou os braços sobre a cabeça em um gesto de submissão.

—O que lhe parece, senhorita Rushdale? — tirou sua camisa e suas calças—. Podemos enrugar a cama do senhor?

Algumas horas mais tarde, Bela estava estendida na cama, coberta com os lençóis de Vaughan. Lucerne tinha ido tomar banho e a vestir-se para ir ao clube. Tinha passado toda a tarde juntos, explorando os contornos da pele de cada um, tomando prazer de todos os simples contatos, divertindo-se. Ela lambeu o lábio, um pequeno sabor acompanhava seus pensamentos. Agora que tinha aliviado sua luxúria com Lucerne, a ausência de Vaughan pesava sobre sua consciência. Seria ela a causa pela que ele partiu? Face aos consolos do Lucerne, não podia acreditar que simplesmente voltasse em um dia ou dois, nem sequer em uma semana. Vaughan podia ser uma criatura de paixões, mas também era teimoso, e nunca tinha tomado uma decisão sem considerá-la antes com atenção. Além disso, tinha a ausência do relicário, e seus instintos diziam que tinha ido embora para sempre e que não podiam fazer nada para lhe encontrar. Se não tinha tido a menor ideia de onde olhar, não tinha como fazê-lo voltar. Em qualquer momento que teria tentado lhe seduzir deliberadamente no passado, riu dela. Tampouco acreditava que Lucerne fora de grande ajuda. Negava-se a admitir a realidade, convencido de que tudo era um jogo bem elaborado.

—OH, Vaughan — se levantou da cama e jogou o lençol até cobrir suas pegajosas anáguas. Fora, o céu estava cinza e já estava obscurecendo, apesar de que era bastante cedo—. Onde está? —pressionou a bochecha contra o cristal frio da janela— Volta para casa.



Capítulo 3

Bela observava a triste rua, da janela do salão do piso inferior. Uma multidão de carruagens passavam fazendo barulho, deixando os convidados nas várias noites das casas ao redor. Vaughan estava sem aparecer já doze dias. Ela tinha ficado na casa os dez primeiros dias, só se por acaso ele voltava e não a encontrava ali. Não tinha estado muito tempo olhando pela janela com desejo desde que voltou de Wyndfell Grange. Pelo menos, em Londres, era fácil sair e encontrar companhia. Entretanto, em Yorkshire teve que se conformar com ela mesma. Sentia uma pontada de saudade de sua casa. Fazia meses que não tinha visto seu irmão Joshua. Tinha ido vê-lo uns dias na Semana Santa, mas normalmente ele mantinha uma distância diplomática. Não podia desculpar o comportamento de sua irmã. Lucerne tinha estado particularmente amargurado durante a estadia e ela suspeitava que se devesse a que Joshua lhe tivesse dado um e outro sermão.

Bela repousava o queixo contra o batente da janela. Sentia-se tão impotente. Não valia a pena falar com Lucerne, ele agia como se tudo estivesse bem e estava realmente aliviado por poder tê-la para ele somente pela primeira vez. Para ele tudo funcionava à perfeição, mas Bela achava aquela situação falsa e aborrecida.

Já fazia quase três anos que Bela tinha desejado que Vaughan os deixasse sozinhos ao menos algum momento, mas agora que se foi, sua cabeça não deixava de criar novas fantasias sobre o que ocorreria depois de um reaparecimento repentino. No dia anterior, depois de voltar a ler *Mysteries of Udolpho*² pela oitava vez, tinha-o imaginado na pele do vilão, conde Montoni, que vinha para sequestrá-la, arrancando-a de seu amante. Como resultado, gozou um par de vezes com bastante rapidez, para assombro de Lucerne, mas não teve o valor suficiente de lhe dizer que não tinha sido graças a ele. Depois disso, ficou na cama de seu próprio quarto.

Nem sequer estava segura de que ele se deu conta de sua ausência. Muitas idas ao seu clube o tinham deixado sonolento. O sexo se transformou também em parte de sua rotina.

Depois daquilo, ficou ali estendida, acordada uns minutos, o suficiente para que ninguém estivesse acordado quando ela deslizasse para o quarto de Vaughan, onde tinha enterrado o rosto entre seus travesseiros e umedecido sua superfície com um milhão de beijos famintos.

Ela não se deu conta antes, mas Lucerne estava mudando e sua aparência era uma completa obsessão, e isso, era nada mais que a ponta do iceberg. Havia tornado a apostar de novo e sua ternura e honra só pareciam facetas que ele polia para ela. Fechou os olhos, recordando o constrangimento que a fez passar em setembro de 1797, a fragrância da vegetação no verão, da grama árida e as flores silvestres. Recordava-se de como retorceu seu estômago vê-lo banhar-se no rio perto do arbusto no Lauwine. Teria gostado de tirar roupa e mergulhar junto a ele. Tinha sido como se um fio do destino saísse dela, juntando aos dois. Lucerne a tinha jogado nua na terra. Agora ele estava em sua cama e seus sonhos pertenciam a Vaughan outra vez: aquele bastardo

² Mistérios de Udolpho



volúvel, precioso e volátil que se atreveu a competir com ela pelo coração de Lucerne.

Não tinha ouvido nenhum rumor sobre ele na cidade, embora parecesse que todo mundo tivesse ouvido falar de seu desaparecimento, animando uma especulação sem fim. Alguém tinha se atrevido inclusive a sugerir que estava em algum tipo de missão secreta para o Parlamento do Rei. Bela pensou que teria estado contente de saber que ele estava tomando uma pausa em algum ministério ou em uma cova de ermitão, afastado da constante tensão de seu delicado e equilibrado *ménage a trois*. Pelo menos saberia então que ele voltaria algum dia, com suas reservas repletas, e preparado para representar outro de seus deliciosos jogos.

A porta do salão se abriu, revelando ao William.

—O senhor Henry Tristan — anunciou antes de lhe fazer uma reverência.

Bela alisou o vestido, andrajoso e passado de moda, de uma austera cor azul escura, exatamente do mesmo tom de seu ânimo.

—Senhor Tristan — disse com valentia—. Temo que lorde Marlinscar não esteja em casa.

—Bela. — Levantou a cabeça para encontrá-lo de pé, na entrada, magro e audaz, como um gato guia de ruas. Lançou seu chapéu a um lado da mesa e se lançou para ela com sua bengala arrastando de um aro que levava no pulso, o que fazia soar com as patas dos móveis. Tinha um aspecto sujo, usava um casaco azul forte e uns pontos de tricô a raias da mesma cor, cujas costuras lhe aderiam à pele como punhos de camisa. Sua gravata contrastava horivelmente, cor nata com nauseantes pontos verdes. —Já vejo que ainda segue suspirando. —Plantou-lhe um forte beijo na bochecha.

—Henry. E você acaso não o está?

Ele limpou o montão de restos de tabaco que tinha sobre seus enormes bigodes.

—Querida, estive suspirando do primeiro dia que te conheci, mas me dava conta de que estava perdendo o tempo com dois canalhas consumados — lhe deu outro beijo na ponta de seus dedos, avivando por fim o sorriso de Bela.

Ofereceu-lhe assento, mas ele preferiu ficar de pé.

—Acredito que é a primeira vez que confessa isso, Henry. O que te fez mudar de opinião? Sou eu seu escândalo do mês? Está aqui para romper comigo?

—OH, não, não — esmagou com o queixo sua ridícula gravata—. Embora as grandes damas estejam pressionando endiabradamente bem Lucerne a respeito de uma proposta formal agora que seu primo desapareceu.

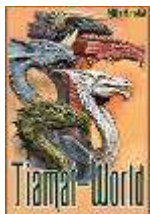
Bela sacudiu a cabeça.

—O marquês do Pennerley não é meu primo, e você sabe bem.

Henry deu a volta, fazendo uma espécie de pirueta, mandando o seu casaco de corte quadrado rodando ao redor dele, como se fossem as asas de uma mariposa, e finalmente aceitou sentar-se.

— Não tem notícias?

—Nenhuma importante. E você? Lucerne não me diz nada, mas deve ouvir os rumores — observava com desaprovação a Henry, enquanto se servia tabaco em pó e espirrava



violentamente.

—Sinto muito — voltou a colocar o pacote no bolso—. Tudo o que ouvi é pura especulação. Tem tanta validade como, digamos, a reclamação do Egito por parte do Napoleão.

Bela voltou para a janela. Tinha esperado que Henry trouxesse melhores notícias.

— O que devo fazer, Henry? Sinto-me como um pássaro cantor encerrado em uma jaula de culpabilidade, sem nada mais que fazer que cantar para mim.

—O que estou seguro que faz muito bem — se aproximou dela que estava na janela, e se inclinou por cima para poder dar uma olhada à rua. Bela se voltou e lhe dedicou um duro olhar.— Poderia ter outro amante. Lucerne... —deteve-se, lambendo-os lábios.

—Henry! —afastou-o dela—. Por favor, sejamos sérios.

—Eu estou sendo — ele disse, com a mão no coração.

Bela o olhou, enrugando o sobrecenho.

—Simplesmente não é o mesmo desde que ele se foi. Pensei em contratar a alguém para que vá a sua busca, mas só o encontrará se ele quiser ser encontrado — bateu em uma cadeira—. Maldito seja, juro que retorcerei seu pescoço por isso se voltar algum dia.

Henry riu.

—Essa é a atitude — agarrou suas mãos, as levando para ele—. Sabe? Esta horrivelmente pálida e a delicadeza não te pega. Pergunta a Lucerne outra vez quando vai voltar para casa. Pode ser que então tenha ouvido algo novo. Será melhor que vá agora. Espero todas as Allenthorpes para jantar, e falarão se não for.

Bela observou pelo patamar da janela como Henry partia. Era tão loiro como Lucerne, mas totalmente o oposto em qualquer outro aspecto. Seu casaco estava ridiculamente desgastado e sua pobre bengala ainda arrastava limpamente de seu pulso. Sabia que alguns consideravam Henry como um pobretão pela maneira que tinha de vestir, mas sua mente era enormemente sutil e sua compreensão da política era aterradora. Sua debilidade real era que estava desesperadamente embevecido com Vaughan. Ponha juntos e Henry seguiria Vaughan como um perito mulhereço, o último acessório que limita seu estilo e, portanto a meta para o sarcasmo cruel de Vaughan.

Uma pena, porque tinha um atração exótica por si só.

Bela continuou subindo as escadas sem nenhuma outra razão que uma oportunidade para andar. Desejava que Lucerne chegasse em casa e lhe fizesse companhia. No quarto de Vaughan, acomodou-se na cama. Já não cheirava mais a ele. Ficou sem sua fragrância, mas ainda havia um sentimento de comodidade no leito. *Logo*, certamente, ouviria algo.

O som da voz de Lucerne da entrada a despertou. O quarto se tornou mais escuro enquanto ela tinha dormido e só um fio de brilho da luz da lua penetrava pela janela. Bela tropeçou no patamar enquanto apagava o sono de seus olhos. O relógio da entrada marcava exatamente as onze. Tinha estado dormindo quatro horas e perdeu o jantar. Perguntava-se se Lucerne estava faminto e a acompanharia então.



Bela desceu as escadas com suaves movimentos, esperando não encontrá-lo bêbado outra vez. A metade de caminho pelos degraus, já tinha uma vista clara do patamar.

Ficou gelada.

Não estava sozinho.

De repente, totalmente acordada, Bela deu um tropeção nos três últimos degraus, enquanto o medo e a esperança percorriam seu peito. Lucerne estava obscurecendo a segunda figura enquanto dava seu casaco ao William. Os dedos de Bela se agarraram ao corrimão, esperando. Sua boca se abriu em um grito que lhe congelou a garganta. O escuro cabelo que viu não podia ser o de Vaughan. Lucerne tinha ido para casa com outra mulher.

Horrorizada, viu-o ajudá-la a tirar a capa. As pontas de seus dedos emplumavam seus ombros nus, brincando com um cacho perdido entre sua orelha.

—Tudo sairá bem —lhe murmurou.

Meu Deus, —pensou ela—. *Para que a trouxe aqui?* Ele não podia supor que todo aquilo ia parecer lhe bem.

—Lucerne?

Ele se voltou para aquele grunhido, lhe dedicando um amável sorriso.

—Bela. Excelente. Desça e se una a nós —disse enquanto elegantemente passava seu braço pelos ombros daquela mulher.

—Porco, — enfureceu-se enquanto uma massa de fúria lhe esmagava a garganta. *Como se atreve a trazer para casa com ele a uma prostituta e atuar como se isso fosse o normal?* Alcançou o final das escadas e atravessou o patamar até alcançá-lo—. O que acontece?

Sem perturbar-se, adiantou à convidada um pouco.

—A senhorita Bela Rushdale. Esta é a senhorita Georgiana St John.

Georgiana estendeu a mão que Bela ignorou. Não lhe importava agora a cortesia civil. Aquela mulher tinha que ir imediatamente. Olhou-a de tal maneira que deixou clara a hostilidade que sentia. Georgiana deu um passo atrás em dúvida e deu uma olhada nervosa ao Lucerne, que ainda seguia sorrindo.

—Passamos ao salão? —disse ele. Então, ofereceu-lhe um braço a cada uma. Georgiana acessou obedientemente, mas Bela retrocedeu, enfurecida e apertando os dentes. Lucerne parou na entrada. —Há algum problema, Bela?

—Não me trate com ar paternalista — ela assobiou—. O que ela está fazendo aqui?

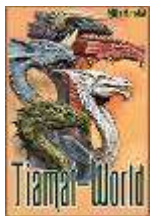
Ele deu de ombros.

—Acredito que conhece perfeitamente bem a resposta a isso.

—Bom, e não esperará que eu aceite — pondo as mãos firmemente sobre os quadris, enquanto sua boca se transformava em um gesto tenso e agressivo.

—Por que não? —a voz do Lucerne era suave, mas com um tom inflexível.

—Simplesmente não pode trazer para casa uma fulana e esperar que siga adiante com tudo isto. Só porque eu te compartilhe com Vaughan não significa que esteja preparada para fazê-lo com outra pessoa. Sobre tudo — apertou os punhos— com outra mulher.



—Então, está preparada para considerar outro homem, não é assim?

—Maldito seja, não! Isto não tem graça. Ainda sinto falta de Vaughan.

—Sim, me dei conta disso — seu sorriso ainda estava fixo, mas seus olhos ficaram frágeis e frios e a linguagem corporal era rígida, indiferente a seus protestos. *O que passa contigo*, quis perguntar ela. Tinha mudado desde que Vaughan partiu, transformando-se em alguém a quem não era capaz de reconhecer. E o mais inquietante era que não sabia se aquele era o verdadeiro Lucerne ou nada mais que o fruto de uma reação temporária. Ela tinha estado com ele duas vezes antes que Vaughan viesse e transformasse cada interação em uma competição elaborada. Uma vez, em Yorkshire, Lucerne havia dito que Londres causava coisas estranhas nas pessoas e que quase se perdeu ali. Bela suspeitava que estivesse a ponto de perder-se outra vez. Possivelmente já o tivesse feito.

—Não te conheço — ela disse brandamente, sacudindo a cabeça.

Só por um momento pôde reconhecer algum indício de algo em seus olhos, remorso, pensou ela, ou possivelmente pena.

—Nunca quiseste — disse ele—. Sempre estiveste muito obcecada com o Vaughan. Ainda está obcecada com o Vaughan.

Olharam-se como dois completos estranhos. Lucerne foi o primeiro em retirar o olhar.

—Sabe onde está, verdade? — Lucerne esfregou os lábios. —Lucerne — agarrou seu pulso e depois deslizou diante dele, bloqueando a porta do salão. —me diga, onde está?

—Ouvi dizer que voltou para casa — aquela afirmação era apenas um suspiro—Aqui — agarrou um papel do interior de seu bolso e o entregou—. É um convite para uma festa. Uma espécie de fantasmagoria.

Logo que podia fazer que seus dedos abrissem a carta. O cartão que havia no interior os convidava formalmente a Pennerley para o Halloween. Os olhos de Bela começaram a cobrir-se de lágrimas enquanto lia, lhe impedindo de processar coerentemente os detalhes. Pôde ver como Georgiana a olhava por cima de seu leque e ela não estava disposta a chorar diante daquela mulher. —Pennerley? —respirou com força.

—Voltou para sua cidade, em Shropshire na fronteira com Gales.

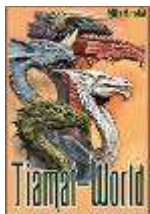
—Quando voltou?

Ele inalou lentamente pelos dentes.

—Faz um tempo — cruzou até onde se encontrava Georgiana, diante do fogo. Bela o observava, com a boca aberta, mas lhe falhavam as palavras. Todo este tempo ele tinha sabido e, entretanto, não havia dito nada a ela. Aquilo lhe doeu mais que o daquela maldita prostituta. *Maldito seja!* Um grito se elevou em sua garganta. Perguntou-se se deveria destroçar algo. Mas em vez disso, comeu sua ira e se retirou à janela. Ficar furiosa não daria as explicações que ela necessitava. Com mais probabilidade, faria que se fosse da sala com a senhorita St John.

—Não o entendo. Por que não me disse? Está tentando que acabe?

—Eu não sou o que se foi, Bela — soava cansado—. Mas pode estar segura de uma coisa: não está sendo casto nem decente. Não é próprio dele.



—É essa sua justificativa? —agarrou-se à cortina, engolindo desesperadamente as lágrimas que de todas as maneiras derramava. Tudo ia muito mal. Nunca tinha esperado que aquilo durasse para sempre, o equilíbrio de poderes sempre tinha sido muito delicado. Mas pelo menos tinha imaginado um melhor final que aquele.

Em um ataque de claustrofobia, subiu à persiana e abriu as janelas. A brisa da noite parecia dolorosa. Penetrou entre suas pernas, insensibilizando a dor.

—Bela — as pisadas de Lucerne retumbavam no carpete atrás dela. Deslizou um dos dedos por seu pescoço. Bela o rechaçou.

—Não!

—Por favor... —seus braços a rodearam, apanhando-a em seu familiar abraço. O pulsar de seu coração se sentia com força em suas costas, seu abraço era uma carícia possessiva—. Pode esquecer-se dele por um momento? Embora seja só por esta noite? —deu-lhe um beijo na testa, entre a confusão de seus cachos cuidadosamente dispostos.

Ele era só uma sombra pálida entre o vidro escuro. O fantasma do que podia ter sido, se aquele dia no rio fazia três anos tivesse acontecido algo diferente, poderiam estar esperando um bebê agora, como sua amiga Louisa e seu marido. Mas em lugar disso, tudo estava desmoronando como a areia.

—Sei que ultimamente estivemos um pouco afastados — sussurrou Lucerne contra sua bochecha— mas pode funcionar outra vez. Não precisamos nada que esquente o ambiente. Veem e se divirta conosco, Bela.

Ela virou sua cabeça para Georgiana, sem nem sequer sentir-se levemente tentada.

—Faz muito tempo que não a escuto rir — continuou Lucerne—. Apenas te reconheço. O que aconteceu com a mulher a que gostava de encher de flores os vasos e alguma vez trocava as calças de montar?

—Leve ela para cidade — virou seu rosto para ele. Olhou seus olhos azuis procurando, não sabia o que. Algum indício de amor possivelmente, alguma sombra do velho Lucerne—. Se essa for à mulher que quer, me leve ao campo, não me peça uma noite qualquer compartilhando sua cama — agarrou seus braços e se aproximou nas pontas dos pés—. Façamos, Lucerne. Vamos encontrar Vaughan e depois nos dirigamos ao norte, a Lauwine. Poderíamos mandar uma carta ao Joshua e lhe avisar, se encarregaria de que tudo estivesse preparado.

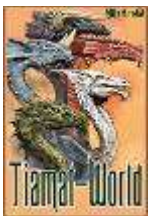
—Não — Lucerne se desfez de seu agarre e se retirou—. Não posso fazê-lo. Ainda não, de todas as maneiras. Possivelmente no próximo ano.

—Por quê? —franziu o cenho. Lucerne golpeou a parte traseira do canapé, mas continuou afastando-se dela.

—Porque necessito de espaço de novo, se tudo for ser como antes entre nós. Eu não sinto falta dele, Bela. Não da maneira que você o faz.

—Isso é mentira...

—Não — cortou ele. Bela ficou olhando-o, boquiaberta. Suas palavras lhe cravavam no coração como partes de vidro. Virou-se para a janela. *Seria realmente verdade que não sentia falta*



dele?

Ela sentia falta com cada milímetro de seu ser, desejava-o e desejava suas carícias. Tinha compartilhado momentos agradáveis com Lucerne a semana passada, mas aquilo era tudo. Suas relações sexuais careciam da intensidade que ela sentia quando estava com Vaughan. Refletiu sobre essa última ideia, mal se reconheceu. Meu Deus! Eu gostaria de saber o que fazer.

Sua imagem se turvou quando uma carruagem passou pela rua. Quando voltou a si, se encontrou observando como seu amante abraçava à outra mulher.

Lucerne mantinha a Georgiana contra seu corpo enquanto lhe explorava os lábios e a garganta. Aquilo era insuportável. Mas não podia fazer outra coisa que observá-los. *Como poderia ele pensar que ela estaria interessada em formar parte nisso, ou que o perdoaria por suas decepções?* Ele a olhou.

—Bela — pronunciou—. Querida Bela vêm conosco.

—Não posso — disse.

—Faria pelo Vaughan.

—Não! —saiu de seu transe—. Não, não o faria.

Não recordava como tinha saído da sala, transtornada, sem respiração ao final das escadas, com sua mente e coração cheios de veneno. *Como se atreveu?* Estava arruinando tudo.

Uma vez em seu quarto, Bela tirou uma pequena mala do armário. Atirou a coleção de sapatos e deixou a um lado dois pares de chinelos de noite cômodos. Em cima deles, dispôs vários vestidos, dois trajes, um sortido de lingerie, umas luvas e uma capa de inverno. Felizmente, seus trajes de noite ocupavam menos espaço, já que os espartilhos saíram de moda.

Lucerne tinha afastado Vaughan e agora ela também iria. O laço que tinham compartilhado estava agora feito farrapos, mas ela ia para o norte para arrumar o que tinha perdido. Vestiu seu casaco e seu chapéu e deu uma última olhada ao quarto. Não podia ficar ali nem um segundo mais, sabendo que aquela mulher estava na casa.

A porta do salão estava fechada quando ela desceu as escadas, mas o olhar de pena no rosto do William indicou tudo o que ela precisava saber. Provavelmente já estariam nus, pulando ao redor do tapete da lareira.

—Você deixará uma mensagem, senhora? —perguntou William, depois de que a contra gosto levasse sua mala para fora, à deserta rua.

— Diga que saí.

—Necessitará de alguém que a acompanhe? —olhou-a esperançado.

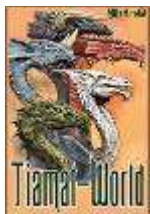
Bela sorriu por sua preocupação.

—Não, William, me arrumarei sozinha.

Ele a observou descer as escadas. Bela se despediu quando se encontrou no final. Depois, seu olhar se dirigiu indevidamente à janela do salão. As persianas ainda continuavam abertas e só pôde distinguir a sombra do Lucerne contra a parede.

—A resposta é não —sussurrou ela— sempre será não. Não farei por ti, nem faria por ele.

Sim, sim que faria, disse-lhe uma voz inquietante em sua cabeça. Se Vaughan desse essa



escolha a ela, faria. Não seria capaz de se conter. Mas Vaughan nunca pediria isso. Tratava-se de satisfazer seu prazer, não sua vaidade.

Seu caráter havia igualmente esquentado e esfriado quando alcançou o final da rua. Ia se encontrar com Vaughan e isso faria que as coisas fossem muito mais singelas. Tinha uma imagem dele na cabeça, com os pés nus e seu cabelo negro atado com dúvidas e o pó de carvão cobrindo seu rosto. Era uma lembrança da última primavera, que guardava como ouro em pano, um que fazia que seu coração palpitasse por ele inclusive mais. Era consciente de que ele riu dela por isso e que não lhe importava quanto lhe faziam mal suas brincadeiras, como aquilo fazia que ela o amasse um pouquinho mais.

Deteve-se de repente e mordeu o lábio com força. Como isso tinha podido escapar? *Amor!* Isso nunca tinha sido assunto deles. Sim, aquilo era parte da relação que ela tinha com Lucerne, e Lucerne com Vaughan, mas nunca entre Vaughan e ela. Para Vaughan ela tinha sido sempre só uma companheira de jogos ou mais precisamente, uma adversária.

Quando Bela subiu pela primeira vez à carruagem com eles, depois das bodas de Louisa, tinha pensado que o acordo era igual para os três. Não tinha levado muito tempo dar-se conta de que não era assim. Na primeira noite ficaram em uma estalagem. Vaughan e Lucerne compartilharam o quarto enquanto ela ficou sozinha no quarto ao lado, escutando-os fazer amor através das paredes. Deu-se conta então de que não importava se era bruto ou intenso, sempre seria algo deles, nunca dela.

No dia seguinte, ela se uniu a eles. Aquela manhã os tinha visto tendo relações pela primeira vez. Eram maravilhosos, os dois juntos, perfeitos, o aroma de seus corpos, almiscarado e embriagador. Recordava o frágil rubor de Lucerne e a devoção escrita tão dolorosamente nos olhos violetas de Vaughan.

Inclusive então, ela tinha desejado que ele a olhasse daquela maneira.

Sentiu um ruído atrás dela. Bela foi a um lado da rua bem a tempo para evitar ser enrolada pelas rodas da carruagem que se consumiam na estrada. Ao chegar de manhã, teria reservado antes sua passagem para Pennerley, mas agora necessitava um lugar para passar a noite.

—Bela Rushdale! —a carruagem se deteve uns poucos passos, expulsando a um homem que usava um casaco enorme de corte quadrado—. Que demônios faz na rua a estas horas?

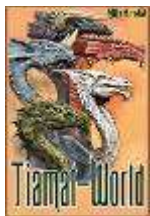
Henry Tristan escovava as mechas de cabelo negro que lhe caíam sobre o rosto e lhe bloqueava o caminho com o bengala. Ele olhou sua mala e seu fácil sorriso se transformou em um olhar de preocupação. —Querida, o que aconteceu?

Bela deixou no chão a pesada mala. Não ia ser fácil de explicar. Nem sequer ao Henry, quem já sabia muito ou ao menos suspeitava algo.

—Espera — calou a resposta, pressionando um de seus dedos com aroma de árvore contra seus lábios—. Entre e conta-me tudo.

Supôs que falava da carruagem, mas assinalou ao condutor e um de seus homens pegou a mala. Levou-a através do lugar até sua casa.

—Não tenha medo, estará perfeitamente a salvo comigo — sorriu ele—. Entra, entra e



conta-me tudo.

O interior não era nem remotamente o que ela tinha imaginado. Era escrupulosamente singelo, roçando o austero. Henry sobressaía entre todo aquele ascetismo como uma traça.

—Nos retiraremos ao meu salão privado — disse ele, com uma insolente e débil cintilação nos olhos.

Seu salão era pequeno e quadrado. Consistia em uma lareira enorme, uma série de pufs turcos, uma pequena mesa e dois tronos de vime.

—Vamos iluminar um pouco — acendeu alguns abajures com uma brasa do fogo enquanto um servente trazia duas xícaras cheias de chocolate, e logo o aroma pesadamente especial começava a expandir-se pelo ar. Bela bocejou e se afundou em uma cadeira. A fragrância parecia fechar suas pálpebras. Não tinha se dado conta de quão cansada estava.

—Possivelmente, deveria te levar para cama — sua voz era débil e arenosa. Inclinou-se para ela e alisou uma mecha de seu cabelo de seu rosto.

Bela o rechaçou.

—Não. Tive suficiente disparate por uma noite.

—Ah, sim — se sentou na outra cadeira e lhe ofereceu uma taça—. Por que estava arrastando uma mala pela rua?

Bela observou a bebida, suas ideias tão amargas como o chocolate. Havia uma maneira fácil de dizer que seu amante a tinha deixado de lado a favor de outra mulher? Bom, não é que a tivesse deixado de lado exatamente.

—Ouvii falar de Pennerley? —perguntou Henry, lhe proporcionando uma resposta igual de fácil que responder. —Enviou um convite a Lucerne.

—Sim — esfregou o nariz incomodamente—. Não fui totalmente honesto contigo antes. Eu também recebi um, e outros muitos, também. Alguns dos canalhas já estão se dirigindo para o norte. Tem que estar bem. Um espetáculo como o Monk Lewis e Mrs. Radcliffe³ no Halloween — bebeu de sua bebida e logo lambeu a mancha de nata que tinha ficado nos seus lábios—. Queria dizer isso antes. Todo mundo sabe o muito que você gosta desse tipo de coisas, mas me pareceu melhor deixar-lhe ao Lucerne. Estava equivocado?

—Não sei — Bela se sentiu ruborizar—. Maldito seja Henry, trouxe uma mulher para casa. Georgiana St John. Estava quase a atirando no chão do salão quando ainda falávamos.

—Ah — gesticulou ele—. Sempre estúpido Lucerne — levantou e foi por um servente—. Tenha uma cama preparada para a senhorita Rushdale. Ficará algum tempo.

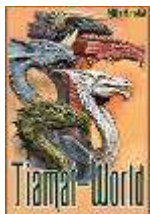
—Só esta noite — corrigiu Bela—. Vou a Pennerley amanhã.

—Amanhã! Não te parece isso um pouco precipitado?

—Já esperei suficiente, Henry.

Ele pôs as bebidas a um lado e se inclinou sobre a mesa para ela, para poder olhá-la diretamente nos olhos.

³ *Escritores conhecidos do Século XVIII, por denunciarem a inquisição espanhola.*



—Não acredita que deveria falar primeiro com Lucerne, outra vez?

—Não — chegou para trás—. Não temos nada do que falar. E não estou disposta a esperar até meio-dia para que saia da cama. Vou pegar o primeiro ônibus.

Henry arqueou as sobrancelhas.

—Iremos em minha carruagem. Será muito mais cômodo. Embora Deus saiba, espero me arrepender disto.

Bela o beijou.

—Obrigado — ele havia feito a viagem um milhão de vezes e seria definitivamente mais cômodo.

Henry esfregou os lábios.

—De nada. Acredito — levantou uma sobrancelha—. Claro que é consciente de que o lugar está enfeitado.

—Pennerley?

Ele assentiu.

— Por que lhe acredita que demorou tanto em retornar ali? As fazendas não se cuidam sozinhas, sabe. Inclusive se fizer a papelada, terá que passar por ali ocasionalmente, embora nada mais seja para te assegurar de que tudo vai como tinha planejado.

De fato, ela nunca tinha pensado nisso. Tinham sido felizes em Londres até que ele se foi. Nunca tinha havido necessidade de ir a qualquer outro lugar. Nem sequer tinham voltado para Yorkshire.

—São rumores que todos estão amaldiçoados também — seu sorriso se transformava em uma careta torcida— se diz que o primeiro marquês de Pennerley, Vaughan era o quinto de seis, interessava-se especialmente pela bruxaria em terras estrangeiras e provocou algum tipo de maldição por toda a fronteira.

Bela o observava, incrédula. Então começou a rir.

—É muito gracioso — lhe deu uma palmada na coxa—. Está inventando tudo isto, verdade?

—É uma lenda urbana — disse mortalmente sério—. Minha família também é de Shropshire. Minha mãe ainda vive ali. Pode que ser que fiquemos com ela uma noite.

—Vaughan não está maldito —lhe disse ela— não, ao menos que conte com seu total egocentrismo e abominável arrogância.

Henry fazia girar sua taça com os dedos.

—Possivelmente devamos nos reservar o julgamento até que o vejamos. Pode que essa seja a razão pela que fugiu.

Capítulo 4



—Quanto falta? —queixou-se Bela. Tinham estado viajando sete dias e o avançar para o norte parecia incrivelmente lento. Henry insistia em que os cavalos estavam esgotados e que desfrutavam de um jantar descansado. Bela pensou que teria chegado ao norte muito mais rápido se tivesse optado por viajar de carruagem pública, apesar do desconforto que isso supunha. Passada noite se hospedaram com a mãe de Henry, uma dama presumida, com uma boca severa e uma expressão fria, que olhava de esguelha a Bela com uma cautela considerável, enquanto avisava a seu filho de que nunca trouxesse suas amantes sem chamá-la primeiro.

Ele se tinha ido dali vermelho de vergonha e só falou com Bela do comentário uma vez que estavam a vários quilômetros da cidade, na estrada. Ela tinha ficado igualmente ruborizada, mais com raiva do que com vergonha. *Maldita velha bruxa!* Nem sequer tinha considerado deitar-se com Henry. Por que deveria fazê-lo? Não estava tão faminta de intimidade para considerar nenhum outro homem que não fora o que realmente queria: Vaughan.

Henry se tombou no assento.

—Já não falta muito. Faz tempo que passamos Ludlow. Poderia procurar a igreja, isso é o que deveríamos ver em primeiro lugar, com Pennerley atrás.

Bela se inclinou em seu assento para poder olhar melhor pela janela. Quanto mais perto estavam, mais nervosa ela se sentia, mas as ferroadas em seu estômago não a manteve afastada.

—Que tipo de casa é, Henry?

—Por Deus, mulher, verá em um minuto — de fato, aos poucos segundos de que as palavras saíssem de sua boca, a carruagem abriu caminho à esquerda e a torre da igreja apareceu frente a eles. Pouco depois, Pennerley se elevava na paisagem.

—É essa? —Bela se tornou para trás no assento. Tinha vislumbrado uma imagem do lugar através das árvores: uma casa alta de madeira, como outras que já tinha visto em Ludlow, excetuando aquela que estava grafite de uma forte cor amarela mostarda. Parecia muito chamativo para Vaughan e embora fosse impressionante, resultava muito pequena para contê-lo.

Henry tomou sua posição na janela.

—Veem olhar outra vez — ela se inclinou sobre seu ombro. Estavam passando por diante da igreja naquele momento, aproximando-se a uma espécie de torre, de cor mostarda e negro. Aquilo era a torre de entrada. Não era a morada do Vaughan, a não ser simplesmente a entrada de um castelo.

—É um castelo — Bela ficou com a boca aberta— tem um castelo e nem sequer mencionou. Você tampouco nunca tinha mencionado — olhava ao Henry de maneira acusadora, mas só um segundo antes que sua atenção voltasse a dirigir-se ao edifício de pedra cinza.

—Estava tentando ocultar a surpresa.

A carruagem começou a dar inclinações bruscas de um lado a outro até deter-se. Um moço saiu precipitadamente do que parecia um imenso estábulo e os dirigiu a casa. Bela pôs os pés no barro fresco, mas felizmente se pôs uns sapatos mais robustos que seus delicados sapatos de verniz. O ar era puro e limpo e levava a primeira dentada do inverno. Observou a paisagem: grandes ladeiras se levantavam frente a ela, cobertas por escuros bosques, e o céu se apreciava



cinza e caloroso sobre eles, azedado com nuvens de tormenta. Também havia prados, laranjeiras no topo, arbustos grossos e largos, e heras caindo pelas paredes do cemitério da igreja.

Tomou uma boa baforada de ar, sentindo como se voltasse para casa. Não estavam em Yorkshire, nos isolados borrascosos de sua juventude. A paisagem era muito carregada para isso, mas lhe recordava o mesmo.

Henry ficou suspenso, aparecendo pela ponte que havia diante da casa do guarda.

—Há um canal —disse com alegria— e juraria que acaba de passar o maior peixe que vi em minha vida. Está preparada? Entramos?

A entrada da torre estava diante deles, uma boca escura entre duas paredes verticalmente gretadas sobre as quais se distinguia Adão e Eva se olhando. A porta, imensa e cercada, de construção de ferro, estava a um lado do pátio, ao final de um pequeno túnel. Henry afundou sua bengala na madeira e uma pequena porta se abriu como resposta.

— Vocês estão convidados? — perguntou o porteiro.

Henry deixou a um lado cuidadosamente a pergunta, como se sua presença deixasse clara a resposta.

—Por onde entramos menino?

—Sempre reto, senhor — o servente apontava uma enorme porta arqueada através do pátio, coberto de erva. Bela não tinha pressa. A brisa levava o aroma da lavanda e o aroma das ervas da cozinha, muitos detalhes para não considerá-lo como entristecedor. *Um castelo*, seguiu murmurando ela para si mesma, enquanto olhava os muros de pedra cinza, um castelo, embora claramente fosse uma casa senhorial fortificada com grandes pretensões, considerando o mole de madeira ao estilo Tudor que havia perto da torre e as enormes janelas. Era como se alguém tivesse construído um castelo com objetivos estéticos mais que defensivos o que lhe parecia um pouco estranho considerando a localização, tão perto da fronteira com País de Gales.

Alcançaram a segunda enorme porta, esta não era tão grande como a outra, mas também era de ferro e robusta. Uma vez mais, Henry bateu na porta. Esperaram. Voltou a chamar e a porta se abriu. Para o completo assombro de Bela, encontrou-se de frente com Vaughan.

Usava suas botas negras de trabalho, calças e camisa de pescoço aberto, os únicos brilhos de cor vinham de seus olhos violeta e de um cordão de ouro fino pendurado no pescoço. Naquele cenário, sua simples indumentária parecia incrivelmente barroca.

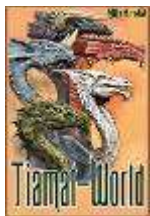
—Bem-vindos aos meus domínios — executou uma reverência ampla—. Lucerne veio contigo? —olhava a direita e esquerda ao redor dela.

—Ah, não — gesticulou para Henry. Os olhos de Vaughan brilhavam, mas fosse o que fosse, o que estava sentindo naquele momento, ocultou-o rapidamente.

—Tristan — Vaughan estreitou amplamente seus braços, lhes dando as boas-vindas em uma enorme sala, a qual, ela se deu conta, percorria toda a longitude do edifício.

—Desde quando está atendendo as chamadas em sua própria porta? —perguntou ela, voltando o olhar para Vaughan.

Baixou as sobrancelhas em resposta.



—Bom, tivemos que despedir alguns lacaios depois do que aconteceu a Cromwell e, além disso, suponho que se tiverem conseguido passar a casa do porteiro, é porque terão de ser agradáveis — umedeceu os lábios, deixando-os brilhantes.

—É um lugar fantástico — disse Henry, ao parecer inconsciente da tensão incômoda que se respirava entre o anfitrião e sua acompanhante—. Onde está o banheiro? Pennerley vou explodir.

Vaughan olhava entre ele e Bela.

—O banheiro está justo ali — assinalou a porta no lado oposto da entrada—. Só segue reto e o encontrará.

Enquanto Vaughan fechava a porta, Bela olhou ao redor da imensa sala. Estava mobiliada com uma grande mesa de refeição e várias cadeiras de aparência confortável. A sua direita, uma escada subia para a viga, enquanto que a sua esquerda dominava a lareira. Enormes janelas revestiam ambas as paredes, cada uma preciosamente envidraçada na parte de cima, com persianas abaixo para resguardar do vento. Como resultado, e apesar da luz do dia lá fora, a entrada estava iluminada por enormes candelabros, que davam um toque vermelho alaranjado a cada detalhe. Bela recordava aos velhos castelos de suas histórias favoritas, um efeito só acentuado pela magnificência elevada do teto.

—As coisas devem ir mal se te rebaixaste a viajar com o Henry Tristan como companhia — disse Vaughan, dirigindo a atenção de Bela para ele. Ela olhava seus cachos de cor azeviche, que descansavam sobre seus ombros, sem atrever-se a invadir seus olhos enquanto sentia não saber o que dizer. Supunha que deveria explicar sua presença e a ausência do Lucerne. *“Pergunte por que se foi tão repentinamente”*. Mas as palavras tirariam à luz as amargas lembranças e quão único desejava era rir e desfrutar de sua companhia, não deprimir-se nem lhe trazer problemas para analisar.

— Ele foi amável comigo — disse, mantendo a voz neutra. Aquela dura formalidade lhe pareceu incômoda. Quando tinham sido tão educados um com o outro? *Maldição!* Queria jogar-se nos seus braços, compartilhar o calor de sua pele e dizer que tinha sentido muita falta dele. Mas em lugar disso, estavam dando rodeios cautelosamente. —Contou-me tudo sobre seu delicioso primeiro encontro — disse ela— como lhes encontraram e alcançaram o êxtase no momento.

Vaughan cruzou de braços.

—Por favor. Posso te assegurar que é seu sonho erótico por excelência. Acaso dou êxtase sem receber nada em troca? —seu sorriso se voltou doce, iluminando imediatamente sua expressão—. Pode ser que faça. Possivelmente seja por isso que está aqui — estirou seu corpo para trás com naturalidade e pegou uma cadeira. O movimento empurrava seu peito com proeminência, fazendo que ela recuperasse o sorriso—. Por que vieste, Anabella, meu rouxinol? — Ele deslizou um de seus dedos por seu rosto, para baixo até chegar a sua garganta. —O que foi o que te atraiu até aqui, a promessa de um pesadelo gótico ou o terror doce e amargo de meus lábios? —Seu beijo descendeu ondulando para seu ponto mais sensível. Bela fechou os olhos e respirou seu aroma, romeiro com um pingo de noz moscada. Como tinha sentido falta dele. Como tinha desejado que voltassem ter suas carícias. Um simples roçar, e seu corpo se umedecia para



ele, mas muitas vezes ele tinha jogado com ela daquela maneira e depois a rechaçava—. E por que não Lucerne? Estava segura de ser bem-vinda sem ele? —deu um passo para trás de repente e o tom de sua voz se voltou bruscamente frio.

Os olhos de Bela se abriram incrédulos.

— Não sou bem-vinda...? —começou ela e depois observou como sorria. Estava brincando com ela, sempre brincava com ela.

—Mas é obvio que sim. Os dois são os mais bem-vindos — segurou sua mão e desenhou um lento círculo sobre sua palma. Bela observou seus longos dedos, imaginando o rastro que deixariam em uma área mais íntima de sua anatomia—. Deixa que te dê acolhida correta a Pennerley — atirou dela, não para seus braços para receber o beijo que tanto tinha desejado ela, a não ser para as escadas, pondo-a de quatro.

Bela chiou quando seu nariz pressionou contra as antigas nervuras de madeira, que estavam entrelaçadas e repartidas em vários lugares, dispostas delicadamente no centro, onde ela estava ajoelhada. Ardia-lhe o nariz pelo aroma do pó e a linhaça. Por um momento não sentiu nada, depois sua mão, quente e firme pressionou entre suas pernas e a encontrou úmida e ansiosa.

—Por que, Annabella —falava ele pausadamente— me dá a sensação de que sentiu falta de mim?

—Maldito seja — amaldiçoou enquanto a destilação familiar de azeite escorria entre suas nádegas. Nada tinha mudado.

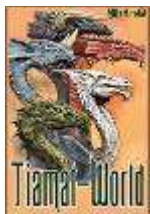
Ainda não lhe importavam seus sentimentos ou a verdade da ausência do Lucerne. Só se preocupava da gratificação foto instantânea de seus próprios desejos.

Trocou de lugar indignada contra a pressão intrusiva de seus dedos, mas não pôde deter o calor antecipatório que chamava seu interior. Tinha estado esperando aquilo, desejando. Já sabia o que vinha agora, odiava-o, necessitava, daquele pecado. Deveria ter sabido o que devia esperar.

Os dedos a fizeram esticar o corpo. Seu pênis empurrava dentro dela, fazendo que sua vazia vulva se esticasse com força. Queria empurrar para trás, lhe fazer perder o equilíbrio, mas em lugar disso, seu traseiro se esfregou ansiosamente contra seus quadris. Era tão delicioso senti-lo dentro dela outra vez, aquela acolhida aliviava os dezenove dias de tortura que tinha passado em sua ausência.

—Fácil, — sussurrou ele, quando ela virou a cabeça para olhá-lo —vai gozar muito rápido — mas a Bela não importava. Tinha-o passado realmente mal e toda a emoção e a raiva que tinha sentido se derramava fora dela. Aquela invasão carnal, aquela investida quente, era exatamente o que queria—. Bela — assobiou ele entre seus dentes. Um som rompia em sua garganta como resposta, uma expressão desesperada para seu desejo. Ele tinha razão. Tinha-o sentido falta dele e mais do que nunca ele poderia chegar a entender. Amava-o, mas não tinha nem ideia de como dizer nem se ele querer ouvir aquilo.

Sua cabeça não parava de dar voltas. Doíam-lhe os joelhos. Sua fragrância a rodeava, almiscarada e animal sob o halo de perfume. E no momento de sua conexão, seu pulso íntimo a fazia ficar louca, conduzia seus movimentos, ditava-lhe cada coisa que fazer em términos animais



simples, muito simples.

Teve um forte orgasmo, com um grande calafrio, enquanto Vaughan continha a si mesmo ainda dentro de seu traseiro. Uma vez que o pulso começava a debilitar-se, ele começou a mover-se de novo.

—Outra vez — ofegou ela— Vaughan não posso —pressionou seu próprio corpo contra a antiga madeira enquanto a cor desenhava suas bochechas, sentindo ambas as coisas, alegre e envergonhada—. Estive metida em uma carruagem um montão de dias. Ao menos podia me oferecer algo de beber antes de me pedir quatro orgasmos de repente.

—Só te pedi dois e já me deste um —lhe deu um açoite no traseiro, rindo— mas muito bem. Foster! —rugiou ele.

Bela abriu os olhos de par em par.

—Seu servente? —tentou engatinhar para trás, mas Vaughan a segurava com força pelos quadris.

—É muito fácil, qual é o problema? Sua bebida está a caminho.

Bela escondeu a cabeça, envergonhada. Estava ali só cinco minutos e nos próximos cinco todos os serventes do lugar saberiam que seu senhor lhe tinha transado pelo traseiro. Escutou o chiado da dobradiça da porta e Foster apareceu a um lado do Vaughan.

—Me traga o porto, minha convidada está sedenta.

Depois de um momento, Foster retornou com uma bandeja de prata que sustentava um decantador e dois copos. Vaughan agarrou o decantador e lhe disse que se retirasse.

—Isso será tudo. OH, e comprova que outros dois quartos estão preparados. A torre norte para a senhorita e quarto azul da torre de entrada para o senhor Tristan.

Desde entre seus dedos, Bela observava ao Foster olhar ao redor, como se esperasse encontrar ao senhor Tristan acomodado em uma das cadeiras, observando. Por sorte, ele não tinha ido pela sala, embora curiosamente Foster também olhasse.

—Muito bem, senhor —lhe adulou com obséquio— informarei à cozinha de que há dois comensais mais para esta noite— e desapareceu pela porta arqueada sob as escadas.

No momento que a porta se fechou, Vaughan pôs-se a rir. Seu pênis se flexionava dentro dela e quando ela começou a rir em resposta, lhe deu uma palmada no traseiro e se retirou.

Bela se virou rapidamente, atirando de suas anáguas com desespero.

— Porco! —disse-lhe, mas ele seguiu rindo.

—Nada mais do que esperava e não menos do que merece — sustentava o decantador para ela—. E não há nenhum visconde de Marlinscar que possa vir em sua ajuda. Um descuido por sua parte, não acredita?

Bela empalideceu um pouco, mas ainda chegava a alcançar a garrafa. Era verdade, Lucerne sempre tinha estado ali para protegê-la e moderar os piores excessos de Vaughan. Mesmo assim, pensava que estava melhor ali que ter que estar enfrentando à confusão que tinha deixado para trás. Em algum momento, claro, deveria explicar o que tinha acontecido.

Seus dedos roçaram o lateral do decantador, mas Vaughan o afastou e em seu lugar o



levantou para seus próprios lábios. Tragou em goles ambiciosos, deixando que o líquido de cor rubi derramasse por seu queixo até o V que formava sua camisa aberta, correndo como um rio de sangue por debaixo de seu peito. Ela topou com seus olhos e o compreendeu tudo, depois se moveu para lambar o arroio de sua pele.

O sabor era afiado e doce. Formigava por sua língua e sob sua garganta, acrescentando um calor ao fogo que já se acendeu em seu ventre. Deliciosas ondulações refluíam e se formavam, precipitando chamas de calafrios através de todo seu corpo, fazendo que ela desejasse dar um banquete com o corpo do Vaughan. Desejava despi-lo e riscar a cicatriz de prata que desenhava o caminho que percorria desde suas costelas até seu coração.

— Ficou apenas um gole — levantou a garrafa e depois a esgotou.

Bela precipitou os lábios contra os seus e ele transferiu o líquido a sua boca com um beijo, deixando-a faminta e horivelmente excitada. Ela não podia deixá-lo escapar. Em lugar disso, deslizou a língua entre seus lábios e lhe devolveu o beijo mais intenso e duradouro. Nunca ninguém a havia feito sentir daquela maneira como Vaughan fazia quando a beijava. Havia algo de mágico naquele abraço faminto e um desenho magnético que cruzava fronteiras e a levava a um mundo caótico e incisivo.

Beliscou-lhe o lábio enquanto a aliviava, fazendo-a sangrar.

Bela era muito teimosa para sentir dor. Claramente, Vaughan, em seus próprios domínios, podia resultar inclusive mais perigoso e imprevisível. Ela lambia a dentada enquanto ele ajustava as calças pela ereção.

— Vive em um castelo — disse ela, assombrada.

Ele respirou com força.

— Na realidade é um brinquedo. Mas sim, é um castelo. Quer que te mostre seu quarto?

Ele a agarrou da mão. Sua palma estava inclusive mais quente que a dela, mas ele sempre havia possuído um calor sobrenatural, e a levou pelas escadas até uma varanda que estava justo debaixo da viga.

— Por aqui — viraram à esquerda ao redor de uma galeria e entraram em um quarto revestido de madeira com janelas em três direções, e uma lareira de pedra decorada com uma imensa capela. Era o quarto de madeira mais alto que já viu.

— É este meu quarto? — assobiou ela.

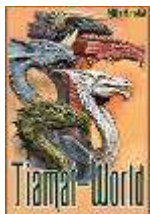
Ele assentiu.

— Mas é enorme — correu à janela central e olhou a veleta que havia em cima do teto da igreja—. Mas não é este o quarto principal?

Vaughan passeava ao redor de um dos compridas e magras travessas da cama e se sentou nela.

— Não seja tola, ou acaso pareceu uma ilusão? — Sustentava a mão dirigindo-se para ela, e esta se sentou escarranchada sobre ele, tentando procurar outra vez a comodidade de seus lábios. Quando ele negou com a cabeça, ela lambeu seu lábio ferido.

— Sabe? — destacou ela — em três anos apenas me trataste como uma mulher.



—Nunca.

—Quase nunca — ela rebojava contra sua apanhada ereção.

Vaughan negou com a cabeça e riu.

—Em qualquer outro lugar, traseiro, peito, boca, axilas e inclusive uma vez entre os dedos de meus pés, mas alguma vez justo aí — franziu o cenho, riscando a curva de seu lábio superior—. Por quê? É porque em realidade só você gosta dos homens?

—Isso é o que você acredita? — ele se afundou contra o colchão, esfregando o rosto, depois se apoiou sobre os cotovelos—. Bela, você é de Lucerne. É sua competência e é um maldito milagre que nunca tenha te deixado grávida.

— Teria se incomodado com isso? —perguntou ela, pressionando a mão contra sua camisa encharcada.

Agarrou-lhe os pulsos e jogou a um lado suas mãos.

—Já sabe a resposta à pergunta — a tirou de seu colo e ficou em pé—. Vem, deixa que lhe apresente a minha irmã. Receberá com agrado sua companhia.

Bela o observava à medida que o seguia até a porta.

—Irmã? Desde quando tem uma irmã? —deu-se pressa para poder alcançá-lo—. Nunca tinha mencionado antes.

—Me deve ter escapado. Por aqui—trotou pelas escadas. Que mais teria esquecido mencionar? Sabia tudo sobre ele?—. Suponho que temos que encontrar Tristan também. Não podemos o ter bisbilhotando por todas as esquinas agora, verdade?

Bela se deteve na metade do caminho.

—O que são essas coisas? —disse ela, apontando dois quadrados dispostos na parede oposta, sobre a lareira.

—Janelas — disse Vaughan — aquilo é o salão, ao que nos dirigimos. Estão desenhados para que o senhor do palacete possa dar uma olhada nos subordinados.

—Buracos para espiar — disse ela, enquanto um intenso horror lhe percorria o corpo.

Capítulo 5

A sala era impressionante, estava totalmente revestida de carvalho e tinha uma enorme lareira e umas belas pinturas, curvadas elaboradamente com figuras meio formadas e cabeças grotescas, parecidas com aquelas que adornavam os muros externos da torre de entrada. Havia algo, imaginou ela, que remetia diretamente à época isabelina e, de fato, os retratos dos homens com afiados pássaros, vestidos com espartilhos e mangas, estavam em várias das paredes.

Quando entraram, Henry já tinha tomado assento e conversava amigavelmente com uma jovem dama, que Bela acreditou reconhecer como a irmã de Vaughan. A teria deixado aí todo este tempo?

Dois homens estavam de pé, junto à lareira. O visconde de Maresi, ao que ela reconheceu, e



um jovem alto e muito bonito, poderosamente delineado com amplos ombros, e cujas calças de lã cravavam ao corpo como uma segunda pele. Ele virou a cabeça à medida que eles entravam na sala e a olhou com um sorriso fácil e lânguido. Aquele olhar era algo mais que uma espécie de boas-vindas. Insinuava intimidade e ainda mais importante, conhecimento. Bela encontrou seu olhar fixo nele. Estava segura de que não era conhecida dele.

—Ah, aqui está, com nosso anfitrião — disse Henry. Levantou-se e elevou a taça em sua direção. Claramente, já se tinha adaptado e tirou o casaco, servindo o porto de Vaughan—. Bela, conhece senhor Devonshire?

—Senhorita Rushdale—. Devonshire se aproximava da lareira e aceitava sua mão. Inclinou-se com profundidade, embora também observasse furtivamente o braço dela com um estilo pouco cortês. Havia um brilho brincalhão em seus olhos, mas o duro apertão de mão dava a entender que havia algo mais nele do que aquela fachada mostrava. Deu-se conta em seguida de que teria que ter cuidado com esse homem. Provavelmente, podia dizer isso de todos os amigos de Vaughan. Inclusive Henry tinha às vezes respostas que a deixavam estupefata, atônita e sem respiração, ruborizada como uma virgem.

—Diverte-se, Raffé? —perguntou Vaughan.

Bela se desfez do apertão de lorde Devonshire, que ainda não tinha perdido aquele sorriso familiar.

—Imensamente, Pennerley, e como posso observar você também.

O timbre de sua voz descobria a Bela suas intenções. Seu olhar se dirigiu a os olhos que havia em ambos os lados da lareira, onde estavam às pequenas janelas que ela tinha observado da entrada. A persiana da janela da esquerda estava aberta, o que provavelmente daria às escadas.

Lorde Devonshire retomou uma vez mais seu olhar, e esta vez seu sorriso era inconfundível. Ela soube imediatamente que tinha estado observando, embora parecesse que o tinha reservado para ele.

Um brilho selvagem se localizou em seu queixo. Se saísse dali com um pouco de reputação intacta seria um milagre. Teria que ter mais cuidado com Vaughan e confiar na descrição de Devonshire. Não poderia voltar nem a Londres nem a nenhuma sociedade civilizada se arruinavam seu nome. Arriscou-se o suficiente vivendo com Lucerne, Vaughan e seu rifle, mas a única razão pela que tinha aceitado aquilo era pela influência que Vaughan tinha exercido. Nunca permitiria que ninguém dissesse nada sobre ela. E pobres dos que se atreveram a tentar.

—Senhorita Rushdale — disse a irmã de Vaughan, saindo em seu resgate—. Quer dar um passeio comigo? Podemos deixar os senhores com seus assuntos até o jantar — agarrou com força a mão de Bela.

Ela não possuía nada do calor sobrenatural de seu irmão. De fato, suas mãos eram mais frias que delicadas. Mesmo assim, não cabia dúvida de que não era outra coisa que a irmã do Vaughan. Era bela em cada milímetro de seu corpo, com a pele de seda, finos traços de ninfa e cachos de cor azeviche. Seus olhos, entretanto, eram bastante diferentes dos de Vaughan, de um azul gelo penetrante. Viraram para Bela, carregados de alegria e ânsia, enquanto faziam seu caminho pela



grama do pátio.

—Graças a Deus que veio. Estava começando a me sentir como Udolpho com tanto homem ao redor.

—É seu favorito? —perguntou-lhe Bela, agradada ao saber que tinham algo em comum do que falar, além de Vaughan.

Sua anfitriã assentiu.

— Como podia ser de outra maneira quando estou enclausurada nesta ruína desmoronada? Mas sabia que meu irmão a alojou na suíte enfeitada?

Bela tragou saliva. Adorava as histórias de fantasmas e sempre tinha sonhado viver alguma aventura gótica, mas os fantasmas vingativos dos antepassados de Vaughan eram muito mais do que ela desejava.

—A primeira marquesa ficou louca pelas perversões e infidelidades de seu marido, o que a levou a se jogar no canal, ainda aparece na suíte, amaldiçoando os adultérios.

Bela se moveu, incômoda.

—OH, mas se conhecer meu irmão, poderá imaginar que a maioria dos feitiços são simplesmente cruéis truques dos senhores de Pennerley a gosto de seus convidados. Mas não falemos dessas coisas... perdoe-me. Dá-me tanta alegria que você esteja aqui. É normal que meu irmão esqueça convidar a alguma mulher entre seus amigos, embora me promettesse que vêm as Allenthorpes.

Realmente parecia desejosa pela companhia e o demonstrava com o que ela pensava era um bate-papo amistoso.

—Não sei se realmente estava me esperando —disse Bela. Também podiam ter deixado isso claro desde o começo.

—Não —a irmã do Vaughan sorria travessamente— mas queria que estivesse aqui de todas as maneiras. Acredita que não conheço meu irmão, senhorita Rushdale. Me oculta muitas coisas, mas não me pode ocultar isso tudo. Sei que estava com você e com o visconde Marlinscar em Londres e também sei que se alegra de vê-la.

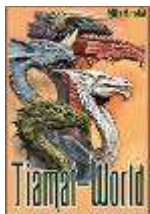
Bela sentiu como lhe acelerava o coração com aquela ideia, realmente desejava que aquilo fosse certo. OH, tinha-a recebido a sua maneira, mas não podia estar segura com Vaughan a respeito de se suas expressões e palavras coordenavam com seus pensamentos mais íntimos.

—Me perdoe — disse Bela, recordando suas maneiras — temo que leva vantagem, já que não sei o que lhe contar. Vaughan só me falou de sua existência faz uns minutos.

—Irmãos — bufou ela, mostrando seu mais delicado sorriso— Sou Niamh. Lady, se os senhores estiverem escutando.

—Então deve me chamar Bela e espero que os homens sigam a vontade de seu irmão e façam como desejam — não acrescentou que Vaughan só a chamava senhorita Rushdale quando zombava dela.

Atravessaram a grama e seguiram até um pátio em forma de concha, entre os quadros de flores das paredes do perímetro. Bela os observou, entre a verde água úmida e calorosa do canal.



Era profundo, muito mais do que ela tinha imaginado.

—Deve ser estranho o ter em casa de novo, depois de todo este tempo — observou ela— Mudou muito?

Niamh arrancou uma rosa morta.

— Vaughan! Querida, não. Ele nunca mudará. Sempre foi o irmão mais velho perfeito, despeitado e completamente devoto.

—Sonha exatamente como o meu — Joshua adorava zombar dela quando eram meninos. Agora, provavelmente só me desesperava por ela e desejava que algum dia lhe enviasse um convite de bodas. Se casasse com Lucerne, ao menos poderia voltar a ser aceita na sociedade de Yorkshire. Hoje em dia, estava considerada como uma desgraça e Joshua como um mau exemplo—. Mas apesar de todos seus defeitos, nunca me desmentiu ou negou.

—OH, Vaughan me perseguiria até o fim do mundo se tentasse algo — Niamh suspirou e arrancou irritada as pétalas da rosa decapitada. Deixou-os navegar pelas paredes e a água do canal, onde formaram uma multidão de diminutos barquinhos—. Embora a maneira em que ele sabe que me fui, está à maioria das vezes além de minha compreensão. Às vezes juraria que tem um espelho secreto onde pode me espiar, porque sempre sabe o que estou fazendo. Note que se excede em escrever cartas intermináveis e espera as mesmas como resposta, assim que imagino que me denunciou entre linhas.

Bela sorriu abertamente, imaginando Vaughan vertendo sobre uma carta indícios de insurgência.

—Fala como se tivesse algo que ocultar.

—Pode que ser que sim— se agarrou ao braço de Bela—. Você e o senhor Tristan estão juntos?

Bela girou a cabeça com dureza.

— Não! Por que todo mundo pensa isso?

—OH, sinto muito —tampou a boca com a mão— só supunha que como tinham chegado juntos e sem lorde Marlinscar... Mas me alegra ouvir que não é assim.

Bela arqueou as sobrancelhas, sem estar segura de todas as hipóteses que sua anfitriã podia ter feito ou quanto sabia ela sobre as relações que mantinha seu irmão.

—Não estava tentando insinuar nada — juntou as mãos e pressionou os lábios com os dedos, um gesto que lhe recordava aterrorantemente a seu irmão—. É só que... Querida Bela, acreditará que sou uma estúpida, mas estas meias são impressionantes, são magníficas — formou redemoinhos com simplicidade no ato—. Acredito que tenho que ter algumas que façam jogo. Estaria formosa com uns laços rosa salmão nas panturrilhas? —levantou um pouco à prega, descobrindo umas meias perfeitamente normais, com diminutos ramalhetes de flores bordados nos tornozelos—. Vaughan o odiará, mas acredito que deveria insistir e não poderá me negar isso — sua expressão era séria. Bela tentou captar seu olhar, mas Niamh movia a cabeça cansadamente e enterrava o queixo. Ainda não tinham intimidade o suficiente.

O silêncio durou uns minutos.



—Mostro o resto do castelo?

—Sim, seria bom. Eu gostaria de ver a torre e dar uma olhada à paisagem. A terra de onde venho está destruída e é muito triste, não é como o imenso amanhecer que se levanta frente a nós.

—Então, vamos à torre sul. Subiremos até o telhado. Pode-se ver Gales a um lado e Long Mynd pelo outro.

Cruzaram uma ponte levadiça para entrar na torre sul e subiram umas escadas apenas com capacidade para uma pessoa que corria dentro das paredes externas. Bela teve que segurar a saia até os joelhos para evitar cair, enquanto Niamh parecia conhecer cada uma das pedras que pisava.

Logo chegaram a um pequeno patamar que levava ao quarto principal. Bela se deteve na soleira da porta, enquanto que Niamh cruzava para onde as escadas voltavam a retomar seu caminho para cima.

—Este é o quarto de seu irmão. Não deveríamos estar aqui.

—Não seja tola. É a única maneira que temos de subir e ele não está na cama, nem sequer lhe importaria se estivesse ali. As cortinas cobririam todo o leito — se voltou para Bela e lhe agarrou a manga.

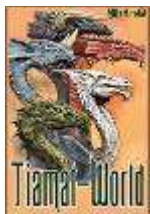
Consciente de quão hipócrita estava sendo, considerando as noites que tinha passado ultimamente em sua cama em Londres, Bela se permitiu entrar em sua habitação. Ainda lhe parecia mal estar ali, sem permissão. Era sua habitação, não só algum lugar em alguma parte, a não ser seu espaço mais privado.

Era um quarto curioso, imenso, quase com forma de coração, com cinco assentos ao lado da janela e cheio de luz e ar. Apesar daquela luz cegadora, havia algo mais abertamente de Vaughan que em qualquer outro quarto em que ela sabia que ele tinha ocupado. Os móveis eram de madeira escura, curvados elaboradamente como as pinturas da sala e as figuras da torre de entrada. A cama era de madeira de carvalho escuro, a cabeça e os pés adornados com grotescos demônios, quimeras e soluçantes anjos caídos. Destacava especialmente, sentado soluçando e rezando com suas pernas cruzadas frente a ele e a única asa que ficava pendurava com desamparo de suas costas. Ainda havia algo nele que dava medo, possivelmente a careta curvada de seus lábios ou o sentido de desafio em interrogação que refletiam seus olhos cegos.

Chamava-a, convidava-a a aproximar-se e tocar a superfície de madeira polida e riscar a curva de sua mandíbula.

—Bela! —Niamh a chamava por gestos do oco da escada—. A menos que esteja considerando seriamente dar saltos na cama, venha.

Bela se retirou imediatamente daquele atraente monstro. Saltar na cama não estava entre seus pensamentos mais imediatos. Não, em lugar disso, sua mente se enchia de fantasias com Vaughan, salpicada de sangue e atada, estendida sobre os sombrios lençóis brancos, com seu pênis ereto e sua boca abatida de tantos beijos. Tinha tido aquele tipo de fantasia antes, mas era diferente então. Lucerne não estava presente e havia um fogo intenso em seu ventre. Seu coração pulsava com tanta força que parecia que ia sair se o do peito.



—Senhorita Rushdale.

A repetição de seu nome a tirou do transe e correu a toda velocidade pela segunda saída de escadas como se o mesmo demônio estivesse pisando seus calcanhares. Bela caminhou entre os muros de ar frio do telhado, ofegante pelo excessivo esforço. Aquelas fantasias, aquele desejo que sentia por ele não tinha sentido. Com o tempo, teria que lhe dizer por que Lucerne não tinha vindo com ela, como era infiel e inconstante e pouco preocupado de que sua relação estivesse cambaleando rumo à ruína.

Não ia ser bom. Mas quando Vaughan tomou bem alguma coisa? E então... supôs que ela aprenderia realmente quanto se o preocupava por ela.

A sala estava repugnantemente vazia depois de que as mulheres a deixassem. Vaughan se meteu na biblioteca que estava mais à frente. Não lhe importava a companhia naquele momento, sobre tudo não a conversa tensa que parecia estar se criando. Devonshire estava cruelmente insinuando o que tinha visto, como se fosse uma piada que ambos compartilhavam, como se fosse mais que um conhecido que tinha direito a presumir. Só serve meramente ao propósito de Vaughan, para lhe ter contente. Nunca tinha estado tão encantado de que alguém o estivesse observando. OH, tinha atuado assim alguma vez, mas a ideia de ser espiado estava longe de excitá-lo. Tinha aprendido a viver com as intrusões voyeristas⁴ de Bela quando ele fazia amor com Lucerne, mas raramente se sentava e olhava. Gostava de tocar-se, sentir-se parte do jogo.

Tinha uma lembrança dela que guardava escondido. Uma vez, o tinha pegado por surpresa e havia feito gozar tão rápido que o tinha deixado tremendo depois. Nunca tinha admitido que ela fosse à responsável, e duvidava de se ela ou Lucerne recordassem daquela ocasião. Ela tinha estado fazendo chamadas sociais e chegou a casa, e os encontrou batizando o novo lugar de amor do salão. Lucerne estava equilibrado em cima, enquanto Vaughan o masturbava e se tocava simultaneamente. Bela simplesmente tinha esboçado com seu dedo suas costas nua da cabeça até o ânus.

O impacto daquela intrusão e os calafrios que tinham causado aquele simples roce o tinham transtornado em um comprido e vibrante clímax, que por uma vez tinha pouco que ver com o prazer que lhe proporcionava o corpo de Lucerne e tudo o que tivesse que ver com a mulher que tinha sido um constante espinho cravado em sua relação.

A porta da biblioteca se abriu detrás dele e Maresi penetrou dentro. Ele poderia haver dito quem era sem nem sequer olhar, só pela rajada de essência floral. Da chegada do Visconde ao Pennerley, Vaughan as tinha arrumado para lhe dar uma suave eau de toilette⁵, mas ainda seguia cheirando a tulipa.

As mãos finas do francês repousaram nos quadris do Vaughan. Pressionou forte até acariciar com os quadris as costuras traseiras das calças negras do Vaughan ao tempo que sua bochecha

⁴ Pessoas que gostam de observar outras pessoas fazendo sexo

⁵ Água perfumada, para se usar após o banho



pressionava contra o ombro dele.

—Não me toque — disse ele repentinamente. Embora tivesse desfrutado dos frágeis prazeres do corpo do Visconde, agora não estava de humor para a forma efeminada daquele francês na hora de fazer amor. Não queria delicadeza nem flores. Queria a alguém com o que pudesse lutar. Alguém de que pudesse puxar o cabelo, alguém que tentasse subir por cima dele para lhe cravar depois como resposta, alguém ao que pudesse foder sem que se rompesse. Sentia falta de Lucerne.

Maldito seja, ele sentia falta dele. Ele deveria ter estado ali. Supunha-se que deveria ter chegado com Bela.

Maresi, tornou-se para trás, soando-se em seu lenço de renda.

— Possivelmente depois?

Vaughan não respondeu, mas quando o homem tentou desculpar lhe dedicou um grunhido que lhe mandou imediatamente correndo de volta ao salão.

Vaughan se agarrou à prateleira de livros. Sacudiu a cabeça, incapaz de parar de rir alongadamente. Sua risada calada se apagou rapidamente. Repousou o cotovelo contra a fria madeira da estante. Seu pênis ainda estava rígido do último encontro com Bela. Respirou profundamente, desejando que se acalmasse, mas um segundo mais tarde se viu forçado a colocar-se de outra maneira. Os exercícios de respiração simplesmente não estavam dando o resultado esperado. Possivelmente deveria fazer uso da boca do francês. Podiam ter fechado a porta com chave e assegurar-se assim de que ninguém entraria. O som não transpassaria além das paredes, embora Maresi tivesse estado efetivamente em silêncio e ele era perfeitamente capaz de gozar sem fazer ruído. E a autocomplacência não lhe parecia à maneira mais inteligente.

Muito tarde para isso agora.

A porta da biblioteca se abriu de novo. Vaughan se deu a volta preparado para lançar um livro ou equilibrar-se se era necessário, mas o intruso não era Raffaele nem do Maresi. Era Henry Tristan.

Vaughan ficou seus chamativos pontos de tricô rodeados e se pressionou os olhos com os dedos. A visão não era menos excepcional quando os retirou.

Henry fechou a porta com uma silenciosa portada.

—Onde está Lucerne? —Perguntou-lhe Vaughan.

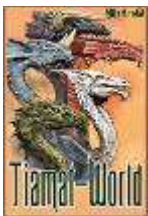
— Ah, sim! —os lábios do Henry se estreitaram em uma careta inquieta—. Perguntava-me quando chegaria a perguntar. Tive que vir com Bela, entende? Ia vir de todas as maneiras.

—Lucerne? —instigou Vaughan. Juntou os dedos indicadores, com os que depois se deu leves golpes nos lábios.

—Bom, sim... realmente —decaindo em rasgos nervosos, Henry procurava em seu bolso sua caixa de lenços—. Em realidade não necessita que lhe diga isso, verdade?

—Quer dizer que ainda está com essa prostituta, Georgiana St John. Maldita seja! Não tem nenhum gosto este homem?

Henry levantou a mão para o nariz.



—Aparentemente não e se não, estaria emparedado entre Bela e você — soou com força o nariz e depois espirrou violentamente, pulverizando todo o fluido pelas tabuletas do chão.

Vaughan se permitiu fazer uma careta. Uma vez, irritado pela incapacidade de Lucerne de guardar seu pênis nas calças e fora da boca de qualquer cortesã que lhe seguisse cegamente, Vaughan tinha tomado medidas incomodando ao pobre Henry detrás da tela em um recital de música. Sua intenção era impactar Lucerne fora de sua autocomplacência, e o resultado tinha sido que tinha adquirido uma nova prostituta.

Henry tinha ficado estupefato, mas bastante incapaz de resistir à lábia de Vaughan. A maneira em que se desmoronou chegando à submissão se tornou mais poderosa pela satisfação que tinha sentido ao arrebentar a crença do Lucerne de que sua relação era indestrutível. Agora tinha fechado a fenda entre ele e Henry, e agarrava a ambos os lados de sua absurda gravata só para demonstrar-se a si mesmo que podia sentir ainda o frio fluxo do desejo e o triunfo.

Os olhos verdes salpicados daquele homem estavam impossivelmente abertos. Suas costas se endureceram, atirando de seus ombros para trás e chamando sua atenção.

—Sabe que não sobreviveria nem cinco minutos sem mim e Bela te destroçaria — disse Vaughan. Seus quadris colidiram, trazendo sua ereção em contato com os quadris de Henry. Sobressaltado, Henry saltou para trás com sua afiada e desesperada exalação. Agarrou o pomo da porta e segurou forte dele.

—Supunha-se que você traria Lucerne, Henry.

Henry tragou saliva em voz alta.

—Sei... mas... Bela... —tragou ar, como se fora uma rã—. É uma boa garota, não posso entender por que não pode estar satisfeito unicamente com ela.

Se tivesse parecido um pouco mais a um coelho assustado, Vaughan tinha pensado que ia morrer de risada. A gargalhada que surgiu de seu peito ferveu em sua língua, mas se mordeu os lábios e forçou sua expressão para que ficasse exteriormente neutro.

—Está muito longe de ser uma boa garota, Henry — seu humor se desvanecia bruscamente com suas palavras—. E eu não sou um bom tipo tampouco.

Vaughan virou sobre si mesmo e retomou sua postura na prateleira de livros. Sentia o olhar do Henry, mas não deu a volta para enfrentar a ele. Em lugar disso, acariciou os elos do cordão de ouro que levava ao redor do pescoço, até o relicário que usava contra o peito.

Capítulo 6

Aquela noite, o jantar foi servido na grande sala, onde entrava uma forte corrente. Bela se deu conta, aliviada, de que seu assento estava afastado do pé das escadas, aonde antes a tinham humilhado. Tinha passado uma agradável tarde em companhia de Niamh explorando o castelo e seus domínios. Não era tão grande como Lauwine, mas era muito mais impressionante.



Tinha ouvido fazia séculos que à família Forvasham tinham concedido uma licença para construir um edifício para os serviços da Coroa, mas que tinham ganhado o título Pennerley em 1662, simplesmente pela ajuda emprestada ao restituir a monarquia. A torre e o canal eram vaidades, que nunca teriam aguentado um assédio, mas o efeito ficava bonito. A encantava realmente os aposentos da torre, com aquelas janelas reforçadas que ofereciam tal paisagem e a maneira em que penduravam das paredes apoiadas em grandes braços de madeira. Ela e a irmã de Vaughan haviam inclusive dado uma volta ao redor do canal em uma pequena bandeja de madeira.

Mesmo assim, tinha sentido falta da companhia de Vaughan. Tinha esperado que tivesse sido ele quem lhe mostrasse o castelo. Mas em lugar disso, trancou-se na biblioteca, antes de desaparecer no piso mais ao sul da torre com Henry e o Visconde.

Como o quarto de Bluebeard, aquele quarto não abrangia parte da torre e Niamh a tinha advertido de não rezar. Ao parecer, Niamh lhe tinha crêdulo com delicado entusiasmo que ali era o lugar onde ele preparava todos os horrores arrepiantes da vindoura festa.

—Não tem fome? —perguntou lorde Devonshire, que estava sentado a sua esquerda, comendo em um enorme prato de carne—. Pensava que teria um apetite incrível depois de tanta atividade — insinuou, enquanto uma chama de luxúria e risada se vislumbrava entre seus olhos.

Bela levantou o garfo, mas comeu pouco. Deu-se conta de que não tinha apetite por nada exceto por Vaughan.

—Estou bastante satisfeita, lorde Devonshire.

—Raffe — insistiu ele.

—O esforço foi bastante escasso e bem recebido depois dos limites cercados da carruagem.

—Ah, sim. Sabe? Admiro as mulheres que têm sentido da aventura —não havia nenhuma dúvida do que ele admirava. Bela sentiu um rubor atravessando sua pele e uma labareda inesperada de calor mais abaixo. Assim era isso. Sua reputação estava a salvo enquanto ele mantivesse a esperança de que lhe outorgasse um favor semelhante.

—Nunca fui uma mulher muito delicada —seu olhar se dirigiu brevemente para Niamh que, embora não era delicada no sentido tradicional, era muito mais fina e educada que Bela.

Vaughan captou seu olhar e levantou uma sobrancelha, deixando bem claro que podia escutar perfeitamente a conversa que estavam mantendo.

—Gosta de cavalgar, senhorita Rushdale?

—Sim, eu gosto — respondeu ela, com a cabeça inclinada e muito consciente do olhar observador de Vaughan.

—Excelente. Devemos ir juntos. Estou seguro de que poderá me ensinar algum truque ou dois com a cadeira de arreios — fez reluzir seu lânguido sorriso para distender a insinuação.

Através da mesa, Henry suspirava, enquanto o Visconde levantava seu nariz com ar de desaprovação esnobe. Bela golpeou lorde Devonshire com o guardanapo. Estava acostumada à linguagem obscena e às réplicas engenhosas nos salões, mas os homens rara vez praticavam com seu engenho enquanto Vaughan observava. Eles sabiam perfeitamente o que supunha tentar



agarrar o que claramente era dele. Ela sentia como lhe ardiam as bochechas e dedicou um olhar a ele. Ele estava estirado em sua cadeira com uma espécie de encanto insolente que o fazia querer subir sobre seus joelhos, beijá-lo, mordê-lo, fazê-lo tremer... e possivelmente inclusive fazer os votos com ele em uma igreja. Queria unir-se a ele daquela maneira. Nunca passaria isso, mas aquela ideia inesperada não era nada falsa.

—Vaughan — abriu a boca. Inclusive o sabor de seu nome em seus lábios fazia que o sangue lhe fervesse.

Ele se inclinou sobre sua cadeira em resposta e depois se levantou.

—Tomaremos o porto no salão, cavalheiros.

Levantaram-se o uníssonos, as deixando sós a ela e Niamh na mesa. O Visconde se burlava dela ao passar, lhes mostrando os dentes. Bela escolheu. Não tinha lhe encontrado mais que duas vezes e nem sequer tinham trocado uma palavra. Sua atitude era um mistério. Bebeu o vinho lentamente, e tentou se desfazer da tensão que lhe endurecia as extremidades, só porque seu olhar posava no prato de Vaughan. Ele tinha comido inclusive menos que ela.

—Vaughan! —levantou-se imediatamente e correu atrás dele. Não era muito bom inquietar-se. Supunha que estava preocupado pela ausência de Lucerne. *Maldição*, também lhe preocupava e nem sequer tinha ideia de por que Vaughan se foi de Londres.

Vaughan estava a meio caminho das escadas quando ela o alcançou, a mão dele pressionava contra o brocado muito indulgente do casaco do visconde de Maresi. Bela empalideceu enquanto observava como seus dedos se deslizavam sobre a seda a raia, em cima do traseiro do francês, mas depois tirou da cabeça aquele gesto de afeto.

—Vaughan — disse outra vez. Ele se virou lentamente, por isso a capa de seu casaco, que combinado com seu colete estilizava seus estreitos quadris, voou ao redor dele.

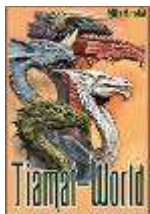
Bela o olhava com os olhos entre abertos, tentando com todas suas forças não fixar-se em seus quadris, só sentindo um desejo intenso. Inclusive uma vez que as tinha arrumado para arrastar o olhar de seu rosto, não conseguia apagar o sentimento. Estava tão bonito como sempre e algumas semanas tinham servido exclusivamente para lhe recordar como de intangível era sua beleza. De repente, sentiu um aperto no peito, que se repetiu depois no ventre. «ame-me, Vaughan» —queria lhe rogar, mas ele nunca tomaria. Ao menos, não da maneira que ela desejava. Todo seu afeto estava reservado para Lucerne. Mesmo assim, naquele momento, inclusive um roce seria suficiente.

—Bela? —surpreendeu-se, arqueando delicadamente a sobrancelha—. Acontece algo?

Nervosamente, lambeu os lábios, sem estar muito segura do que queria dizer. Não queria lhe falar do Lucerne, somente queria equilibrar-se sobre seus braços. Sentir seus finos dedos atravessar sua pele e lhe causar calafrios de prazer.

—Esteve me evitando toda a noite. Quero dizer, esperava que... pensava que...

—Sua companhia foi inesperada. Tenho outros assuntos que atender. Como estou fazendo agora — virou o pulso, assinalando para os homens que o esperavam ao final das escadas. — Continuem — rogou— estarei acima em uns minutos.



—Por isso foi de Londres? Por sua fazenda?

Desceu os degraus para ela, com a cabeça inclinada de tal maneira que seus cachos negros lhe caíam sobre os ombros. Podia lhe ver os olhos entrecerrados, sob suas escuras pestanas.

— Sentiu minha falta, verdade, Bela? —disse, ignorando a pergunta.

—Acredito que já lhe disse que sim.

—Sentiu falta de mim, mais do que tinha imaginado? —passeava seus largos dedos ao redor da superfície do corrimão—. E mesmo deixando Lucerne para você somente? Foi um bom companheiro de jogos ou não tanto como tinha esperado?

O fio de suas palavras lhe arrepiava os cabelos. Um brilho malévolo resplandecia em seus olhos e seus lábios se curvavam em uma careta agressiva. Sempre tinha gostado de incitá-la, mas aquela tortura a zangava mais do normal. Bela lutava por encontrar as palavras que lhe devolvessem o golpe. Queria lhe esfregar pelo rosto o amor que Lucerne sentia por ela. Um milhão de mentiras ficaram escondidas em sua língua, nenhuma dela conseguiu sair de seus lábios.

Em lugar disso, a verdade a irritava por dentro. Depois do ato inicial de rebelião com Lucerne na cama do Vaughan, a excitação entre eles simplesmente se desvaneceu. Tinha sido uma bestialidade por parte de Lucerne ter trazido Georgiana a casa, mas era verdade, ele se tinha dado conta de que a paixão entre eles estava morta.

Vaughan passou um de seus dedos pela garganta, forçando-a a levantar o queixo e encontrar seu olhar.

— Nada que acrescentar? Que esquisitamente aborrecida é.

O vexame formigava a ponta do nariz. Que risse dela daquela maneira era intolerável. Tinham estado separados quase três semanas e cada dia ela o tinha passado mal por ele, enquanto que ele... seria verdade que não havia sentido nada? O abismo entre eles sempre tinha sido imenso apesar de ser amantes, mas agora parecia ser infinito. Que tipo de relação iriam ter sem Lucerne?

—Vamos, Bela, não tenhamos segredos entre nós — marcou com os dentes seu lábio inferior, lhe oferecendo um sorriso abjeto, e depois lhe pôs o braço ao redor do ombro. O abraço a acalmou e se aconchegou em seu calor—. Como dizia, estiveste algum tempo sozinha. Eu lhe ofereci isso. Quão mínimo pode fazer é compartilhar os detalhes.

—Essa não é a verdadeira questão pela que foi.

—Não é? —arqueou as sobrancelhas um pouco mais— os detalhes, Bela.

Fazendo ornamento de si mesmo deliberadamente, levantou um pé para o seguinte degrau. As palmas de Bela ardiam de desejo de tocá-lo. Ela as esfregou desesperada por apagar seu desejo. Mas o tecido que cobria a coxa dele era suave e convidava a acariciar, e ela sabia que os músculos que havia debaixo eram firmes. Sem ser capaz de resistir, passou os dedos a costura interna. Muitas vezes tinha sonhado com ele e despertou agasalhada entre o fantasma de seu abraço, só para dar-se conta de que estava sozinha, atada com força aos lençóis enrugados. De maneira tentadora, rodeou-lhe os quadris.



—Não era o mesmo sem você — riscou a linha de seu pênis.

—Não — fechou a mão ao redor de seu pulso—. Não acredito que fosse — lhe acelerava a respiração, levantando as mechas de cabelo que lhe caíam pelo rosto—. E para isso — levantou sua palma e lhe deu um beijo justo no meio— terá que esperar, já que não gostaria de me deitasse contigo nas escadas, outra vez expostos ao público. Volta com minha irmã, Bela. Deseja companhia. —retirou-se de sua carícia e continuou subindo as escadas, deixando-a confusa, ao fio da fúria.

Bela o observou até ver como alcançava a porta da sala e depois voltou à contra gosto para a sala, onde encontrou Niamh que a esperava com enorme satisfação.

— Está apaixonada por ele? —perguntou à secas.

Bela abriu a boca para falar, mas não pôde articular nenhuma palavra.

—Não esteja. Simplesmente romperá seu coração como já há fez com outros muitos — levantou uma delicada mão —por favor, não me conte os detalhes. Meu irmão é o libertino dos libertinos. Não estou interessada em saber por quantas camas passou. Embora saiba que em meu coração que são muitas. Não deveria se apaixonar por ele, Bela. Tem que me prometer isso.

Bem, que pena, já era muito tarde para isso. Bela inclinou a cabeça, esperando que pudesse culpar ao forte fogo da cor de suas bochechas. Não podia desfazer três anos inteiros de relação por um conselho, sobre tudo porque não estava totalmente segura de quando tinha usurpado o lugar de Lucerne.

Vaughan continuou subindo as escadas até o salão, com o ânimo grandemente escurecido ante a óbvia necessidade que Bela tinha de afeto. Claramente, fosse o que fosse o que tinha passado entre Lucerne e ela, tinha afetado suas vulnerabilidades. Devia assegurar-se de que sua posição ainda era segura, mas até que Lucerne chegasse, não podia proporcionar uma resposta.

Raffe estava esperando-o justo ao entrar no salão.

—Bonita garota —observou ele— e parece ser um osso duro de roer.

—Vá ao inferno e leve a sua maldita mãe contigo! —grunhiu Vaughan. Apesar de tudo, nunca o tinha ouvido falar daquela maneira—. E tem cuidado com o que diz, ou melhor, vá cortejar a minha irmã. Essa é a razão pela que está aqui, não é verdade? Recebi a carta de lady Devonshire ou estou equivocado com a razão de sua visita?

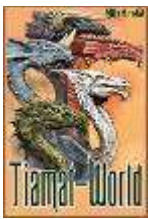
Raffe endureceu e fez uma reverência.

—Não, não está equivocado — disse.

—Bem. Então nos entendemos perfeitamente.

Vaughan passou por seu lado.

A sala era asfixiante, tão quente que se viu obrigado a desfazer-se de seu casaco e subir as mangas, um gesto muito horroroso e entretido para de Maresi. Vaughan jogou o casaco sobre uma cadeira e se dirigiu ao canto mais afastado, onde Henry repousava a cabeça em uma das janelas que davam a grande sala. Tinha trocado seus horrendos pontos de tricô de cor rosa salmão por umas igualmente sem gosto, de cor amora, que faziam jogo com seu casaco desalinhado.



Vaughan se deteve diretamente atrás dele. A postura de Tristan fazia que suas calças cor nata ficassem ajustadas no traseiro, insinuando suas perfeitas nádegas.

—O que é tão fascinante? — dando uma palmada em seu traseiro arrebitado.

Henry se virou e na tentativa, quase golpeia a cabeça com um dintel⁶ baixo que havia.

—Pennerley —ofegou ele— Nada, nada na realidade — procurava com inquietação nos bolsos sua caixa de lenços, que Vaughan recuperou do suporte da lareira e os pôs na mão.

—Confio em que não esteja observando Bela.

—Ei... não —Henry olhava timidamente os pés.

—Então deveria supor que é minha a irmã a quem está espiando.

—Não estou olhando nada fora do lugar — levantou as mãos. Sob as capas de pó e pintura, seu rosto resplandecia com fúria—. É uma garota encantadora, isso é tudo.

—Correto — disse Vaughan, permitindo que seus lábios se torcessem.

Tinha o desejado efeito. Os olhos do Henry se entreabriram, alarmados, e depois se retirou. Vaughan queria tornar a rir. Oh, três penosas cabaías, os três. Recordou seus deveres como anfitrião e passou o porto, mas a conversa era tão escassa que logo explodiu em patéticos grupitos.

—Pennerley, não podemos trazer as mulheres aqui? —perguntou Raffé, todos os sorrisos agora que tinha recuperado a compostura. Sentou-se no braço da poltrona que havia junto à lareira, fazendo que Maresi se afastasse. — Faz um frio horrível nessa maldita sala e estou convencido de que passariam por cima umas quantas taças a condição de um pouco de calor.

—Ao final me tirasse às palavras da boca, Raffé. Que impróprio de você.

Raffé inclinou a cabeça em resposta à censura. Quando a levantou, tinha um sorriso desenhando-se no rosto.

— Só penso em seu bem-estar. Parece-me um pouco descortês não as convidar a sair do frio.

—Muito bem —o despachou com um elegante movimento de mão— ao menos terão algo interessante que dizer e, além disso, evitaremos que algum de vós acabe com uma contratura no pescoço — gesticulou com as sobranceiras a Henry, quem se inundou inclusive mais na cadeira.

Vaughan levantou o copo e o dirigiu para a janela, longe da carga do fogo. O frio estava bem. Não arruinava a compleição de ninguém, nem o fazia ter sono ou estar atordoado. Além disso, podia observar toda a sala de onde estava.

Bela se dirigiu com impaciência à sala fria, onde as palavras de Niamh lhe retumbavam na cabeça, uma e outra e outra vez. *“Romperá seu coração —bom, realmente já o havia feito— como fez com muitos outros”*. O que outros? Desejava saber. Queria agarrar Niamh e sacudi-la até lhe fazer cuspir as respostas de seus lábios como gotas de confissão. Já tinha uma suspeita molesta sobre de quem podia tratar-se hoje em dia.

⁶ Parte baixa da janela



— O Visconde está muito tempo aqui? —perguntou ela.

—De Maresi? —Niamh virou de costas para o fogo para estar cara a cara com Bela, pressionando ambas as palmas das mãos, como se estivesse rezando—. Chegou com meu irmão. Por que pergunta? Há algum problema?

Bela sacudiu a cabeça.

—No momento, não.

—Confesso que me parece um pouco estranho, mas parece divertir a meu irmão, o que não é má coisa. Acredito que está o ajudando com a fantasmagoria —franziu o cenho— tem algo haver com a festa, alguma nova invenção que trouxe da França, acredito. De todas as maneiras, estiveram rindo juntos vários dias.

Bela lambeu o lábio inferior, sentindo-se ao mesmo tempo zangada e intrigada. Fosse o que fosse que Vaughan estava planejando com o francês tinha que ser engenhoso, mas duvidava que preparar entretenimentos fosse a única coisa que aqueles dois tinham estado fazendo esses dias.

Maldito seja. Se ela tivesse sabido fazer ponto de cruz, haveria feito uma provocação. Então, pode que estivesse menos inclinado a arrastar a qualquer desgraçado à cama, enquanto esperavam que Lucerne recuperasse o sentido. Caso que alguma vez chegasse a fazê-lo.

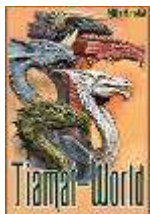
—Senhoritas! —Raffe entrou na sala e lhes dedicou uma espécie de reverência heroica— Se desejam unir-se a nós no calor da lareira, ofereço-me como acompanhante — botou as mãos nos quadris, esperando obviamente que cada uma delas pegasse de um braço. Quando Niamh o fez, Bela não viu a razão pela que não fazê-lo. Agarrou-se a seu braço e ele começou a dar voltas fazendo um círculo antes de levá-las para as escadas.

Capítulo 7

A atmosfera da sala continuava apagada apesar da presença das senhoritas. Depois de que tivessem servido o chá, Vaughan escapou para jogar bilhar com Henry. Raffe passou mais de meia hora conversando com Niamh antes de seguir aos homens com um olhar de resignação lhe marcando o rosto.

Niamh ficou sozinha uns dez minutos mais e depois anunciou sua intenção de retirar-se. Bela lhe deu boa noite ao final das escadas e a observou cruzar a ponte de madeira até a torre sul antes de retornar ao salão. Ainda era cedo comparado com as horas nas que acostumava a deitar em Londres, mas também era muito tarde para estar perambulando por ali sem acompanhante. Explorar a paisagem teria que esperar até amanhã, embora a ideia de caminhar engatinhando pelo cemitério da igreja lhe parecia uma ideia deliciosamente excitante. Brevemente contemplou a ideia de procurar a sala de bilhares e observar aos homens, mas o tirou em seguida da cabeça. Agora mesmo, Vaughan estava inclinado a ser um vicioso.

De Maresi estava em uma cadeira, com os ombros caídos e com as pernas penduradas do braço quando ela voltou. Cortou-lhe o passo com seus sapatos de sola vermelha, quando tentava



passar a seu lado para alcançar a outra cadeira ao lado da chaminé.

—Um momento, puta — olhava por cima de sua perna esticada.

Bela lhe olhou o tornozelo, com uma careta no rosto e sua mão se levantou ameaçadora, como preparando-se para tirar algo de mau gosto.

—O que quer?

Fincou-lhe o pé um pouco mais dentro, no suave bojo de seu ventre, forçando-a para o braço da poltrona de couro.

—Você não pertence a este lugar. Ele já não é de sua propriedade, *ma chère*. Seria melhor que fosse embora daqui.

—Seria melhor que se ocupasse de seus assuntos — jogou para um lado seu pé e franziu o cenho— irei quando Vaughan me peça que o faça, e não antes.

De Maresi adotou uma expressão mais séria e lhe mostrou os dentes. Bela estalou os seus, e se foi com ar presumido.

Assim que o repugnante sapo perfumado estava reivindicando sua reclamação. Bom, deveria estar louco se pensava que aquele pequeno espetáculo ia deixá-la fora de combate. Vaughan era dela. A única pessoa com a que o ia compartilhar era com Lucerne e não tinha muitas esperanças de vê-lo antes do Ano Novo. Além disso, ela já tinha jogado a aquele jogo antes. Vaughan havia tentando com firmeza mantê-la separada do Lucerne, mas em vão. O Visconde não tinha possibilidade alguma.

Sua respiração se formou redemoinhos surpreendentemente em sua garganta. Bela desceu as escadas até a grande sala sórdida. As velas faziam muito tempo que se extinguíram e o fogo tinha ficado reduzido a um leito de brasas. Esquentou as mãos sobre elas e fechou os olhos. Tinha pensado que se fosse a Pennerley tudo se resolveria e, entretanto, aí estava, em sua primeira noite, ainda sozinha, ainda sem compreender por que Vaughan se foi e além disso, sem estar mais perto de seu afeto como tinha estado antes. De fato, e não pôde conter um bufo de humor irônico, parecia ter um rival. Estava destinada a ter que competir sempre com um homem por outro homem?

Sentou-se no calor do fogo e atçou as brasas, sentindo o frio da noite penetrando em seus ossos. *“Maldito de Maresi, e maldito Vaughan por fazer que as coisas sejam tão difíceis”*, levantou-se e ficou de costas ao fogo que se extinguiu. Os emplastros dourados da luz da lua brilhavam através das fissuras das persianas e os cristais empanados. Sombras escuras avançavam lentamente das esquinas ao chão. Deu-lhe um calafrio e se perguntou se a primeira lady Pennerley seria o único fantasma de reputação no castelo.

Tinha esperado passar a noite com Vaughan, mas, em lugar disso, enfrentava-se a uma noite solitária em uma cama fria.

Bela bateu na porta da cozinha, perguntando-se se algum dos serventes estaria ainda ali e se podiam lhe oferecer uma bebida quente para aliviar o frio de seu corpo. Ao não obter resposta, tentou empurrar a porta para penetrar dentro.

As cozinhas ocupavam a parte leste do castelo e os serventes dormiam abaixo. Bela entrou



no primeiro quarto, uma espécie de corredor com despensa e passou sob um arco até chegar a uma sala com uma grande mesa. Encontrou uma vela no batente da janela e a acendeu com uma das brasas da estufa.

Uma suave luz amarela banhou seus arredores. Caçarolas e frigideiras adornavam as paredes e ramalhetes de ervas penduravam dos ganchos que saíam do teto. Recordou-lhe à cozinha de sua casa em Wyndfell Grange, onde passava muitas horas amassando massa e removendo geleia que havia feito com os bagos que recolhia dos sebes.

Tinha preparado um pote de geleia para o café da manhã, junto com uma barra de pão e uma jarra de leite. Bela se serviu um copo e o bebeu. O calor seco da habitação a tinha deixado desidratada. Encontrou uma faca e cortou uma fatia de pão.

—Não está em casa, sabe?

Bela girou a cabeça e encontrou Vaughan apoiado sob o arco. Não sabia como conseguiu aproximar-se às escondidas para ela, mas, entretanto ali estava brilhante e silencioso como uma pantera, e ela sentiu um alívio ao vê-lo. Não tinha pensado em que voltasse a lhe fazer companhia aquela noite. Bom, muito melhor que as alegações do visconde de Maresi, de que ela não era requerida por seus desejos.

Vaughan saiu das sombras e atirou o casaco sobre a cadeira. Sempre parecia mais feliz e mais perigoso quando estava meio nu, como se estivesse tirando o ar de boa educação quando se desfazia do casaco.

—Não se importa, verdade? —disse-lhe ela e elevou o pão para ele em uma tentativa de lhe atrair mais perto.

Vaughan franziu os lábios. Seus olhos negros se entreabriram.

—Sim, de fato me importa. Eu gosto de ver as faxineiras na cozinha, não às amantes — ignorou o oferecimento de Bela e agarrou em seu lugar o pote de geleia.

—Surpreende-me que saiba onde está a cozinha — disse ela.

A luz das velas passeava através de sua pele, iluminando suas altas maçãs do rosto e a palidez opalina de sua pele. Despachou sua afirmação com um olhar.

—Alguém deve interessar-se sempre pela cozinha — lambeu os lábios e Bela perdeu a respiração, seu lânguido encanto a abateu como se lhe tivesse pressionado a garganta com a gravata. Passeou ao redor de seus ombros e depois navegou entre a penumbra, sentando-se no chão de pedra como uma serpente chapeada.

—Possivelmente possa te entreter alguma vez com meus conhecimentos mais íntimos sobre cozinha — se inclinou para ela e as lapelas de sua camisa se abriram, descobrindo um pequeno pedacinho de sua pele.

Bela desejava acariciá-lo, riscar a linha de sua nua garganta até o esterno, percorrer o peito com as mãos e sentir seus duros mamilos masculinos endurecer-se contra o centro de suas palmas. Seus lábios se abriram, antecipando-se quando Vaughan se aproximou, mas em vez de lhe dar um beijo, enterrou seus dedos no pote de geleia e os ofereceu para que os lambesse.

Fechou os olhos com firmeza e lambeu seus dedos com a ponta da língua. O sabor doce e



azedo das amoras se misturava com o sabor salgado de sua pele à medida que lhe chupava enquanto um nó de temor lhe formava no ventre. Apesar de todo o mágico encanto que o rodeava, Vaughan não era uma pessoa em que se pudesse confiar. Era muito perigoso.

A pegajosa doçura da geleia desapareceu em seguida, mas Bela continuou fazendo círculos com sua língua ao redor das sensíveis pontas de seus dedos e no espaço que havia entre eles.

— Está tendo ideias? — brincou ele. Um sorriso se desenhava em seus lábios e depois tirou os dedos de sua boca fazendo um estalo. Voltou a colocá-los na geleia. Desta vez levou o pegajoso suco a seus próprios lábios.

Viscosas gotas, que lhe recordavam ao vinho de antes, descendiam-lhe pelos antebraços nus. Ela se deu conta de que ele se estava oferecendo uma vez mais, enquanto sua respiração se acelerava com a ideia. Bela lambeu o rastro do interior de seu braço. Queria que ele fora seu essa noite. Tinha havido vezes sem Lucerne, mas não tantas como pensavam tipos como Henry Tristan e Raffé. Ela não era a querida de Vaughan. Essa honra só pertencia a Lucerne. Sua relação sempre se manteve com um equilíbrio sensível e muito tempo a sós com o Vaughan o tivesse terminado por romper. Lucerne era o eixo, a constante. Tudo girava ao redor dele. Ela quase esperava encontrá-lo sentado em uma magra cadeira no canto, esperando seu turno. Sua relação com o Vaughan unicamente tinha razão de ser através do Lucerne.

Vaughan recobriu os dedos uma terceira vez.

Me leve para cama, rogava-lhe ela com os olhos enquanto ele brilhava com uma travessura sádica. Empapou-lhe a boca e o queixo com a geleia.

Bela o olhava, com a boca aberta, esperando aquele beijo que nunca chegava. Vaughan lambeu os lábios.

— Vem comigo — agarrou sua mão e a levou a despensa.

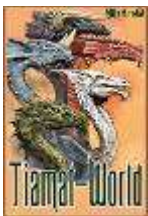
Filas sobre filas de brilhantes jarras de cristal alinhavam as profundas estantes: brilhantes, verdes e marrons. Havia conservas em vinagre mais abaixo, geleias acima e outras especiarias exóticas aninhadas entre os pratos que se utilizavam para servir a manteiga e os chás. Vaughan baixou uma enorme jarra de geleia e colocou toda a mão em seu interior. Saiu brilhante, envernizada de laranja que ele provou e depois passou pelo pescoço de Bela, atravessando o peitilho de seu vestido.

Passeou a língua por seu pescoço. Bela se retorcia à medida que o lhe mordiscava o lóbulo da orelha. Sua respiração, quente e excitante, esquentava-lhe a orelha. A sensação que percorria seu corpo, despertando cada terminação nervosa, o fazia querer agarrar-se a ele. Mas não era muito inteligente deixar-lhe tão fácil. Para o Vaughan, a diversão estava no desafio. Teria perdido interesse se tivesse percebido quão ansiosa estava ela.

— Tem que estar muito desesperado para me desejar duas vezes em um dia.

— Prefiro pensar nisso como uma oportunidade que te ofereço. Além disso, de Maresi me aborrece.

Assim, não era só uma fantasia que inventou de Maresi. De verdade tinha esperado que ele tivesse vivido como um monge? Aquela consciência da situação lhe produziu um medo doentio,



mas conteve a raiva e deixou que o aborrecimento esfriasse.

Vaughan tirou a camisa, lhe apresentando seu esbelto peito e a cicatriz chapeada que corria através de suas costelas.

—O que te faz pensar que vou ser serviçal? Humilhou-me diante de seu servente e de seus convidados.

—O que outra coisa esperava? —agarrou-lhe a mandíbula e lhe deu um beijo.

Bela o afastou.

—Sou sua convidada.

—É minha prostituta — arqueou as sobrancelhas, lhe dando a oportunidade de discutir.

—Bem. Façamos a sua maneira — agarrou um pote e lhe lubrificou o peito com as groselhas.

Vaughan riu.

Bela agarrou outro pote. Seu peito parecia à tela de um artista quando terminou de lubrificar-lhe. Formas de diferentes cores e texturas se enredavam em seus cachos negros. A fragrância acre das especiarias exóticas se mesclava com seu próprio aroma. Finalmente, derrubou noz moscada em seus quadris e se esfregou o rosto com aquela mistura. Apesar da roupa, ela podia notar como bombeava sua ereção e lambeu aquele volume.

—Ah é este o cabelo de anjo que desejas? O que teria feito se tivesse encontrado a outro esperando?

Bela o empurrou para trás, seu desejo por ele ia convertendo-se pouco a pouco em ira. Recordou-se de como pulava com o Lucerne pelo chão, punhos e cotovelos voando e de como se excitava ao observá-los. Queria lutar com ele da mesma maneira. A luz apanhou a longitude chapeada de sua velha cicatriz de duelo outra vez.

— Me ensina a bater — pediu ela.

Vaughan negou com a cabeça. Puxou ela para cima para lhe morder os lábios e o queixo e lhe pôs a mão sobre seu pênis.

—OH, acredito que faz tempo que deixou de necessitar lições.

Bela lhe deu uma forte palmada sobre a coxa, deixando um rastro impresso em suas calças. Maldito seja por suas insinuações, mas estava obrigada a não sorrir. Deu-lhe um apertão a sua ereção e desfrutou da vitória que lhe causou a baforada de ar que ele se viu obrigado a tomar.

—Além disso, as senhoritas não empunham a espada.

—Bom, já deixou claro a todo mundo que eu não sou uma senhorita e já que minha reputação está manchada, possivelmente possa tirar algum tipo de benefício também — ela apertou outra vez, observando o rubor de suas bochechas— na realidade, é um milagre que deixasse que me associasse com a irrepreensível senhorita Niamh.

—Sua reputação já estava manchada muito antes que chegasse aqui. Não esqueçamos aquela vez que te fez passar em Londres pela prostituta de Lucerne, e já foi uma mulher desbocada inclusive antes disso.

—Então devo ser seu tipo.

Vaughan lambeu sua bochecha.



—Como te dizia, estou faminto. E prefiro a ti que ao Henry ou a minha irmã.

—Não se atreveria.

Seus olhos se iluminaram como o fogo gelado. Bela lhe deu um beliscão no estômago.

—Não —arrastou as palavras—. Não é meu tipo, muito pura, muito virginal.

—Isso nunca te deteve com minha amiga Louisa — soltou-o, completamente escandalizada.

Voltou-lhe as costas, desgostada, impactada pelo fato de que nunca tivesse mencionado o assunto sequer.

Vaughan acariciou com o nariz seu pescoço nu.

— Por quê? Bela, dá-me a impressão de que está zangada comigo — passeava a língua por sua pele, explorando o oco de sua clavícula. Ao princípio, a carícia era delicada e brincalhona. A fazia retorcer-se. Lentamente, as carícias se voltaram mais intensas, até que ela esteve segura de que lhe deixaria marcas na pele. Apesar disso, não podia jogá-lo para o lado. Era muito delicioso, suas carícias tinham muito valor para ela.

Isso a golpeou-o calidamente, mas lhe agarrou o pulso e lhe plantou um beijo na parte de atrás da mão antes de deslizar sua língua no V que formavam seus dedos indicadores.

—Já conhece as regras, senhorita Rushdale —disse quanto mais famintos beijos lubrificavam a curva de seu polegar— embora possivelmente já te tenha cansado do jogo. Possivelmente deveria ter ficado em Londres com o Lucerne. —Cravou-lhe um dente na delicada pele de seu punho. — Ou não compartilhou seu prazer pela senhorita St John?

—Sabia! —Bela se deu a volta para olhá-lo, com os olhos em chamas— sabia e não me disse nada.

Vaughan deu de ombros, indiferente.

—É um bastardo — deu um forte empurrão nele e depois lhe açoitou com os punhos— sai correndo e me deixa para que me dê conta. Quanto tempo leva fazendo-o? Há quanto sabe?

Vaughan lutou com ela no chão, ficando em cima de seu corpo. Encaixou um de seus braços entre seus corpos e o outro o pôs em cima de sua cabeça em uma espécie de apertão vicioso.

—Me escute — grunhiu ele— tinha que se dar conta por ti mesma. Não teria acreditado de outra maneira — fechou sua boca com a dele, detendo suas palavras de rechaço e protesto com a força de seus beijos.

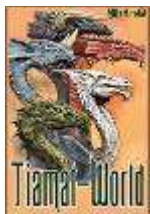
Bela lutava por respirar e aliviar-se. Queria lhe fazer mal por aquela traição. Não importava que sua ereção a estivesse pressionando com força contra a perna e que seu corpo traidor estivesse respondendo com um alívio libertino.

—Por isso o largou, não é isso? —continuava lutando contra seu peito— porque não queria ser o segundo prato de ninguém.

Um arco íris de geleia e conservas caíram entre eles, fazendo que seu peito ficasse escorregadio. Bela as pegou para tirar o braço e forçar uma mão contra sua garganta, para defender-se.

—Eu já era um segundo prato para ti.

—Nem pensar — embora... possivelmente fosse certo. Seu triângulo amoroso nunca tinha



estado igualado. Sempre tinha sido entre ela e Lucerne e entre o Vaughan e Lucerne ou com frequência ela em meio dos dois homens, mas nunca Vaughan no centro.

Livrou-se dele e jogou a cabeça a um lado. Tudo ia desesperadamente mal, ela chorando a um lado, sem nem sequer ter ideia do que ia fazer para que tudo voltasse a ser como antes, quando sua relação era algo mais que farrapos rasgados.

Vaughan vagamente riscou os dedos pela confusão de seu peito, com sua expressão, inusualmente, cautelosa. Agarrou-lhe um de seus mamilos e pintou a auréola com a geleia. Bela afundou os dentes sobre os lábios, excitada, mas com as lágrimas lhe invadindo os olhos. Seu vestido branco estava destroçado. O mosaico de bagos esmagados nunca sairia da delicada musselina.

—Estragou meu vestido — estalou ela, procurando uma saída para amontoado de emoções.

—Então te comprarei dois, uma de cor escarlate e outro dourado. Este branco virginal é lixo para você.

—É o que se usa.

—Isso é uma mentira — havia uma ponta de calor atrás de suas palavras.

Bela franziu o cenho.

—E já que falamos sinceramente, pode se desfazer do ridículo nó que fez no cabelo— puxou dos passadores que usava, até que o cabelo lhe caiu sobre os ombros e peitos como uma cascata ondulante.

Bela afastou a um lado a cabeça. Havia lágrimas apanhadas em suas pestanas. Uma gota solitária escapou para sua bochecha de onde Vaughan a recolheu com a gema dos dedos.

—Bela.

A dor de sua futura perda percorria todo seu corpo. Não podia esperar retê-lo. Uma vez que se desse conta de que Lucerne não estava interessado no trio, também perderia o interesse por ela. Nunca tinha sido outra coisa que um acordo ao que ele tinha chegado para poder ter Lucerne.

—Tranquila —Vaughan lambeu a diminuta umidade da ponta de seus dedos— acaso ele merece suas lágrimas?

Negou com a cabeça. Ele pensava que ela estava chorando por Lucerne.

—E eu?

Bela enterrou os dentes em seus lábios dilatados. Provavelmente se horrorizaria de saber todas as lágrimas que ela tinha derramado por ele nas últimas semanas.

—Vaughan — sua voz era gretada, e escapava em apenas um sussurro. Ela escondeu o rosto em seu pescoço. — tudo vai mal verdade?

—Não, meu rouxinol, só que será diferente.—Voltou um pouco para cima para sentar-se escarranchado sobre seus quadris e desenhou garranchos lascivos na geleia de sua pele. Apesar da alegria de sua carícia, sentia que ele também estava questionando sua relação. Não se atrevia a olhá-lo nos olhos por medo do que pudesse encontrar dentro de suas profundidades violetas. Quando finalmente se atreveu a dar uma olhada, pôde lhe ver lambendo os lábios.

Vaughan se inclinou e lambeu a geleia de seu mamilo. Colocou o seio escuro dentro de sua



boca e depois o aliviou com uma chupada.

—Por que, Bela, acredito que é o bolo de geleia mais deliciosa que alguma vez provei? — agarrou a beira de seu vestido e se apertou impientemente entre suas coxas.

—Vaughan! —golpeava-o inutilmente, mas seu débil sorriso era contagioso.

—Sim, Bela — gotejou um pouco de mel em cima de seu ventre nu e coxas e depois moldou a suave superfície.

—Não, nem pense. Será impossível tirá-lo.

—Deixarei emprestado meu barbeador elétrico de barbear.

Não podia esconder com os olhos a excitação que lhe provocava a ideia. Não era a primeira vez que ele tinha ameaçado barbeando as genitálias. A proposta parecia igualmente aterradora e emocionante. Pressionava-lhe o monte púbico com dedo de sua mão. Um de seus dedos se inundou em seu calor e encontrou seus clitóris, e então um feroz apetite lhe percorreu todo o corpo, apartando limpamente as lágrimas de seu rosto. Seus mamilos se erguiam orgulhosos e seu ponto de prazer desejava que ele fizesse algo mais que pressionar. Ela sentia seu pênis golpeá-la contra a coxa e rebolou mais perto dele.

—Bem, bem... — burlou ele enquanto trabalhava as magras dobras de sua vulva com os dedos—. Diga por favor.

—Por favor, por favor.

—Acredito que ainda não deseja o suficiente.

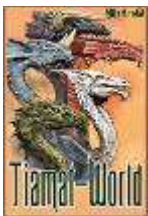
—Sim, desejo —levantou os quadris para ele— não zombe de mim, Vaughan, por favor... — ansiava a proximidade, que seus corpos escorregassem juntos e a sensação de seu ser intenso e vital dentro de seu corpo. Desejava inundar-se em seu fogo e sentir-se querida e amada durante o resto da noite—. Por favor.

—Me seduza um pouco primeiro —se tornou para trás, abrindo suas calças e derramando sua ereção. O mel deslizava por sua manga. Bela observou as gotas douradas, a excitação engrossando vivamente em sua garganta. Vaughan guiou suas mãos, acima e abaixo, por toda a longitude de seu membro enquanto o doce verniz se mesclava com seu próprio pré-sêmen de cor pérola. — Sim, bem. Assim é, Bela. Assim é.

—Não, quero lhe lambe — rodeou o pênis com os dedos e passou a língua pela ponta.— ah —ele enterrou os dedos em seu negro cabelo e reclamou que se aproximasse. Sua longitude entrou em sua boca. Bela quase tinha arcadas antes de chegar a relaxar e deixar que fodesse sua boca.

Seus quadris se moviam com um ascendente ritmo espasmódico. Bela passou os dedos entre os ossos de seus quadris, riscando as genitálias com os polegares, quase transbordada em sua língua.

OH, sim, você gosta disso verdade? Pensou ela e diminuiu o ritmo de suas lambidas, retirando-se para a beira. Ele gemeu em sinal de protesto, enquanto lhe golpeava impientemente os lábios com o membro, mas Bela simplesmente foi para trás e negou com a cabeça.



—Não é agradável que lhe deixem esperando, não é assim, meu senhor? —voltou a pressionar outra vez as mãos contra suas coxas.

—Estou pensando em me ocupar de sua língua assim que acabar de fazer — a olhou com o cenho franzido, mas seus dedos ainda seguiam trabalhando seu toque mágico, para deixá-la sussurrando sobre seu peito.

—Tome-me Vaughan — sussurrou entre os fios de seu cabelo negro que caíam entre seus mamilos.

—Não acredito.

—por que não?

—Já sabe por que.

Já não pertença ao Lucerne, pensou ela, mas não se atrevia a dizer-lhe. Era muito tarde.

— Por favor, Vaughan, necessito, de verdade...

Ele a fez girar sobre seu estômago com a mão ainda lhe cobrindo a vulva.

—A resposta é ainda não —seu pênis empurrava contra suas coxas fechadas— e enquanto seu traseiro esteja provavelmente ainda sensível da viagem, teremos que nos conformar com um pequeno roçar — se levantou no deslizante calor de sua vulva. Bela rebolou e choramingou por sua proximidade.

Ele estava quase dentro dela, empurrando seus clitóris e brincando com o potencial de seu delicado ritmo. Só uma mudança leve de ângulo e ele deslizaria dentro, justo onde ela queria. Ela não acreditava que ele se afastaria. Seria muito bom. Os dois sabiam como bom seria aquilo. No passado, em Lauwine, ele a tinha tido daquela maneira sem preocupar-se pelas consequências. Tinha sido suave, embora também fosse mais vulnerável então. Levantou os quadris de novo, rogando com os espasmos de seu corpo, como se a paz que sentia começasse a irritar-se.

— Por favor, por favor...

—Não seja parva — ele seguia ainda movendo a cabeça inclusive à medida que gozava. Sua quente semente a banhou, fazendo que tudo fosse mais escorregadio ainda. Ao mesmo tempo, parecia acender as faíscas em seus clitóris. O estranho redemoinho se estendeu, esticando seu ventre e flexionando sua espinha dorsal. Enjoada pelo prazer, Bela gritou seu clímax e depois se paralisou contra a laje.

Vaughan a fez virar de novo. Sempre havia algo brilhante e terrivelmente sexy em seu rosto depois de ter gozado. Era a fragrância e o brilho de sua pele, pensou ela, e a maneira em que o cabelo se curvava em cachos apertados. Como seus mamilos se levantavam orgulhosos depois de que sua ereção descansasse.

Em que ponto de sua relação estariam no dia seguinte? Ele se escondeu sobre ela e lhe deu um tapinha em sua vulva.

—Suja — brincou. Depois ajustou as calças e se foi, deixando-a esticada sobre o chão da despensa em uma piscina de emoções e pensamentos.



Capítulo 8

Bela ficou um momento ali deitada, entre o negro do chão da despensa. A única coisa que tinha mais perto para limpar-se era a camisa dele. Uma vez que se desfez do pior da gordura levantou e sacudiu tudo até os pés. À governanta teria um ataque quando se encontrasse com aquela bagunça pela manhã, mas aguentar as obsessões do chefe era parte de seu trabalho. Ninguém mencionaria uma palavra sobre aquilo, embora possa que dedicassem a ela alguns olhares ofendidos.

Manchada e despenteada, saiu nas pontas dos pés da despensa para encontrar Raffé esperando-a, com as coxas totalmente estendidas e os cotovelos apoiados nos braços de uma das cadeiras.

—Bravo — aplaudiu ele.

Horrorizada, Bela simplesmente ficou olhando-o. Não havia dúvida de que tinha estado vendo tudo e de que Vaughan era consciente disso. Claro que sabia, se não, teria jogado Raffé a chutes.

—Esteve magnífica. Já compreendo por que Pennerley te aprecia tanto — brilhavam seus olhos enquanto lhe sorria. — Bela cobriu os seios com os braços e o olhou com ira. Por que estava sempre ali, espiando-a? —Embora possivelmente —continuou Raffé, com um sorriso sem reservas e irritantemente encantador— ele não te aprecia o suficiente.

—Descarado — agarrou a vela meio consumida da mesa e entrou na cozinha. Ah! A arrogância daquele homem, atuando como se ela estivesse representando uma cena simplesmente para sua diversão.

Embora, por outro lado, também se sentia bastante adulada.

Fazia muito frio no alto da torre norte. Bela se desfez de seu arruinado vestido e tirou toda aquela mistura com a esponja e a água do lavatório. Ensaboou seu pegajoso cabelo com um pedaço de sabão com aroma de rosa, mas inclusive aquilo não bastava e teve que recortar alguns cachos com a ajuda de umas tesouras de bordado. Não havia dúvida de que Vaughan comentaria isso a próxima vez que se vissem.

Maldito fosse! Perguntou-se se Devonshire estava ainda no piso de abaixo e que tipo de indireta infernal esperaria dele amanhã. Ao menos, não havia fantasmas puritanos que pudessem persegui-la por sua libertinagem.

Bela pegou um lençol limpo e se sentou na beira do suave colchão. Deveria ter pensado com calma nas coisas antes de ir ali, e chegar com uma estratégia em vez de confiar que o destino a guiasse. Nem sequer estava segura do que acabava de ocorrer ali abaixo. Queria ele brigar, paquerar com ela na frente de Devonshire ou o que queria? De uma coisa estava segura, necessitava de Lucerne ali, não por amparo, mas sim porque ele era o eixo de suas relações precárias. Sem ele, simplesmente passavam o tempo.



—Bela. Bela Rushdale. — Devonshire, pensou por um horrível momento e atirou puxou a colcha que lhe cobria os ombros. Para seu alívio, viu que era Henry que aparecia pela porta. — Posso entrar?

Deslizou rapidamente pela soleira com seu estilo elegante de gato.

—O que quer a estas horas, Henry? —encontrou a escova de cabelo e se sentou em frente do espelho para penteá-lo e arrumar as mechas, Pode que ao Vaughan não gostasse de vê-los em cima da cabeça, mas sim queria vê-los voando sobre seus ombros, lubrificá-los de geleia: *pode ser que não tivesse sido a ideia mais inteligente.*

Henry levantou do chão seu destroçado vestido e deu a volta para inspecionar o dano.

—Que demônios fez com ele?

—Você tampouco tem muito boa pinta, Henry.

Henry arrumou o cabelo encaracolado. Ainda usava o horrendo traje verde ao que tinha acrescentado um blusão elaboradamente bordado, como se fosse uma bata. Em termos de explosões de cor, havia pouco entre o que se podia escolher.

—Tenho que dizer que me trouxeram isto da Índia.

—Bom, o meu é um Pennerley original — sorriu Bela enquanto atacava outro dos nós de seu cabelo.

—Sim, isso é o que acabo de averiguar. Suponho que é geleia e nada mais.

Bela lhe atirou a escova.

—Que mais vai ser?

—Estou seguro de que não posso imaginar. Aqui, me permita — pegou a escova de cabelo que tinha estado perto de lhe golpear e lhe dividiu com cuidado o pegajoso cabelo em seções, antes de começar com os nós.

— Obviamente, não se arrepende de ter vindo aqui.

—Ciumento?

—Não da maneira que imagina. Eu gostaria de me manter informado sobre a mudança e Pennerley é tão instável que perderia todo o dia dando voltas como uma toupeira.

—Só tem medo de que te devore.

—Como posso observar isso é justo o que acaba de fazer contigo.

Bela umedeceu nervosamente os lábios.

—Simplesmente é que se tornou um pouco acalorado e confuso.

Henry procurou seu olhar no espelho com seus olhos verdes terra, duros e frágeis.

—Dá-se conta de que nem tudo vai bem entre eles, Bela?

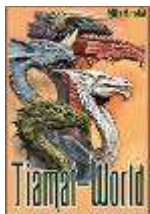
As forças que ficavam pareciam abandonar seu corpo. É obvio que sabia, mas vendo dizer fazia que parecesse mais sério.

—Simplesmente é que Vaughan está zangado pela Georgiana.

—Mas isso não é tudo.

—Veio aqui deliberadamente para me amargurar?

Henry levantou as mãos.



—É obvio que não. Simplesmente estou remarcando o fato de que Lucerne não esteja aqui, e é pouco provável que venha de boa vontade ao campo de batalha quando pode estar satisfeito ele sozinho em Londres com a senhorita St John.

—Se aborrecerá dela logo —tirou aquilo da cabeça com um golpe de pulso.

Henry deixou a escova e lhe massageou os ombros.

—Está vendo-a desde Ano Novo, Bela. Acredito que com a partida de Vaughan e a sua, procurará uma mulher para casar-se.

—O que? —Bela cambaleou no tamborete —não o fará— supunha que ele ia casar se com ela. Tinha esperado muito tempo, o suficiente. Levou uns minutos para dar-se conta de que não estava tão segura de aceitar sua proposta agora.

Henry segurou gentilmente suas mãos e as encerrou entre as suas, mas aquele gesto de afeto fez pouco para aliviar seus sentimentos de dúvida e deslocamento.

—As mães alinhariam a suas filhas frente a ele. É um bom partido, Bela. Não levará muito tempo encontrar uma senhorita delicada com uma fortuna ou um título, que esteja preparada para lhe dar uma creche inteira de meninos enquanto ele leva nas costas na metade do condado.

—Lucerne não é dessa maneira. É bondoso. —*O que estava dizendo?* O Lucerne que ela tinha conhecido no Lauwine não era assim, mas o Lucerne que tinha conhecido em Londres nos últimos seis meses sim era daquela maneira. Já não era o mesmo homem que se preocupava de perdê-la. Não importava o que Vaughan pensasse, Henry tinha razão. Tudo estava indo mau, horrivelmente mal. Não era só diferente. Sua relação estava podre.

Bela evitou Henry outra vez. As lágrimas que tinham ameaçado seus olhos na despensa pareciam estar de volta.

—Mas ele ama ao Vaughan — disse.

—Ah. —Henry lhe pôs o braço em cima do ombro, *realmente o amava?* Tinha confessado alguma vez?

A cabeça dava voltas. É obvio que não tinha feito. Lucerne nunca havia dito a nenhum que os amava. Era incapaz de fazê-lo. Era por isso pelo que todo mundo tomava como outra coisa. Pensavam que Vaughan era o do coração gelado, quando realmente era ele o furacão emocional. Lucerne era o que não podia articular palavra sobre seus sentimentos. Durante três anos, ela tinha pensado que ele a queria embora nunca houvesse dito. Nem sequer uma vez.

Cansada e amargurada, retirou a mão de Henry de seu ombro.

—Me deixe. Preciso descansar.

—Claro. Tudo te parecerá mais fácil assim que clarear o dia — se dirigiu à porta, com uns passos longos curiosamente firmes e sobre tudo sem arrastar sua bengala—. Boa noite, Bela — foi caminhando e deu a volta justo depois —só há uma coisa mais. Devonshire. A senhorita Niamh, falou dele?

—Não, Henry, nenhuma palavra. —Sorriu e desapareceu outra vez entre as sombras. — Espera — Bela correu a toda pressa pelo quarto até alcançá-lo. —Conhecia-o de antes?

—OH, sim, conheci ela faz uns anos, quando tinha uns doze anos — disse ele, com o olhar



melancólico enquanto percorria o refúgio.

—Não muito então — destacou ela. De fato, referia-se ao Devonshire, não a Niamh.

—A culpa é do Vaughan por retê-la aqui encerrada, como a Rapunzel.

Bela ficou em silêncio com discrição. *Pobre Henry*, estava claramente embevecido com ela depois de uma tarde.

—Boa noite, Henry — disse com um sorriso ansioso. Só esperava, por seu bem, que Vaughan não aceitasse aquela união, porque não queria vê-lo sofrer.

Raffe se sentou na cozinha um momento depois de que Bela se foi. Perguntava-se se tinha sido muito inteligente revelar-se diante dela. Possivelmente não, mas seu aplauso tinha sido genuíno. Não podia evitar admirar seu espírito e apetite pelo sexo. Uma pena que estivesse esbanjando com o Pennerley. Obviamente, havia algo profundo entre eles, embora ele duvidasse em chamá-lo amor. Não estava seguro de que Pennerley estivesse capacitado para isso.

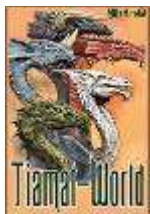
Supunha que devia deixar as coisas claras com Niamh sobre aquele tema, para apaziguar as águas. Pennerley não o havia convidado realmente para observar seu pequeno espetáculo, embora fora consciente de sua presença. Raffe passou as mãos pelo cabelo curto e se arranhou. Sabia que devia estar agradecido a sua mãe e ao Pennerley pela oportunidade que tinha de cortejar Niamh, mas Deus, não tinha desejo de deitar-se com ela. OH, era formosa e lhe daria um bom dote, mas Raffe esperava que quando ele se casasse, se o fizesse, seria com alguém que pudesse corresponder a seus desejos e não lhe mandar direto às donzelas e amantes como consolo.

Deu uma volta, agarrando o pote de geleia da mesa e enterrando dentro uma colher. Bela Rushdale era muito mais seu tipo: escultural, teimosa e determinada. Passou a língua pela parte de trás da colher, imaginado que lambia o suave fundo de seu peito. Era perfeita. Quase podia senti-la debaixo dele, como tinha estado com Vaughan, suja e ofegando seu orgasmo contra a fria laje do chão. Niamh, tinha certeza disso, não entenderia a ideia de intimidade sexual completamente vestida e em uma grande cama branca, enquanto que Bela seria uma chama viva, nos bancos de lodo de um rio ou inclusive no meio das escadas.

Com a respiração acelerada, Raffe se levantou torpemente e se dirigiu através da escura cozinha, subindo os degraus até a sala. Grandes hastes de luz de lua refletiam no chão e pintavam uma grade sobre a enorme mesa do salão. Ficou de pé um momento, olhando o final dos quatro degraus da escada. Sua imagem, inclinada com as anáguas até os ombros e suas nádegas brancas e cheias nuas, tinha-o atormentado. Com bastante certeza, turvaria seus sonhos aquela noite.

Capítulo 9

Bela despertou aquela manhã e se deu conta de que tinha tido um sono bastante profundo.



Quando abriu os olhos, viu uma criada de pé, ao final da cama, sustentando um traje fora de moda com uma aba que de fato pendurava em cima da cintura.

—É da senhorita Niamh, senhora. Disse que deveria trazer-lhe porque não estava segura de se teria algum e se perguntava se uniria a ela para um passeio rapidamente.

Uma oportunidade de explorar as terras soava justo como a distração ideal para afastar-se da impureza da cidade e escapar além do Devonshire. Bela bocejou e se estirou.

—Que horas são? —além da janela do quarto, o ar estava espesso pela névoa e a igreja se perfilava apenas como uma silhueta nebulosa.

—São quase às dez da manhã, senhora. A senhorita Niamh a está esperando no salão principal. Perdeu o café da manhã.

—Ah! —Bela jogou a um lado as mantas e rodou pela cama até sentar-se, de uma maneira que esperava não tivesse parecido muito torpe. *Dez da manhã!* Tinha pegado uns costumes muito preguiçosos de Lucerne.

A água do cântaro estava quente. Bela lavou os últimos rastros de geleia do corpo e depois deixou que a garota lhe lavasse o cabelo e a roupa. Penteou o cabelo com elaborados laços e reforçando-o na parte de cima com forquilhas. Bela olhava confusa a transformação de sua imagem. Vaughan não gostaria, mas nem sequer a tinha convidado a montar com ele. Pelo menos, aprovaria seu vestido, de cor verde garrafa e esbelto como um comprido abrigo de montar, que abotoava quase até seus tornozelos e mostrava tão só um brilho bege das anáguas. Perguntou-se inclusive se Niamh o tinha tido posto alguma vez.

—Está um pouco ajustado à altura do peito —disse a garota— posso lhe tirar as costuras.

—Não, deixa — Bela a deteve. Simplesmente deixaria alguns dos botões do decote desabotoados e mostraria um pedaço de camisa. Deu algumas voltas no quarto, encantada com a maneira em que o grosso tecido voava sobre seus tornozelos. Sim, estava definitivamente preparada para um passeio selvagem pela ladeira. Os trotes das senhoritas no parque St lambe não eram simplesmente o mesmo.

Niamh estava esperando impacientemente no patamar da porta da enorme sala quando Bela desceu.

—Ficou adormecida —lhe advertiu— vamos — agarrou da mão e gritou ao homem que havia na porta que lhes abrisse.

Desconcertada, Bela a seguiu entre a débil luz de sol da manhã. A névoa ainda persistia no topo, mas havia algumas partes de céu azul aninhando entre as nuvens.

—Aconteceu algo? —perguntou ela.

Niamh caminhava rapidamente através do pátio.

—Supunha-se que não deviam vir — o homem tinha apenas a porta aberta antes que lhe tinha sussurrando e entrasse pisando com força na ponte do canal.

Bela a seguia com mais cuidado. As pranchas de madeira ainda brilhavam por causa da chuva da noite anterior.



— O visconde Marlinscar chegou?

—Quem? —Niamh se deteve bruscamente e Bela teve que arrumar-lhe para evitar se chocar com ela—. Para montar. Supunha-se que íamos sozinhas você e eu, mas como de costume, meu irmão se digna interferir —os olhos lhe brilhavam como lascas de gelo, enquanto que as bochechas lhe ardiam, arroxeadas de fúria— é obvio que não o sugeriu, mas sempre o organiza tudo da mesma maneira. Pergunta-me que planos tenho no café da manhã e eu não posso guardar silêncio.

—E então, o que? —perguntou-lhe Bela, tentando que continuasse com sua história.

—OH, convidaram-se eles mesmos, claro — irritada, Niamh cravou o pé contra as cambaleantes pranchas.

Sem estar ainda segura de que os quais eram eles, Bela olhou através do pátio, procurando uma elucidação. Havia quatro cavalos atados no estábulo, o que significava que havia dois homens que deviam as acompanhar. Ela rezou por que não fossem nem Raffé nem do Maresi.

—Supõe-te um grande problema?

—Uf —bufou com desagrado. Seus olhos azuis se entreabriram—. Mas olhe, esquece o júbilo, aqui vêm Tristan e Isolda.

—Tristan e quem? —Bela tossiu e ocultou seu sorriso, porque Devonshire estava já atravessando a porta e dirigindo-se para elas, sorrindo.

—Lady Niamh, bom dia, senhorita Rushdale. Confio em que tenha passado uma noite agradável — se inclinou em uma reverência excessivamente baixa. Bela se girou sobre suas costas. Podia deprimir-se e arrastar-se pelos chãos e mesmo assim não lhe perdoaria por ter estado espiando a passada noite. De repente, montar lhe parecia muito menos agradável.

Henry o seguia pelas pranchas da ponte e lhes dedicou uma saudação muito menos exuberante. Não usava outra vez sua bengala essa manhã e parecia muito mais tranquilo sem levá-la arrastando ao lado de seus pés. Sorriu calidamente quando ela captou seu olhar e levantou o punho para mostrar a vara frisada que tinha pendurado artisticamente em seu lugar. O couro estava entrelaçado com laços de cor rosa e nata e combinava perfeitamente bem com sua gravata e inclusive com seus pontos de tricô, embora a estopa impedia uma confirmação imediata. Sacudiu a vara ao ar justo esquivando as costas de Raffé, o que ao menos provocou a risada de Niamh.

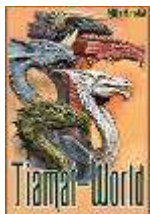
Raffé ficou rígido e olhou com ira para Henry, que a desceu lentamente, como representação de sua preguiça, até o cerco de madeira.

—Vamos, senhoritas? Antes que o tempo se estrague — Raffé se atirou da cadeira de montar do cavalo.

—Mantenha-me salva dele, por favor — sussurrou Niamh no seu ouvido, antes que os moços as ajudassem a montar nas cadeiras.

A salvo dele? *Maldita seja*, precisava salvar ela mesma!

O pequeno grupo seguia um caminho de curvas do castelo, deixando o lago ao oeste e



depois se dirigindo para o sul. Para começar, tiveram que montar dispostos em linha, sem preocupar-se pela conversa, mas desfrutando das selvagens áreas fronteiriças e do vento em suas caras. Não foi até que o caminho se extinguiu em um prado aberto que Bela aliviou um pouco o passo, desejando liberar a ambas do desconforto que produzia a companhia de lorde Devonshire. Depois do espetáculo da noite passada, não estava segura de sua discrição. A ocasião podia se dar nesse preciso momento, quando ele a despia com os olhos e imaginava outra maneira de cavalgar. *Ai, que pena*, pensou ao ficar depois da parte de atrás da égua de Niamh, e Henry passou trotando e se tornou a um lado, dando a Devonshire a oportunidade perfeita de cavalgar a seu lado.

Muito bem, obrigado Henry, —amaldiçoou para seus pensamentos.

—Acredito que tenho um rival — admitiu Raffé, com uma suave voz mas servida com um zumbido de ânimo de desaprovação.

—Um rival, por que, por rabugice?

Ele riu entre dentes.

—Ah, é assim como vai ser? Castigado por fazer uma simples adulação — seu sorriso alcançou os olhos, confirmando a certeza do que queria dizer— não me desculparei pelo que passou a outra noite. Não serei descortês. Esteve magnífica. Uma visão digna de contemplar.

—Já! —bufou-lhe ela. Uma parte de seu ser queria lhe dar uma bofetada e tirar de repente o sorriso, mas outra se regozijava com o completo.— Você supõe muito, senhor. Apenas nos conhecemos.

—Isso pode se ajeitar com facilidade.

Em resposta, dirigiu a seu cavalo um pouco mais perto dela, por isso seu joelho podia roçar suas largas anáguas. Sentindo-se incômoda, franziu os lábios e inclinou seu cavalo. Raffé simplesmente a seguiu.

—OH, é um animal! —mas era impossível estar zangada com ele quando sua risada era tão contagiosa e seu sorriso encantadoramente assimétrico. Não havia malícia em seus olhos de cor avelã quando a olhava, só brilhantes fios de mel dourado e promessas de prazer. Perderam-se na névoa um momento depois, quando a risada de Niamh chegou voando para eles na brisa.

—Pode ser que minha sorte esteja mudando.

—Por quê?

Seu áspero gesto puxava os últimos nós de ressentimento.

—Por reclamar a minha prometida.

—Niamh! —ofegou ela, seguindo o olhar que ele dirigia a seus estreitos ombros— Não! —Vá, não haviam quase falado a noite anterior e não havia nem sequer uma ponta de amizade entre eles, por isso não se podia falar do afeto.

—Não acredita que você e eu percebemos, verdade?

Bela se absteve de negar com a cabeça e em lugar disso olhou resolutamente a um lado.

—Está bem. De fato, estou de acordo.

—Então, o que faz?

Raffé levantou as palmas das mãos.



—Minha mãe espera quão mesmo eu, me converter em um filho obediente e solícito com sua boa vontade; faço o que me disseram que fizesse. —Deu de ombros—. Ela é mais que um bom partido, estão os títulos e as terras. Pennerley não mostra nenhum interesse no matrimônio, mas suponho que disso já se deu conta.

Bela o olhou com o cenho franzido. Como se necessitasse que lhe recordassem quais eram os interesses do Vaughan. Ele não tinha intenção nem sequer de curvar-se com uma mulher, havia dito em numerosas ocasiões. Uma briga com Lucerne era provavelmente a única coisa que mudaria isso.

—Não acredita que deveria ir cortejá-la? —disse ela.

Raffe tomou as rédeas em uma mão.

—Faria. O plano era apanhá-la no Halloween, o que me deixa, quanto tempo? —contou os dias com os dedos— outros dois dias. Mas o certo é que acredito que não farei — seus olhos brilhantes e travessos se toparam com os dela—. Dê uma desculpa, senhorita Rushdale... Bela e os deixarei sozinhos. É óbvio que Tristan está tão entusiasmado como eu não estou.

—E acredito que estou quase segura de que não posso imaginar o que está sugerindo.

—Não pode? —seu sorriso se intensificou.

Bela voltou a franzir os lábios e rezou para que não se ruborizasse. Podia imaginar muito bem o que estava sugerindo. *Vem para minha cama e me ajude a escapar disto. Salve-me de um compromisso ao que não me atrevo a enfrentar.* O acordo tampouco era de seu gosto.

—E o que tem Vaughan?

—Em minha opinião, só parece te usar para seu prazer.

Bela o olhou, com gesto preocupado.

—Não diga tolices.

Raffe levantou a mão para frente, de maneira teatral.

—Bem, que pena. Então, estou condenado a meus deveres — deu um golpezinho aos rins do cavalo para estimulá-lo.

—Espera, por que seguir com esta farsa?

—Mamãe pode ser muito terrível, senhorita Rushdale e embora eu gostasse de encontrar uma esposa que seja meu tipo, também tenho que ser realista. Dê uma olhada a seu redor. Tudo isto é de Pennerley. Há outras terras pulverizadas pelo país e que também são de sua propriedade.

Bela varreu com seu olhar os topos cobertos de nuvens, os bosques de cor verde escura que rodeavam as costas e as nervuras de cevada, amarelas entre as onduladas pradarias. *Era verdade que Vaughan era o senhor daquelas terras?* Provavelmente. Era marquês depois de tudo, só um degrau mais baixo que um duque e, além disso, vivia em um castelo. Mesmo assim, a ideia de que tinha vendido a sua irmã por lealdade como um suserano o fazia sentir a bÍlis na garganta. Sempre tinha acreditado que Vaughan era de algum jeito mais cavalheiro e que não aceitaria um matrimônio sem amor.

—Claro —continuou Raffe— se a dama preferir outro louco, pode que esteja persuadido a me resignar com graça. Tristan não é mau tipo tampouco.



Bela olhou para trás, ao castelo. Realmente ali estava à diferença, não estava preparada para resignar-se a viver a vida de Vaughan, com graça ou de outra maneira qualquer. Ela deveria estar aí, procurando a verdade e esclarecendo sua situação com Vaughan, e não desfrutando das vantagens de seu formoso mas irresponsável canalha.

Deu a volta ao cavalo. *Tinha tido suficiente conversa sem sentido.*

—Ei, aonde vai? —gritou-lhe Raffé, mas Bela o ignorava e dava pressa a seu cavalo para que percorresse o caminho que os tinha levado até ali.

—Você disse algo que ela não gostou? —ouviu que Henry lhe gritava.

—Evidentemente — replicou Raffé.

Por sorte, nenhum dos dois a seguia.

Ele estava no quarto de Bela. Podia respirar a fragrância dela em seus lençóis recém-alisados. Vaughan se entreteve um momento na entrada até que as criadas o viram e então se foram. Não estava seguro de se lhe assustavam suas virtudes ou seu temperamento, possivelmente seria uma mescla das duas coisas.

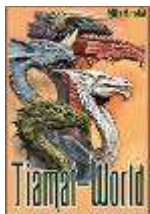
Uma vez que se foram, passeou-se e fiscalizou as mudanças que sua chegada tinha causado. Artigos de penteadeira na mesa floresças frescas na mesinha, uma mecha seca de geleia no chão. Inclinou-se para examiná-lo com um sorriso.

—Bela — seu nome escorregou da língua. Havia muito que ainda precisavam dizer-se, mas ao menos já tinham dirigido o discurso com mais ou menos obstáculos. Ela sabia que ele conhecia a história de Georgiana.

Vaughan cruzou para a janela que dirigia ao oeste e se fundiu na brisa. A névoa da manhã já estava esclarecendo, afastando-se com o claro vento outonal. A luz do sol manchava os campos e cercos e pintava janelas de céu através da superfície do canal. Imaginou juntos os três aí, sob seu refúgio. Não tinha pensado nem por um momento que aquilo poderia se danificar.

—Lucerne —sussurrou ao vento— vem para mim —jogava distraído com o cordão da cortina, enrolando-o em seus dedos e puxando até esticar os cordões da cortina. Quando o estúpido sodomita repensasse, isso era o que esperava. Ataria-o forte. Transformar-se-ia em um artista que marcasse vergonhosamente e enlouquecedoramente seu corpo, porque Lucerne estava fortemente envergonhado de seu laço com ele, apesar de seu estranho flerte público.

Vaughan negou com a cabeça, o que fez que seu negro cabelo caísse sobre o rosto. Bela ainda era mais que uma necessidade, como nunca tinha sido antes. Teria que convencê-la para que perdoasse a aquele louco. Honestamente, em que demônios estaria pensando, fazendo exibindo Georgiana diante dela? Tinha sorte de que simplesmente se foi e não tivesse colocado fogo a casa, embora uma parte dele desejava que tivesse visto o rosto. Podia imaginá-la faiscando. *OH, sim*, era cruel e vicioso. Amava a maneira em que seus olhos se entreabriam quando estava irritada, como enrugavam nos cantos, como sua boca se transformava em uma careta de desgosto de uma vez que seu queixo se erguia. “*Não*” —gemia ela e aquilo era como música para seus ouvidos.



—Ah, era aqui onde se escondia —o visconde de Maresi entrou no quarto e se jogou na cama—. Estava te buscando — se colocou de uma maneira que ele pensava que era tentadora. Vaughan apenas lhe dedicou um olhar. Estava o suficientemente irritado para ser consciente de que tinha estado lhe evitando. Pensando bem, aquele era o problema. As escadas rangeram muito e ele deveria ter tido mais cuidado.

—O que quer?

Os orifícios estreitos do nariz do francês se abriram.

—Certamente está brincando —lhe fez sorrir— todos foram montar —o olhava através de suas pestanas —e gostaria de cavalgar um momento também.

—Então deveria ter ido com eles — Vaughan fechou a janela. Deteve-se por um momento, pensando cego na multidão de penas que lhe cravavam em seu interior, afiadas como diamantes. Tinha cometido um engano ao ter aliviado sua luxúria com François de Maresi.

Tinha sido na tarde do baile de verão que os Gillrays tinham dado. Levava seis meses tolerando a paquera de Lucerne com a senhorita St John. Quando se cansou de ver as tentativas de Bela de ocultar-se atrás de seu leque, e saiu fora ao jardim. A tarde tinha sido agradável. Deteve-se em um lugar tranquilo de terreno selvagem com aroma de lavanda, na grama, longe da multidão e do matagal da nova moda. De Maresi o tinha encontrado. Tinha-o seguido. Tinha-lhe suplicado de joelhos um beijo e, ao final, tinha-lhe dado muito mais. Vaughan não tinha devotado nem estímulos nem reprimendas quando Maresi lhe acariciou com o nariz as calças, deslizando dentro e liberando seu pênis. Era somente a segunda vez que se encontrava com ele. A primeira tinha sido em vésperas de Ano Novo. Obviamente, sua língua afiada lhe tinha deixado uma impressão duradoura.

Depois de sorver seu sêmen, o idiota tinha agradecido pelo prazer recebido e depois se despiu, esperando claramente que o favor fosse devolvido. Vaughan tinha se afastado e, após, o Visconde era como sua sombra. Finalmente, ganhou sua recompensa quando apresentou a Vaughan as maravilhas da lanterna. Ah, sim. Teve que agradar um pouco mais ao francês, seduzindo-o como se fosse colocá-lo nas sujas águas do canal e jogar Devonshire com ele.

—Está me evitando desde que ela chegou — choramingou de Maresi.

—Desde que chegou quem? —Vaughan queria lhe ouvir dizer seu nome, só para ver como estrangulava a palavra, mas de Maresi se negava a jogar, fazendo em seu lugar coisas delicadas.

—Não vejo onde está a atração. Não pôde te reter em Londres.

Vaughan sorriu, lenta e abertamente, deixando que lhe curvasse o lábio superior. Sair de Londres não teve nada que ver com Bela. Teve a ver com sua prudência.

O Visconde respirou com força e se tornou sobre o colchão, um ato que enrugou suas calças de linho de cor nata e enfatizava de uma vez os ossos de seu quadril e a ereção que encerrava o tecido entre elas.

—Tem piedade de mim —gemeu — Canalha sem coração.

—Tem piedade por mim! —gritou Vaughan. Suporia um travesseiro e um coração mais frio do que realmente tinha. Mas não, tão divertido e molesto como encontrava ao francês, não estava



preparado para cometer um assassinato no momento.

De Maresi rebolou, choramingando e insinuando-se, enquanto lhe dedicava um olhar de cachorrinho. Uma bom membro duro, dizia seu olhar. Inclusive melhor que um traseiro fácil, dizia o rebolado.

A libido de Vaughan começava a se ativar, apesar de sua repulsa, embora tentava sair de em meio à sensação. Sabia que agora era ele o que estava sendo manipulado. Realmente a paquera não deveria ter sobrevivido mais à frente do precário encontro. A única razão pela que teve lugar foi pelo aborrecimento e possivelmente por um pouco de solidão. Ele queria Lucerne, mas tinha que partir. Não podia retornar a Londres e observar como se estancavam as coisas.

—Se me desejar, terá que me seduzir muito mais do que o está fazendo — disse a ele— porque tudo o que vejo neste momento é a um sapo fraco e ossudo, e muito perfumado.

O Visconde se aproximou dele, mas Vaughan o rechaçou.

—Não. Não me toque.

—Então como se supõe que... ? —suas palavras se esgotavam, mas uma luz cinza pálida lhe acendeu nos olhos um momento depois— Já sei. O que te parece se te ensino o que quero te fazer?

—Mmm —Vaughan respondeu com um grunhido sem determinação e depois observou como o Visconde se desfazia de sua roupa. Um casaco de cor amarela canário, umas calças de cor nata e um colete, meias e sapatos o suficiente para decorar cinco trajes. Vaughan era enormemente aficionado a metal adornado e à moldura, mas reservava isso para os trajes de noite. Pavonear-se em uma paisagem inglesa, quase galês, coberto por ouro não lhe daria muitos mais pontos. Virtualmente isso era o que contava e aquilo significava maciças botas, lãs quentes e tecidos finos. Mesmo assim, seu corpo não estava mau, mas inclusive aquilo não o seduzia muito. Tinha visto um sem-fim de corpos nus e, de fato, preferia-os quando ainda tinham um pouco de roupa em cima.

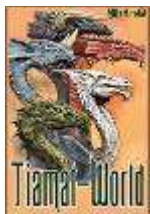
De Maresi se arrastou pela cama até deixar a cabeça repousada sobre o travesseiro, com os braços aos lados, e depois passou as pernas sobre sua cabeça, apoiando os pés contra a parede. Vaughan levantou uma sobancelha, divertindo-se vagamente pela contorção. Era interessante, mas apenas excitante observar a espinha dorsal do francês curvando-se e seu traseiro ondeando sobre sua cabeça. Estava a ponto de lhe fazer o comentário, quando de Maresi abriu a boca e fez o que parecia impossível. Meteu na boca todo seu membro ereto.

—Meu Deus! —Vaughan sentiu como lhe fraquejava a mandíbula e a exclamação lhe escapou da boca antes de poder evitá-la— Como? —aproximou-se da cama e inclinou a cabeça para ter uma melhor vista. Era incrível, como algo de um circo. Hipnotizado, caiu de joelhos e apoiou os cotovelos sobre a cama.

Supôs que aquilo explicava em parte o narcisismo de Maresi e sua incrível técnica de chupar seu próprio pênis. Montão de prática individual.

Sentiria ele o mesmo? Pensou. E por que não?

Círculos carmesim floresciam ao redor dos rastros das unhas de Maresi sobre suas costas.



Seus genitais se levantavam, avermelhados e orgulhosos. Vaughan observava como o traseiro de Maresi subia e descidia à medida que ele se chupava, enquanto balançava os quadris marcando o ritmo de seu movimento. Reconhecendo o mérito, não podia negar que agora estava interessado, de algum jeito isolado.

Observava os lábios de Maresi passear ao redor do endurecido tronco e sentiu cada gloriosa chupada como se estivessem fazendo a ele mesmo. Mesmo assim, o apetite de excitação não era muito forte para incitar à ação. Gostava de Maresi só no sentido físico da palavra, enquanto que o que realmente queria, a quem realmente queria, era Lucerne.

Vaughan passou um de seus dedos roçando a perfeição juvenil do traseiro de Maresi, cuja superfície imediatamente se precipitou. Agitava-o de um lado a outro e suas nádegas se cavavam com cada fôlego abrasador. Lentamente, sua expressão se transformou de concentrado pânico a sereno júbilo.

Sem respiração, de Maresi passeou a língua por toda a longitude de sua ereção até a raiz.

— Está suficientemente seduzido? —perguntou, enquanto golpeava o membro contra os lábios. Olhou ao Vaughan, com as bochechas acesas e os olhos famintos— *Donne moi tom foutre.*

Vaughan negou com a cabeça, sabia perfeitamente que o francês entenderia como de extremamente obscena era sua proposta.

—Por que, quando o espetáculo é tão agradável?

—Quer ver como gozo em minha boca?

Vaughan subiu pela cama e passeou um dedo pela espinha curvada de Maresi até a ponta de seu coxix.

—Mereceria a pena vê-lo.

—Primeiro me masturba — seu traseiro aterrissava firmemente nos joelhos de Vaughan.

—Sempre tão obsceno, François.

—Tenho que te rogar?

Vaughan levantou uma sobrancelha.

—Vais pedir a clemência de um inglês? —Percorreu com as palmas das mãos o V que formava a parte interior das coxas de Maresi, forçando-o a abri-los. Alcançou seu pênis e passou um dedo pela longitude tumescente até onde a ponta, brilhante de saliva, estava deixando manchas pegajosas sobre o estômago de Maresi.

—Melhor pedir isso a você que aos demônios de minha própria terra.

—Tem razão. Muita razão — Vaughan rodeou o brilhante tronco, avivando o fogo mas sem entregar muito mais.

—Não brinque comigo —rogava de Maresi.

—Estou fazendo? —Vaughan esfregou seu pênis coberto contra o traseiro nu daquele homem e foi recompensado com um gemido de satisfação. Tudo parecia muito fácil. Necessitava um desafio, algo contra o que reagir, não aquela penosa condescendência. De Maresi não despertava as vontades de lutar e nunca tinha passado pela cabeça simplesmente tomar o que tão desesperadamente estava oferecendo. Era curioso que o resto de seus homens parecessem mais



adeptos a ficar do jeito que ele desejasse.

—Termina seu trabalho, François —lhe deu um tapa no traseiro e Vaughan sustentou seu olhar até que de Maresi se curvou e começou meigamente a chupar o pau outra vez.

Sua intenção inicial tinha sido simplesmente sentar-se e desfrutar do espetáculo, mas havia algo urgente na maneira em que o movimento estendia seu precioso traseiro branco. Pode que depois de tudo, desse-lhe um pouco de si mesmo.

Vaughan puxou o frasco de azeite que guardava no bolso interior de seu casaco e cobriu o buraco do ânus de François, antes de deslizar seu polegar e destroçar seu ritmo firme.

O movimento de Maresi quase se deteve pela intrusão.

—*Oui* — ofegava ele como se seu ânus tragasse seu dedo. —*Oui... Vaughan... merci.*

O homem estava enrolado como um mole apertado e a beira do alívio.

—Temos um problema, você e eu —Vaughan trocou seu polegar por dois dedos que se curvavam enquanto se esfregavam contra as sensíveis paredes internas. — Vê? Há algo que falta entre nós, que faz tudo isto uma questão de masturbação. —Ele sorriu por sua própria brincadeira antes de acrescentar—: Não é suficiente.

De Maresi gemia, mas sua intensa fixação nunca se desvanecia. Enrugou-lhe a sobrancelha, a saliva fazia brilhar sua boca e seu membro, por isso lhe umedecia o queixo, mas seus chupadas eram o objetivo.

—Não sinto nada — Vaughan encontrou a firme dilatação de sua próstata e a acariciou com leves golpes peritos— isto não me produz nada e não encontro diversão em ter sexo com seu pequeno traseiro arrebitado —mas de Maresi já não o escutava, no caso de que o houvesse feito em algum momento. Parou de balançar-se e aliviou seu pênis. Os olhos fecharam, o brilho contornava seus traços, enquanto recebia sua ejaculação em sua língua rosada e a engolia depois.

—Vaughan — sussurrou ele. Acomodou-se deste modo no colo de Vaughan. Suas mãos lhe enroscavam no cabelo, atirando dele para conseguir um beijo.

—Não —Vaughan o afastou— te disse que não me toque — limpou os dedos na gravata desfeita de Maresi—. Pode ser que não compreenda o que vou dizer François, mas Bela não é uma ameaça para você porque não há nada entre nós. Nunca houve.

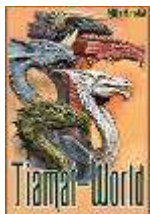
De Maresi se apoiou e o olhou boquiaberto.

—Então o que acontece? —perguntou.

—Tortura — esclareceu Vaughan e se foi do quarto. Foi ao balcão e lutou por ter um pouco de calma. Perguntou se sempre tinha tido essa dificuldade para ir. Não acreditava. Algo tinha mudado. No passado, teria ficado bem com de Maresi, riu de sua estupidez, mas teria estado mais satisfeito também. Agora, necessitava algo mais que um rosto bonito e a promessa de um êxtase fugaz para excitar-se. Tinha esperado muito tempo para isso, algum tipo de estabilidade.

—Maldita seja! —soava como se estivesse indo à deriva para o mercado do matrimônio. Exceto não era uma mulher o que ele queria.

—Lucerne — Lauwine parecia agora tão longínquo, e tampouco tinha sido fácil então. Quantas horas tinha necessitado para arrastar Lucerne até sua casa? Quantos dias? Bela só tinha



sido a batalha final de uma grande guerra e ele gostava quando treinava com ela. Ainda gostava. Adorava a incerteza que pesava sobre eles, o fato de que nunca soubesse se foderiam ou brigariam, o estremecimento que queimava seus corpos. Ela o excitava, mas era diferente, muito diferente (fechou a mão sobre o metal ovalado que golpeava contra seu peito) da maneira em que Lucerne o fazia sentir.

Ainda estava divagando com o olhar vazio enquanto atravessava o patamar, quando a porta de baixo se abriu. O olhar do Vaughan caiu na entrada onde viu Bela, observando-o, com uma expressão sombria de determinação em seu rosto. E outra vez mais sentiu, aquela faísca vital entre eles. As lembranças queimavam seu corpo. A cor era diferente, mas o efeito do casaco robusto de montar era o mesmo. Tinham passado três anos desde que ele a tinha visto, curiosa e desafiante na soleira da porta da biblioteca de Lucerne. Era formosa.

O vento tinha açoitado a cor de suas bochechas e enquanto ficava claro que uma criada tinha estado ocupando-se de seu cabelo, várias mechas tinham escapado agora de suas forquilhas e penduravam em tiras atadas sobre o rosto.

—Vaughan — respirou ela e pareceu romper seu discurso interior. Ela se apressou pelas escadas para encontrar-se com ele. — Vim para falar. Precisamos... —ela ficou gelada, com cada milímetro de seu corpo intumescido e os olhos lhe abriram de par em par, como sinal de alarme.

—Senhorita Rushdale, meu senhor — de Maresi ronronava enquanto alargava as palavras e vestia a camisa. Passou na frente deles e desapareceu pelas escadas.

—Esteve com ele — a seca acusação fazia eco nas paredes da sala—. Como se atreveu? Quero dizer, sabia... mas em meu próprio quarto! —sacudiu a cabeça com raiva logo que contida—. É pior que Lucerne — levantou a mão como se quisesse golpeá-lo, mas simplesmente abriu caminho entre ele. Vaughan a agarrou pelo braço e a trouxe de volta, o rosto frente a ele, só para que ela o cuspsisse.

Ele se limpou lentamente, depois a empurrou contra a parede e a forçou a abrir a boca para beijá-la.

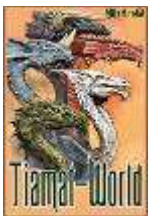
Bela lhe dava arranhões, com a garganta sufocada pela emoção. Era consciente do que tinha com de Maresi, mas tinha se negado a acreditar, não queria que a tocasse como estava fazendo agora, era como uma traição.

Viu claramente aos dois, entrelaçados sobre sua cama, como se acabasse de acontecer, e aquela consciência da situação a queimava até lhe causar náuseas no estômago.

—Vá embora! —tentou se liberar do assédio de Vaughan, mas ficou apanhada entre o cordão de aço de seu corpo e a parede. Vaughan reprimia suas lágrimas, forçando sua língua dentro da boca e a beijou com intensidade.

Ela se derreteu.

Ninguém mais a tinha beijado com aquela intensidade aterradora, com um sabor que despertava diretamente a curiosidade. Nunca poderia ter sido capaz de resistir a um beijo como esse. Nunca.



—Me deixe em paz — grunhiu ela, quando finalmente pôde retirar-se e tomar um pouco de ar.

—Ainda não — apanhou um braço com o peito, enquanto seu corpo pressionava ainda contra ela tão inflexível como o ferro, e com a outra mão as arrumou para levantar sua saia.

Sua excitação ficou exposta, Bela inclinou a cabeça, evitando sua respiração abrasadora.

—Não sou seu brinquedo, nem sequer sua querida.

—É minha amante —seu fôlego lhe inquietava o pulso na garganta—, se não for minha querida, então o que é? Uma espécie de prostituta que necessita de cama para uma noite?

Mostrou os dentes, mas ele somente riu e introduziu os dedos em seu calor. O polegar riscava amargos círculos ao redor de seus clitoris, levando-a a retorcer-se, a apanhar o ar. A excitação era tão densa que a sentia como uma dor de ventre, atando-se em sua metade interior. Seus dedos trabalhavam com habilidade, levaram-na a beira do prazer e transformaram as afiadas palavras em afiados ofegos.

Não podia falar. Sentia seu pênis repousando insuportavelmente duro contra seus lábios, tão cheios de promessas.

—Canta para mim, rouxinol. Goza — arrastou os lábios para um lado de seu pescoço e sugou. Ela não podia oferecer resistência. Fragmentos de ódio cristalizado se convertiam em tochas deliciosas de prazer. O redemoinho de seu polegar, a contorção de seus dedos, davam um prazer tão doce e luminoso, que as extremidades tremiam.

O pulso de Bela acelerou, com necessidade e espera. As arrumou para liberar de um braço e imediatamente, colocou os dedos no traseiro. Os músculos se esticavam e relaxavam à medida que apertava contra sua coxa, tomando seu prazer daquela fricção. A dança de seus corpos diminuía, à medida que o fôlego dela ficava mais profundo e raivoso. Tudo estava concentrado em seus clitoris e a ardência de seus mamilos. O mundo inteiro parecia encolher-se naquele ponto, enquanto ela ofegava entre seu peito, e seu orgasmo a deixava suave e flexível.

Bela se aconchegou contra seu ombro, com os olhos úmidos pelas lágrimas, satisfeita por um momento de somente existir em seu abraço.

—Agora, —Vaughan se desenredou de seu corpo e deu um passo para trás— nem te ocorra me dizer com quem posso me deitar em minha própria casa.

Sentiu como o sangue voltava a queimar seu rosto. Seus olhos se entreabriram e os do Vaughan também. Era esta batalha de vontades o que realmente desejava ela? Desejava o sorriso fácil de Lucerne, a segurança que lhe davam seus braços.

Vaughan era o mais excitante, o homem sexualmente mais agressivo que nunca tinha conhecido. O mais perverso, o mais exasperante, ao que doía amar.

Deus, como doía!

—Não vai vir — grunhiu contra suas costas retiradas — Lucerne, não virá. Não sente falta de você — deixando-o ferido também, pensou ela. Ele merecia toda a dor.

Sabia que a tinha escutado, mas parecia não reagir, simplesmente continuou andando através das brilhantes lascas de luz que perfuravam as persianas e as bolinhas de pó formadas



redemoinhos, até que desapareceu.

Capítulo 10

Os outros cavaleiros não retornaram até o início da tarde. Bela tinha estado descansando durante o que pareceram horas, recordando a cena com Vaughan e sua própria hipocrisia. Quando Lucerne trouxe para casa a sua prostituta, ela tinha escapado com raiva, mas quando Vaughan fez ostentação de outro amante diante dela, permitiu que ele lhe desse um clímax exaustivo. *Por que tinha deixado?*

A diferença era Vaughan.

Henry entrou na grande sala e interrompeu seu sono.

—Escapaste de manhã —se sentou em uma cadeira dourada e se desfez das botas. Com um suspiro exasperado, Bela se aferrou a um de seus saltos enlameados e o apertou— deveria ter empurrado Devonshire a um canal antes de ir. O maldito louco quase nos mete em uma briga com os vizinhos — depois de ter tirado uma bota, apresentou a Bela o outro pé—. Alguns loucos saíram de não sei onde e roubaram o cavalo de Niamh, por isso Devonshire teve que levá-la com ele. Nada de quem é você e que demônios faz aqui.

—Parecia ele grosseiro?

—Arrastou-se pelo rio. Embora deva dizer que Niamh não estava perturbada até que Devonshire preparou a vara. Então ela gritou.

Livre das botas, Henry estirou os dedos dos pés, e depois deu uma olhada a seu redor.

—Pode me passar o decantador? —Jogou um jorro de rum para cada um deles. Bela o agarrou. Sabia que era muito cedo para beber, um problema que Henry não parecia ter.

—Contaram-me uma história que pode explicar tudo, uma velha rixa, —continuou ele, tragando com toda a sede. — A tentativa de Devonshire de possuí-la e o do outro tipo.

—Tenho que supor que também está interessado nos títulos?

Henry enrolou os dedos em seu cabelo e as pontas nos lábios.

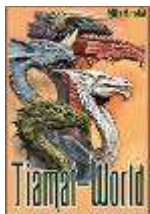
—Não posso dizer que tivesse muita oportunidade de falar com ele. O cavalo de Niamh fugiu, com toda a comoção. Estive perseguindo-o meio caminho ao Clun e depois retornei.

—E ela está bem?

—OH, sim, está em plena forma. Não a ouve? —Levantou as sobrancelhas para a sala privada—, ali, com o Pennerley e Devonshire. O maldito louco arruína suas oportunidades deliberadamente.

—Situa-se a si mesmo como bastante aberto às grandes damas, com atividades de bruxa casamenteira. Que idiota, acredita que sua reputação de descarado as manterá afastadas, mas não têm medo dele.

—E onde você se encaixa dentro da nobre ordem de campestres, libertinos e rechaçados?



—No meio — riu ele—. Ainda não me casaram com ninguém, mas tentaram —voltou a trabalhar outra vez seus pés — agora, deixa que eu tire esta ridícula indumentária.

Bela aproximou as botas e caminhou com ele para a porta.

—Deixa que a tormenta passe acima antes de lhe precipitar — avisou-o. Ela observou da porta, com os pés nus, saía com agilidade entre o barro que cobria de manchas a grama do pátio. Seu traje de montar era a coisa mais conservadora que nunca o tinha visto usar. A ideia de um Henry casto deixava muito à imaginação. Provavelmente, aquilo supunha um casaco de raias multicolorido e sapatos com fivelas de pregos rosa e, é obvio seus pontos de tricô onipresentes.

Observou outra vez as janelas da sala privada. A animação se apagou agora em um silêncio doloroso.

Bela estava na metade de caminho pelas escadas, quando Niamh chegou correndo do salão, com o rosto coberto de lágrimas, mas com uma expressão claramente desafiante. Segurou-se forte do braço de Bela e a puxou.

—Vem comigo.

—O que passou?

—Direi isso uma vez que estejamos afastadas do castelo. —Atravessaram a terra enlodada e viraram à esquerda, para a igreja. —Não te culpo por haver ido. Sei que está apaixonada por meu irmão e que inclusive um minuto de sua companhia é preferível há horas com Raffé, mas, Bela, teria gostado que ficasse —soltou uma exclamação em voz alta—. Não deveria te haver carregado com ele, mas estava zangada porque o deixaram só e não podia aguentar escutar nenhuma de suas ocas palavras carinhosas. Juro que é o homem mais arrogante que nunca conheci e o conta tudo a Vaughan, que agora está furiosamente zangado.

—Contar o que? —perguntou Bela.

—Porque me encontrei com o Edward, claro.

—OH, assim estava planejado. Sim, já compreendo agora por que não queria que eles viessem.

Alcançaram a parede da fronteira igreja, onde uma porta privada coberta de musgo levava a interior do cemitério da igreja. Niamh seguiu por um caminho através das lápides, até uma tumba deteriorada.

—Minha avó —disse ela— sempre sabia como fazer as coisas bem. Também sabia como dirigir Vaughan.

—Deve ter sido uma senhora impressionante.

Niamh assentiu, baixando o olhar.

—Bela, já sei que quase não nos conhecemos, mas espero que possa confiar em sua amizade. Deus sabe que necessito de alguém que me ajude a dar sentido às coisas.

—Continua, estou escutando.

Entrelaçaram os braços e começaram a caminhar outra vez.

—É culpa de Vaughan. Está comportando-se como um porco horrível. Deus, não tivesse



voltado para casa nunca — deram a volta à esquina da igreja e seguiram o caminho para a distante porta—. Tentei fazer as coisas bem. Edward chamou logo que Vaughan voltou e lhe perguntou oficialmente se podia me cortejar, mas Vaughan disse que não. Acusa a Edward de ser um caçador de dotes e me disse que queria vender a mim mesma, convidaria a alguns candidatos mais convenientes.

—Por isso Raffé está aqui?

—Sim, e Henry, embora ele não seja tão mau, e estão comprometidos a ser os anfitriões de outros que estão convidados à festa. Será assim, aqui, Niamh vem e entretém ao barão Pênis, a lorde Lascivo e sem esquecer ao duque Bem Dotado.

Bela soltou uma gargalhada. Perguntava-se se o duque Bem Dotado, realmente teria uma boa punção e se sua habilidade o deixaria em um bom lugar. Bem, que pena, provavelmente seria um autocrata arrogante como o resto de seus amigos, a quem gostaria de jogar na mesa da sala, embora, com sorte, um deles atrairia a atenção de Niamh.

Bela tirou da cabeça a risada e se concentrou em uma expressão mais séria. Não queria que as pessoas não pudessem confiar nela. Era a pessoa equivocada para dar conselho, e suas próprias ações deixavam isso a entender. Sua melhor sugestão para Niamh era fugir, mas Vaughan nunca a perdoaria se ajudasse na fuga de sua irmã, assim, com tato, manteve a boca fechada.

—Quase não nos vimos nas últimas semanas —dizia Niamh —tentei lhe avisar antes, mas Raffé saltou em cima dele. Acredito que Vaughan pediu que me vigie —se deteve bruscamente e deu um grito de assombro—. Edward!

Um homem fraco com um casaco azul escuro na moda e umas calças de cor nata estava sentado na entrada do cemitério.

Niamh levantou as saias e correu para ele. Bela também as agarrou, dando-se pressa um momento e depois se detendo cautelosamente. Não tinha vontade de desempenhar o papel de acompanhante, e Vaughan e ela já estavam brigados para que fizesse parte daquele tórrido encontro.

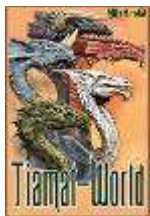
Decidiu guardar distância, deixou o caminho e passeou sem rumo pela fileira de árvores. Parecia raro que Vaughan, quem valorizava tanto sua liberdade, pudesse ser tão sem piedade e ditatorial com sua irmã.

Nas tumbas embaixo os sombreados ramos estavam dispostos em duas fileiras assimétricas, retângulos de pedras com grama crescendo sobre elas no centro e ramalhetes de flores ao pé. Mais à frente, levantava-se uma fila de rosas, cada uma pendurando de um aro de ferro, como se alguém pretendesse manter afastados a duendes e fadas. Bela passou o dedo pelas inscrições oxidadas e se perguntou se deveria ficar ali ou era melhor se perder entre a obscurecida porta.

—Vejo, vejo... uma ninfa gordinha que eu gostaria de provar —duas mãos se fecharam sobre seus olhos. Bela gritou e se deu a volta rapidamente, golpeando os pés do assaltante no processo.

—Devonshire — grunhiu ela, enfrentando seu encantador rosto. A quem teria seguido, a ela ou a Niamh?— Suponho que está contente com o que tem feito.

—Inteirou-se? —Retrocedeu com lentidão alguns passos enquanto golpeava a mistura de



folhas douradas e laranjas. — Em minha defesa tenho que dizer que simplesmente estou obedecendo a ordens dadas por meu anfitrião.

—Bom, pois agora já não poderá tê-la.

—Uma perda que como saberá não vou lamentar. —Bela lhe deu as costas. *Pobre Niamh*. O que tinha de mal no Edward para que não pudesse estar com ele?

—Bela, você me odeia? —suas palavras deslizavam como melaço por seus ouvidos, enquanto passava a mão pelo seu traseiro, por isso a grossa roupa pegava às curvas.

—Senhor Devonshire — Bela virou de novo sobre si, desta vez enviando uma chuva de folhas no ar—, não se atreva a me tocar.

Deu-lhe um forte empurrão, forçando-o para trás, até que finalmente se golpeou contra o tronco de uma árvore proeminente, perdeu o equilíbrio e se deu um estrondo em uma das tumbas mais baixas.

As folhas de outono davam voltas ao redor dele, folhas de cor vermelha, laranja e amarelo entardecer, como um edredom de mosaicos. Ele gemeu e Bela cruzou a seu lado. Não estava segura de se realmente estava ferido ou fingindo para ganhar sua simpatia, mas mesmo assim, não estava arrependida. Havia ferido Niamh.

—Levante — disse repentinamente.

Raffe soltou um segundo gemido de piedade.

—Senhor Devonshire — se inclinou sobre ele e lhe deu um golpezinho no ombro com seus dois dedos.

—É lorde Devonshire — seus olhos pestanejavam.

—Não até que lhe mereça isso. Deveria te dar uma bofetada por Niamh.

Uns fortes braços a rodearam pelas costas e a puxaram para baixo, em cima dele.

—Preferiria que me desse um beijo de sua parte — levantou uma perna sobre ela e a pôs atrás das costas.

—Tire as mãos de cima de mim!

—Não, até que tenha meu beijo — esticou sobre ela como uma serpente, com seus quadris pressionando de forma excitante contra seu cobertos genitais.

Impactada, a objeção ficou presa na garganta. *Como se atrevia?* Era presunçoso até o limite, embora curiosamente divertido também.

—Aham?

Raffe ficou gelado pela réplica e Bela escorreu debaixo dele. Vaughan se erguia sobre a sombra da figura deteriorada de um anjo, com a indiferença retratada em seu rosto. Sua vestimenta escura ondulava na brisa, deixando que seus negros cachos caíssem sobre seus ombros.

—Onde está minha irmã? —perguntou com frieza—. A vi atravessar a porta da igreja não faz mais de cinco minutos.

Bela se levantou. Obviamente, tinha ido à igreja pelo caminho oposto, de outra maneira teria visto Niamh. Não havia maneira de avisá-la. Inconscientemente, seu olhar se dirigiu para o



refúgio de madeira, só observável justo entre as árvores.

—Bela? —inclinando-se sobre ela, Vaughan levantou seu queixo com a pressão de seu polegar e olhou aos olhos. Ele era indecifrável, coberto pelos mesmos segredos que com regularidade tinha encontrado naquele lugar.

—Não sei.

Ele a deixou partir, mas estava segura de que tinha lido o engano em seu rosto.

—Está com o dandi⁷ de Edward Holt?

Certamente o tom de sua voz a delataria, assim Bela simplesmente deu de ombros. Voltou a dirigir o olhar para a porta e desta vez, ele se deu conta do movimento.

—Não está lhe fazendo nenhum favor protegendo-a.

Foi, fazendo ranger as folhas.

—Edward. Graças a Deus — a preocupação em sua voz parecia castigar a brisa de outubro. Niamh se lançou a seus braços e o abraçou com força. Edward a embalou.

—Estou bem, estou bem.

Niamh o olhava, perguntando-se. Aos vinte e quatro anos, Edward Holt era um homem de aspecto delicado, e ele sabia. Usava um casaco, na moda e assinado pelo próprio alfaiate do Brummell, e umas botas bem polidas até o último milímetro. O resplendor de seu rosto sempre tinha subido seu ânimo, da mesma maneira que tinha ocorrido o dia que se conheceram. No cemitério da igreja tinham estado intimando, desfrutando de sua companhia imprevista e celebrando-o com um piquenique do verão entre as lápides. Havia feito para ela um cordão de margaridas e ele a tinha prendido ao redor de seus pulsos, unindo para sempre sua amizade.

Não é que simplesmente tivessem sido amigos muito tempo. Quando as flores do verão deram lugar às quedas outonais, tinha roubado um casto beijo e depois outro, até que algum bisbilhoteiro se intrometeu em sua relação e tinha contado a seu irmão.

Vaughan voltou para Pennerley justiceiro e louco. Inclusive antes que Edward chamasse, Niamh já sabia que a resposta ia ser não. Seu irmão não era feliz e se ele não era feliz, se asseguraria de que ninguém fosse.

De maneira que ela o amava e o odiava de uma vez. Ele a tinha abandonado, tinha-a deixado sozinha enquanto percorria a Europa. Não tinha se preocupado por sua solidão, embora sim, por lhe proporcionar tudo o que queria.

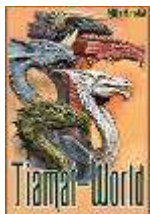
Edward lhe prometeu sociedade, uma casa em Londres, emoções.

Niamh procurava o calor de seus convincentes olhos marrons.

—Meu amor — sussurrou ele. Uma marca avermelhada, corria na maçã do seu rosto esquerdo, resultado da brutalidade de Raffé. Ela nunca se casaria com um homem que fora capaz de pegar a alguém dessa maneira.

Seus dedos riscaram o ar sobre sua ferida. Embora a pele estivesse intacta, o inchaço estava

⁷ Homem presunçoso e/ou arrogante, muito vaidoso.



arroxeado.

—Não é nada. Um pequeno preço que pagar por ver você.

Niamh ficou nas pontas dos pés e deu um delicado beijo em sua ferida. Ele se voltou e a abraçou contra seu peito. Sem estar completamente satisfeito com suas castas carícias, dirigiu a boca até a sua, moldando seus duros lábios contra a suavidade dos de Niamh.

A sensação se derramava por sua garganta como hidromel⁸ quente. Absorvida por algum tipo de febre, tremiam seus lábios à medida que ele pressionava sua língua dentro de sua ansiosa boca, com carícias atrevidas e conscientes que a convidavam a lhe corresponder.

Anteriormente, quando ele ficava amoroso daquela maneira, lhe jogava para trás, lhe aliviando com doces palavras e promessas de uma noite de bodas mas, aquele dia, a raiva que sentia por Raff e Vaughan a possuía com tanta firmeza como a língua do Edward e, lentamente baixou a guarda, deixando que ele a guiasse para o seguinte passo.

Vaughan não poderia negar-lhe tudo. Não poderia lhe negar a influência ébria de um corpo sobre outro. Embriagada, rendeu-se a Edward. Enquanto ele desabotoava a parte dianteira de seu vestido, ela oferecia um suave assobio de avaliação, que se repetiu um momento depois quando Edward apanhou seu mamilo na boca.

Ela era conhecedora de que ao final, alguém acabaria vendo-os, mas não lhe importava. A sensação que produzia sua boca quente sobre seu seio, era muito excitante. Ele se inclinou para trás, soprando um pouco de ar frio sobre seus lisos mamilos e depois os lambendo com a língua.

—Sei minha, Niamh. Diga o que quer. Não posso esperar —sua língua brincava com precisão implacável— diga que virá comigo.

Ela lutou por respirar e esclareceu suas ideias quando sentiu seu joelho pressionando fortemente entre suas coxas.

—Não posso, já sabe. Não posso.

—Se você quiser, te perdoará.

—Edward, não. Repensará, só temos que ter paciência. —Corriam muitos riscos se escapavam. A reputação de seu irmão não era um mito. Já tinha assassinado a alguém e tinha as cicatrizes para demonstrá-lo. —Não me peça que faça isto.

—Então, se não puder, me dê outra coisa.

Ela sabia ao que ele se referia e tremeu com a ideia. Edward queria reclamá-la, possuí-la e depois unir-se a ela. Por um momento, ela acreditou ver algo em seus olhos, em sua postura, a maneira em que seus músculos se esticavam era o que o fazia tremer com algo mais que luxúria, mas ele voltou a lhe apanhar os lábios e aliviou seus medos.

A mão dele se abriu caminho entre as várias abas. O roce da ponta de seus dedos sobre a pele nua na parte de cima das saias, fez sentir um calafrio tão afiado no ventre que quase a fez gritar.

—Tranquila, carinho — a acalmou ele e a silenciou com uns beijos tão intensos que parecia

⁸ Bebida alcoólica fermentada à base de mel e água. Consumida desde a antiguidade, antecessora do vinho.



que ia escovar seus lábios, beijos que choveram sobre ela como uma corrente, deixando-a ofegante e vencida.

Ele a abraçou com mais força e a fez avançar pelo atalho até o estreito banco de madeira que corria a longitude da entrada do cemitério, e a inclinou a sua vontade. Suas mãos pareciam estar em todas as partes, pressionando em sua região lombar, guiando seus quadris, encontrando a abertura de suas calças elásticas e o amadurecido e dilatado prêmio que se escondia baixo dele.

Ela não olhou quando ele tirou seu pênis, suave como o veludo e curiosamente masculina, mas sim enrugava os olhos, quase fechados, quando sabia que ele a guiava entre suas pernas abertas.

—Agora — disse ele, e ela sentiu sua entrada, tão intensamente, tão exigente. Não tinha querido que acontecesse assim, ao ar livre, enquanto estava torpe. Retorceu-se contra seu corpo, voltando a ter as mesmas dúvidas. —Tranquila — murmurou ele, mas havia impaciência em sua voz. Tentou levantá-la, para lhe alinhar o corpo com o seu.

—Não — choramingou ela, mas ele pressionou seus lábios com uma mão.

Ela sacudia os quadris quando ele tentou penetrá-la, mas em lugar disso deslizou entre suas pernas.

Niamh gemeu. Durante uns momentos incertos só sentia a pressão do corpo do Edward, e depois ele soltou um uivo de surpresa e a pressão desapareceu. De repente, ela estava rosto a rosto com Vaughan, expondo sua libertinagem, enquanto seu irmão sustentava ao Edward pelo cabelo.

O mundo pareceu deter-se e depois a realidade lhe golpeou. Vaughan lançou ao Edward ao chão e lhe pôs uma pistola na cabeça.

—Sugiro-te que corra e muito rápido.

—Vaughan, não! — gritou ela.

Edward, sem olhar para trás, correu a grande velocidade pelo cemitério da igreja.

O tempo parecia passar muito lento enquanto Vaughan levantava o gatilho, deixando-o em seu lugar fazendo um pequeno clique. Apontou. Niamh tentou evitá-lo, jogando ao lado de seu irmão. A explosão resultante lhe fez retumbar os ouvidos e têmporas. Aterrada, observou como Edward tropeçava e depois começava a coxear, com uma mão obstinada à coxa.

—Edward! — gritou ela.

Vaughan a agarrou do pulso para evitar que saísse atrás dele.

—Disparou nele.

—Agarraste-me o braço. Tem muita sorte de que não o tenha matado — ele jogou seu vestido até lhe cobrir a pele nua—. Vista-se.

Com os dedos tremendo, arrumou para fixar as cintas e os botões. Só quando ele a fez girar de caminho à igreja, deu-se conta de que Bela e Raffae tinham sido testemunhas de sua vergonha.

—Você não entende. Nunca amou a ninguém — soltou ela irritada.

Vaughan a olhou, com os olhos em chamas.

—Entendo perfeitamente. Esse homem é um libertino incorrigível e só te quer pelo dinheiro.



Acredita que não o aceito somente por te incomodar?

—Acredita que ele não vai atrás de mim só por meu dinheiro? —olhou ao Raffé que estava apoiado contra uma lápide coberta de hera, mostrando indiferença—nem sequer finge que gosta.

—Exato. Nunca fingiu que gosta, que é tudo o que faz um bastardo.

Com os nervos a flor de pele pelo com o que acabava de acontecer, Niamh cuspiu sua raiva em uma fileira de palavrões que tinha aprendido com Vaughan, mas ao final não se sentiu melhor, só insensível e morta.

—Terminou? —perguntou Vaughan.

Um sentido repentino de cansaço terrestre a alagou. Ela assentiu.

—A próxima vez que alguém tente pinçar entre suas pernas, tenha a sensatez de fazê-lo ajoelhar-se.

—Recordarei que devo encontrar um marido que seja de seu gosto.

Vaughan levantou a sobrancelha, a diversão começava a atirar de seus lábios para cima.

—Esse, minha querida irmã, é seu privilégio.

—Não ria de mim.

Ele riu a gargalhadas.

—Detenha. Chegou inclusive a pensar que estava me divertindo? Eu o desejava.

—Claro que o desejava. Se houvesse uma paixão real entre vós, não tivesse estado com as pernas abertas contra uma porta podre. Tivesse estado pulando em uma cama de folhas e, com pistola ou sem pistola, ele tivesse tido o valor suficiente para enfrentar a mim. Atribua-me um pouco de habilidade.

—Tudo do que é consciente é de sua satisfação egocêntrica.

Por um momento, Vaughan se ergueu. Depois uma rajada de humor sádico se agitava nas profundidades de seus olhos violetas.

—Acredito que é hora da lição.

Movia-se tão rápido que a tinha subido sobre seus ombros antes que ela pudesse reagir e, depois, só pôde lhe golpear as costas com seus punhos e rezar para que não deixasse cair sua cabeça em primeiro lugar, sobre o pátio de pedra gretado.

—Paixão — disse ele, rindo— vejamos quanto posso tirar de caminho de volta ao castelo.

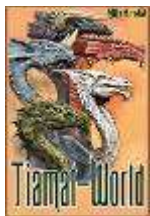
—Desça-me — gritou ela.

Vaughan corria, ignorando suas sacudidas e seus gritos. Começou a girar sobre si mesmo até que a pedra e a grama se converteram em uma mancha e cambaleou ebriamente sob seu peso. Ao final, deixou-a em cima da tumba de sua avó.

— O que diria ela Niamh, se tivesse pegado você assim, em público?

Enjoada e envergonhada, Niamh negou com a cabeça.

—Discrição, querida garota — voltou a rir e deu uma palmada contra a pedra— só faz aquilo que te faça sair impune — ele a apertou com seu abraço, pressionando a testa contra ela—. Não tem por que ter ao Raffé. Não tem por que ficar com nenhum deles —ele a beijou— me diga o que quer e eu lhe proporcionarei isso.



—Edward — disse ela.

Vaughan negou com a cabeça.

—Não, ele não.

Bela sentia como o coração lhe derrubava quando ouvia Vaughan rir. Às vezes era um porco, mas não podia seguir zangada com ele muito tempo. Por agora, ele parecia haver-se esquecido dela. Nem sequer tinha comentado sua postura sob Raffé.

Atrás dela, as folhas rangiam à medida que Raffé se levantava da lápide.

—Uma cama de folhas —refletiu ele— este é um sinal que nos indica que estamos destinados o um ao outro — escovou o cabelo da parte de atrás de seu pescoço e pressionou os lábios contra sua pele—. Retornamos a nossa árvore e acendemos o fogo?

—Alguma vez se rende, verdade?—disse ela.

—Não, que pena. Tenho que te ter ou morrer.

Ela aguentou seus beijos até que chegou à clavícula, então o afastou.

—Por que deveria me sujar contigo?

Raffé a agarrou pelo pulso.

—E por que não o faria? Confessa que já está um pouquinho seduzida.

Possivelmente estava. Ele era moderadamente encantador e muito menos complicado que Vaughan. Tinha havido um tempo em que teria se jogado em seus braços sem duvidar nem um segundo, sem preocupar-se pelas consequências ou sem preocupar-se por sua reputação. Mas as coisas tinham mudado agora. A promessa de uma consumação rápida não era suficiente, não importava quanto desejasse a penetração que Vaughan tinha negado ela.

—Já tenho um amante excelente.

Começou a andar, seguindo os passos de Vaughan de volta para o castelo. Raffé a seguia.

—E quem é ele? —perguntou-lhe— Não será Pennerley?

—Sim, e sabe perfeitamente.

Inclinou-se, com as mãos apoiadas nos joelhos, e se pôs a rir.

—Ele não te pertence. De verdade que não.

A ira percorreu todo seu corpo e culminou em seu crânio. Sua pesada saia de montar se amarrava a seus tornozelos e se voltaram dobras verdes à medida que ela os carregava.

— Sim —grunhiu ela—. Sim, maldito seja, sim que é.

Devonshire enrugou os lábios.

—Já veremos.

Capítulo 11

Bela voltou e encontrou o castelo avivado pelas vozes e uma fila de serventes transportando



troncos na carruagem entre a casa e a torre de entrada. Raffe pisava nos seus calcanhares, assim continuou e se dirigiu a grande sala. O caos também reinava ali.

A abóbada, que normalmente produzia eco, transformou-se com uma manada de meninas e uma costureira. Os chapéus e os xales penduravam dos móveis e as caixas de sapatos adornavam as cadeiras. Alguém tinha aberto as persianas, deixando que a luz do dia penetrasse dentro.

—As Allenthorpes —disse Raffe— sintam-se aliviadas de que só se apresentaram as quatro.

—Por que, quantos são? —perguntou Bela, intimidada pela devastação que tinham causado tão poucas pessoas.

—São nove em total, oito garotas e Gabriel — assentiu ele, enquanto olhava para o homem jovem de cabelo dourado que levava do braço a uma mulher amadurecida com olhos negros azeviche e um nariz — Aquela romana é a senhora Alvanley, ou a tia B, como todo mundo a conhece. Surda como uma taipa e antigamente conhecida por sua má fama, se o rumor for certo.

—Você acredita?

Raffe deu de ombros.

—Será melhor que pergunte a de Maresi, tem relação com elas.

Será melhor que não, pensou ela e olhou as costas com o cenho franzido.

—Ele ficava com elas em Londres, verdade?

—Isso. Veio da França em um dos navios do pai das Allenthorpes e, após, sempre se preocupa de sua hospitalidade. Bom, ao menos até faz quinze dias, quando repartiu o lote com o Pennerley.

Aquele comentário lhe trouxe para a memória o incidente das escadas com uma clareza irritante. Deu-se conta em seguida de que o Visconde se trocou. Sua roupa de cor nata tinha sido substituída pelo tecido fino de cor negra, esquisitamente bordado nos bolsos, o pescoço e os punhos da camisa e abas.

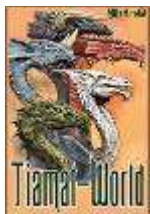
Henry, também, pôs um pouco de roupa mais decente, um traje de seda a raias de cor escarlate com um casaco que contrastava, de uma cinza toupeira. Ele deu a volta e a luz apanhou o tecido, revelando o desenho de umas donzelas emocionadas, dispostas em casais, um motivo que aparecia também em seus botões, cobertos de tecido, e em sua gravata.

—Parece que estou um pouco apagado — Raffe pressionou seu ombro com a mão—. É cedo ainda para trocar-se para o jantar, mas eu gostaria de me preparar — se despediu com uma rápida inclinação de cabeça.

Bela o observava subir as escadas, perguntando-se se ela também deveria trocar-se. Niamh se sentiu aliviada ao vê-la, usava ainda seu traje de montar e sua postura era inusualmente rígida. Pode ser que a risada do Vaughan lhe tivesse subido um pouco o ânimo, mas presumivelmente não ia dar seu consentimento.

Começou a mover-se pela sala, mas antes de alcançar Niamh, Henry a agarrou pelo braço e a levou com as Allenthorpes, fazendo as devidas apresentações.

Alicia, Mae e Fortuna foram os nomes que pôde memorizar, respondendo com as saudações precisas, enquanto Niamh se movia tristemente ao redor do círculo.



—Deve nos contar tudo o que sabe sobre a festa — emitia Mae, a mais jovem, uma garota preciosa e metida em carnes—. Henry não dirá uma palavra.

Henry levantou as mãos, arrastando ainda sua onipresente bengala.

—Hei-lhes isso dito senhoritas. Estou igual a vocês. Não ouvi falar nem Pennerley nem a seus fantasmais antepassados.

—Visconde — disse Alicia —você deve saber algo.

—Que pena, jurei guardar o segredo — disse de Maresi, enquanto se retirava a uma distância mais segura com o Gabriel e um decantador de vinho na mão. Bela se perguntava cinicamente se teria tido relações com o jovem homem e se a nova chegada distrairia sua atenção de Vaughan.

—Demônios! —Mae deu um golpe no chão com o pé— quão único quero que me digam é que sais aromáticas da tia B posso levar.

—OH, as mais suaves — disse a maior seriamente— não lhe fará mal estar sem conhecimentos uns minutos mais — enquanto as garotas riam, Henry arqueava as sobrancelhas.

—Não perguntarei por que está aqui, senhorita Fortuna — acrescentou ele.

Golpeou-lhe coquetemente com o leque.

—Sabe perfeitamente bem — voltou a sorrir, mostrando suas covinhas—. Pai estava contra isto, disse que não deveria estar exposta a um demônio como Pennerley, mas tia Beatriz o convenceu. Acredito que mamãe queria vir, mas está muito ocupada organizando as bodas de Sarah.

Henry sorriu generosamente enquanto as duas garotas davam suspiros de maneira teatral.

—Ainda insistem eles em que se case com o Héctor Maclane?

O sorriso e covinhas de Fortuna se transformaram em uma careta petulante.

—Não quero. Já disse a meu pai. Esse homem é um aborrecimento e um bruto. Também disse que preferia Pennerley, tem melhores qualidades.

—E um castelo muito grande...

—E uma reputação muito presunçosa — riram as outras duas menores—. Tunie só quer ser devorada por um lobo.

—Ou um vampiro...

—Ou um espírito maligno...

—Ou um fantasma... —ambas levantaram as mãos como garras e as dirigiram para ela, fazendo que Fortuna caísse ao chão pelo susto, chiando e saltando.

—Garotas — corrigiu a tia Beatriz—. O que pensará nosso anfitrião? Acalmem-se imediatamente, tenhamos um pouco de decoro.

Patinaram até deter-se, ficando limpamente em fila antes que ela as inspecionasse.

—Não teremos mais conversas lascivas. Se Lorde Pennerley se fixa em vocês, devem responder de uma maneira apropriada. Enquanto isso guardarão suas estúpidas ideias sobre o matrimônio e sobre os fantasmas.

Embora a reprimenda não estivesse orientada para ela, o coração de Bela deu um tombo. Os



sermões de Joshua só lhe tinham provocado desafio, mas a tia Beatriz falava em um tom que cortava a respiração, deixando a aquelas três com a boca aberta e de cor vermelha. Todas inclinaram a cabeça e lhe fizeram uma reverência respeitosa.

Niamh deslizou o braço no de Bela e a levou para a janela.

—Não se preocupe —a aliviou ela— não tem nenhuma possibilidade. Ele nem sequer lhes deu as boas-vindas ainda.

Não precisava perguntar do que estava falando. Vaughan estava notoriamente ausente, a pesar do fluxo de convidados.

—A nenhuma?

—Acredito que Gabriel recebeu uma pequena saudação.

—Bom, suponho que estava um pouco... —lutou por encontrar o termo adequado, que não chegou a aparecer.

—Esteve horrível —acrescentou Niamh— brincou completamente com meus sentimentos e esteve rindo todo o caminho de volta — colocou as mãos no rosto—, nunca me senti tão envergonhada.

—OH, que vergonha? —disse Bela— a única vergonha é que ele interrompeu Edward enquanto estava te dando prazer. Atrevo-me a dizer que te tivesse arrancado mais de um sorriso se lhe tivesse continuado fazendo isso.

—Bela, tem que ser tão crua? —um rubor delicado de cor coral se iluminou em suas bochechas e peito. Ofereceu-lhe um tímido sorriso que se desvaneceu muito em breve—. Oxalá Raffe não tivesse me visto. Temo o que possa fazer agora.

—O que pode fazer?

—Pode arruinar minha reputação. Provavelmente o fará se não aceitar me casar com ele. Pediu-me isso a outra noite no salão, sabia?

—Só falou uns segundos — Bela se esforçou por não refletir sua incredulidade com a voz. Tinha-lhe proposto matrimônio e esperava que ela fosse sua amante. Não tinha dado suficiente crédito a suas palavras. Era um completo descarado. Que pena que ela sentisse debilidade pelos descarados.

Com os lábios firmemente enrugados, Bela se acomodou em um dos assentos perto da janela. Niamh a seguiu e se sentou em frente dela.

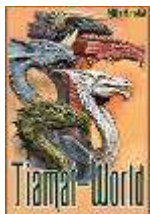
—O que disse Vaughan sobre isso?

—Que não preciso estar com ele, mas que tampouco posso estar com o Edward, e que será menos bondoso se me pega fazendo de louca com um homem outra vez. —As linhas de expressão lhe faziam franzir o cenho, o que Bela tentou dissimular passando o polegar pela testa.

—Não há nada de que preocupar — assegurou ela—. Nada mais tem que e assegurar de que nunca te pegue.

Aquele comentário a fez rir, mas passou em seguida. O olhar de Niamh voltava a dirigir-se à janela. Uma manada de gansos separava do canal, fazendo que a água ondulasse.

—Espero que ele se inteire de algum jeito, não estou segura se quero passar pelo mesmo.



Bela olhava de esguelha aos gansos, totalmente confundida.

—O que quer dizer com isso?

—Nunca pretendi ir tão longe. Só estava satisfeita sabendo que Edward estava bem depois de que Raffé o golpeasse.

—Niamh tentou te forçar?

—Não —agachou a cabeça— não estou do todo segura, aconteceu tudo tão rápido.

Bela compreendeu em seguida que sua situação se tornou um pouco mais complicada. Se Vaughan tivesse suspeitado que sua irmã não tivesse estado disposta de maneira nenhuma, teria disparado para matar e Niamh tinha que ser consciente daquilo. Ela pareceu reagir à perplexidade de Bela.

—Está bem — disse Niamh— É que estou confusa. Desejava-o, de verdade que sim.

Bela se perguntou se estava tentando convencer-se a si mesma. Possivelmente Vaughan tinha razão sobre o Edward. Se tivesse tomado sua virgindade, então poderia haver-se situado em uma posição mais forte para reclamar sua mão, enquanto podia servir-se de sua reputação para chantageá-lo.

—Bom, se estiver segura — disse ela. Desceu da poltrona—. Acredito que vou me trocar para o jantar —os outros convidados ainda se entretinham ao lado da lareira—. Não se preocupe. Tudo irá bem. Falarei com o Vaughan e verei se posso exercer algum tipo de influência.

A oferta foi recebida com uma aprovação silenciosa e uma tímida inclinação de cabeça. Enquanto Bela subia as escadas até seu quarto, refletiu sobre a oferta. Falar com Vaughan era muito difícil naquele momento, sem ter que tirar sequer outro tema de conversa suscetível. Mas ela queria ouvir a verdade sobre o pretendente de Niamh.

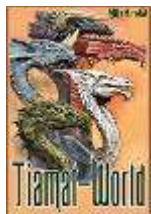
Quando Bela se foi, Niamh começou a perambular pela sala. A poltrona da janela não podia retê-la quieta.

Caminhava, cinco passos adiante, cinco passos para trás, depois dez passos. *Edward estaria bem?* Recordou-se de que lhe tinha disparado à perna, mas mesmo assim era fácil de confirmá-lo. Teria tropeçado antes que a pistola disparasse?

Recordava seus beijos, o sentimento de seus lisos lábios movendo-se contra os seus, suas línguas mescladas, e depois outras revelações mais profundas, o conhecimento do ato realizado pelos amantes. A resistência imprevista de sua parte. O impacto que lhe produziu a chegada inesperada de Vaughan a tinha enviesado. Ele tinha remarcado a falta de paixão que tinha encontrado. Isso não era verdade, ao menos, de parte do Edward. Ele se tinha posto admiravelmente à altura das circunstâncias. Qualquer falta de entusiasmo viria dela.

Gostava de seus beijos, mas estava mais encantada do simples deleite de ter um companheiro no que pudesse confiar e que pudesse ocupar-se dela. A conversa de Edward a excitava mais que suas carícias. Sua cercania lhe oferecia comodidade e um mundo desprovido de silêncio. Nos últimos anos, Pennerley tinha sido sua prisão.

—Se continuar assim, acabará furando os sapatos —comentou Henry sobre seu contínuo



passeio. Dirigiu-se para ela e depois se deteve diante dela. Niamh evitava seu olhar, dirigindo os olhos a seus pontos de tricô. Eram de cor nata brilhante com bandas escarlate e aquilo a fez sorrir. De algum jeito, seu ridículo traje o fazia parecer menos ameaçador que outros homens.

—São deliciosos, verdade?

Niamh olhou aos olhos, onde sua expressão se carregava de calor e confusão. Agarrou-lhe a mão e a pressionou com força contra seu ombro.

—Possivelmente um passeio ao redor dos muros seria suficiente e não todo este passeio aborrecido.

Ela se permitiu ficar ao seu lado, recordando como de cômoda a havia feito sentir antes, depois de que tivesse acalmado a seu frívolo pônei. Não a tinha incomodado com perguntas nem tinha pedido explicações. Simplesmente tinha ficado aí, como uma sólida rocha em que apoiar-se.

—Estão dores te incomodando ou há outras coisas? —não a pressionou para que respondesse imediatamente como fazia Raffe e inclusive como Edward fizesse, em realidade não a pressionou absolutamente—. Acredito que os conselhos neste tipo de situações geralmente não valem à pena, porque só você conhece a história completa, mas se te serve de algo, sugiro-te que não brigue sem necessidade com seu irmão. É muito cabeçudo e aficionado à vitória para permitir que você ganhe, sobre tudo na situação atual de proteger sua mente. Seria melhor encontrar meios mais sutis para ganhar sua aprovação.

—Isso poderia levar anos.

Henry reconheceu o fato, com um passeio de sua bengala que golpeou as cabeças de algumas folhas mortas.

—Não necessariamente. Além disso, o que supõe um pouco de perseverança pelos compromissos da vida?

—Nada, suponho.

—Exato. Deixa que os problemas congelem uns dias, terminemos com este carnaval de almas e então veremos o que podemos negociar.

Ela assentiu em sinal de aceitação e tirando as tesouras começou a recortar alguns das pétalas caídas que depois apresentou ao Henry em forma de ramalhete.

—Ainda há Raffe.

Henry lhe dedicou um sorriso malvado.

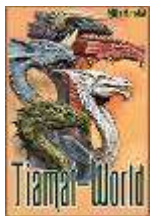
—OH, maldito seja esse louco. De todas as maneiras, não é que te deseje realmente.

—Poderia arruinar minha reputação.

Ele franziu o cenho enquanto punha as flores com um alfinete sobre sua monumental lapela.

—Isso é um fato na sociedade em que vivemos. Um homem pode destroçar com tão só umas palavras o que uma mulher pode construir em toda uma vida de bondade, mas unicamente um verdadeiro canalha desprezível o faria — lhe abriram os lábios e a ponta de sua língua molhou a superfície— Devonshire não é esse tipo de canalha. É o peão da mamãe e ele é consciente de que o fato de estender rumores pode ter um efeito contrario.

Niamh o olhou e procurou mais detalhes, mas Henry negou com a cabeça e sorriu.



—História antiga, querida, e não sou um fofoqueiro.

Capítulo 12

A atmosfera em Pennerley mudou totalmente com a chegada de Mrs. Alvanley. Enquanto se comportava de maneira indulgente e compassiva com suas adoráveis netas, também jogava seu papel como acompanhante e tomava muito seriamente a questão da virtude. Ao saber que Vaughan tinha omitido proporcionar uma anfitriã amadurecida e adequada para sua festa, ela aceitou esse papel para assegurar o decoro e uma hierarquia social. Mais tarde, Bela chegou ao jantar e se encontrou bem situada na mesa, entre Henry Tristan e Mae Allenthorpe, com Fortuna presidindo a mesa, ao lado de Vaughan.

Com sua posição usurpada, Bela olhava encolerizada os talheres, muda de assombro pela interferência daquela mulher, mas sem saber o que fazer. Só poderia apelar ao Vaughan depois, assumindo que ainda tivessem a permissão de falar um com o outro. Bela tinha espantado a muitas boas governantas, mas aquilo estava fora de sua experiência e portanto era insuportável.

Pouco depois, Niamh corria a toda pressa à mesa, fazendo uma parada repentina detrás da mesa de tia Beatriz, com seu bonito rosto retorcido pela raiva.

—Quem me pôs neste lugar? —perguntou-lhe.

—Por que me pergunta isso, querida? —disse-lhe Mrs. Alvanley.

—Bem, —olhou com desgosto sua posição perto de Raffe Devonshire— Vaughan —apelou ela.

—Troque o lugar — disse ele.

Niamh se voltou imediatamente para Bela, que saltou de seu lugar e passeou pela mesa, cheia de alegria pelo vexame que causaria a Fortuna e a sua tia. Fortuna olhava detestavelmente a sua sopa, e Bela suspeitava de sua influência na hora de dispor os assentos. A pequena caçadora de ouro queria encontrar marido.

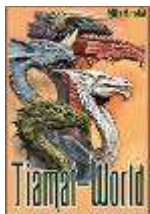
Com Niamh felizmente sentada entre o Mae e Henry, começou o jantar, e o silêncio se desfez lentamente em claras petições até chegar à conversação.

—Foi muito amável de sua parte nos convidar — disse Fortuna a Vaughan. Tinha posto um vestido de noite dourado com um decote baixo e redondo, que escorregava dos seus ombros quando se inclinava para sua presa.

O olhar de Vaughan se atrasou um momento em seu mais que ossudo ombro e depois se tornou para trás na cadeira.

—Deve dar as graças a minha irmã, Miss Allenthorpe. Ela insistiu favoravelmente em que convidasse a algumas damas. Aparentemente, tinha esquecido fazê-lo na lista original de convidados.

—Agora está brincando — acusou ela, golpeando com os dedos o bordo da mesa onde estes



descansavam. — Como pôde esquecer-se de convidar a qualquer mulher?

Vaughan captou o olhar de Bela e sorriu.

—OH, asseguro-te que havia muitas mulheres nas que pensei, mas nenhuma era totalmente adequada para minha irmã. Embora todas elas possuam umas qualidades admiráveis — sua atenção se dirigiu ao decote de seu vestido. Ela tinha deixado o sustento posto sob o vestido de montar, mas o tinha prendido com força para que seu peito parecesse maior e redondo. Comparado com Fortuna, sentia-se muito melhor equipada.

—Sim, uma dama realmente completa é muito difícil de encontrar — disse Fortuna.

Além da mesa Henry soprou.

—Não posso dizer o contrário — disse Vaughan— e qualquer um pode dizer que realizei um estudo minucioso.

—Já vejo que tem competência — a respiração de Raffé fazia cócegas na orelha de Bela, tão molesto como íntimo. Sua presença era o efeito desafortunado de um assento à cabeça da mesa—. Se diverte vendo paquerar com outras mulheres ou está contemplando-os enquanto visualiza como o apunhala com a faca?

Uma vez mais deixava cair sua assombrosa franqueza. Se não tivesse sido um libertino tão incorrigível, pode que tivessem acabado sendo amigos.

—Nenhuma das duas — Bela o rechaçou. Não achava irritante o flerte de Vaughan com Fortuna, mas suspeitava que ele acabaria completamente aborrecido, quando a pequena conversa começasse a alargar-se.

Fortuna deslizou um pouco mais para a beira da mesa, dirigindo um olhar cauteloso em direção de tia Beatriz. Mas a acompanhante intrometida estava profundamente envolvida em uma conversa sobre algum tipo de assuntos públicos, com Henry Tristan e Gabriel. Com um leve ofego de alívio, Fortuna voltou a dirigir sua atenção para Vaughan.

—Sempre brinca tão implacavelmente, milord?

Sim, pensou Bela. Nem sequer poderia imaginar como podia jogar com qualquer um como se fosse um instrumento, levantar paixões, romper corações e quebrar esperanças e indubitavelmente estava planejando algo, porque havia uma cintilação em seus olhos negros e a astúcia se refletia no sorriso. Por um horrível momento, recordou sua última conversa com Lucerne, gritando que nunca faria amor com uma mulher, nem sequer por Vaughan. *Era ali para onde conduzia aquela conversa?* Estaria planejando um espetáculo para sua própria diversão, só para comprovar até onde estaria ela disposta a chegar para ganhar seus favores?

—Aborrece-te? — sussurrou-lhe Raffé ao ouvido.

—Não.

—Sim, aborrece-te — ele apertou sua coxa sob a toalha da mesa— tem que reagir. Faz algo para distraí-lo— voltou a apertar sua perna, desta vez com mais firmeza— sugiro que tire de suas casinhas.

—O que? — por um momento confundiu completamente o que queria dizer, mas aquele fato não a scandalizou muito.



—Agora, debaixo da toalha. Garanto que será você a que atraia sua atenção.

—Essa é uma de suas fantasias mais perversas?

Dirigiu a palma da mão para seus genitais.

—Eu diria que não. E para você?

Bela lhe retirou a mão e dirigiu sua cadeira ao lado de Vaughan. Raffe estava simplesmente sendo escandaloso com a esperança de lhe provocar uma reação, mas aquela sugestão podia merecer a tentativa. Vaughan raramente alardeava em público. Preferia que as coisas fossem mais furtivas, razão suficiente pela que podia considerar como uma diversão completa aquele jogo secreto sob a mesa.

—Covarde — disse Raffe, sustentando seu olhar.

Não podia haver dito nada mais persuasivo. Se havia algo que ela detestava, era que a chamassem covarde. Bela esticou a mão e acariciou com os dedos a coxa de Vaughan.

Ele endureceu, com uma luz cintilante e brilhando em seus olhos, mas sua atenção seguia dirigida a Fortuna, que tinha deixado toda pretensão de comer e agora estava inclinando-se tão exageradamente sobre a mesa, que estava a ponto de perder o vestido.

Cativada por sua má conduta, Bela deslizou a palma de sua mão para cima até cobrir o adormecido membro de Vaughan e lhe dar um golpezinho alentador. Havia esperado que ele a rechaçasse, mas em lugar de fazê-lo, acomodou-se, separando as pernas, permitindo mais espaço para trabalhar.

—E o que deveríamos esperar de seu espetáculo, milord? —perguntou-lhe Fortuna.

Bela desabotoou suas calças. A pele que encontrou debaixo estava quente, seu suave pênis estava ainda dormitado, mas se ergueu imediatamente, reagindo a sua carícia, fazendo-se mais grosso com a mínima persuasão.

—Ah! —aproveitou a exclamação para tomar fôlego afiadamente— se dissesse estragaria a surpresa. Deve me permitir guardar o segredo, Miss Allenthorpe, para poder diverti-la melhor.

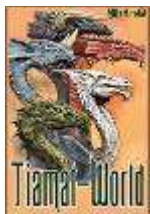
Pressionou a língua contra os dentes e reprimiu outro gemido.

Bela continuava com a tortura. Como de surpreendidas ficariam todas as caras dos que estavam na mesa, se soubessem o que ela estava fazendo. Mrs. Alvanley estaria escandalizada, Gabriel e Niamh ruborizariam e as garotas mais jovens provavelmente se deprimiriam. Lutou para não rir quando pensou naquilo, em como todos ficariam aniquilados, se viam como sua mão trabalhava no seu pênis.

Henry negaria com a cabeça, possivelmente aparentando aborrecimento, enquanto que de Maresi, estava convencida disso, estaria totalmente zangado. Só lhe devolveria o golpe, considerou ela, por sua anterior pretensão. E a pobre Fortuna se daria conta do êxito que estavam tendo suas tentativas de flertar com ele. Vaughan era dela.

Endureciam os músculos do estômago e a respiração, que tinha começado a ser irregular, começava a falhar. Estava chegando a ele. Podia sentir a urgência na linha de calor que lhe descendia pela gravata.

—Pode me passar um guardanapo, por favor? —perguntou ele, mas bem bruscamente.



Fortuna obedeceu felizmente.

Vaughan deu um toque nos lábios e depois pôs o guardanapo na mão de Bela, a que cobria a cabeça de seu pênis. Uns escassos momentos depois e umas poucas sacudidas mais tarde, consumiu os borde dourados e azuis. Um afiado golpe de tosse foi à única expressão de clímax.

Resplandecendo orgulhosa, Bela retirou a mão, e já estava a ponto de voltar para Henry e Niamh quando a mão do Raffe voltou a posar sobre seu joelho, tendo encontrado um caminho sob suas anáguas. O frio contato impactou sobre sua coxa nua.

—Muito impressionante — deslizou dois dedos no calor úmido de sua fenda, fazendo que Bela retirasse bruscamente a cadeira, para trás. Chiou com força, por isso todas as cabeças se viraram, olhando-a.

—Sinto muito — murmurou ela.

Uma vez que todos voltaram para seus respectivos assuntos, Bela olhou para Raffe. Estava ansiosa de desejo e faminta de pênis, mas não do dele. Ela se esfregou contra seus dedos, mas ele retirou a carícia e fez soar sua liga.

—Lê — disse ele e sentiu o arranhão do papel sob a costura de suas meias—. Preciso te ver mais tarde — os olhos dele brilhavam. Depois, dirigiu-se à mesa—. O que lhes parece se organizarmos um concurso para esta noite?

—OH, sim— gritaram as quatro mulheres Allenthorpes.

Vaughan deixou cair o guardanapo denegrido sobre a mesa.

—Que tipo de concurso está propondo, Devonshire?

—OH, nada muito incomum, só alguma estupidez para entreter as damas.

—Nada de agarrar maçãs com a boca — suspirou Henry, quem tirou cuidadosamente um pouco de molho que tinha caído na sua bochecha — me nego a colocar a cabeça em nenhum cubo que tenha estado perto de vós.

—E eu me nego a colocar a cabeça em nenhum balde —remarcou de Maresi— larguei meu próprio país para evitar tais inconveniências.

—OH, sim, muito bem senhor — acrescentou a tia Beatriz com delicado tato. Alisou a renda do pescoço de seu vestido enquanto olhava de um lado a outro, cruzando a linha de cavalheiros—. O que lhe parece uma corrida de sacos? Havia muitas corridas de sacos no passado, mas agora parecem ter caído no esquecimento de algum jeito.

—Uma corrida de sacos — Vaughan alongava as palavras, enquanto arqueava as sobrancelhas de tal maneira que quase lhe alcançavam o nascimento do cabelo.

Bela podia imaginar qual teria sido sua resposta, mas a proposta estava sendo considerada com bastante entusiasmo por todos da mesa.

—Apostamos algo? —acrescentou Raffe.

—OH, cada um de vocês deve participar com uma das senhoritas —disse tia Beatriz, já em seu elemento e resplandecente, em um estilo próprio de uma menina— competirão por...

—Um vestido —interrompeu Fortuna— um novo vestido de seda. Vi o mais precioso dos tecidos, de cor nata, antes de sair da cidade.



—Muito bem —aceitou tia Beatriz— um vestido é o adequado. Os cavalheiros podem contribuir com dois guinés cada um.

—Dois guinés — espetou Gabriel —então, será um vestido extraordinário.

—De fato será —disse Vaughan, deixando depois duas moedas sobre a mesa— e pode que a senhorita que ganhe possa recompensar com um indício de agradecimento a seu cavalheiro.

Fortuna virtualmente se derreteu a seus pés.

—Foster, prepara alguns sacos, por favor. Cavalheiros nos retiraremos ao salão para tomar um conhaque antes que se estabeleça o curso do jogo. As senhoritas podem utilizar o salão do piso de baixo. Não cabe dúvida de que desejarão discutir sobre os quais serão seus campeões enquanto tomam o chá. Se alguém não se importa, desejaríamos que nos informassem sobre as opções de cada uma. —Vaughan retirou sua cadeira e se levantou— cavalheiros, rogo-lhes sua ajuda e sua presença.

Bela respirou com força a fragrância entristecedora da linhaça na sala do piso de baixo. A sala ficava justo debaixo do salão, mas era algo menor, com uma estreita janela que dava ao canal e uma diminuta lareira. Um piano forte ocupava a maioria do espaço, que foi invadido por Alicia quase imediatamente.

Mrs. Alvanley fiscalizava seu novo domínio da comodidade da poltrona de crina enquanto tirava sua caderneta.

—Lady Niamh, começaremos com você. Devo supor que será lorde Devonshire, não é assim?

Niamh piscou quando ouviu aquilo, provocando um olhar de desaprovação de tia Beatriz.

—Preferiria ao Mr. Tristan — se inclinou para Bela e acrescentou— não lhe obrigarei a me procurar um vestido, tenho muitos.

Bela observou seu sorriso, imaginando os meios mais fantásticos que se criaram. Tia Beatriz estava bastante desconcertada quando se dirigiu à seguinte.

—Miss Rushdale. Lady Niamh me disse que é herdeira, assim que o status é que manda.

—O marquês de Pennerley — disse com uma voz alta e clara, apagando instantaneamente o sorriso do rosto de Fortuna, mas sua petulância não trocou nada. A tia Beatriz estava satisfeita com sua decisão.

—OH, demônios — suspirou Mae, expressando verbalmente a frustração que sua irmã tinha calado— isso significa que uma de nós terá que escolher Gabriel.

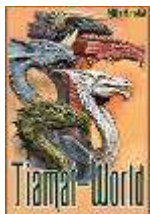
—Assim é, de fato e essa honra deve ser reservado a você, já que é a mais jovem — a mulher maior anotou várias coisas na caderneta, embora ela sentisse que precisava escrever tudo, Bela não podia chegar a compreendê-lo.

—Diabos! —queixou-se Mae— Gabriel tem dois pés esquerdos. Não sabe dançar. Vai ser um desastre com o saco.

—Mae!

Bela tapou a boca com as duas mãos para evitar soltar uma gargalhada, enquanto a pobre e consternada Mae olhava com a boca aberta a sua tia.

— O que acabo de dizer?



—Não importa.

Arrependida, Mae girou a cabeça evitando sua tia, e se encontrou com os olhares de Niamh e Bela e sorriu. A pequena travessa tinha feito deliberadamente para provocar a sua tia. Uniu-se a elas na janela, com um divertido deleite.

—Fortuna, Alicia, isso nos deixa ao Visconde e lorde Devonshire; com qualquer dos dois sua mãe estaria encantada.

Alicia deixou de jogar e negou com sua loira cabeça em sinal de consternação.

—Tia B, nada mais é uma carreira de sacos. Poderia haver um pouco de diversão em lugar de convertê-lo em uma atividade de casamenteiras?

—Só no caso em que queira ficar solteira, querida.

Com um suspiro, Alicia começou o tinido da música outra vez.

—Você escolhe, Tunie. Não tenho preferência por nenhum dos dois.

Fortuna jogava faíscas pelos olhos por cima dos ombros de sua irmã enquanto seu leque se movia repetitivamente sem seguir o ritmo.

—Lorde Devonshire, suponho. O Visconde só está interessado particularmente em Gabriel.

Mae a agarrou pelo pulso e puxou ela em um amplo círculo até que caíram formando um redemoinho de musselina.

—Se anime, Tunie. Aposto minha melhor roupa que Henry Tristan cai mais vezes que seu lorde Devonshire.

Sua irmã olhava vagamente para o sofá, até que se levantou e foi sentar se ao lado de sua tia.

—Se referir a seu novo chapéu de aba larga, então aceito e, se não o fizer, então terá meu xale de caxemira.

Para quando todo mundo tinha retornado a grande sala, outros tomaram sua posição. Devonshire era o favorito, devido a sua compleição atlética, mas Vaughan ficava em segundo. Os móveis tinham sido retirados e empilhados no canto sudoeste, com a exceção da grande mesa, que agora se levantava no centro do salão com a rota marcada a seu redor com uma corda.

Enquanto Mrs. Alvanley inspecionava os sacos, permitiu às senhoritas uns minutos com seus campeões para lhes oferecer elogios e palavras de ânimo e assim, em casais, dirigiram-se a vários cantos da habitação.

Para o deleite de Bela, Vaughan insistiu na privacidade do salão do piso de baixo, para onde ela o seguiu assim que a tia Beatriz lhes deu as costas.

—Está absolutamente elegante dentro de seu saco — observou ela, de uma vez que pressionava a língua com força dentro da bochecha. Vaughan arqueou uma sobrancelha. A malha do tosco tecido o abrangia dos pés até o pescoço, onde se atava com um laço malévolo.

—Nem a metade de elegante que vai você com o teu e me parece que lorde Devonshire opina quão mesmo eu.

Bela se ruborizou.



—Raffe se equilibrou sobre mim e você o afugentou. De todas as maneiras, você não te dá conta. Faz anos que não ponho um saco.

—Ah — se aproximou dela, com os olhos brilhantes—. Que lástima, sempre tive uma debilidade enorme por eles. Muito que reter e um montão de espaço dentro deles.

—Sim, espero que tenha tido a quantidade justa de tempo para se esconder sob as saias de uma mulher.

Vaughan franziu os lábios, contemplando o arqueado teto.

—Terei estado sob umas noventa saias nesse tempo. Terei que açoitá-lo Raffe?

—Não faz diferença. Posso arrumar isso sozinha. — Bela lhe acariciou o rosto. Não sabia muito bem como arrumava, mas inclusive assim, preso até o pescoço com um tecido de saco, estava impossivelmente atraente. Um dedo riscou as escuras curvas de suas sobranceiras, desceu para suas bochechas até lhe alisar os lábios. Sorriu-lhe e se inclinou um pouco para desfrutar da carícia.

—Tenho que confessar que estou surpreso. Pensava que Miss Allenthorpe te teria batido.

Ela piscou e negou com a cabeça.

—Tive a escolha, graças a sua irmã. Aparentemente, sou uma herdeira.

—Sério? —ele inclinou a cabeça, fazendo que seu escuro cabelo lhe caísse em cima dos ombros. Bela o retirou de seu rosto e capturou as mechas soltas com uma forquilha que tinha recuperado de sua rede.

—Provavelmente será melhor se conseguir ganhar esse vestido — disse ela. Sentia aquele tecido estranhamente esticado entre eles, uma atadura, como uma máscara para todas as coisas que realmente precisavam dizer.

Ele voltou a inclinar a cabeça, liberando vários de suas mechas manchadas de tinta, que lhe curvavam ao redor da mandíbula.

—Quantos necessita? Não te prometi dois vestidos na outra noite? —*Sim tinha feito*, um dourado e outro de cor escarlate, enquanto a tinha estado melando de mel e geleia.

—Quantos casacos tem Lucerne?

—Ah!

Era a primeira vez que mencionavam seu nome em uma conversa normal. Bela lhe lambeu o lábio superior e se deu a volta. A ideia daquela despedida amarga devolveu a ira a seu peito, ainda sentia falta dele, tinha saudades da cercania que os três compartilhavam. Ela desejava algo mais que simplesmente um companheiro de boxe com Vaughan, mas só pela maneira em que ele havia dito «ah», ela se deu conta de que não estava o suficientemente perto dele para ganhar seu afeto.

—Vai me contar alguma vez o que aconteceu? —perguntou Vaughan.

—Fui.

Ele fez um movimento torpe atrás dela.

—Queres dizer que saiu fugindo.

—Ele estava atirando-lhe no chão do salão. O que outra coisa podia fazer? Simplesmente, não podia ficar e olhar.



Com um segundo movimento, Vaughan a alcançou. Havia rigidez em seus ombros. Ela se deu conta de que ele teria ficado. Tivesse-a observado a ela e a Lucerne fazendo amor uma infinidade de vezes, afastado deles, com seus olhos negros resplandecendo na escuridão e ao final tivesse fugido. Tivesse vindo aqui, a Pennerley.

Bela enterrou o rosto em seu peito e se agarrou a seu corpo. O aroma de aveia e cavalo, recordavam agradavelmente os jogos passados e as cópulas furiosas, de anos nos que as coisas tinham parecido muito mais simples.

—Vaughan — levantou o queixo para poder vê-lo melhor e procurou a comodidade que lhe davam seus lábios — poderia fazer algo por mim?

—Não posso afogar a Raffie, se for isso no que está pensando. É meu convidado.

—Não, não é isso — se aconchegou contra seu ombro. — me faça tua.

—E como imagina que posso fazer isso? Tenho as mãos atadas, Bela — ele enterrou a cabeça e pressionou um beijo em cada um de seus seios cheios.

—Isso nunca teria te detido antes — deu um passo para trás e levantou as saias. Desejava essa tranquilidade, essa comodidade. A excitação.

Os lábios de cor rubi de suas genitálias estavam escorregadios e úmidos, preparados para suas carícias.

—Por favor — durante um momento insuportável, ele simplesmente a olhou, sem nenhum indício de ambição refletido no rosto. *Teria lhe pedido muito?*

Finalmente, entreabriu os lábios.

—Está virtualmente nua —observou ele. Realmente não estava, mas depois do que havia feito com a geleia, tinha necessitado uma quantidade considerável de recortes.

Vaughan ficou de joelhos para fazer uma inspeção a fundo.

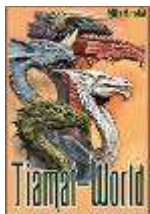
Se havia uma coisa que verdadeiramente podia lhe recompensar, tinha que ser sua língua. O primeiro ligeiro roçar da ponta contra seus clitóris a fez soltar um gemido. O segundo, a fez ficar nas pontas dos pés.

—Sim —gritou ela, esticando-se contra ele, enquanto que golpeava e acariciava seu ponto de prazer. Uma de suas mãos deslizou entre seu cabelo, agarrando com avidez, convulsivamente, tentando aproximá-lo mais.

—É uma puta insaciável, Miss Rushdale — ele disse, e ela assentiu, aceitando-o sem dizer uma palavra. Era isso e muito mais. Tivesse sido algo para ele, faria quase tudo por ele—. Se não tivesse as mãos atadas, te poria de joelhos e te daria o castigo que tão desesperadamente merece.

Ela sabia que ele não pretendia açoita-la, embora o castigo a esquentaria indubitavelmente as bochechas. *Não*, seus dedos explorariam a escura passagem de seu traseiro, jogaria com cada delicada terminação nervosa. Tivesse-a conduzido a um estado de frenesi, com duplas penetrações, como sua língua estava fazendo agora.

Simplesmente, ela não se deu conta de quão profunda era sua necessidade por ele até aquele momento. Os nervos e excitações do dia tinham feito trinca nela, mas sua língua a sossegava e apaziguava agora.



Bela jogou a cabeça para trás e se deleitou no êxtase de suas carícias. Ele bebeu de sua essência. Depois a penetrou com sua língua, enquanto desenhava vagos círculos ao redor de sua tremente carne. Atormentou-a até deixá-la soluçando de desejo e a cinta que ela estava acostumada utilizar para atar o cabelo, pendurava-lhe limpamente dos dedos.

E tudo tinha passado tão rápido que sentia que começava a fraquejar. Satisfeita em seu estilo, mas longe de estar saciada.

—Mais — incitou, tornando-se sobre ele.

—Insaciável putinha — ele se retirou e tentou erguer-se instável sobre seus pés, observando-a da santidade de seu saco, com um sorriso perplexo lhe arqueando os lábios.

Bela se apressou sobre ele e lhe pôs os braços ao redor do pescoço.

— Virá comigo esta noite?

Com os olhos entreabertos, ele a olhou.

—Já tem uma atribuição.

Raffe! Ela tinha esquecido a nota que tinha deixado na liga. Como demônios se teria informado Vaughan?

—Deveria ir — disse ele, como se estivesse passando em um compromisso social—. Ele te investirá com seu grande membro, justo como você deseja.

Aquele malicioso comentário a feriu, fez apagar todas suas fantasias, devolvendo à realidade. Ela só era uma diversão para ele, como de Maresi, enquanto esperava Lucerne.

—Pode ser que o faça —grunhiu ela, esperando vê-lo estremecer. Vaughan simplesmente assentiu e seguido de uma reverência brusca, aproximou-se da porta, deixando-a atrás dele, com sua frustração.

Vaughan se deteve no corredor e pressionou a testa contra a parede. A fria parede o suavizou. Desejava poder enxaguar os sucos de sua bochecha. Ela o tirava do sério, mas não podia servir-se ele mesmo. Pressionava sua paciência de uma maneira que nem sequer ela podia chegar a compreender. Algo que tivesse que ver com eles juntos estava mau, apesar da reação física muito clara que teve ao tê-la escondida sobre seu saco.

Ele a desejava. E já não estava tão seguro de que sua reação fora inteiramente física.

Cada encontro se voltava mais intenso para negá-la e para negar-se a si mesmo. O desejo de perder-se em seu suave calor estava crescendo assustadoramente.

Vaughan passou as mãos pela virilha e amaldiçoou. Nada do que fizesse poderia afugentá-la. Ele tinha tentado tudo durante muitos anos e ela sempre voltava por mais.

Tinha visto como Raffe escrevia aquela nota. Duvidava de que aquele homem pudesse satisfazer realmente a Bela. Durante um breve e vão momento, viu-se si mesmo como o pesadelo de Bela, amaldiçoando-a para que alguma vez estivesse satisfeita com outro homem que não fosse ele.

— Onde está, Lucerne? —sussurrou ele contra o revestimento de madeira— te necessito aqui. Ajude-me a dar sentido a toda esta confusão.



—Ah, assim decidisse nos deleitar com sua presença depois de tudo — disse Mrs. Alvanley quando Bela finalmente chegou à grande sala. A carreira já tinha começado e Gabriel e de Maresi já estavam atirados no chão a só uns centímetros da linha de saída—. Deveria lhe mostrar mais respeito a seu anfitrião e às outras senhoritas. Se o exercício significar tão pouco para você, tivesse sido uma boa ideia permitir que minha sobrinha tivesse elegido antes a seu campeão.

Bela viu como o leque da mulher maior passeava por seu colo como um aviso e guardou silêncio de uma vez que mantinha sua expressão sob controle até que se deu a volta.

—Odiosa velha bruxa.

Uniu-se a Niamh e a Alicia na linha de chegada.

—Não é tão presunçosa —disse Alicia em defesa de sua tia —algumas acompanhantes não toleram que a garota a que acompanha vá quatro passos por diante delas, por alguma razão. — Bela recordou vividamente dos problemas de sua amiga Louisa com sua tia. É obvio, escapou-se eventualmente de tal registro quando se casou. —E há algumas —continuou Alicia —que consideram qualquer conversa com um homem como um prelúdio ao matrimônio.

—Isso é ridículo — disse repentinamente Bela, seu encontro com Vaughan a tinha deixado irritável—. Que pena, nunca poderá ter a oportunidade de dançar ou fazer outra coisa.

—OH, mas dançar é muito arriscado, sabe? —Niamh disse com seriedade— vamos, Henry — aplaudiu com suas mãos de forma alegre enquanto ele roubava brevemente à dianteira. — coisas perigosas podem acontecer a uma garota se esfregar fortemente sua saia contra um homem.

—Tanto como descobrir que tem uma ereção — disse Bela.

As outras duas mulheres ruborizaram e sorriram. Alicia abriu o leque e o moveu com energia

— É desesperadamente mal educado — sussurrou ela, com um brilho nos olhos. Estirou-se para diante até que quase junta seus cachos com os de Bela, ansiosa por conhecer mais ideias proibidas.

—Alicia, veem aqui, querida — chamou Mrs. Alvanley, claramente percebendo um giro inadequado da conversa. Sua sobrinha obedeceu com um suspiro cansado.

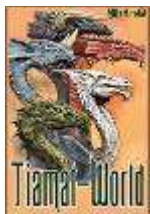
—É a amante de meu irmão, Bela? —perguntou Niamh uma vez que Alicia estava fora de alcance. O mortiço rubor de suas bochechas resplandecia outra vez, transformando-se em uma cor escarlate escura.

Aquela pergunta parecia sair de um nada. Certamente sua relação estava clara. Bela olhou por cima do ombro a Vaughan e as planícies esculpidas de seu rosto. —

Não me mantém se for ao que se refere — disse ela— entretanto, se me está perguntando se me oferece seu pênis, então tenho que te dizer que mais frequentemente do que se oferece a si mesmo.

Os olhos do Niamh brilhavam de um azul tão claro como escuro o faziam os de seu irmão. Bela se mordeu a língua, consciente de que possivelmente naquele momento havia dito muito, e que com um pouco mais de tato tivesse sido melhor.

—Está indo longe sendo muito enfática — Niamh disse eventualmente. Pressionou os lábios com um de seus dedos— sinto que deveria me deprimir ou fazer uma cena dramática cada vez



que diz algo assim. Embora, Deus sabe, minha própria reputação estará igualmente manchada.

Bela negou com a cabeça.

—Nós não temos nada que ver, nem remotamente.

Niamh franziu o cenho e se permitiram a si mesmos distrair-se da carreira por uns minutos. Os competidores eram ruidosos e Bastos, empurrando-se uns aos outros enquanto saltavam e reboavam ao redor do caminho.

—Como encaixa lorde Marlinscar em tudo isto? —perguntou finalmente Niamh.— me disseram que estavam comprometidos.

Ensaando sua discrição, Bela manteve os olhos separados do rosto de Niamh e enterrou aquela lembrança dos dois homens juntos tão profundamente como foi possível.

—Nunca estivemos comprometidos —replicou ela— me compartilham algumas vezes.

—E agora?

—Agora estou no limbo, enquanto eles decidem qual será meu destino.

Aquela era a verdade, mais ou menos, mas ela se sentia ainda culpada pela decepção, não ia ser ela quem explicasse as inclinações de Vaughan a sua irmã.

Felizmente, Fortuna penetrou entre elas naquele preciso momento para animar vertiginosamente aos homens enquanto rodeavam a parte posterior da mesa. Tinham começado a última volta, Vaughan e Raffé juntos à cabeça, com um Henry particularmente florido lhes pisando os calcanhares.

—Continue assim, milord — gritava Fortuna, sem enganar a ninguém sobre a pessoa a que se referia. Bela acrescentou suas próprias palavras de ânimo, enquanto observava como o abatimento e a determinação se apoderavam do rosto bonito de Raffé. Ele cambaleava bem, em direção a Vaughan, seu cotovelo avultava contra a costura do saco, direto às costelas de Vaughan.

Durante uns momentos sem fôlego, o golpe encontrou as costelas de Vaughan sem nenhum resultado observável, mas depois deu um tropeção, desestabilizando seu ritmo. Cambaleava para frente, tropeçando com o Gabriel, que ainda estava no lugar onde tinha caído ao princípio e Vaughan caiu de cara sobre de Maresi.

O francês gritou pela impressão e depois a gargalhada saiu diretamente de suas vísceras, alegre e lasciva, mas sua alegria durou um segundo ao ver como o sangue que caía do nariz do Vaughan aterrissava diretamente em sua bochecha, branca como a neve.

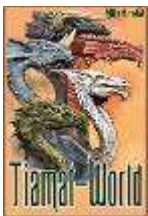
As senhoritas formaram redemoinhos a seu redor, assustadas.

—Me tirem deste maldito saco — rugiu Vaughan e Bela começou a desfazer os nós.

Raffé se deteve para jogar uma olhada para trás, o orgulho se refletia em seus olhos cinza. Começou a desculpar-se e Henry tomou então a primeira posição.

— Maldição! —ele se apressou em busca do Henry, mas ou seu coração não estava nisso ou suas pernas estavam muito cansadas, o que fazia que se movesse como um mineiro tuberculoso, permitindo que Henry aumentasse a distância que havia entre eles. Ele se inclinou sobre a linha de chegada, justo quando Bela conseguia liberar Vaughan do saco.

Com um lenço pressionando seu nariz sangrento, Vaughan se batia sobre o Gabriel e de



Maresi, que não disseram uma palavra a respeito de seu desconforto e depois saiu da habitação, enquanto murmurava algo como *“Maldito jogo de loucos”*.

Bela desejava ir atrás dele, só para assegurar-se de que estava bem. Era a primeira vez que o via ferido e a visão do sangue fazia que seu coração pulsasse com força, com uma cadência acelerada. Deu-se conta também de que Fortuna tinha tomado uma cor distintamente amarelada e que desabou em uma poltrona onde tia Beatriz se abanava de um modo tranquilizador.

—Bela, não se preocupe, estará bem — disse Niamh enquanto o fazia gestos para que fora a seu lado— sobreviveu a coisas piores.

Bela se uniu a ela ao lado das cadeiras da lareira, junto ao Henry que estava bebendo um copo inteiro de Madeira para celebrar sua vitória, enquanto Niamh lhe tirava clandestinamente os restos de seus cosméticos a raias.

Bela o olhou boquiaberta. Havia algo alarmantemente íntimo ao vê-lo tão exposto, sem sua pintura, nem seus emplastos, nem sua grossa capa de pó que ocultava nas costas. Niamh, por outro lado, parecia encantada com aquela revelação, como se tivesse encontrado algo que tivesse estado procurando, mas do que não se deu conta até aquele preciso momento.

—Espero que não se ofenda se rechaço a oferta do vestido — disse ela. Bela não pôde escutar o resto de suas palavras, porque se inclinou para ele e lhe sussurrou ao ouvido, embora pudesse imaginar quais eram suas intenções.

—Fortuna, Fortuna, querida —Mrs. Alvanley seguia fazendo flutuar seus nocivos saís perfumados sobre o nariz de sua sobrinha maior quem Bela jurou que estava fingindo todo aquilo, somente para chamar a atenção.

Cruzou a sala até chegar à lareira onde estava Raffe, agora liberado do saco.

—Imbecil — disse ela— será melhor que reze para que ele não tenha quebrado o nariz.

Seus defumados olhos cinza se atenuaram em fendas de aborrecimento.

—Ele também me deu um e outro golpe. Se tivesse prestado mais atenção teria se dado conta. Além disso, os outros três estão longe de ser inocentes. Por que acredita que Gabriel e de Maresi acabaram no chão?

Bela podia pensar em um milhão de razões, mas admitiu a contra gosto que ninguém tinha jogado limpo exatamente. Raffe jogou uns troncos mais ao fogo e os colocou corretamente com a ajuda do atizador.

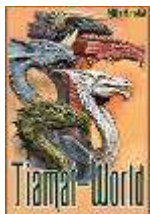
—Não posso ficar contigo — disse ela. Ele levantou a cabeça com determinação e lhe concedeu uma inclinação.

Bela recuperou a nota de sua manga, onde a tinha posto depois de lê-la e a jogou às chamas.

—Confio em que ele te recompense com doçura — disse ele, então o papel se desintegrava em cinzas.

Capítulo 13

Bela deixou a casa imediatamente depois de tomar o café da manhã para evitar o discurso



dos lucros de Mrs. Alvanley. A acompanhante tinha decidido que a manhã seria o melhor momento para bordar a reprodução sul da igreja em um tecido e Bela, que logo que podia reconhecer um pincel de outro, desculpou-se com a pretensão de montar a cavalo, a única atividade que aparentemente podia desfrutar sem acompanhante e sem companhia alguma. Por desgraça, ao chegar ao estábulo, descobriu Gabriel e a de Maresi que tinham chegado antes que ela.

De forma arisca, observou-os abandonar o pátio e depois se aventurou a esconder-se até que o séquito do Mrs. Alvanley passasse.

—Vaughan! —disse ela. Estava de pé, em um canto escuro, lhe dando as costas.

Deu a volta para olhá-la, com uma vara de pescar e o que parecia ser uma esteira marrom obstinada ao peito.

—Bela! Não quer te enriquecer com a companhia de senhoritas?

—Posso ficar contigo? —apontou seus acessórios.

Vaughan enrugou o nariz e ela se sentiu aliviada ao ver que nem sequer estava machucado.

—Ah! Bom, realmente não vou sair para pescar. Só estava tirando algumas coisas.

Bela o olhou com ceticismo. Os cavalheiros, segundo sua experiência, não tiravam simplesmente algumas coisas.

—Podemos dar um passeio, se preferir —amontoou o cano e a esteira em uma caixa de equipe de cavalos e depois segurou sua mão —te mostrarei o lago.

Bela observou como os dedos se entrelaçavam com os seus, ficando imóveis. Tudo aquilo possuía um encanto surpreendente, o que significava que ele estava certamente a ponto de fazer algo quando ela entrou.

—Onde quer que ponha esta... ? —sussurrou Henry Tristan no estábulo antes de deter-se bruscamente, retirando-se depois tão rapidamente como tinha entrado—. Não importa. Estou seguro de que Jenkins pode me ajudar a solucioná-lo.

—É a entrega de palha?

—Ei, sim.

—Excelente. Deixa no palheiro!

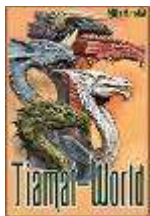
Bela desfrutava do espetáculo em um silêncio aturdido. *Excelente!* Desde quando Vaughan descrevia algo como excelente?

— O que estão tramando vocês dois?

Vaughan lhe ofereceu um sorriso inocente.

—Absolutamente nada — deu-lhe umas palmadas—. Agora, vamos dar esse passeio, ou prefere passar a manhã bordando um dos tecidos de tia Beatriz?

O lago não estava muito longe do castelo. Alimentava ao canal através de uma corrente submarina, que Vaughan apontou à medida que caminhavam a grandes passos pela grama. Perto do banco, a larga erva dava caminho aos canos e o canto dos pássaros ao chiado dos grilos. Ele a ajudou a entrar em um pequeno bote de cor azul. Bela se sentou no arco enquanto observava



como as ondas se estendiam em círculos idênticos à medida que o remo entrava e saía da água.

No centro do lago, deixou de remar e permitiu que fossem à deriva.

—Deveria ter trazido a vara de pescar — disse ela.

—Mmm — inclinou-se para ela e pôs o braço ao redor do seu ombro. Puxou-a para seu peito— nunca gostei muito de pescar. —Bela se aconchegou contra ele, escutando os batimentos de seu coração, desejosa de permanecer ali toda a vida ou ao menos até que lhe desse uma cãibra no pescoço ou o sol os fritasse.

—Vaughan, é neste lugar onde crescestes?

—Sim, em grande parte.

Quase pôde ver uma olhada a sua infância: um jovem fraco e pálido, com uma massa de cabelo branco e um sorriso indolente, mas aquela imagem não se solidificava em nada tangível.

—Em que outro lugar?

Ele pressionava a bochecha contra sua cabeça, enquanto começava a jogar com as forquilhas de seu cabelo.

—Já não conhece o suficiente sobre mim?

—De fato, conheço muito pouco sobre você, apesar de ter compartilhado cama contigo durante os últimos três anos.

—Compartilhado a cama de Lucerne —uma brilhante forquilha foi voando pelo ar até aterrissar em cima da superfície da ponte— nunca compartilhou minha cama.

O silêncio se apoderou deles durante um momento. Bela brincava com os botões de seu colete.

—Mas, existem outros lugares, verdade?

—Uns poucos — respondeu ele—. De onde vem esse interesse repentino? Espero em que não esteja pensando em mim como um possível marido.

—Não, é obvio que não. É só que não é um cavalheiro, verdade? É um nobre. Nunca tinha compreendido isso.

Com um grunhido de desgosto, Vaughan adotou uma postura erguida.

—Estou muito agradecido de que tenha esclarecido esse comentário. Não sou um cavalheiro — grunhiu de novo. Entreabriu os olhos sob as longas pestanas negras, enquanto que os lábios se curvavam em um sorriso luxurioso que enrugava os extremos de seus olhos. De repente, deslizou uma de suas mãos dentro do vestido de Bela—. Atreva-se a dizer o que disse outra vez.

—Vaughan — ela o rechaçou, consciente de que aquele movimento fazia que o pequeno bote balançasse de forma instável.

—Bela — ele a olhou com curiosidade, com seus olhos violetas, calculadores e intensos.

—Existem também outros títulos, como existem outras casas?

—Lorde e Mestre — aquele comentário a deixou boquiaberta, obtendo dele uma exclamação desdenhosa. —Muito bem, sexto marquês de Pennerley, conde de Oswestry, conde de Craven e sim, há outras terras, umas em Rutland, outras em Cheshire e outras no North Yorkshire, perto de Middleham. Satisfeita? Ah, e a casa em Londres.



— É tua! —gritou ela— eu pensei que era de...

—De Lucerne. Bom, pensou mal. Lucerne alugava as casas, que logo que eram uma morada adequada para uma senhorita.

—OH! Então, tinha estado vivendo na sua casa e nem sequer tinha me dado conta —aquela ideia a fez sentir estranhamente excluída como se eles tivessem estado ocultando segredos dela, o que provavelmente só fora uma tolice. Ela tinha a culpa exclusiva de tirar suas próprias hipóteses.

O vento soprou e revolveu seu vestido. Vaughan tamborilava com os dedos o lateral da embarcação.

—Deixa de te zangar. Quero ouvir o que está fazendo com Raffé.

Bela franziu o cenho.

—Nada. Não fiquei com ele.

Vaughan entreabriu os olhos e juntou as mãos, as pondo frente a seu rosto, de tal maneira que as pontas dos dedos lhe pressionavam seus sensuais lábios. Outra vez aquela afetação.

—Que esquisitamente torpe.

Na realidade, ele era o homem mais impossível. Se não tivesse estado presa em um maldito barco com ele, teria jogado em cima. Pensar em como ele se encolerizava com Niamh por estar com o homem que ela amava, e depois esperava tranquilamente que ela se metesse na cama com quem fosse, nada mais por diversão, aquilo era muito. Ela baixou a cabeça e pressionou as palmas das mãos contra os olhos.

Sentia como o bote se inclinava à medida que ele mudava de posição. As ondas resultantes chapinhavam alegremente contra os laterais. A respiração de Vaughan sussurrava contra sua nuca fazendo que o pelo lhe levantasse de ponta.

—Está pensando em minha irmã — uns lábios úmidos pressionaram a sensível pele, que produziram calafrios por seu corpo, repentinamente tenso, por um pressentimento. Inconscientemente, inclinou-se para a carícia. —Realmente, não é que possa fazer algo para detê-la. Ela já é maior, Bela.

—Mas está fazendo de sua vida um inferno — com o continuamente o fazia a ela mesma.

—Não. Estou a salvando de ter um inferno de vida. Ele não a ama, está-a utilizando por seus bens.

Seus lábios seguiam angustiado a curva de sua garganta, deslizando sobre sua pele como uma libélula na superfície do lago, em pequenas rajadas delicadas e ligeiras que ainda assim causavam calor, através de sua pele e de seu ventre.

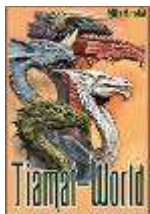
—Parece estar muito seguro. Como pode saber isso?

—Silêncio! —pressionou seus lábios com o dedo indicador.

—Unicamente é um jogo para você — afastou suas mãos e virou a cabeça para poder vê-lo melhor—. Também é um jogo o que está passando com Lucerne?

Vaughan descansou a bochecha contra o ombro.

—Isto não é uma travessura. Há muito em jogo. Fugi. E esperava que ele tivesse me seguido — esfregou a bochecha contra a pele, desenhando um círculo—. Pode que inclusive esperasse que



você me seguisse. Há algo muito delicioso em você — tirou a língua e percorreu o lado de seu pescoço, provocando um rastro frio e diminuto que culminava em uma dentada com os dentes no lóbulo da orelha.

—Não acredito que pense em mim dessa maneira.

—Nisso, também se equivoca. Penso em você muito frequentemente. Agora estou pensando em você — deslizou as mãos por seu corpo até lhe cobrir os seios. A sensação que provocava seus dedos percorrendo sua sensível pele, abraçando-a, sustentando-a, fazia que o fogo que ele tinha atizado ardesse com um pouco mais de força. Mas também havia certa irritabilidade no que estava fazendo. Estava utilizando dela, e ela não queria que ninguém a utilizasse. Não queria ser sua prostituta, queria muito mais que isso. Queria estar naquele lugar de seu coração que estava inteiramente reservado para Lucerne.

—OH, Deus —murmurou ele— não fique muito sensível comigo em meio de um lago. Estávamos justo começando a nos divertir. Qual é o problema? É um cata-vento, de um extremo a outro todo o tempo.

—Não pode entender? —grunhiu ela à medida que crescia a irritabilidade em seu interior.

Vaughan se arrastou para poder estar frente a ela. Olhou-a por um momento, com uma expressão dura no rosto.

—Pode ser que não queira entender. Pode ser que simplesmente prefira me deitar contigo até te fazer sorrir. Parece algo mais simples, de algum jeito.

Bela o separou de um empurrão e ele se desabou sobre a proa, fazendo que o barco afundasse pela parte de atrás e se inundasse na água.

—É vil e cruel e se eu tivesse um pouco de sensatez, te faria me levar à borda e iria com Devonshire. Provavelmente ele seria uma melhor companhia.

Vaughan soltou um bufo incrédulo que rapidamente se transformou em uma gargalhada autêntica.

—Melhor com Raffé, OH, isso está bem. Nem sequer você gosta dele o suficiente para ficar com ele quando morre por fazê-lo. — Bela franziu o cenho, mas Vaughan não tinha terminado ainda. O tom de sua voz ficou mais forte e se arrastou por seus sentidos fazendo vibrar cada terminação nervosa de seu corpo. —E se acabou, esquece. Você gosta quando sou cruel.

—Eu gosto quando me satisfaz — gritou ela. Vaughan mantinha seu mordaz sorriso.

—Não te satisfaço sempre, finalmente?

Possivelmente o fizesse. Pode que aquela fora a razão pela que ela seguia retornando por mais, não importava como de revoltante o encontrasse ou quanto fazia cambalear todas suas emoções.

—O que é o que quer? —vaiou ele. O olhar de Bela se movia rápida e nervosamente por seu rosto. Cederia ele ou faria o oposto ao que ela tinha perguntado? Apertou os lábios. *O que ela queria?* Pensou que era ele a quem queria inteira e completamente, mas acaso não tinha pensado o mesmo sobre Lucerne? O que acontecia tudo o que ela desejava era o que não podia ter?

—Muito bem, Miss Indisponível, o que acontece se eu digo o que quero?



Sua mente conjurava uma quantidade de imagens, uma ilustração atrás de outra, de coisas que ele podia fazer, das coisas que ela queria. Veio-lhe uma imagem mais clara dele disposto ao final do bote, com suas calças desabotoadas para revelar sua ereção e ela montada escarranchado sobre seus quadris, com as saias lhe cobrindo o rosto, à medida que se levantava e caía sobre seu membro, conduzindo-os a um êxtase mútuo.

Com vacilação, ela colocou uma das mãos sobre sua coxa.

—Tome como a uma mulher.

—Não.

—Por que não?

Vaughan estreitou os lábios.

—Porque até que ele não me diga o contrário, você é de Lucerne.

—E o que passa se ele alguma vez lhe diz isso? O que acontece se não vem?

Os olhos do Vaughan se obscureceram.

—Então terá que esperar bastante tempo.

—Já esperei o tempo suficiente. Me leve à borda.

Vaughan voltou a sentar-se, mas em lugar de agarrar os remos, simplesmente se estirou com as mãos na cabeça e fechou os olhos.

Furiosa, Bela agarrou os remos e lutou para remar, mas não parecia obter que aqueles paus trabalhassem ao unísono. Só teve êxito ao girar o bote uns cento e oitenta graus, com o qual os deixou cair desgostada. Vaughan a olhava através das pestanas.

—Suponho que deveria haver ficado com o Raffé. Ele está desesperado por te foder.

Bela o golpeou no estômago com um dos extremos úmidos do remo.

Vaughan se sentou bruscamente e se limpou a mancha úmida de seu colete.

—Isso esteve fora do lugar — o pequeno bote se balançava à medida que lhe dava a volta baixo ele. A água chocava contra as laterais, lhes ensopando. Um remo caiu pela amurada e se inundou nos leitos de cano detrás da onda.

Aterrorizada, Bela se agarrou a ele. A roupa molhada aderiu a sua pele, cravando-se a ela tanto como ao corpo de Vaughan. A água lhe gotejava dos cachos até o rosto, onde corriam como lágrimas por suas bochechas. A crista de seu pênis lhe esquentava a coxa, depois vieram seus beijos, carnis e poderosos. Roubou-lhe o fôlego e seus pensamentos, para que tudo o que pudesse fazer fora gemer e responder.

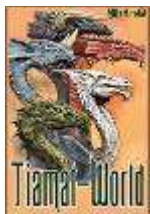
Ela tinha o cabelo molhado. Estava em um atoleiro, mas seu aroma era forte e suas emoções estavam tão enredadas que sua resistência fraquejou.

Vaughan se tornou para trás, simulando um sorriso travesso.

—Posso tomar agora, como me pediste, mas o bote já está nadando e não tenho humor para delicadezas. Você escolhe, Bela. Devo levantar estas saias ensopadas e te penetrar profundamente até que o bote se inunde e nos arraste até as lúgubres profundidades?

—Tome na borda.

Ele negou com a cabeça.



— Onde estaria a emoção então?

—Vaughan... por favor —ela oprimiu a mão entre seus corpos e amassou seu membro, apanhada sob suas calças apertadas.

—Aqui ou nada.

—Não sei nadar.

— Ah! Deduzo que não merece a se afogar por mim.

Bela franziu o cenho e estreitou uma mão sobre seu traseiro, mas ele logo que arqueou as sobancelhas para reiterar a pergunta.

—Bem —grunhiu ela— tome na borda.

Vaughan agarrou o remo restante e se dirigiu para o abrigo das embarcações.

— Onde acredita que vai? —disse ele, quando a viu subindo pelos degraus de pedra. Passou os braços pela sua cintura e a puxou dela até colocá-la no bote.

Bela chiou, mas não se atrevia a chutar, enquanto ele a depositava no centro do bote.

Precariamente equilibrados, e com as pernas abertas, Vaughan desabotoou seu vestido e o deixou cair empapado em um montão a seus pés, onde instantaneamente absorveu muita da água que ficava no bote. Suas saias estavam também molhadas, mas ele as levantou e fez dobras na parte posterior de seu sutiã. Os quatro ganchos que fechavam seu sutiã foram os seguintes, desabotoou-os de tal maneira que seus seios caíam por cima, quentes e suaves sobre as palmas de suas mãos.

—Agora o que, minha lasciva ninfa? Deveria tomar de pé sobre esta banheira flutuante?

Bela rebolou tanto como se atreveu, sentindo o tecido úmido de sua capa contra a pele.

—Não tinha a intenção de tomar, como posso observar.

—Não — desfez de seu casaco que aterrissou fazendo um ruído surdo e provocando que o bote vibrasse—. Disse que não entraria em sua vagina.

Agora seus quadris pressionavam contra seu traseiro de brincadeira, umedecendo um pouco mais seu apetite.

—Maldita seja, Bela, estou amadurecido como uma ameixa para você.

—Está? —ela saiu do bote outra vez e agora ele a seguiu até o escuro abrigo das embarcações, com seu eco aquoso e seu tom interior verde, no prado que bordeava o lago. — Tome agora — só havia uma maneira em que ele podia tomá-la ali, à luz do dia, em um campo que podia ver-se do castelo, sem risco de reclusão.

Vaughan olhou suas genitálias nuas e um sorriso despreocupado lhe desenhou nos lábios.

—A erva é espessa. Não suponha que é mais esperta que eu. Além disso, as únicas janelas que dão a este lugar são as de meu quarto e as de Niamh e ela sabe quando virar a cabeça. Embora, Deus sabe, possivelmente se tomar nota de vez em quando poderia ter uma vaga ideia dos homens.

—Pensava que preferia que fosse inocente.

O úmido tecido de sua camisa se abria lentamente enquanto ela deslizava a mão embaixo dela. Sobre a grama encharcada ela pôde distinguir uma mancha negra de cabelo e o brilho do



ouro. Por um momento, sentiu o metal quente contra a mão, depois fechou os dedos firmemente ao redor dele e puxou para si.

O broche cedeu e a cadeia se deslizou sobre a parte posterior de sua mão.

Vaughan tentou agarrá-lo, mas já era muito tarde.

—Devolva-me isso.

Bela escapou dele.

—Devolverei isso uma vez que tenha me dado o que quero.

—Não seja tola, Bela, devolva-me isso.

Ela começou a rir e a correr a toda velocidade pela espessa erva, com o dourado relicário firmemente em sua mão. Ela sabia que a seguiria. Aquele precioso objeto oval era seu laço com Lucerne. Lucerne, quem provavelmente nem sequer era consciente de sua existência. Ela era a única pessoa que sabia exatamente quanto significava aquilo para Vaughan.

A grama amarelada e as flores selvagens se formavam redemoinhos ao redor de suas pernas enquanto corria. O cós do traje parecia perder sua sujeição e deslizou, frio e úmido, sobre sua nudez até cair aos tornozelos. Mesmo assim, ela corria até que sentiu tenso seu peito e seu estômago se constrangia de cansaço.

Ele a alcançou no limite do campo e a derrubou de barriga para cima, sobre um muro de pedra.

—Me dê isso.

—Tome primeiro como mulher — brincou ela, mantendo o relicário afastado de sua vista, no canto mais afastado do muro.

—Farei mais que tomar, se não me devolver isso — sua voz estava afônica pela corrida, suas palavras levavam a força de sua fúria e levantou a palma da mão, um momento antes de afundá-la sobre seu rosto.

Bela gritou pela comoção enquanto a dor lhe atravessava as bochechas e a indignação tingia de vermelho seu rosto. Ele voltou a lhe dar uma bofetada e ela começou a espernear, fazendo que sua camisa molhada ficasse apertada.

—Me dê o cordão.

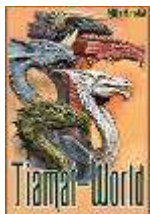
—Me dê seu punho, milord.

O calor florescia e se estendia do ponto de impacto da palma de sua mão. Cada golpe sucessivo lhe tirava o fôlego e lhe provocava um grito suspenso. Seus mamilos se endureceram, pressionados contra a rocha fria. Gemidos de agonia se transformaram em ofegos de desejo puro. À medida que a rocha lhe cravava no ventre, sua ânsia se voltava mais e mais forte.

O ar frio banhava sua pele quente enquanto ele levantava seu vestido.

—Está muito molhada — assinalou ele — sem mencionar a sombra particularmente adorável de cor fúcsia — abriu ainda mais suas pernas com as mãos, roçando entre suas coxas. Suculenta e aberta, ela respondeu a sua carícia com mais umidade.

Bela sentia como sua respiração se empanava enquanto seu coração palpitava uma cacofonia contra o muro de pedra baixo ela. Sentia-se vazia, desejava senti-lo forte entre suas



pernas, enchendo-a, trazendo uma doce satisfação.

—O relicário — pediu ele.

—Não — vaiou ela.

Vaughan lhe enfiou o polegar no traseiro, deixando a um lado toda pretensão de sutilezas.

—Não brinque comigo, Bela — seus mamilos se esfregavam contra a dura pedra. Vaughan colocou outro dedo em sua vulva, junto ao outro, os dois lhe dando agrado instantaneamente.

—Não estou pedindo muito — rebojava contra a intrusão como se tal tortura pudesse persuadi-la de algum jeito. *Conhecê-la-ia ele o suficiente?* Às vezes, envergonhava-se, mas ela se deleitava com seu estilo de tortura.

—E eu não estou brincando —outro dedo, outro empurrão—.me Dê o relicário, Bela, ou colocarei toda a mão aí dentro.

Bela balbuciou umas palavras, uma maldição, contra a grama. Como a faria sentir isso? Enchê-la-ia tanto como poderia fazer seu membro? Era aquilo sequer um castigo, quando seus dedos lhe davam tal prazer? Não podia deixar de gemer. Quatro dedos entravam e saíam dela com uma facilidade incrível.

—Bem, — brincou ela—. Utilizando seu membro teria sido muito mais fácil e nós dois teríamos colhido as recompensas. — Vaughan pregou o polegar junto aos outros dedos e empurrou, não muito, mas o suficiente para que ela sentisse como estreitava. —Vaughan — choramingou ela.

—É sua última oportunidade para se render.

Bela levantou a mão e deixou que a cordão deslizesse pelos seus dedos. Balançava alegremente, mas ainda estava fora de seu alcance.

—Receberei meu castigo.

—Maldita seja!

Não cabia dúvida de que seu rosto seria como uma explosão, uma escura máscara absorta, o suficiente para assustar as pessoas de tal maneira que conseguisse sua submissão, mas aquilo não funcionaria com ela.

Ele cavou o polegar junto aos dedos e a masturbou com a longitude deles, na realidade sem lhe dar o que lhe tinha prometido. O prazer a divertia, mas era mais pela raiva que pela intensidade. Cada empurrão prometia, mas não entregava muito. O que ela queria era algo duro e bruto, não suave e precavido. O ritmo a fez saltar. Vaughan lambia o rastro de doçura de seu coxís, fazendo-a sentir sua respiração áspera contra as nádegas estendidas.

—Está duro?

—Como uma rocha.

Cortou-lhe a respiração.

—Por favor, Vaughan — ambos necessitavam daquilo. *Seria essa a razão daquela interminável negação?* Para sua surpresa, ele retirou lentamente os dedos, permitindo dá-la volta com as coxas estendidas. Como se estivesse afligido por um desassossego abismal, sua expressão era dura, brilhavam-lhe os olhos, obviamente não pela paixão, mas sim por algo quebradiço. Bela



manteve seu olhar, com o relicário suspenso sobre o peito. Deixou que o cordão corresse até a palma aberta de sua mão, a qual ainda estava pegajosa por seus sucos. —Por favor.

Apesar de suas bonitas facetas, Vaughan negou com a cabeça, embora dirigisse seus tensos lábios contra os suaves dela.

—Você deseja. Você me deseja — vaiou ela quando lhe permitiu um momento para respirar.

—Sim —aceitou ele— mas se não me amarrares, negarei. Posso me conter perfeitamente.

—Por quê? —*Qual era a razão?*— Vaughan, pelo amor de Deus e pelo minha —ela nunca tivesse tentado dominá-lo. A última vez que se equilibrou sobre ele, este ficou tão zangado que fizeram falta vários homens fornidos para retê-lo. Ela esfregou seu brilhante púbis contra a curva de sua ereção, sentindo como ele saltava e se endurecia pelo contato, mas em lugar de levá-lo a ação, incitou-o a retirar-se.

Vaughan ficou de joelhos, entre suas coxas e soprou um sussurro prolongado e íntimo sobre seus clitoris.

—Não — soluçou ela, sentindo como seu corpo se acendia. Um simples roçar de sua língua era tudo o que necessitava para derrubá-la e sacudi-la.

Quando voltou a abrir os olhos, Vaughan estava em cima dela uma vez mais, com o relicário de volta a sua posição original no pescoço. Ele piscou lentamente e ela decifrou seus olhos violetas como mais confusos que alguma vez. *Por quê?* Aquela pergunta ficou pega à língua.

—Quando foi à última vez que gozou? —perguntou em seu lugar.

Vaughan deu de ombros. Estirou-se e começou a alisar a roupa.

—No jantar, na noite passada e por sua mão, embora recorde.

—E antes disso?

—Na despensa.

—Não com de Maresi?

Ele negou com a cabeça. Bela arrancou um pouco de erva das aberturas no muro e a enrolou entre os dedos, pensando em sua resposta, confundida por suas intenções.

— Ele não te faz sentir? —perguntou-lhe ela.

Pergunta-a provocou outro encolhimento de ombros.

As molhadas anáguas voltaram para seu lugar e se pegaram a suas pernas enquanto se levantava. Ela deslizou a mão pelo inchaço perfilado de seu membro, fechada firmemente por suas calças estreitas.

—Acrescenta muito de abnegação — disse ela— não estou segura de que seja bom para você.

Distraidamente, ela liberou sua ereção e percorreu seus dedos zombadores sobre a ponta. Notou como ele endurecia as costas e observou sua mandíbula fechada, mas ele não se retirou e gozou muito rapidamente.

—Ele goza — sussurrou com a boca sobre o cabelo, enquanto ele desordenava sua camisa com a culminação de seus espasmos. Ele te ama — não acrescentou que ela também sentia daquela maneira. Havia um pequeno problema, isso não era o que ele queria escutar.



Depois disso, foram ao abrigo de embarcações e recolheram suas roupas.

—Te verei no jantar — disse Vaughan, enquanto se dirigia para a torre de entrada —tenho assuntos que atender.

As senhoritas estavam recolhidas na grande sala quando Bela se dirigia de caminho a seu quarto. A tia Beatriz deu uma olhada ao vestido molhado de Bela e a despachou olhando-a com despotismo. Bela subiu pelas escadas sem lhe importar um pepino. As Allenthorpes e sua molesta acompanhante podiam pensar o que lhes desse vontade. O importante era que tinha tido ao Vaughan. Ela só desejava seu objetivo, que ele pudesse ter a Lucerne. Ao que parece, ele necessitava de alívio que aquilo lhe dava.

Capítulo 14

Como tinha esperado Bela não viu outra vez Vaughan até o jantar da noite, onde se viu forçada a resistir outra série de flertes de Fortuna, enquanto agitava as pestanas. Bastante inesperada, a garota tinha aparecido com um vestido escarlate de corte muito antigo, que envolvia sua fina figura à perfeição, realçando suas delicadas curvas. Para alívio de Bela, Vaughan não se deu conta, já que estava muito ocupado escapulindo de seus ornamentos.

Estava perfeitamente embelezado com uma seda florentina de cor cinza carvão que enfatizava os amplos ombros e a fina cintura. Bela percorreu com a vista todo seu corpo, desejando ter tido a ideia memorável de trazer alguns vestidos mais de Londres.

—Não se pode dizer que eu goste de muito das plumas — disse Raffé, deslizando na cadeira, à esquerda de Bela—. Malditamente delicado, e o vermelho é um pouco descarado.

—Pensava que você gostava do descarado.

Raffé considerava aquilo enquanto desdobrava o guardanapo.

—Uma coisa é o descarado e outra coisa a pouca vergonha. Está tentado-o com todas suas forças, e precisamente por isso não tem êxito. Ele gosta das provocações.

—Acaso não gostam todos os homens? —perguntou Bela, observando ainda ao casal.

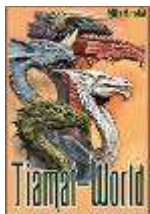
—OH, não sei. Não me oporia se você se lançasse sobre mim.

Arqueando as sobrancelhas, Bela agarrou o garfo e a faca.

—Isso não ocorrerá — cravou a parte de carne que havia diante dela, ignorando os cumpridos e as palavras carinhosas que lhe dedicava depois de um bocado de ervilhas.

—O visconde de Marlinscar — anunciou Foster. Ela não pôde processar as palavras até que ouviu como a grande porta de ferro se deslizava até fechar-se. Aquele canto da sala estava quase às escuras, mas uma simples olhada para Vaughan confirmou o que sua vista não podia. Lucerne tinha chegado.

Os olhos do Vaughan brilhavam de desejo. Seus lábios, normalmente de cor vermelha, pareciam úmidos pela esperança de seus beijos.



O resto dos membros da mesa se deram conta de como se levantava e se aproximava dele. Vaughan sossegou o chiado de cadeiras com um golpe autoritário de seu punho.

—Espero que se divirtam — disse, enquanto se aproximava de seu amante.

Bela se preocupou com ser testemunha daquela reunião.

Lucerne estava nas sombras, sob as escadas. Vaughan reprimiu o desejo de correr, forçando a si mesmo a andar tranquilamente. *Três semanas*. Tinha passado muito tempo, mas agora que ele tinha chegado se sentia aliviado. Não era capaz de expressá-lo, não diante das pessoas. Desde dia em que tinha deixado Londres, tinha desejado aquela cena. O momento no que as coisas voltassem de novo para seu lugar.

O fato de que Vaughan tivesse forçado Bela ver a realidade de sua relação e dar a Lucerne um susto tinha sido imperativo, mas mais importante ainda era tirá-los do país. Londres estava esgotando suas vitalidades. Aí, em Pennerley, podia fazer que as coisas voltassem a ser como antes. Com ou sem Bela. Exceto...

Foster colocou um círio sobre as velas consumidas e a luz iluminou o dourado cabelo do Lucerne. Ele resplandeceu e Vaughan se deu um banquete com o espetáculo. Apesar da viagem em carro, estava lindo com aquele abrigo com capa e tão angelicamente perfeito como a primeira vez que se encontraram.

—Lucerne — de algum jeito fez que sua voz soasse de uma maneira normal. Ele estendeu a mão educadamente, embora o que teria gostado teria sido empurrar a aquele estúpido contra a parede e levá-lo a um estado de excitação febril, entrelaçar seus corpos, enchê-lo e não deixá-lo nunca partir.

—Vaughan — a voz do Lucerne levava um inesperado toque cortante—, Bela está aqui? Preciso encontrá-la.

Bela! Os olhos de Vaughan se entreabriram, todo aquele tempo tinham estado separados e era nela em que pensava primeiro. Os ciúmes nunca tinham conseguido acender sua ira daquela maneira. Deveria lhe fazer esperar até que acabasse o jantar, mas nem sequer tinha apetite, embora tivesse tido algo pelo que começar.

Supôs que Lucerne detectava sua ira, porque ele se inclinou mais perto.

—Não é o que pensa, Vaughan —seu peito crescia com um suspiro pesado— tenho notícias urgentes para lhe dar.

—Tão urgentes que não podem esperar um minuto ou dois? —Vaughan assentiu para que Foster abrisse a porta e retrocedeu com Lucerne, lhe pressionava o corpo contra a parede da cozinha. — nós temos questões urgentes que resolver.

Lucerne se endureceu, mas não da maneira que ele tivesse querido. Seus olhos azuis brilhavam com uma intensidade assustadora.

—Não estou aqui para isso — rugiu ele.

—Ah, não? —Vaughan riscou a curva da bochecha de Lucerne com a ponta de seus dedos. Inclinou-se para lhe dar um beijo, mas Lucerne lhe voltou à cabeça.



—Primeiro, Bela.

Aquela advertência lhe doeu mais que qualquer bofetada. *Bela*. Destinada sempre a estar entre eles.

—Muito bem —foi para o lado— Senhorita Ruthdale —gritou. Seus olhos se encontraram, silenciosos até que ela chegou, e depois ele se retirou, fechando a porta depois do casal.

Bela olhava incomodamente a porta antes de virar para o Lucerne. Vaughan estava zangado, o que não poderia ser nada bom. Deveria ter estado feliz de ver o Lucerne, como uma pequena parte de seu ser estava. Deixou sair o fulgor de calidez. Lucerne teria que ganhar seu perdão. Tinha que entender como a tinha ferido, antes que ela lhe entregasse de novo.

Determinada a fazer que aqueles momentos tivessem importância, Bela assobiava enquanto atravessava a escuridão do pátio até a muralha. Logo que ficava um pequeno rastro de luz do dia que se desenhava como uma banda de cor amarela e rosa atravessando a base do vale. O ar levava aroma do verão desvanecido e de geada. Seu nariz se contorcionava à medida que ele lhe aproximava.

—Bela — Lucerne lhe colocou a capa por cima de seus ombros. *Toda a vida, cavalheiro*, pensou ela, estiveram tentados de fazer coisas como essa. Virtualmente triunfou. Fazia muito frio para estar fora com só um vestido de musselina. Além disso, a lã era quente e fragrante e sua ira se desvaneceu depois da primeira semana de sua partida. Queria uma desculpa de sua parte, mas mais importante ainda, queria que tudo voltasse a ser como antes entre os três. Vaughan o necessitava, o que significava que ela também.

—Disse que não viria.

Uma luva de couro frio se curvou ao redor de seu ombro.

—Sei. Nada mudou a respeito. Ainda necessito de tempo... essa não é a razão pela que vim.

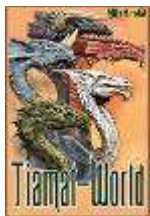
A falta de desculpa a irritou. Colérica, girou-se e lhe deu uma forte bofetada, alcançando seu ouvido. O impacto lhe feriu a palma da mão, mas fez que se sentisse muito melhor. Aquilo era o que deveria haver feito a noite em que se foi.

—Tempo para mimar a senhorita St John —cuspiu—. Como se atreve a vir aqui e esperar sequer que queira voltar a te ver? — Lucerne se sobressaltou, mas era difícil dizer se era por causa de suas palavras ou da bofetada. Para seu assombro, não tentou aliviar a ardência. —Chama a você mesmo um cavalheiro, mas não atua como tal. Deixou-me andar a metade da noite, enquanto você brincava com uma prostituta.

—Não! —fechou os punhos ao redor de seus pulsos— Isso não é verdade. Busquei-te — sua postura era rígida. Não havia maneira de escapar—. Escute. Não vim aqui para brigar contigo nem com o Vaughan. Chegou uma carta...

—Uma carta? —amainou a resistência e ela o olhou com cautela.

O tempo o tinha mudado. O cinza carvão rabiscava a pele sob seus olhos e estava quase consumido em sua palidez, um efeito que não dissimulava a escuridão de sua roupa.



Ofereceu-lhe um pacote de cartas.

Bela franziu o cenho ao reconhecer a escritura como familiar e a longitude da cinta amarela que atava as cartas.

—Por que me trouxe isto?

Incapaz de manter o contato visual, Lucerne observava o brilho de suas próprias botas.

—Wakefield volta para a Inglaterra. Louisa está morta.

A faísca de alegria que tinha surtido depois da ideia de voltar-se a reunir com seus amigos se extinguiram imediatamente da mesma maneira, sua exclamação de deleite se transformou em um grito de negação.

—Não pode estar... o bebê?

—Está bem. Uma menina sã... —a contenção do Lucerne se deslizou de modo tranquilizador por seus ombros. Em tempos melhores, tivesse-a apanhado em seu abraço. — Não teve nada que ver com a iluminação. Wakefield disse que tinha febre, que estava muito magra, e que tudo tinha acontecido repentinamente. Nunca foi a mais robusta... —negou com a cabeça, incapaz de completar a frase. Em lugar disso, deu-lhe outra carta.

Bela olhou a folha, mas não pôde concentrar-se nas palavras.

—Quando chegou esta?

—Fui para casa dela depois de ter te buscado pelo Mayfair e Mairlebone. Fui no momento que soube que já não estava em Londres. Então me dava conta de que te encontraria aqui — sua voz se gretava, mostrando um fôlego superficial—. Sei o que sente por ele. Nossa relação foi medíocre muito tempo —pressionava firmemente os lábios— sinto muito. Deveria ter tentado falar contigo antes, em lugar de ignorar.

Era seu turno para sentir-se culpado. A mudança em seu afeto era o que tinha provocado toda aquela situação. Tinha destroçado o equilíbrio em sua relação. Lucerne, em lugar de ser chave, converteu-se em um peão de xadrez, um meio para conseguir Vaughan. Seus sentimentos se afastaram para um lado. Ele tinha tentado também dizer-lhe, mas ela não tinha escutado.

—Eu também sinto.

Lucerne esfregou os lábios com o polegar.

—Foi bom contigo, Bela? Deu-te o que queria?

Ela deu de ombros.

—Foi Vaughan —tinha os lábios secos e gretados, mas umedecê-los significaria rascar com a língua a ponta dos dedos de Lucerne —. Não é a mim a quem quer. Nunca foi assim, nem o será. Esteve te esperando.

A incerteza alagou seus olhos azuis. Ela observou como lutava ele com a lama das lembranças. Ainda ficava amor aí, mas a um alto preço. Ele poderia suportar ser o objeto do afeto do Vaughan mas não do dele?

—Sinto muito. Ele só... —Lucerne pressionou um silencioso dedo sobre seus lábios. Naquele momento, parecia realmente frágil e terrivelmente sozinho.—Tenho que ir com ele. Explicar a perda de Wakefield, o que não lhe importará absolutamente.



—Ele apreciava a Louisa.

—Ele odeia Wakefield.

Os olhos de Bela se alagaram de lágrimas, mas estava muito adormecida para deixar que percorressem suas bochechas.

—Quando volta? —respirou com força.

—Não estou seguro — Lucerne lhe limpou as lágrimas das bochechas com os polegares—. Vem a Lauwine. Encontrar-me-ei ali com ele. Se for com suas irmãs, tirarão a sua filha e então não terá nada — possivelmente uma fração da devastação de Wakefield estivesse roçando o rosto pálido de Lucerne. Afundou as mãos no cabelo—. Fiz uma confusão de tudo isto. Deveria haver... —negou com a cabeça—. Não — seu olhar se dirigiu à pedra cinza da grande sala com suas três majestosas janelas arqueadas. A luz resplandecia através das persianas. Encaixou a mandíbula, lugubrememente determinado. —Sinto tanto, Bela — sua boca, quente e amarga, encontrou-se com a dela—, muito, muito desesperadamente.

Vaughan deixou a seus convidados e saiu ao salão. Não podia esconder-se depois de uma máscara de indiferença. Sua raiva queimava como um fogo maldito. Tinha esperado tanto tempo que chegasse esse momento. O momento no que se entrelaçasse de novo nos braços de Lucerne, sentir seu firme corpo contra o seu, seus beijos que lhe matavam. Inclusive depois de ter deixado Londres, tinha esperado, adoecido por ele e agora... Tudo o que importava a Lucerne era Bela.

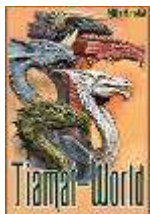
Mulheres! Agarrou o atizador e o meteu no carvão. Três anos tinha estado tentando ignorar aquele feito, mas já não podia ocultá-lo mais. Lucerne preferia às mulheres. Ele sempre tinha sido o segundo melhor, inclusive para Bela, cuja beleza revoava em suas pestanas em direção ao Lucerne. Mas já não podia ser o segundo melhor. O acordo tinha que mudar. Queria a alguém que o amasse exclusivamente, com a mesma intensidade com a que ele os amava.

—Lucerne —gritou na escuridão —não podemos continuar desta maneira.

—Vaughan.

Lucerne entrou no salão e encontrou a seu amante olhando com resolução as chamas. Ele tinha estado naquele quarto antes, fazia anos, antes de Londres, antes daquela vez em Roma. Tinha sido o domínio da viúva por aqueles dias, a avó de Vaughan. Seus velhos ossos estavam estacionados em frente do fogo, sua beleza murcha, mas com o cabelo penteado e perfumado e o decote justo tão baixo como usava quando era jovem. Ele sorriu com a lembrança, enrugada, perfumada e cheirando a gengibre e cereja, uma guarda débil para dois jovens selvagens e determinados. Foram-se às escondidas do castelo, escalado os muros e cruzado o poço em uma improvisada bandeja feita de partes de porta velha e tecido e, depois, tinham sequestrado a duas belezas locais e as tinham levado a estalagem Craven Arms a passar a noite. Tudo o que realmente recordava era muito linho e extremidades entrelaçadas, como se os quatro compartilhassem a mesma cama comida pelas pulgas.

Tinham esfregado as palmas das mãos de Vaughan a parte de atrás de suas coxas aquela noite? Perguntou-se ele, enquanto os dois jaziam ao lado, entre carne feminina. Tinha pensado



em inclinar-se e reclamar a noite como dos dois? Inclusive então, ele o teria cortejado escandalosamente. Aquela era a razão pela que o enviaram de volta a Pennerley, sob o olho observador da viúva.

Pouco depois disso, o quinto marquês de Pennerley tinha morrido e Vaughan tinha tomado suas terras.

Lucerne suspirou, com um sorriso lhe desenhando o rosto pelas lembranças de sua juventude. Às vezes, perguntava-se como de fácil tivesse sido sua vida se simplesmente tivessem sido amigos que compartilhavam amantes, mas não um ao outro.

—Vaughan — sem estar muito seguro a respeito do que dizer, ficou um momento atrás e depois colocou cautelosamente a mão sobre o ombro de Vaughan.

Lucerne sentiu um tremor percorrer as costas de Vaughan e curvou os dedos contra o músculo. Nunca tinha imaginado que aquilo fosse ser um encontro fácil. Sabia perfeitamente como de vingativo e emocional podia ser Vaughan. A mínima coisa podia deixá-lo morto a gargalhadas ou podia afundá-lo no mais sujo fosso do desespero. Não se atrevia a tentar uma carícia, mas sem nenhuma forma de aviso, podiam ficar olhando as chamas até que se convertessem em cinzas frite.

Frustrado, Lucerne se esfregou a mandíbula. Por que era necessário sempre passar por aquele drama, por aquela tortura? Tudo o que precisavam fazer era dizer que, de fato, significavam algo o um para o outro.

—Está perdoado? —perguntou finalmente Vaughan, rompendo aquele silêncio incômodo.

Ainda mais agitação. Lucerne suspirou.

—Não sei. Não falamos sobre isso, em realidade —correndo o risco, passeou os dedos sob o pescoço da camisa de Vaughan. Apesar do que havia dito a Bela em Londres, tinha sentido saudades de suas carícias. Aquele homem podia fazê-lo gozar tão intensamente que às vezes pensava que a cabeça ia sair do corpo. Além disso, a vida era muito mais interessante quando ele estava perto... era uma agonia que aquilo suportava.

Vaughan levantou ambas as mãos e se liberou dele.

—Então o que? Diga-me, do que falaram que era tão urgente? —finalmente virou a cabeça, revelando uma máscara cuidadosamente construída de indiferença, deixando atrás as emoções e desejos, ao lado de um frente de presunção e arrogância. Mas Lucerne tinha aprendido a ler nele fazia muito tempo. Aqueles olhos podiam cair nos olhos do Vaughan e perder dias inteiros. Cada ligeiro momento de dor e cada fragmento de sorte estavam escrito aí. Ciumento lhe deu um golpezinho a sua superfície brilhante. Um pânico cego afligia seu interior.

—Louisa está morta — disse francamente Lucerne. Não tinha querido soltar aquela notícia particular justo naquele momento, havia temas de sobra para falar sem cobrir mais de lodo as coisas, mas a situação requeria uma explicação.

Um pedaço de tristeza se fundia no olhar de Vaughan, fazendo brilhar a intensidade de seu líquido.

—Já vejo — disse ele, com a voz descascada e quebradiça. Dirigiu-se para a janela e olhou o



canal—. Estúpido bastardo, nunca deveria tê-la levado a Índia. Era muito delicada para ser a esposa de um soldado.

Lucerne o seguiu.

—O que faria você, Vaughan? Abandonar seus deveres?

—Não havia nenhuma necessidade de ir ali. Louisa deu muito dinheiro no matrimônio. Aceita Lucerne. O tipo gostava de jogar aos soldadinhos e essa obsessão tirou a vida de sua mulher.

Lucerne sentiu como lhe palpitava a cabeça. Esse argumento, não, outra vez, não.

—Agora não — grunhiu ele. Seus dois amigos nunca se levaram bem, mas aquele não era o momento para críticas e culpas ou para reaquecer velhos desprezos. Uma onda de pena o alagou. Lucerne inclinou a cabeça. O lamento não era só pela Louisa, ao menos ficava algo para ele e a animação no que sua vida se transformou. —Faz as pazes com ele antes que se vá. Não reabramos velhas feridas.

Vaughan negou com a cabeça.

—Fiz as pazes com a Louisa. Tolarei-o, por ela e por você. De outra maneira... —dirigiu os olhos para o teto. O resto ficou sem dizer.

Lucerne abriu a boca e depois trocou de ideia e deixou que as palavras de defesa pelo Wakefield também se fossem.

—Possivelmente não deveríamos falar disso nunca mais — disse diplomaticamente.

—Possivelmente não — Vaughan torceu os anéis que levava nos dedos até que as pedras ficaram alinhadas—. O que sugere em lugar disso? Os encantos da senhorita St John, possivelmente?

—Georgiana anunciou seu compromisso.

—Seriamente?

—Com Sir Nathaniel Glenbervie.

Vaughan se burlou.

—Com esse rançoso macarrão? Obviamente, sua proeza como amante está sob controvérsia se sai perdendo para esse homem desprezível.

Lucerne sentiu como lhe subia a temperatura. Não era fácil de chatear por natureza, mas tinha tido suficiente ultimamente e estava a ponto de receber mais.

—Está contente de que ela se foi, assim não zombe.

—Nunca duvidei que se fosse. Você disse que não esperaria tão pacientemente como Bela.

Era isso. Lucerne estrelou seu punho contra a parte traseira de uma das cadeiras que havia a seu lado. O impacto lhe ardeu, fazendo que seus nódulos palpitassem. De algum jeito, a cadeira tinha sido melhor alternativa. Logo que deu um salto sobre a tábua polida e golpeou ruidosamente contra o painel de carvalho.

—Ambos sabemos qual é a única razão pela que não me casei com Bela e é porque você nunca permitiu.

Houve momentos nos últimos anos em que tinha pensado em enfrentar ao Vaughan e



estava ao bordo de pedir matrimônio a Bela, mas sempre havia algo que o tinha detido. Durante todo aquele tempo tinha estado constantemente irritado por matronas intrometidas, seus companheiros e o irmão de Bela. *Maldito Joshua!* Mas logo que podia culpar a aquele homem.

Vaughan esfregou tranquilamente com o dedo a nova marca no revestimento da madeira.

—Fui de Londres faz três semanas, Lucerne. Quanto tempo necessita? Podia ter se casado com ela com uma licença especial em uma semana.

—Nunca nos dirigisse a palavra outra vez, a nenhum dos dois.

Vaughan deu de ombros.

—Todos enfrentamos escolhas difíceis.

—Aquele era uma escolha que sabia que não estava preparado para tomar. Além disso — ele se movia rapidamente, fazendo que os baixos do casaco batessem as asas— teria me dispensado. Perdeu o interesse no momento em que foi da casa. Do único que se preocupava era de encontrar a forma mais rápida de te trazer entre suas coxas — passeou as mãos pelo cabelo e apertou os punhos, mas o desconforto não lhe ajudava. —Mas ela nunca conseguiu que a possuísse. Sei as vezes que houve no Lauwine, mas isso era antes de ser importante, não é assim, Vaughan? — Jogou a um lado as mãos que Vaughan tinha na madeira e o agarrou pelos ombros. —Você nunca pensa no risco que supõe deixar grávida à mulher com a que te deita. Mas não podia ser tão desumano com ela. Não podia se arriscar a criar a um bastardo.

Vaughan se movia incomodamente baixo aquele firme apertão.

—Deixa, Lucerne — disse ele— ela era tua.

Lucerne grunhiu pelo desgosto, mas continuou segurando-o.

—Ela deixou de ser minha faz muito tempo.

—Então, por que demônios está entre nós ainda?

—Não sou eu quem a convidou.

—Mas é você quem diz necessitar a satisfação de uma mulher, apesar do fato de que eu possa fazer que goze com só um dedo.

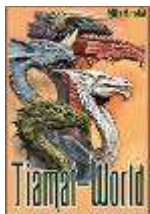
A ira quase o cegava, Lucerne se desfez dele. Encontrou a garrafa de brandy e bebeu um grande copo que depois deixou. O líquido queimou sua língua antes que o engolissem.

Os olhos de Vaughan brilhavam enquanto observavam Lucerne, com uma mistura de ódio, paixão e terror no olhar. Ele recolheu o cabelo em um rabo-de-cavalo e depois deixou que as mechas negras caíssem lentamente entre seus estendidos dedos. Logo, subiu a outra mão e maliciosamente começou a brincar com seu dedo indicador.

O vidro se fez pedaços contra a lareira. Lucerne se equilibrou sobre ele.

—Maldito seja! —gritou enquanto forçava a boca contra a de Vaughan. Deslizou uma mão pelas costas de Vaughan e depois a subiu até o nascimento do cabelo enquanto arrastava o quadril contra o dele. Aquilo faria que tudo fosse mais singelo.

Vaughan gemia enquanto o beijava, mas seus lábios ficaram curiosamente imóveis. Lucerne apertou seu traseiro e sentiu uma ponta aguda de excitação à medida que notava como o membro de Vaughan se agitava em resposta. Mas mesmo assim, ainda resistia.



—Me beije, maldito — irritado e excitado, agarrou a mandíbula de Vaughan e se forçou a olhá-lo de novo aos olhos. — foi, assim sou eu o que te dá caça. Bom, aqui estou agora. Isto é o que queria, não é assim?

—Não desta maneira —Vaughan vaiava entre dentes — não posso ser sempre o segundo melhor. Não quero te compartilhar com ninguém. Não quero fodê-lo só por agradar a Bela — cravava os dedos no braço do casaco de Lucerne—. Quero que estejamos sozinhos. Tentei a sua maneira — tomou ar com força e o expulsou, estremecendo — me convenci mesmo de que se íamos de Londres, de algum jeito tudo iria bem. Sem as distrações e a pressão, se unicamente fora ela outra vez...

—OH, pelo amor de Deus, tudo isto só porque falei com ela primeiro. Sua melhor amiga está morta, Vaughan.

—Não é isso — Vaughan gritou. Tinha os olhos aquosos e brilhantes. Dolorosamente abertos. As emoções que normalmente escondia em seu interior, estavam refletindo-se com uma clareza desconcertante em suas profundidades violetas. Lucerne se negou a olhá-lo, e em lugar disso, recorreu a uma terceira taça de brandy. —Já vejo qual é a verdade. Você não queria vir aqui. Fez por necessidade e por nada mais — disse, apertando os dentes sobre o lábio inferior, enquanto sacudia a cabeça—. Te quero. Quem me dera que não o fizesse, mas não posso seguir adiante se tiver que continuar te compartilhando. Isso é passado.

Era verdade, Lucerne se deu conta. Não tinha querido ir ali. Já havia dito a Bela. Tinha pretendido manter-se afastado até o Ano Novo ou inclusive até depois.

—Simplesmente preciso estar a sós uma temporada —lhe disse— estou cansado. Passam-me de um ao outro, forcem-me, atam-me. Já não se trata de que eu obtenha prazer. Converteu-se em um jogo de competitividade entre vocês. Estão tão ocupados brigando, que esquecem de que estou aí. É tão assombroso que procure um pouco de comodidade em algum lugar? —Deixou o copo em cima da mesa antes de apressar-se a fazê-lo pedacinhos, também tinha convertido em muito forte. — Não é que tenham muito direito a me jogar o sermão sobre minha lealdade. Quantas vezes transasse com Maresi ultimamente?

—Nem a metade de vezes que está pensando.

—E Bela? — Vaughan deu de ombros. —Simplesmente não pode manter as mãos afastadas dela, verdade? —a agitação de suas respirações parecia machucar o ar que havia entre eles, enquanto deixava que as palavras fluíssem de sua boca.

—Escolhe Lucerne.

—Já escolheu por mim.

Vaughan se mordeu a unha do polegar.

—Ela irá contigo.

Lucerne forçou uma gargalhada.

—Assim acredita? De verdade pensa isso? Compreendeu alguma maldita palavra do que te disse? Ela está apaixonada por você, Vaughan e ambos sabemos. Deus sabe que provavelmente seja o melhor. Vocês se encaixam muito melhor.



—Não seja idiota.

—Estou sendo? —perguntou-lhe Lucerne, enquanto um amargo nó estrangulava sua garganta. Tragou saliva com força. — Ou está tão assustado porque em realidade sente exatamente o mesmo?

Vaughan levantou o queixo. Seus lábios eram finos e firmes e seus olhos, que antes tinha tão abertos, estavam agora entrecerrados e frágeis.

—Vá. Suma daqui — voltou a atravessar a sala, mas esta vez dirigindo-se para a porta.

Só uns passos depois, Lucerne o agarrou por trás do casaco.

— Não! Admite-o.

Vaughan lhe cravou com força o cotovelo no estômago, fazendo que dobrasse o corpo e lhe deixando sem fôlego, embora seus dedos ainda estivessem entrelaçados com o fino tecido do casaco de Vaughan. Ele se desfez deles.

—O único que tenho feito é te querer sempre.

Sem mais que respirar, Lucerne tornou a um lado, golpeou ao Vaughan justo no diafragma e os dois foram chocar contra a parede. Seus ouvidos tilintavam pelo impacto. Sob seus pés, a madeira rangia enquanto brigavam por recuperar o equilíbrio e o domínio, dando chutes e murros. Lucerne arrastou os braços ao redor do corpo de seu amante e o apertou até que se ergueu. O mundo parecia cair em cima. Cada coisa que importava se concentrava no espaço no que suas respirações se mesclavam.

—Não vou a nenhum lugar. Ainda não — seu coração pulsava grosseiramente e também pôde sentir os batimentos do Vaughan, tamborilando contra seu peito onde ambos os se encontravam apertados. O desejo se formou redemoinhos em seus quadris. *Por que tinha que ser sempre daquela maneira em que tudo funcionasse?* A angústia que sentia quando ambos brigavam assim lhe atravessava a garganta. Pela segunda vez, Lucerne forçava a boca contra a de Vaughan.

Esta vez o beijo foi salgado e agressivo. Reclamava-o. Pedia-o. Quando se foi para trás, recuperando o fôlego, viu que Vaughan tinha os olhos fechados e que sua boca fraquejava depois do vicioso beijo.

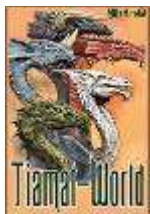
—Sei o que precisa — cobriu o membro de Vaughan com a mão e a amassou com o polegar e com seus dedos curvados.

—Não — choramingou Vaughan.

—Agora sou eu o que vai foder-te —disse Lucerne — só tenta-o e resista. E depois me diga que vá.

—Não.

Lucerne inclinou a cabeça, lambeu e beliscou os mamilos de Vaughan através de seu colete e camisa. Desabotoou os botões de sua calça e começou a lhe masturbar com uma facilidade virtuosa, com seus cinco dedos curvados ao redor de seu pênis. Ultimamente, aquilo era o que tinha sentido falta entre eles: o lado tosco da intensidade que o deixava cambaleando como a um bêbado. Suas brigas se converteram em uma diversão, inclusive para Bela, não uma expressão da frustração e o desejo que ambos sentiam. A sociedade não lhes permitiria estar juntos, não sem



ela como reclamação. Aquilo era suficientemente tenso, sem o desejo de Bela para acrescentar à mistura.

A boca do Vaughan estava quente e doce, seus mamilos eram como dois pequenos topos. Não era suficiente para devastá-los através do tecido. Lucerne queria provar sua pele, saber qual era a cor da pele de Vaughan.

Botões! Sempre havia muitos malditos botões. Lucerne os desabotoou, enquanto seu companheiro tentava corresponder. Depois dos cinco primeiros, as mãos do Vaughan se retiraram e foram concentrar em desabotoar os seus próprios. Quando acabaram com os coletes, sua atenção se dirigiu às gravatas. Lucerne a tirou e a deixou a um lado. Vaughan a retirou lentamente, desfazendo com suavidade o nó e depois atirando para baixo do branco linho até que se desfez e caiu ao chão.

Em tão só uns segundos, o corpo do Vaughan tremia de desejo, e seus quadris se balançavam ao ritmo da mão do Lucerne, que cobria as genitálias dos dois.

—Preciso entrar em você, Vaughan —ofegava Lucerne entre seu cabelo com aroma de romeiro— não estamos suficientemente perto. Sabe, verdade?

Vaughan apertou os olhos até fechá-los.

Lucerne se umedeceu os dedos e esfregou saliva entre as nádegas de Vaughan.

A respiração deste assobiava em seu ouvido como resposta. Abriu a boca e jogou a cabeça para trás.

—Utiliza o azeite. No bolso direito.

—Utiliza você —Lucerne deslizou a ponta de um dedo.

Vaughan apalpou o bolso de seu casaco. Enganchou o plugue da garrafa e a tirou, depois se verteu o conteúdo na palma da mão.

As gotas brilhantes e douradas lhe deslizavam pelo punho da camisa e pelo braço. Lucerne o sentiu frio quando entrou em contato com seu pênis, mas se esquentou rapidamente.

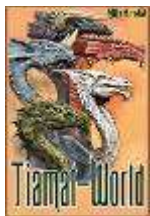
Serviram-se do muro para poder equilibrar-se, Lucerne levantou Vaughan. Cobriu-lhe as genitálias com as mãos, encontrou seu ânus e o trabalhou brandamente com dois de seus dedos.

O momento da penetração cortou sua respiração. O forte calor, a sensação de sentir-se apertado, junto com a novidade de ter Vaughan entre seus braços e seus peitos pressionados, era muito excitante, muito surpreendentemente bom.

—OH, Deus! —profundamente consciente de cada murmúrio de Vaughan, cada sussurro que fazia entre seus dentes, Lucerne o penetrou mais profundamente.

A intimidade que sentia tendo-o daquela maneira o surpreendeu. Deveria ter feito isso mais frequentemente. Tomar o papel de ativo, em lugar de ser sempre o passivo. Suas bocas se fecharam enquanto as mãos do Vaughan se estendiam por seu traseiro, brincando com ele. Agitou os músculos ao redor do membro do Lucerne, e inclinou à pélvis, fazendo que ele deslizasse mais dentro.

Lucerne gemeu, sentindo-se já a ponto de explodir. Tudo ia ao ritmo adequado... só podia concentrar-se nisso. Mais profundo. Investidas ficaram mais fortes. E os suspiros de Vaughan, mais



afiados. Nenhuma outra coisa importava quando eles se entrelaçavam daquela maneira, só a sensação de comoção em suas virilhas e as correntes de resplendor que percorriam seu membro. Um pouco mais e alcançaria o orgasmo.

Os gemidos de Vaughan logo que eram coerentes desordens de sílabas contra seu ombro. Ele absorvia seu fôlego com profundidade, sua voz crescia quando expulsava ar. O ardente sêmen esquentou seu abdômen. Esticaram-lhe os músculos e depois se encontrou tremente e ofegante pela força de seu próprio clímax.

Lentamente, clareou a cabeça. Lucerne se afastou o cabelo dos olhos, onde as mechas loiras lhe pegavam à pele. Sentia a cabeça de Vaughan contra seu ombro, quente e preciosa. Ele o abraçou com força. Só podia lhe abraçar, sabendo que o que tinha que fazer a seguir seria provavelmente o mais duro que houvesse feito em sua vida. Expressar seus sentimentos não tinha sido nunca fácil para ele. Sabia como se sentia, mas em realidade, dizer era outra coisa bem distinta.

—Quero-te — sussurrou— mas também quero a Bela. E não posso escolher entre nenhum dos dois —brandamente, desceu Vaughan até o chão— cuida dela por mim — se limpou com um guardanapo e depois grampeou as calças e o colete. Podia sentir como caíam suas lágrimas. Não se atrevia a olhar ao Vaughan que se levantava rigidamente diante dele, com a roupa ainda pulverizada pelo chão e o estômago brilhante com seu sêmen. Se encontrasse com seu olhar, saberia que não teria tão clara sua decisão e aquela era à única maneira de atuar para que os dois fossem verdadeiramente felizes. Deveriam aceitar perdoar e esquecer se queriam que seu ménage a trois florescesse de novo, mas o veneno seguiria ainda ali. Teriam os mesmos problemas uma e outra vez.

Deteve-se na porta. Quase a ponto de trocar de opinião. Tinham compartilhado tantas coisas, os três. Queria que eles compartilhassem ainda mais, mas sabia que tudo estava em ruínas. Tinha que deixar que seus dois amantes encontrassem a si mesmos. Possivelmente dessa maneira, pudessem encontrar de novo a ele.

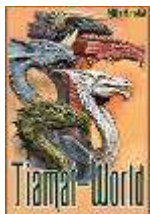
Não era muito otimista. Não estava tão louco.

Com um pé na soleira, arriscou-se a voltar à vista atrás. Os olhos do Vaughan resplandeciam selvagens entre a escuridão, com um brilho pronunciado pela palidez úmida de sua pele. Tinha os lábios de uma cor vermelha intensa, arroxeados pelos beijos. Lucerne não queria nada mais que apertar-se contra seu corpo e passar a noite no tapete que havia frente à lareira, manchando o um ao outro com cinzas e sêmen, mas não podia ser. Respirou fundo. Nunca haveria outro Vaughan. Ninguém que pudesse igualar seu engenho, sua beleza, sua sexualidade bruta...

Não havia palavras...

Lucerne fechou a porta brandamente e baixou os degraus na noite.

Bela estava de pé ao lado da horta, rodeada pelo aroma da terra úmida, o alho e a hortelã molhada. A luz se atenuou da partida de Lucerne e as lágrimas escapavam finas e rápidas. Quanto mais as limpava, mais facilmente pareciam derramar-se. Estava meio congelada, inclusive envolta



no pesado casaco de Lucerne, entretanto não podia estar com ninguém mais, enfrentar aos olhares e às perguntas, mas não havia nenhum de modo de chegar a seu quarto sem passar pela grande sala.

—Louisa — soluçou na manga do casaco do Lucerne. Não era justo. Sua amiga deveria poder ter desfrutado da menina que acabava de trazer para o mundo e não jazer na fria terra de um país estrangeiro.

Podia ver sua imagem claramente, tão pequena e perfeita, de pé na grama da granja Wyndfell o dia de suas bodas, com sua cabeça delicadamente erguida a um lado enquanto se perguntava em voz alta como explicaria a seu novo marido que depois de tudo não era uma indigente.

Foi à última vez que se viram.

O som de uma porta deslizando no pátio a devolveu à realidade. Bela lambeu o sal de seus lábios inchados. Uma figura esbelta emergiu entre a erva.

—Lucerne.

Desesperada pela comodidade de seu abraço, Bela se dirigiu para ele.

Seu passo também se dirigia com determinação em sua direção. Encontraram-se sob a estrutura de madeira que protegia o poço.

—Lucerne — ele abriu seus braços para ela, depois de uma pausa torpe e, inclusive então, seu rosto estava tão despojado de emoção que ela se deteve antes de aconchegar-se contra seu calor. O pescoço de sua camisa estava torcido e cheirava a sexo e ao Vaughan. —O que aconteceu?

Ele ficou rígido.

Um forte ruído veio do castelo. Vaughan se apressava pela ponte levadiça da torre sul. — Lucerne! — gritou.

A brisa fazia dançar seus cachos negros.

Lucerne ficou paralisado em seus braços. O olhar de Bela piscava entre os dois homens, ficando com o tenso estoicismo do rosto do Lucerne e com a dor intensa da do Vaughan, que reconhecia inclusive apesar da distância. —Não — disse ela—. Não... Lucerne...

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça.

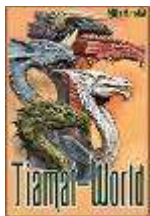
—Não — gritou ela com incredulidade. Não podia ser. Supunha que ele era quem ia arrumar as coisas.

Desfez-se dela e Bela se agarrou a sua manga à medida que ele caminhava a grandes passos através da porta e o canal. Deteve-se na sombra de sua carruagem coberta e lentamente olhou os dedos em seu ombro.

—É a única maneira possível, Bela. Não posso fazer que as coisas vão bem —seu homem abriu a porta da carruagem— te perguntaria se quer vir comigo, mas já conheço a resposta.

Sentiu formigamento no nariz. As lágrimas percorriam suas bochechas e desciam para a garganta.

—Não posso —chiou — não posso deixá-lo.— A ardente paixão que uma vez tinha sentido



pelo Lucerne estava convertendo-se em cinzas diante do que sentia pelo Vaughan. Possivelmente, em outras circunstâncias, tivessem reavivado o seu, mas por agora ela pertencia a Pennerley, a Vaughan, e não ao Lucerne, no norte.

Lucerne recolheu o casaco de seus ombros e introduziu os braços pelas mangas.

—Não vá.

—Tenho que fazê-lo, Bela. É o melhor — ele a cobriu com seus braços— sinto muito — aí estava outra vez, aquela desculpa, como se todas as falhas de sua relação atribuíram a ele. Como se tudo tivesse sido culpa dela. Pressionou-lhe a testa com um beijo e depois acariciou também a parte posterior de sua mão. —lhe diga... lhe diga... —negou com a cabeça. Deixou que seus dedos se escorressem. —Adeus, Bela — forçou um sorriso e depois subiu os degraus da carruagem—. Adeus.

Bela ficou ali de pé, na escuridão, observando como se afastava o carro até que logo que podia vislumbrar-se como uma mancha no horizonte. As lágrimas tinham secado, formando raias que lhe atravessavam o rosto. Lentamente, aterrorizada pela reação do Vaughan e intumescida pela pena, deu a volta e se dirigiu para a torre de entrada.

Capítulo 15

Vaughan tirou a garrafa da estante e esfregou com sua manga o pó que a cobria. Xerez, o porto, madeira. O que importava? Só necessitava algo para tirar o sabor de Lucerne. Não estava muito seguro de quanto tempo tinha estado sentado frente ao fogo, observando o baile das chamas e o cair das cinzas na chaminé, possivelmente uns minutos ou pode inclusive que horas. A sala se obscureceu, as velas se consumiram uma por uma e, depois, o brandy também se evaporou razão pela qual estava pinçando na escuridão.

Apanhou o plugue da garrafa empoeirada com seus dentes e o atirou pela sala. O líquido no interior estava caramelado e uma fração de segundo depois pareceu muito doce. Não havia nada melhor no castelo, embora estivesse seguro de que nenhuma outra coisa lhe tiraria o sabor dos beijos de Lucerne.

O vinho, ou o que fora que fosse, golpeou seu estômago como se fora ácido sulfúrico. Vaughan se inclinou, apertando seu corpo. Sabia que tinha a culpa de que Lucerne se foi. Ele o tinha empurrado a fazê-lo. E agora, essa era a realidade, tinha que viver com isso. Tinha que seguir adiante de algum jeito, com a metade de seu coração destroçado.

—Deus te amaldiçoe, Lucerne —praguejou ele— se supunha que não devia ir — especialmente depois de um encontro como o que tinham tido. A lembrança do membro do Lucerne estreitando-o, de seus beijos, tão agressivos e imperativos. Necessitou de outro gole da garrafa. Seu estômago protestou quase imediatamente, mas ele seguiu tragando apesar de tudo, só para ter arcadas no momento que deixou de fazê-lo. Não havia nada a seu alcance que não fora



o álcool, que agradecidamente estava sempre no mesmo lugar. Não tinha sido capaz de comer nada desde terça-feira de noite. Não, desde que tinha pintado o corpo de Bela com geleia.

Vaughan caiu sobre seus joelhos. Parecia ter os olhos afundados em suas conchas e lhe doía a mandíbula. Também tinha os lábios sensíveis, duramente arranhados pelo débil inchaço que lhe tinha provocado a barba do Lucerne. Não haviam feito amor assim desde fazia meses.

—Maldição! —Ainda segurando a garrafa, fechou de repente seu punho contra a parede mais próxima, enquanto afundava fragmentos do cristal feito pedacinhos na palma de sua mão e manchava sua roupa com o vinho. O fino líquido vermelho banhou seu joelho, mesclada com seu próprio sangue.

O frio lhe penetrou na sobrancelha, intumescendo seus pensamentos à medida que se afundava contra o muro de pedra, picado de fossas. Não ficava nada mais que suas lembranças? Tudo lhe sabia amargo. A água salgada se mesclava com imagens do passado. Vaughan apagou as nervuras com a mão. Que se supõe que tinha que fazer agora? Fingir que nada tinha acontecido? Não era como se sua relação estivesse abertamente reconhecida. Como ia ser de outra maneira, quando a lei do Rei proíbe tal amor. Inclusive a relação que tinha compartilhado com Bela era considerada um crime por natureza. A julgar por suas recentes preces, estava começando a pensar isso também.

Bela... teria que perguntar a ela se queria ir, se não se foi já com o Lucerne. Não podia permanecer aí, um resto constante do que ele tinha perdido e por que o tinha perdido. Lucerne estava equivocado, não havia nada entre Bela e Vaughan. Ele tinha reconhecido ter estado satisfeito ao vê-los juntos primeiro. Tinha sido a única mulher que sempre enfrentou a ele e eles tinham despertado o interesse um ao outro. Mas aquilo não era amor.

Subiu os baixos das calças e agarrou os pedaços de vidro que tinha cravados na sangrenta palma. Seu sangue era denso enquanto lambia a ferida.

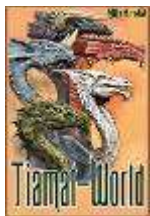
Deixaria que ela ficasse até a festa e depois a mandaria fora com os outros convidados. Mandá-la com Devonshire, se assim o desejava.

—Quem anda aí?

Vaughan olhou por debaixo de suas sobrancelhas. Uma chama laranja aparecia repentinamente na escuridão, entre os degraus do porão.

—Vaughan, é você? —Um momento depois, uma delicada mão lhe tocava o ombro. Os dedos de Niamh acariciaram o revoltado manto de seu cabelo—. O que é isto? O que aconteceu? —Ela se ajoelhou diante dele e lhe empurrou os ombros até que levantou a cabeça. —Santo céu! —Seus olhos se abriram de par em par. Já pálido, a cor parecia sangrar de suas bochechas. Tocou-lhe os lábios com um de seus dedos e depois observou a mancha vermelha que tinha ficado na ponta de seu dedo. —Sangue — gritou ela, com um fio de terror na voz—. O que tem feito?

Vaughan abriu a palma de sua mão, fazendo que o sangue da ferida corresse livremente outra vez. O fio escuro gotejava pela manga de seu casaco. Distraidamente, observou a luz que tocava o fluido. Era de cor marrom e escarlate, vermelho como os lábios de sua irmã, de cor ameixa como a glândula de seu amante.



Niamh apertou um lenço bordado contra sua mão e observou que o líquido transpassava a superfície.

—Vou procurar ao doutor Kepple.

—Não quero doutores — disse ele e sentiu como se lhe apagasse a voz— está curando.

—Mas...

Agarrou-lhe o pulso com uma força de ferro.

—Não quero doutores. Não necessito ampolas nem mais sangue. Posso arrumar isso — a vela se refletia em suas pupilas, ressaltando o brilho de medo que havia nelas. Vaughan ficou de pé, fazendo que as partes de vidro quebrado rangessem sob seus sapatos.

—Aonde vai?

Deu de ombros e tirou outra garrafa da estante.

—Espera — pôs a mão sobre seu braço.

Vaughan a olhou. Muito pouca gente se atreveu a detê-lo quando queria fazer alguma coisa, mas se deu conta de que sua irmã tinha desenvolvido certa obstinação em sua ausência. Supôs que lhe tinha concedido muita liberdade.

—Me deixe te ajudar. Posso te enfaixar a ferida. — Ele negou com a cabeça, por isso o cabelo lhe caiu sobre os ombros e pegou a suas bochechas úmidas.—Só me deixe entrar em seu quarto.

Seu estômago se contraiu pela ideia.

—A maioria das mulheres têm mais sentido comum antes de sugerir tal coisa.

—Eu não sou a maioria das mulheres. Sou sua irmã, no caso de que tenha esquecido-se disso —sentenciou ela e pôs uma mão sobre seu quadril em uma postura que recordava a viveza de Bela—. O que aconteceu esta noite? Bela está branca como a neve e não diz uma palavra a ninguém, e você... —estava bloqueando as escadas— desaparece em metade do jantar e agora, depois de meia-noite, quando todos seus convidados se retiraram, te encontro escondido no porão.

—Acabou-se —disse ele simplesmente— não podia conceber a ideia de compartilhá-lo com ninguém — não queria lhe explicar nada, mas de algum jeito tinha que se desfazer dela. Por desgraça, aquela frase só trouxe mais perguntas.

—De quem está falando? —ela se mordeu a unha do polegar— ouvi rumores. Dizem que você e o visconde Marlinscar são amantes.

—Mm.

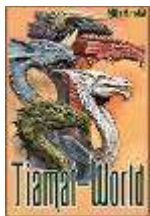
—me diga que não é verdade. Poderiam levá-lo a força!

—É verdade. E podem atrever-se a fazê-lo, se quiserem — a jogou para um lado e se dirigiu para as escadas, dando-se conta pela primeira vez de quão bêbado estava.

Niamh correu a toda pressa detrás dele.

— Vaughan! Alguma vez pensaste no risco que corria?

Alcançaram os degraus do porão e ela se tornou em cima dele de novo, esta vez bloqueando o corredor do salão de abaixo com os braços estendidos.



—Já conheço o libertino no que te converteste, mas andas com as mulheres por pura satisfação?

—Niamh —grunhiu ele, seu temperamento crescia rapidamente como resposta à repugnância que reconhecia nos olhos de sua irmã— tome cuidado com o que diz — dirigiu sua mão para ela e esta se sobressaltou, parando-se no muro do corredor— Dou-te asco? —perguntou ele, deslizando um de seus dedos pelas espirais dos cachos que lhe cobriam o rosto.

Ela se encolheu.

—Dá-me medo.

—Mm — murmurou ele, com a outra mão sustentando com força o pescoço da garrafa que tinha tirado da adega. Não estava muito seguro do que sentia nesse momento, exceto que estava ferido e que queria que qualquer outra pessoa pudesse sentir quão mesmo ele. Queria que ela entendesse que nada ia mal, era simplesmente que ele era assim, quem era, e que nenhuma quantidade de insultos trocaria aquilo. Mas não o entenderia. Ela nunca se havia sentido da mesma maneira.

—Esse louco, Edward Holt o ama? —perguntou ele.

Desconcertada, Niamh o olhou, com seus elegantes lábios entreabertos e suas unhas curvadas no revestimento da madeira. Estava claro que ela não entendia a conexão, mas havia uma.

—Ama-o?

Ainda confundida, torceu a cabeça e o corpo, tentando escapar de sua carícia e de seu olhar de introspecção.

Vaughan lhe acariciou a bochecha com a mão ferida e a forçou a lhe olhar. O movimento lhe doeu, mas a dor era mínimo comparado com o que sentia em seu interior. Ela fez um som afogado, tremia-lhe o lábio.

—Não estou segura — aquela frase levava uma gagueira dúbio.

—Não está segura — repetiu ele—. Bom. Eu estou seguro. Não critique meus sentimentos até que possa entendê-los — afastou a mão, deixando um rastro sangrento em sua pele—. Case com ele se o desejar. Governei sua vida, mas não posso governar a minha. Mas, Niamh, se depois de tudo não pode te casar por amor, é melhor que não se case com ninguém.

Ela abriu a boca como resposta à concessão que nunca tinha esperado que seu irmão lhe desse, rapidamente seguida de palavras de explicação, de justificação de seus desejos.

—Diverte-me — disse ela.

Vaughan suspirou. Esqueceu-se todo mundo de como sentir?

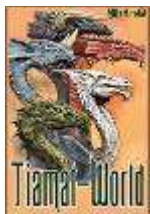
—Então, é o que faz o Monk Lewis, mas não tem por que se casar com ele.

—Ele nunca me pediu isso.

Aquela rápida resposta lhe provocou um bufo de alegria.

—Suponho que deveria tê-lo convidado a em lugar do Devonshire.

—Para —se queixou ela —simplesmente para. Sempre foste igual. Só porque esteja ferido... —juntou as mãos frente a seu rosto como um escudo, da mesma maneira que tinha utilizado seus



pulsos como uma barreira no passado— eu gosto de Edward. O acho agradável, que é o que a sociedade pede.

—Maldita seja a sociedade! — agarrou seu queixo. Quando ela se retorceu, encaixou-a contra a porta do salão de baixo e com a coxa pressionava entre suas pernas. Uma curiosa onda de excitação lhe batia seus quadris ao escutar sua exclamação de medo, seguido por um forte batimento de coração e por uma rajada de náusea, enquanto sua respiração assustada lhe assaltava os tenros lábios.

Ele não queria que acontecesse daquela maneira. Tinha tentado ampará-la, proteger a de homens como ele. Um deles tinha o direito a ser feliz. Tinha que entender que não era um vilão.

—Agradável — grunhiu ele, com sua boca a um escasso centímetro da sua— como de agradável o encontrará depois de que te force cada noite durante um ano? O que passará quando insistir em deitar-se com as faxineiras ou quando fizer que seu amante seja sua melhor amiga?

—Está doente. Necessita de ajuda, Vaughan —arqueou suas sobrelanceiras de cor rosa— Edward não é como você. Ele não faria isso.

—Edward sempre o tem feito. —Seus olhos se voltaram frágeis pelas lágrimas.

—É um porco. Afaste-se de mim.

—Passou a primavera passada cortejando a Alicia Alienthorpe e depois a deixou atirada, quando se inteirou de que tinha uma amiga muito mais rica adoecendo sozinha no país.

Ela negou com a cabeça, mas ele podia apreciar como a dúvida se refletia em seus olhos. Vaughan a tranquilizou e observou sua partida em um redemoinho de abas. Possivelmente um irmão melhor teria procurado uma maneira mais sutil de contar-lhe. Se ela tivesse estado apaixonada por Holt, guardaria segredo, inclusive poderia ter chegado a tolerá-lo, mas não ia casar se com um descarado por nada. Suspirou. Pela manhã iria soluçando a Alicia e toda a história de lamento não deixaria dúvida alguma. Possivelmente então, daria conta de que a teria salvado de uma vida de miséria.

Apesar de tudo, ainda estava convencido de que o amor era um requisito essencial para atar-se a alguém. A gente que não se gostava não tinha nada que ver. Seus pais tinham sido um bom exemplo disso. Possivelmente Niamh tinha sido muito pequena para recordá-lo.

Em seu quarto, o fogo tinha ardido brandamente. Vaughan estava estendido no quente linho da cama, com a mão enfaixada, e observava as profundidades escuras do baldaquim. Doía-lhe a palma da mão, mas o corte não era particularmente profundo. Cicatrizaria mais rápido que qualquer de suas feridas interiores.

—Lucerne — sussurrou na escuridão. Levantou o relicário de ouro que usava perto do coração e pressionou o quente metal contra seus lábios. Acabou, mas nunca tinham chegado a ter nada seguro. Voltou-se para um lado, com o relicário apertado com força em seu punho e se esforçou por dormir. Mas quando fechou os olhos, vieram-lhe imagens dos lábios do Cupido do Lucerne, de seu cabelo loiro desganhado contra os travesseiros e de Bela, escondida em seus pés.

Por alguma razão, não importava como se esforçava, não podia tirar Bela da cabeça. Supôs



que se acostumou a sua presença. Em vão, deu-lhe uma patada em sua visão, mas logo que resplandeceu e voltou a formar-se.

Depois de vinte minutos de tortura, Vaughan se levantou. Estava de pé, frente ao fogo e bebia da garrafa que tinha tirado da adega, para encontrar-se com o veneno acre que levava dentro. Umedeceram-lhe os olhos enquanto cuspiu o vinagre, com um pingo de cortiça lamacenta que caiu nas chamas. Não o abandonavam seus amantes, mas também suas adegas estavam chateando-se. Aborrecido, olhou a garrafa e encontrou cristais flutuando no bordo. Como demônios se supunha que um homem ia afogar suas mágoas quando seu vinho tinha sabor de urina de gato?

Ar. Devia sair para dar um passeio em lugar disso.

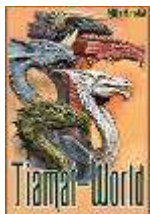
Esquivando-se das ameias, dirigiu-se para uma das curiosidades do castelo, uma porta que dava à parede exterior da torre. Quando era jovem, supôs que aquela era uma relíquia do passado medieval do castelo, mas não era provável que o muro exterior tivesse alcançado aquela impressionante altura inclusive no século quatorze. Em lugar disso, tinha sido informado de uma fonte fidedigna pelo Foster, cuja família era outra das relíquias do castelo, de que era simplesmente um meio para transportar os móveis, muito volumosos para as escadas à torre.

O vento o batia à medida que atravessava a estreito na beira, afugentando o aroma do álcool. A sua direita, as paredes do castelo caíam até as águas tenebrosas do canal. *Se escorregasse, sobreviveria ou se espremeria como um pulso de trapo?*

Os dedos de seus pés se cravaram na rocha para segurar-se enquanto via estender o reflexo dos céus como um arco íris de prata sobre a superfície do canal. O vento era muito forte para ficar nessa posição durante muito tempo. Atirou de sua camisa e seu cabelo, distorcendo o arco íris de prata. Cuidadosamente, desceu do suporte. O esforço feriu a palma machucada e aterrissou de uma maneira torpe, caindo de costas, sobre um leito de tomilho. Tombou-se sobre seu abraço fragrante. Ao dia seguinte, Halloween, o mundo da classe alta descenderia sobre Pennerley. Tinha que concentrar-se nisso, assegurar-se de que tudo estivesse perfeitamente preparado. De Maresi confiava em que seu pequeno quadro vivente teria êxito, mas sua atenção se desviou da chegada de Gabriel Allenthorpe e tinha que confiar na ajuda de Henry Tristan para encenar alguns de seus truques.

Mesmo assim, era um alívio que a atenção de François tivesse mudado de direção. Não podia enfrentar suas garras naquele momento e pode que seu calculado desdenho houvesse finalmente conseguido seu propósito. Perguntava-se quanto tempo duraria aquela aventura, caso que as predileções do menino encaixassem com as de Maresi e não estava muito seguro daquilo. Ele se parecia mais ao tipo de pessoa que se refugia na Igreja.

Sua mente voltou a concentrar-se de novo em Lucerne, Vaughan se retirou do leito de tomilho, umedecido levemente pelo rocío, e seguiu a curva da torre sul até a porta da masmorra. Tinha guardado seus pensamentos de desviar-se, concentrando-se nos detalhes do terrível conto de Sebastian Alastair Elisud, o primeiro marquês de Pennerley, um canalha desprezível com o qual mantinha um parentesco espetacular.



Logo que tinha metido a chave na fechadura quando uma nova fragrância na brisa captou sua atenção: morangos e flor de maçã. Um momento depois, foi recompensado com sua voz.

—Lorde Pennerley.

Possivelmente não necessitaria de Sebastian Alastair Elisud, depois de tudo.

—Senhorita Allenthorpe — ela flutuava por volta dele com uma camisola grampeada com um xale de caxemira que pendurava de seus ombros.

— Não é um pouco tarde para dar um passeio e, de algum jeito, um tanto indecente sem uma acompanhante e nenhuma touca? —Seu comprido cabelo loiro lhe caía voando sobre os ombros. Curvava-se de uma maneira graciosa nas pontas, embora seu olhar não se dirigiu ali, a não ser a agradável curva de seu ventre e ao topo de seus ombros, onde o vento pegava o suave traje de flanela contra seu corpo.

Tinha umas pernas que até um cavalo de carreira invejaria.

—Usou alguma vez uma touca, milord?

—Não posso dizer que tenha tido o prazer.

—São incômodas, acessórios irritantes que lhe fazem sentir como se usasse viseiras de cavalo.

Em outras palavras, não era útil para levá-lo em metade da escuridão.

—Já vejo. Significa isso que vamos ver como abandona seus chapéus assim como suas estadias?

Fortuna jogou uma olhada para baixo, ao inchado canal e fez um gesto de desgosto.

—Considera-nos indecentes por desejar a liberdade de movimento?

—É totalmente o contrário. Simplesmente lamento a oportunidade que a renda proporciona. Há certa satisfação em ter tido que lutar para alcançar os prazeres que se escondem embaixo deles.

Uma vaga sensação de excitação se agitava entre sua virilha. Ainda não tinha a intensidade suficiente, sem imperativo para atacar, mas sabia que podia perder-se nela em um instante. Desesperou-se por atrair sua atenção do momento no que tinha chegado, mas seus pensamentos se foram a outro lugar e seu esgotado paladar não tinha espionado nenhuma provocação para conquistá-la.

Com os olhos brilhantes, Fortuna deu um passo para ele e lhe tocou a parte posterior da mão, onde a atadura se estreitava.

—Me perdoe — ela olhou para um lado e depois o observou de relance. Sua paquera lhe incitava a rir, mas havia algo delicioso em sua astúcia frustrada. Sabia o que queria, mas não estava seguro de se ela teria experiência em consegui-lo.

Por que não?

—Perdoarei quando fizer algo que garanta tal recompensa.

Inclinou-se de novo e desta vez curvou seus ardentes dedos ao redor de sua bochecha. Vaughan negou com a cabeça.

—Me toque quando realmente quiser fazê-lo — ele retornou para trás, para a porta de



ferro, com as mãos levantadas cada lado de sua cabeça.

Lhe abriram os olhos de par em par, até parecer dois grandes pires.

Ela o desejava, estava seguro disso, mas podia visualizar seu encanto enquanto jogava com os dedos contra sua pele e o sussurro das palavras enganadoras. Em lugar disso, estava-a convidando a atuar.

A tentação, a curiosidade e o medo lhe refletiam no rosto. Tinha os olhos brilhantes, os peitos em ponta e a respiração entrecortada, e quando suspirava o fazia de maneira profunda e leve.

—Vem agora, não seja tímida. Ninguém está olhando.

Ela dirigiu a cabeça tremendo para a torre de entrada, mas as janelas estavam todas escuras e vazias, os ocupantes dormiam em suas camas.

Quando voltou a olhá-lo, ele enterrou a cabeça e a olhou através das pestanas, imitando a expressão que havia feito antes.

—Bom —umedeceu os lábios e deixou que seu olhar percorresse lentamente desde seus olhos até seus pesados seios, onde os mamilos se erguiam como duas rígidas torres contra sua camisola, rogando uma carícia dela.

Finalmente, ela lhe aproximou. Sua camisola roçou seu peito enquanto ela se inclinava para ele e lhe pressionava um beijo intoleravelmente casto. Vaughan suspirou, um som que ela obviamente confundiu como prazenteiro. Aquilo o fazia somente por seu prazer e isso significava o controle total. Não ia ficar fácil. Se queria facilidade, tinha escolhido o homem equivocado.

Quando levantou o queixo para lhe dar outro de seus castos beijos, ele negou com a cabeça.

—Me toque — falou.

—Eu... —de maneira tentadora, alcançou-o, com os dedos estendidos, mas logo que passou roçando a palma da mão pela superfície de sua camisa, sem nem sequer chegar a ter um verdadeiro contato.

—Faça.

Aparentemente, um pouco de autoridade dava muito de si. Ambas as mãos se posaram quase imediatamente sobre seus braços, deslizando até seu peito e descendo para seu estômago. Duvidava em explorar mais abaixo, com os dedos tremendo contra a cintura de suas calças.

—Continua. Não pare.

—Está...

Estava tremendo tão nervosamente que pressionou o corpo contra o dele inconscientemente.

—Espalmado — continuou ele amavelmente. Agarrou-lhe a mão e a pôs sobre seu pênis.

—Hum... como isto funciona exatamente?

Deu-lhe lástima.

—Só tem que tocar um pouco. Desliza sua mão acima e abaixo. E esfregue. Sim, assim! —sua carícia era inexperiente, mas mesmo assim tudo o que ele precisava era esquecer, e aquilo era muito melhor que o vinho para afastar o sabor de Lucerne.



Ainda cheirava a ele. Ainda podia saboreá-lo. Sua mão não era suficiente.

Vaughan forçou a boca com dureza contra a dela. O beijo foi afiado, engrenado com lembranças amargas, mas ainda se misturava com seu sabor. Ele se fez para trás, só para evitar deprimir-se. Levantou-lhe a mão e pressionou os lábios contra seus nódulos e depois contra a palma de sua mão e finalmente na fenda que se abria entre seus dedos indicadores.

Agora estava excitado e queria mais dela, desejava uma carícia mais firme e possivelmente uma suave boca flexível em que deixar sua semente.

Felação⁹. Havia algo sobre isso que não resultasse simplesmente perfeito?

Ela não tinha experiência, mas Lucerne tampouco a teve uma vez.

Vaughan guiou sua mão dentro das calças. Seu membro se endurecia de agradecimento a sua carícia quente e Fortuna gritou.

—Silêncio — ele pôs uma mão na sua boca— quer levantar todos do castelo?

Ela negou com a cabeça.

—Sinto muito. Não o farei outra vez. Só foi pela surpresa — olhou nervosamente para baixo. Seus bonitos dedos se agitaram sobre a ponta de sua glândula — farei tudo o que deseje.

—Tudo o que deseje? —uma risada aguda saiu de sua garganta— querida, não tem nem ideia do que está dizendo.

—Sim tenho ideia. Entendo.

—Aqui? —ele se passou a língua entre os dentes e depois inclinou a cabeça para a grama.

—Em seu quarto.

Ele voltou a rir. Menos risco de exposição, era verdade. Mais seguro? Só se não lhe importava encerrar-se com uma puta faminta.

—Se vier a meu quarto, não pode mudar de ideia — disse ele.

Fortuna inclinou a cabeça.

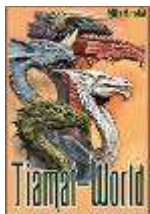
—Sei.

—Não — fechou os botões e lhe agarrou a mão para pô-la sobre seu ombro— não sabe, mas saberá.

Ela estava em uma espécie de transe. Fortuna se movia torpemente a seu lado, com a mão firmemente agarrada à manga de sua camisa. Aquele era o futuro com o que tinha sonhado quando lhes tinha rogado de joelhos a seus pais que lhe permitissem ir a Pennerley. É obvio, ela esperava, ou ao menos imaginava declarações de amor que precederiam ao momento em que a desvirginasse, mas naquele momento, com aquele homem, tais certezas não pareciam lhe importar muito.

Estava quase sem respiração quando subiu a escada de caracol que levava ao quarto de Vaughan. O grande aposento ocupava um piso inteiro da torre e estava mobiliada em um estilo masculino. Vaughan fechou a porta atrás deles e depois cruzou a sala até a lareira para avivar as

⁹ É o sexo oral feito no genital masculino. Diz-se ativo quem pratica a felação e passivo quem a recebe.



chamas, deixando-a ali, de pé, incômoda pelo galeão que parecia sua cama. Era algo monstruoso, estava esculpida em carvalho grosso e totalmente coberta com lençóis brancos. Em qualquer momento ele poderia equilibrar-se sobre ela, atá-la e violá-la com a arma que logo que tinha vislumbrado, mas que tinha notado dura e com vitalidade na mão.

Depois de terminar com o fogo, Vaughan se desfez de seus anéis e os deixou pulverizados em cima de um baú de ferro. Era o homem mais bonito que ela já viu, esquisitamente melancólico, com seus olhos negros cheios de segredos e seus lábios cruelmente sugestivos. Só olhá-lo mover-se pelo quarto lhe produzia uma estranha sensação. Ele a rodeou, fazendo que seu pulso disparasse enquanto ela se aproximava a sua aproximação repentina.

Ele não se equilibrou sobre ela como tinha esperado. Em lugar disso, pôs um tamborete acolchoado na sua frente.

—Sente-se.

Fortuna obedeceu, e se encontrou enfrentando a seu reflexo na superfície de um gigante espelho dourado que estava apoiado contra a parede. Vaughan estava diante e ela podia cheirar o aroma de noz moscada que desprendia seu corpo, turvado com o álcool e com algo doce. Sua camisa se abria até o esterno, revelando o músculo que havia debaixo e um resplendor zombador de um mamilo plano masculino.

Enquanto tirava sua camisola, sentia suas mãos impossivelmente quentes sobre os ombros e depois mais quentes ainda quando começaram a abrir entre a linha de botões que lhe percorria da garganta até os seios.

Parecia que a respiração se aderiu à garganta, enquanto ele introduzia a mão pela abertura que cobria um de seus seios. Ela encaixou limpamente em sua mão e seus mamilos endureceram. Sua suave carícia os enrugava e endurecia até que estiveram completamente rígidos e a excitação lhe percorreu todo o corpo, fazendo que a carne entre suas pernas tremesse de desejo.

— Levante as saias — disse ele. Fortuna duvidou, com as mãos na prega, temerosa pelos prazeres que aquela exposição produziria, mas era impossível lhe negar nada. Ele não a persuadiu com palavras a não ser com os dedos, uns dedos largos e ágeis que jogavam com seus mamilos lhe causando gemidos de alegria.

Ela fechou os olhos e se levantou a prega até a cintura. O coração lhe palpitava com força.

—Olhe — disse ele, assinalando ao espelho que havia diante dela.

A imagem que presenciou era incrivelmente lasciva. Seus seios se mostravam turgentes do pescoço de sua camisola, e o resto do tecido jazia ao redor de sua cintura, deixando ao descoberto a esplêndida longitude de suas pernas. Nunca tinha visto muito de seu corpo. Inclusive quando se banhava, usava uma camisola. Seus mamilos eram dois topos de uma cor rosa escuro e suas pernas eram brancas como o leite.

Vaughan intimou com uma das mãos entre seus joelhos e as afastou, lhe causando um nó de excitação que esticava seu ventre e uma corrente de umidade que aparecia entre suas coxas. Deslizava a palma da mão para cima, fazendo que abrisse ainda mais as pernas, até que cada segredo de seu corpo ficou descoberto.



Cachos de cor areia emolduravam a abertura de cor rosa escuro de seus genitais. Sua umidade se refletia na ponta de seus dedos enquanto os introduzia em seu calor. Inconscientemente, ela arqueou os quadris para lhe permitir um melhor acesso e deixar que seus lascivos dedos se deslizassem por sua amadurecida pele. Esfregou repetidas vezes seus clitóris úmido e tenso, até que ela começou a ofegar e a retorcer-se contra o tamborete, empurrando seu corpo para a mão de Vaughan.

—Me leve para cama — rogou ela. Vaughan a olhou à cara. Uma luz escura resplandecia em seus olhos, fria e abismal.

—Não vamos à cama. Vou fodê-la no chão —estreitou os dedos cruelmente sobre seus mamilos e apertou. Seu comprido cabelo roçava os ombros dela, enquanto lhe inclinava a cabeça para lhe lambe a curva da orelha. — Eu durmo em minha cama. Não domestico virgens nela.

Ela avermelhou de vergonha por suas palavras, mas não podia afastar-se de suas carícias. Estava faminta delas. Queria mais dele: investidas de sua língua em sua boca e o calor aveludado de sua arma dentro dela.

O pulso lhe corria tremente e ligeiro sob a pele. Vaughan a tirou do tamborete e ela acabou aterrissando sobre suas mãos e joelhos frente ao espelho, com as bochechas vermelhas e a mandíbula caída. Sentiu o roce de sua camisa contra as costas e o comichão de seus cachos, e depois dois dedos que a investigavam intimamente.

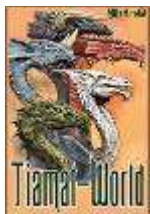
Seu pênis, impossivelmente grande, acariciava-lhe o traseiro. Tensa pela excitação, logo que olhava seu reflexo no espelho. A ponta de seu membro lhe pressionava as genitálias, estirava-a, embora logo que estava dentro dela. Então, com uma investida afiada, ele a embainhou profundamente e a encheu por completo. Aquela sensação, ela nunca tinha conhecido algo tão assustador como aquele momento. Doía-lhe, mas só um pouco e além lhe dava prazer. Todo se sentia muito apertado, mas inclusive isso mudava com suas investidas. Ela se abriu para ele, enquanto sua umidade crescia.

—Se olhe — insistiu ele. Um braço lhe rodeava o corpo para alcançar suas pernas. A fricção a deixou quase imediatamente ofegando.

Do espelho, sua imagem a olhava com total abandono. Refletia cada centímetro da rameira que levava dentro. A vergonha banhou de um resplendor avermelhado toda sua nua pele. Seus seios balançavam com o movimento, como se seu pênis a enchesse de distração. Tinha que assegurar-se de que sua família nunca se inteirasse daquilo ou a fariam casar-se tão logo que não lhe daria tempo a tomar fôlego, sem mencionar que lhe dessem a possibilidade de dizer “não”.

Mesmo assim, nada lhe faria aceitar Héctor MacLeane nesse momento. Não ia condenar a si mesma a anos de fazer o mesmo com semelhante bobo. Sabia que nada disso seria igual com ele. Sentia um formigamento no clitóris. Suas coxas se umedeciam com o suco de seu prazer. Sentia como sua pele roçava com a dele, à medida que este empurrava mais rápido, e depois mais rápido. Uma ideia racional lhe invadiu a mente, enquanto chegava ao clímax, rompeu-se e dispersou cada músculo em tensão.

Sem fôlego, cambaleou até o tapete persa, mas Vaughan apenas lhe permitiu um momento



de pausa. Ele gemeu, perdido em seu próprio desejo e depois sutilmente abandonado, agarrou-lhe os seios entre as palmas da mão e se dirigiu a ela com um vigor intenso.

Seus lábios se moviam em sua nuca, murmurando frases carinhosas que ela não podia decifrar. Sua crueldade a excitou outra vez, prendeu sua chama e, então, levantou-se para encontrá-lo até que seus corpos se entrelaçaram e o calor se expandiu por eles. Ela gozou outra vez e desta vez sentiu que ele gozava com ela, com seu membro dobrando-se em seu interior enquanto uma convulsão se produzia em suas costas.

Ele tremia sobre ela, com seu despenteado cabelo negro caindo pelos ombros e depois se derrubou contra seu corpo. Durante vários minutos, ele ficou quieto, só respirando contra seu ombro. Quando se levantou, o cabelo lhe cobria o rosto, mas inclusive as sombras que lhe faziam não podiam ocultar o rastro de lágrimas que resplandeciam em sua bochecha. Desconcertada, ela observou seu rosto pálido. Ele não encontrou seu olhar no espelho, simplesmente retrocedeu e se deu a volta.

A sensação de êxtase que havia sentido antes desapareceu.

—Vá agora — disse ele, sua voz logo que era um sussurro.

Ferida, um milhão de perguntas se amontoavam em sua mente. Tinha lhe desagradado de algum jeito? Fazia algo mal?

—Não o entendo.

—Não quer estar aqui. Utilizarei, muito mais do que já o tenho feito.

Não disse nada mais. Ao fim, ferida e confundida, foi do quarto, deixando-o com seus demônios.

Capítulo 16

Bela se levantou em um mundo de névoa cinza. O ar, inclusive por cima da torre norte estava úmido e azedo e levava o sabor da terra abonada. A noite anterior parecia ter sido somente um sonho. Louisa e Lucerne. Tinha perdido dois de seus amigos mais queridos em só uma noite. Não ficavam lágrimas e agora apenas se sentia intumescida.

Se banhou com água fria e ficou um vestido liso de cor azul com um laço negro atado na manga. Parecia mais apropriado que seu baú cheio de vestidos de cor branca virginal.

A pegajosa bruma era inclusive mais espessa em um nível inferior. Aderia-se a sua pele como fantasmagóricos dedos à medida que se dirigia ao canto da horta. Ali, no refúgio da árvore se sentou e voltou a ler as cartas de Louisa. Parecia impossível que sua amiga não estivesse sentada em outro escritório em alguma parte escrevendo outra epístola. Quando teve acabado de ler todas, voltou-as a atar com o laço amarelo descolorido e se sentou com elas nas mãos, observando o pátio com o olhar vazio. Não tinha cartas de Lucerne. Nunca tinham estado tanto tempo separados para conceder-se nenhuma.



—Nunca tivemos que deixar Lauwine, nenhum de nós — disse à Louisa de sua imaginação— oxalá todos estivéssemos ali: Wakefield, Lucerne, Joshua, você e eu —a lembrança de seu irmão lhe provocou um sorriso gasto como faziam as lembranças do incauto jogador, Charles Aubrey. Todos se desvaneciam sob as lembranças de Vaughan. Ele era seu único laço naquele tempo. *O que aconteceria se forçava a ir-se?*

Seu olhar se dirigiu à ponte levadiça da torre sul, onde quase esperava encontrá-la, ainda esperando que Lucerne voltasse pela portinha da porta. Ele a tinha atormentado dias inteiros, a tinha caçado na metade do castelo e depois tinha tentado desfazer-se dela, tudo com a sombra de Lucerne entre eles. E o que era o que ficava agora?

Possivelmente nada absolutamente.

Tinha que enfrentar a ele. Mas não naquele momento. Não até que suas feridas começassem a cicatrizar.

Bela se deu conta de que o café da manhã tinha sido um engano, quando Raffé sentou em uma cadeira a seu lado.

—Uma noite dura — remarcou ele— todo mundo perambula tão pálido como o marfim esta manhã. Acabo de ver a senhorita Allenthorpe. Tem os olhos como pires e claramente não pegou olho e você inclusive tem pior aspecto que ela.

—Obrigado — acrescentou Bela, mas Raffé parecia ignorar seu sarcasmo.

—Nada que um bom café da manhã não possa arrumar — disse ele, lhe oferecendo uma bandeja de defumados. Quando ela não pegou nenhum, lhe pôs duas partes no prato e colocou uns cogumelos em cima.

Bela olhou o montão de cor cinza e amarela e revolveu seu estômago.

—Não tenho fome — estremecia com a ideia de inclusive levar um bocado aos lábios.

—Então, ao menos bebe um pouco de chá para entrar em calor. Esteve fora muito tempo esta noite.

Bela o olhava como avisando e ele pareceu captar o sinal de que os fatos da passada noite eram um tema que não se podia tocar.

—Pennerley precisa arrumar estas janelas — disse insulsamente—. Aqui faz um frio horrível na primeira hora.

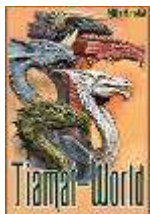
—Não sabia que era madrugada.

—Sempre — respondeu ele.

— Ele gosta de se masturbar antes do café da manhã — acrescentou Vaughan em uma espécie de bom dia. Afável como o mesmo demônio, sentou-se à cabeça da mesa e esvaziou a jarra de chá—. É certo, verdade Devonshire? Posso ouvir seus patéticos gritos por toda a torre.

—Milord —disse Raffé, tomando a indireta com um sorriso doentio e pálido— se me desculparem — se inclinou para Bela e se levou o café da manhã consigo em direção ao salão de baixo.

Bela escutava as pisadas de Raffé até alcançar a porta e depois dirigiu seu olhar para



Vaughan. Sua expressão era acordada e cruel, seus olhos se moviam de um lado a outro e seus sensuais lábios estavam agora tensos e pálidos.

—Ainda está aqui — observou ele e estreitou as mãos por cima de sua xícara, por isso o vapor se curvava entre seus dedos. Tinha que queimar, mas ele nem sequer se alterou.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe ela.

— Lucerne não lhe explicou isso? Deveria ter ido com ele — ao final levantou sua mão da xícara, descobrindo a gaze que lhe cobria a palma. Ela ficou impressionada, mas ele jogou a cadeira para trás e se levantou—. Acabou-se, Bela. Que mais precisa saber?

—Entre nós ou entre você e ele? —perguntou ela, enquanto lhe tremia o lábio e estirava os braços para ele.

Por um momento insuportavelmente comprido ele ficou quieto, com a cabeça ligeiramente inclinada e os olhos baixados até o piso de carvalho que havia entre eles. Bela se estirou para ele. Parte de seu ser queria esmagá-lo com um forte abraço e negar-se a ir-se, mas outra parte queria sacudi-lo, arranhá-lo e amaldiçoá-lo por sua estúpida teimosia. A segunda ideia a manteve rígida com um pressentimento horrível.

—Nunca houve um nós — disse ele e as palavras lhe atravessaram a alma mais vividamente que nada com o que ele pudesse havê-la golpeado. Deu a volta.

— Não! —gritou ela atrás dele. Suas saias se enrolaram nas pernas das cadeiras— não era só com ele com quem tinha algo. Havia algo mais que isso — suas palavras se extinguíram enquanto ele desaparecia entre as sombras—. Te amo. Não vá.

A garoa brumosa se misturava com a fria névoa no pátio do castelo. Bela correu atravessando de uma vez se sentia abraçada. Não podia ir pela manhã ao dia seguinte, e depois retornar ao Yorkshire. Não havia nenhuma razão, embora ainda acreditasse que sua decisão de ficar a noite passada tinha sido a correta. Ela queria estar com Vaughan muito mais do que queria estar com Lucerne.

—Maldito seja! —golpeou sem piedade o arbusto de lavanda que crescia na base da ponte levadiça, que revelava um caminho arqueado debaixo dele. Não tinha pensado na possibilidade de que Vaughan a rechaçasse. Seu coração só tinha pertencido a Lucerne, o relicário era prova suficiente disso, mas tinha esperado que ao menos, tivesse dedicado um pouco de afeto a ela. Não tudo o que tinha havido entre eles tinha que ver competindo com Lucerne ou compartilhando sua cama. Tinha havido ocasiões — um pálido sorriso lhe desenhara os lábios —as melhores, quando somente tinha sido entre eles, quando se havia sentido agasalhada por uma fração de segundo, pelo afeto que ele sentia pelo Lucerne.

O amor de Vaughan era frágil e intimidador, um lugar de calor ardente e rude, uma obsessão esmagante, mas também estava cheio de doces promessas. Tinha mentido quando a balançava em seus braços, seu abraço era tão forte que quase a fazia sentir claustrofobia. Sempre tinha ocorrido quando ele tinha estado particularmente selvagem fazendo amor, como se, uma vez que se desafogava, a besta de suas emoções voltasse a enjaular-se em seu interior.



O caminho oculto levava a um pequeno pátio rodeado pela torre sul e pelo bloco do salão, completamente afastado do resto do pátio. Bela se sentou em uma pedra deteriorada e deixou que a chuva lhe banhasse o cabelo e o rosto. Ainda ficava aquela noite. Pode ser que ele mudasse de opinião. Mas quanto mais pensava, mais furiosa a fazia ficar. Tinha-a rechaçado uma vez, quando ela tinha necessitado de seu carinho. Sua melhor amiga estava morta, Lucerne tinha ido e Vaughan estava tão encerrado em si mesmo que nem sequer lhe tinha perguntado como estava.

—OH, Vaughan — suspirou ela, zangada e triste. Mas não podia chorar outra vez. Já tinha derramado muitas lágrimas por eles.

Uma janela se abriu a sua direita, em um nível inferior.

—Bela Rushdale, que demônios está fazendo aí? —Raffe tirava a cabeça pela estreita janela— está chovendo muito, mulher. Venha para dentro.

Ela negou com a cabeça.

—Estou bem aqui.

—Sim claro. Espera aí. Levarei um guarda-chuva.

—Não Raffe! Não saia — gritou, mas já tinha fechado a janela. Certamente teria se dado conta de que se brigou com Vaughan, depois de que este a tivesse jogado.

Bela olhou pela janela e se encontrou a si mesmo observando a sala de bilhares. Apertou com força o punho e golpeou no cristal mas já era muito tarde. Raffe já se foi.

—Maldição! —não queria explicar nada a ele e tampouco necessitava sua bondade bem-intencionada e insidiosa.

—Aqui está — Raffe apareceu sob a ponte sem o prometido guarda-chuva.

Estava vestido com um tecido de algodão de cor nata, a qual rapidamente se voltou transparente pela chuva e se colou ao corpo, por isso pôde vislumbrar o cabelo negro de seu peito e inclusive a escura sombra de seus quadris.

—Deveria entrar antes que pegue um resfriado — disse ele.

—Deveria se meter em seus próprios assuntos e sair daqui.

—E se não o faço? —deu um passo para frente e a pegou pelo braço.

Bela o golpeou com dureza na bochecha, mandando as gotas, como faíscas brilhantes, em todas as direções, mas não se foi. Ele tirou o cabelo dos olhos e depois a forçou a ir ao muro do castelo. —Não sei o que passou a outra noite, mas sei que não sente nenhuma avaliação para você — as mãos de Raffe, quentes e possessivas, fecharam-se sobre seus seios. Seu pênis golpeava duramente contra a coxa—. Esqueça dele. Posso te dar o que necessita sem ter que jogar nenhum jogo.

Não é um jogo, gritou ela em silêncio. *OH, mas sim é um jogo*, respondeu uma voz interior e outra ainda mais forte. Sempre tinha sido um jogo entre eles do momento em que ele a tinha prevenido com respeito à Lucerne. A provocação constante era o que ela desejava. Que ambos desejavam. Não queria deixar de jogar nunca.

Além disso, Raffe não estava jogando com ela também?

—Ele não te quer Bela.



A chuva penetrou nos seus olhos. Deslizou para seus lábios e dentro do decote de seu vestido. Seu coração pulsava com força. Ela negou com a cabeça, mas Raffé se apertava mais firmemente contra seu corpo. Um pênis duro e úmido golpeava contra sua suavidade.

—Não me beije — lhe advertiu.

—Ou se não o que? —seu membro pressionava contra ela ansioso e firme. Bela tremeu. A chuva era torrencial agora, por isso seu vestido pendurava de seu corpo pegajoso e tirante. Ela grunhiu e viu como lhe dilatavam as pupilas. Selvagens e furiosos, seus lábios de cor ameixa e seus olhos vermelhos de ira o olharam, com sua viva imagem refletida em suas pupilas. Raffé forçou os lábios contra os seus.

Bela lutou contra seu abraço, lhe cravando as unhas nos ombros, mas não até que lhe mordeu a nuca não a liberou.

—Bela — grunhiu ele. Sua mandíbula estava determinantemente tensa e seus olhos brilhavam de luxúria.

—Saia de cima, Raffé.

—Não — forçou a boca com dureza contra a sua outra vez, lhe roubando o fôlego— vou fodê-la, e entrar profundamente dentro de você e a te dar o sexo de sua vida até que chie de prazer.

—Gritarei agora se não me deixa ir.

—Sim, faz, Bela. Se assegure de que ele te ouça.

Ela olhou para a torre, onde uma das janelas dava para o pátio.

—O que tem contra ele?

—Ele te tem, mas não sabe ver quão preciosa é. Não te parece suficiente?

Esbofeteou-o com firmeza. As botas de Raffé deslizaram na úmida laje mas ficou reto.

—Me golpeie outra vez e te darei um açoite.

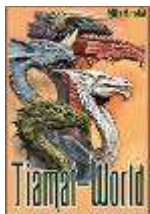
O dano e o rechaço brotavam de seu interior. Raffé não era Vaughan, mas era honesto e direto e lhe daria o que desejava.

Ficaram de pé em um ponto morto durante vários segundos, enquanto suas respirações se misturavam. Então se excitaram ao uníssono com um gemido. A mão do Raffé lhe cobria o seio outra vez. Sua língua penetrava dentro da sua boca. Bela lutou contra seu abraço, inclusive enquanto esfregava o ventre contra seus quadris úmidos e introduzia as mãos dentro de suas calças. Ela era o rouxinol de Vaughan, mas aquela manhã cantaria sob sua janela como uma cotovia. Esta noite... esta noite, levantaria alta sua cabeça e lhe diria que se fora ao inferno pessoal por ser tão cruel.

Uma mão lhe roçou as coxas. Arrastou-se baixo a molhada lã e se formou redemoinhos entre eles. Os dedos de Raffé indagavam em sua umidade, esfregando seus clitoris desejoso e endurecido. Ia lhe dar exatamente o que necessitava. Aquilo que precisamente Vaughan não faria.

Estava escorregadia pelo desejo. Raffé a levantou e introduziu seu pênis dentro dela.

Só sentia as afiadas bofetadas de prazer que percorriam seu corpo à medida que seu calor enchia seu centro de prazer. Era o primeiro homem com o que tinha estado, além de Vaughan e



Lucerne, desde aquela vez que esteve com o Mark nos estábulos. Era diferente. Era estranho.

—OH, Meu deus! —mas também era delicioso. Ia fazer que gozasse e rapidamente.

—Desejei-a do momento em que chegou e te vi inclinada sobre os degraus com seu traseiro nu. Desejei suas suaves curvas, desejei morder seus lábios. Gozei imaginando como se sentiria meu pênis preso em seu calor úmido. E é incrível, Bela. Dez mil vezes melhor do que tinha imaginado — suas investidas ficaram mais agudas, mais fortes, enquanto ela empurrava os quadris fazia abaixo para poder receber mais. —Tome profundamente. Tome inteiro — seus movimentos se fizeram mais rápidos e depois decaíram irregularmente—. OH, maldita seja! Case-se comigo, Bela. Quer se casar comigo?

Ele se retirou e soltou o sêmen no ar frio. Ardendo, golpeou suas coxas só para que depois a chuva o retirasse. Raffe movia as mãos para cima, entre suas coxas, encontrou seus clitorís e esfregou e esfregou até que ela gozou, uivando à tormenta como um espírito ébrio.

—Dizia a sério — sussurrou contra sua boca enquanto ela se acalmava. Ficou sobre um de seus joelhos, arruinando suas calças com as lajes molhadas e cobertas de musgo.

Bela negou com a cabeça.

—Não, não é verdade. Cansaria de mim, muito logo.

—Não farei. Já te desejo outra vez. Dê-me um momento e estarei o suficientemente duro para te dar de novo.

Negando com a cabeça, Bela ficou longe dele, fora de seu alcance.

—Posso te dar o que quer.

—Você não sabe o que quero.

—Não me rechace. É o que ele está fazendo contigo. — Bela passou por cima do arbusto de lavanda sob o arco. —Esperarei sua resposta — lhe ouviu gritar enquanto corria.

—Maldito seja! —conjurou Bela, a salvo em seu quarto com uma manta ao redor dos ombros e uma muda de roupa em cima. *Poderia dar o que ela queria?*

Não. Nunca. Mas podia lhe dar o que necessitava. Tratava-a como igual. Não tinha nenhuma pretensão com ela. E podia salvar sua reputação, se preocupasse com essas coisas. Se o sonho de sua vida com Vaughan estava perdido para sempre, então Raffe Devonshire se destacaria como a melhor opção.

Duas horas mais tarde Vaughan estava ao lado da entrada arqueada da torre de entrada, enquanto cinco carruagens se acomodavam no caminho. Seus convidados tinham estado chegando constantemente desde meio-dia, todos ansiosos pelo entretenimento da noite. O castelo não tinha recebido tantas visitas desde dia do pai ou mais precisamente desde sua mãe. À Marquesa adorava estar rodeada de gente. Supunha que ela tinha estado em sua mente na hora de organizar a diversão. Ter-lhe-ia encantado a excitação grotesca que havia nela, embora de cara ao exterior tivesse desaprovado o tema. Vaughan deixou de lado as lembranças. Tentava com todas suas forças tirar o engenho a seus convidados e encher o vazio que sentia em seu interior.



Funcionava com sua mãe, possivelmente faria com ele também.

—Vamos — murmurou à carruagem enquanto pisava contra o frio. Estava demorando um tempo interminável para percorrer os últimos passados do caminho.

—Foster —rugiu —me traga um ponche quente, homem. Faz um frio de mil demônios aqui fora — o chá que tinha tomado no café da manhã lhe parecia uma lembrança vaga. O licor em um estômago vazio provavelmente provocaria algum problema, mas a ideia de um pouco mais substancial fazia que lhe revolvesse o estômago.

Henry Tristan apareceu atrás de seu ombro.

— Conneley e Dovecote já estão instalados e Devonshire está entretendo ao resto. Quem vem? —perguntou ele.

Vaughan levantou a mão para seus olhos, entreabrindo-os pela névoa para a crista vermelha e dourada da carruagem.

—Darleston — se voltou para Henry, a quem encontrou observando a atadura que levava na mão.

—Posso me atrever a perguntar o que te aconteceu ou não devo gastar saliva e só perguntar exclusivamente onde está Marlinscar?

—A meio caminho de Yorkshire, imagino. — Henry fez um nó em sua gravata salpicada.

—Sociável verdade?

—Não jogue com sua sorte, Henry. Ao menos que tenha um desejo particular em que lutemos com minha lança.

Henry observou com cautela as tenebrosas águas do canal.

—Só quero ter as coisas bem claras antes que os rumores comecem. Estes descarados se darão conta de que não está aqui.

Vaughan respirou com força.

—Acredita que não sou consciente disso? —vaiou ele. Pressionou os nódulos contra os lábios e uma onda de emoção lhe ardeu nos olhos. Era muito cedo para entreter aos convidados, mas muito tarde para cancelar tudo. Na realidade, queria estar a sós com seus pensamentos, não tinha vontade de entreter a multidão.

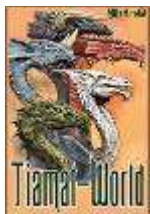
O olhar de Henry continuava concentrado nas águas sedimentadas pela chuva, fazendo abismais seus pensamentos mais íntimos.

—Qual é a versão oficial? —perguntou ele.

—Só diga a maldita verdade —gritou Vaughan — que foi para casa jogar aos pulsos com a filha do Wakefield — *que mais precisavam saber?* O que tinha ocorrido entre ele e Lucerne era privado, nada que fosse assunto de ninguém. Sua ausência não tinha que provocar uma especulação sem fim.

Sobressaltou-se enquanto Henry lhe colocava uma mão sobre o ombro.

—Sei que não quer ouvir —disse o outro homem— mas não são estúpidos de tudo. Pode que não se atrevam a admiti-lo em seu rosto, mas a maioria deles sabe o que acontece entre você e Lucerne.



—Deixa Henry — Vaughan se desfez de sua mão e saiu do caminho do refúgio da torre de entrada, sob a chuva.

—Terá que adotar uma postura harmoniosa com Bela.

—Eu disse que deixe — nenhum deles tinha ideia do que acontecia entre Lucerne e ele. Ninguém sabia. Como com Bela! Não queria pensar nela. Enfrentar a ela no café da manhã já tinha sido o suficientemente difícil. Ela era grande parte do que ele tinha compartilhado com Lucerne, só uma viva lembrança do que tinha perdido. Se pudesse havê-la transportado a qualquer outro lugar, o teria feito, mas até que a festa acabasse manteria tanta distância entre eles como pudesse.

—Como ela vai viajar? —perguntou Henry.

—Como demônios eu deveria saber? —gritou de repente Vaughan. Deu a volta para olhar com ira ao Henry— se estiver tão preocupado, vá e pergunte a ela você mesmo.

Um dedo manchado de tabaco golpeava o nariz do Henry, uma vez, duas vezes, três vezes. Pela primeira vez, possivelmente, um conhecido seu parecia autenticamente irritado com ele.

Vaughan deu um passo para trás, com os músculos tensos.

—É um maldito louco, Pennerley — o pálido rosto do Henry se voltou de cor rosa— e arrisco a sua lança por dizer isto. Essa mulher está apaixonada por você. Ela te segue em sua selva deixada da mão de Deus, simplesmente porque não tem nada que te oferecer e quer arrumar as coisas entre você e Lucerne.

—É culpa dela que se acabou.

—Não — som da mão do Henry golpeando a parte de acima do corrimão de madeira soou como um disparo no ar — é tua culpa, tua e de Lucerne. E se tivesse um pouco de sentido comum, pediria desculpas a ela e faria o possível para se assegurar que permaneça em sua cama —seus olhos nadavam em uma raiva não muito comum— mas como sempre, está tão preocupado por seu próprio traseiro que não vê o que lhe está fazendo. Vai perdê-la e se arrependerá disso.

A carruagem finalmente rugiu até parar fazendo um ruído surdo.

Vaughan sustentava a mão para Henry.

—Não continue. Ela era do Lucerne e todo mundo sabe.

Henry golpeou a mão com a bengala.

—Ela é tua. Inclusive Lucerne já se deu conta disso. Acaso não é essa a razão pela qual partiu? O resto de nós já faz tempo que sabe. Fica suficientemente claro só vendo a maneira em que ela se move ao redor de você. Deus, vi inclusive dançar seus corpos.

Vaughan empalideceu e se virou rigidamente. Não tinha por que ouvir as opiniões de Henry e podia ficar absorto se queria com seu maldito pesar.

—Pennerley — disse o primeiro dos dois homens com cabelo arrepiado, fazendo que Vaughan apaziguasse sua ira e a escondesse depois de uma máscara social.

—Darleston — saudou ele. O coração lhe pulsava com força, rapidamente dirigiu sua atenção ao Henry— se realmente quer ajudar, deixa de me dar sermão e corre a procurar à maldita louca de minha irmã. Supõe-se que deveria estar aqui jogando à anfitriã e não se



deleitando em seu quarto.

Niamh não estava em seu quarto. Estava sentada no pequeno bote de remos azul dentro do abrigo das embarcações. Havia muita névoa para deixar a borda, mas necessitava de algum espaço para pensar, e o castelo estava abarrotado com todo o ir e vir dos convidados. Não estava acostumada a estar com tanta gente e não podia fingir um sorriso como Vaughan fazia.

Ficou acordada a maior parte da noite, dando voltas às coisas uma e outra vez, Vaughan e lorde Marlinscar, Bela, Alicia e Edward Holt. Nada daquilo tinha sentido. Ela sempre tinha conhecido a relação de Vaughan com Bela, e Lucerne era diferente, mas ela nunca tinha tentado procurar os detalhes. Tinha suposto ingenuamente que os dois homens compartilhavam a Bela, mas não ao mesmo tempo e não até a vez em que os viu tocar-se uns aos outros.

Desde que eram pequenos, Vaughan nunca tinha sabido quando era o momento de deter-se. Não se tratava de que tivesse estado malcriado. Simplesmente, negava-se a reconhecer os limites. Mesmo assim, sua feral proteção significava que os limites era tudo o que ela conhecia.

Ele teria dado sua bênção a seu estimado Edward, mas antes tinha semeado aquelas sementes de dúvidas. Em algum momento não muito longínquo, teria que reunir a coragem para perguntar a Alicia a respeito de sua relação com o Edward e descobrir se Vaughan havia dito a verdade. Mas inclusive se não o tinha feito, Vaughan teria conseguido que ela questionasse tudo.

Edward a havia feito sorrir. Tinha transformado as lágrimas de dias tristes em alegria. Os beijos que tinha roubado tinham acrescentado excitação, mas nunca o tinha considerado como amor. Afeto, sim. O suficiente para acreditar que ele a faria feliz, sim. Mas um amor físico real, o que via nos olhos de Bela quando ela olhava a seu irmão? Negou com a cabeça. Daquilo estava segura. Cresceria ou sairia em algum momento de nenhuma parte? Era o amor o que havia feito que seu irmão fosse tão selvagem a noite passada ou somente o fato de que as coisas não podiam ser como ele queria?

Devia falar com a Alicia, aconselhava-se a si mesma. Elas tinham estado mandando-se cartas todo o verão, mas por alguma razão tinham mantido a identidade de Edward em segredo. Realmente tinha cortejado também a sua amiga e depois a tinha abandonado? Vaughan não tinha motivos para mentir.

Um ramo de lenha rangia sob os pés de alguém no caminho de fora e um momento depois a porta do abrigo se abriu.

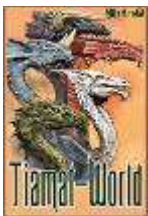
—Niamh? — Henry subiu o musgoso degrau. —Foster me disse que possivelmente poderia te encontrar aqui.

Ela observou o resto de água em seus sapatos com fivelas. Estavam adornados com fios chapeados em uma forma elaborada de redemoinhos.

— Precisam de mim?

Ele assentiu, e suas mechas frisadas lhe caíram sobre o rosto.

—Sinto muito. Vaughan me enviou para te encontrar. Hei-o enfrentado muito além do aceitável. Fiz o circuito inteiro do lago, mas não me atrevia a me arriscar mais.



—Entendo. —levantou-se e aceitou sua mão para sair do bote de remos—. Obrigado.

Henry a sustentou com firmeza até que estiveram a salvo fora do abrigo. No exterior, a névoa pendurava dos campos e dançava como a fumaça em cima da superfície do lago. O castelo era uma silhueta imprecisa e cinza. Com passos igualmente lentos, entraram no caminho.

—Está preocupada. Posso te ajudar em algo?

Niamh o olhou, mas evitou manter seu olhar. Negava-se a reconhecer nada do pecado que Vaughan tinha cometido e inclusive estava menos inclinada a falar de suas próprias preocupações, mas a presença de Henry a reconfortava.

—Acredita que tudo irá bem esta noite?

—Esta noite? —a surpresa timbrava na voz de Henry. Não se acreditava que Niamh estivesse preocupada com a festa. — É obvio que sim. Tudo foi cuidadosamente planejado.

—E depois disso? —disse ela, enquanto olhava seus pés.

Ele se deteve e recolheu a bengala em sua mão.

—Não estou muito seguro do que me está perguntando. E eu não gosto de predizer o estado de seu irmão. É um bode intrigante, mas as emoções o dominam.

—Henry, todo mundo sabe? —disse ela repentinamente.

—O que? —Henry arqueou uma de suas sobrancelhas, mas sua expressão era séria.

—O seu caso com lorde Marlinscar. As pessoas sabem? Sabe o que estou te perguntando, verdade?

Umedeceu seus tensos lábios com a língua e depois os esfregou pensativamente.

—Não há nenhum motivo pelo que se preocupar — disse, evitando a pergunta mas respondendo o suficientemente claro. Agarrou-lhe a mão e deu um tapinha, depois a deslizou dentro de sua manga e começaram a caminhar de novo—. O que fora, está feito já. Guarda suas ideias para sua amiga Bela. Está passando mal.

—Também terminou entre eles dois? — Henry tomou fôlego e aguentou uns segundos.

—Não estou seguro.

Nervosa, Niamh se deteve, negando com a cabeça.

—Não pode ser. Ele não sabe como deixar a alguém, não da maneira apropriada. Por isso mantém todo mundo a certa distância, assim não se compromete muito. Simplesmente fugirá outra vez de tudo — possivelmente inclusive voltasse para continente, acrescentou para si.

—Agora, silêncio. Tenho uma ideia, mas necessito que me ajude. Temos que ajudar Vaughan a ver as coisas tal e como são.

Ela o olhou com perplexidade.

—Mais tarde, querida — envolveu seus ombros com um reconfortante braço— por agora, preocupa-se de você mesma e de seu homem — sua voz soava tensa quando falava, como se tivesse que fazer um esforço para parecer razoável— deveria fazer todo o possível para ser feliz.

Esse era o problema. Já não sabia o que a faria sentir-se feliz. Deixando a um lado o tema com Alicia, já não estava tão segura de se queria casar-se com Edward. Suas carícias a excitaram, mas o fulgor desapareceu rapidamente, assim que se separaram e a carícia de outro homem pode



que produzira a mesma sensação.

—Henry, pode me fazer um favor? —perguntou-lhe ela— pode acreditar que é uma petição muito estranha.

Ele forçou uma gargalhada, mas a opressiva névoa parecia lhe roubar o senso de humor.

— Certamente sabe fazer que um homem sinta curiosidade.

—Me pergunto se quereria me beijar.

—O que? —deu um sobressalto brusco, por isso ficou justo diante dela, olhando-a—. Pelo amor de Deus, mulher! Sabe o que está me pedindo? Não tenho vontade de morrer.

Ela pressionou com a mão sua enorme lapela.

—Não tem que se preocupar pelo Vaughan. Ninguém tem por que saber nunca.

Seu desconforto se refletia nas linhas empoeiradas do rosto.

—Juro que se estivéssemos em Londres e me fizesse essa petição, daria mais do que me pede, mas aqui, e hoje —observou com cautela o castelo escurecido — provavelmente me esfole.

Ela olhou para baixo, decepcionada.

Henry suspirou.

—Nunca hei dito que não o fora a fazer. —Pôs as mãos firmemente sobre seus ombros e depois percorreu com o polegar a linha que ia desde seu pescoço até o queixo— embora acredite que não é uma boa ideia.

—Por que não?

Agora tocava a ele sentir-se incômodo.

—Porque, doce Niamh, um beijo não será suficiente para mim.

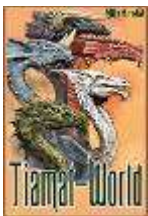
Capítulo 17

Depois de chegar ao castelo, ainda podia sentir o formigamento que tinha produzido o beijo do Henry. Niamh tinha passado diante de seu irmão e se colocou na fortaleza com um sorriso zombador no rosto que não pôde reprimir. Pobre Henry, parecia tão positivamente aterrorizado, como se Vaughan pudesse ler em suas expressões o que acabava de fazer.

Henry tinha sabor de açúcar e ruge. Não foi exigente como Edward, cujos beijos tinham sido todo calor inquisitivo e vaga gratificação de seus próprios desejos. Henry lhe explorou brandamente a boca, sua carícia tinha sido como um sussurro ligeiro e persuasivo. Não reclamava nem conquistava nada. Henry nunca tinha pedido mais do que ela estava preparada a dar.

Ela não tinha querido que o beijo se convertesse em um experimento para definir seus próprios sentimentos, e não esperava que a suave combinação de suas bocas lhe provocasse uma rajada igual de alegria. Quando se foram, ela teve que desenredar seu corpo das enormes roupas de Henry e um pegajoso calor tinha alagado seu interior. Realmente, não queria deixá-lo ir.

Havia um completo conjunto de libertinos na grande sala, todos estirados nos sofás e



encarapitados nos salientes das janelas. Não havia nenhuma mulher ali. Todas tinham se retirado a seus aposentos para preparar-se para a noite. Decididamente e sentindo-se como um cordeiro livre entre uma manada de lobos famintos, dirigiu-se para a segurança de seu quarto.

—Milady — sua donzela estava ali, preparando sua roupa. Pôs uma nota na mão de Niamh— o menino do açougueiro a trouxe do povo faz uma hora.

—Obrigado. —Niamh fez ranger o selo e depois ficou nervosa para lê-la—. Poderia procurar a Alicia por mim?

A letra era de Edward.

Querida Niamh,

Pode estar segura de que estou bem, apesar dos melhores esforços de seu irmão. Não tenha medo de se sentir a salvo. Eu te liberarei de sua tirania. Esta noite irei te recolher e poderemos nos casar. Consegui uma licença especial. Se prepare para voar.

Seu servente devoto,

Edward.

—Não! —apertou a carta contra os lábios e depois correu para a lareira e a jogou nas chamas. Não devia vir por ela àquela noite, nem nenhuma outra. Acaso não lhe havia dito um milhão de vezes que não escaparia com ele, inclusive antes que Vaughan tivesse semeado aquelas dúvidas em sua cabeça?

Uma lembrança perigosa lhe veio à cabeça. A mão do Edward em seus lábios. *Queria ele sufocar seus prantos?*

Alguém chamou a sua porta.

—Entra — disse ela, enquanto esfregava as mãos, como se desfazendo da tinta invisível de seus dedos.

—Niamh, o que acontece? —Alicia Allenthorpe correu a toda pressa para seu lado e curiosamente olhou as mãos de Niamh— estava quase a meio vestir, me preparando para esta noite. A tia Beatriz tem uns truques de beleza que jura que funciona para pescar maridos. Acredito que prepara tudo isto por Fortuna, mas hoje está terrivelmente desanimada e só diz que nenhuma loção a ajudará.

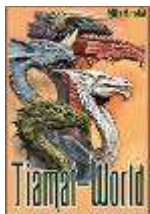
Niamh mordeu o lábio e quase quebranta sua intenção.

Sua amiga estava tão excitada pela festa, que lhe parecia horrível lhe fazer uma pergunta como essa, mas tinha que saber o que estava passando.

—Conhece um homem chamado Edward Holt?

A verdade se refletia nos olhos de Alicia. Nuvens de tormenta turvavam suas profundidades azuis e dançantes. Seu rosto se tingiu de cor vermelha.

—Sim o conheço — colocou as mãos diante do rosto e apertou com força—, conheço-o. Mas preferiria não falar dele. Parecia um homem tão galante — se afastou do olhar de Niamh e levantou as mãos por volta dos lábios— todo mundo esperava que me pedisse em matrimônio



durante o baile que deu Mae para fazer público seu compromisso. Tinha estado me cortejando com tanta diligência e havia feito todo mundo rir. Quando não apareceu, pensei que havia ficado doente. Acreditei que receberia uma carta que explicasse tudo — negou solenemente com a cabeça—, mas nada. Depois ouvimos que estava cortejando a outra moça do país.

—A mim — disse Niamh.

Alicia a olhou sem acreditar o que ouvia.

—A você?

Niamh inclinou a cabeça.

—Temo que é certo, embora te juro que não tinha nem ideia de nada até a noite passada. Você nunca o mencionou em suas cartas.

—Nem você nas tuas — os olhos de Alicia se entreabriram suspeitosamente—. Edward é seu cavalheiro misterioso? Nunca te contei o que tinha acontecido porque parecia tão feliz e eu não queria te incomodar com minhas penas. Senti-me também como uma parva. Todo mundo pensou o pior de mim, como se tivesse sido culpa minha que ele tivesse me abandonado.

Ficou atrás dela, procurando a comodidade da poltrona, no que se afundou. Niamh caiu de joelhos ao lado de sua amiga, sentindo a dor como se fosse dela e em parte assim era.

—Oxalá o tivesse sabido antes.

Alicia abraçava a si mesma.

—Pedi-te em matrimônio?

—Sim, mas Vaughan não queria dar sua aprovação e eu me negava a escapar, embora Edward parecesse não escutar —tentou procurar a carta que já tinha queimado— Alicia, tem que me ajudar. Vem esta noite, esta noite, e tentará me levar com ele.

—Esta noite! —O estoicismo da Alicia se dissolveu em um atoleiro de angústia—, mas não irá com ele, verdade?

—Claro que não, mas tampouco quero que meu irmão lhe dê um tiro.

—Possivelmente passe inadvertido entre tantos convidados.

Niamh negou com a cabeça e se dirigiu para a janela, que estava aberta.

—Todos são amigos de Vaughan. E não é que seja uma multidão de boa gente, para te ser franca. Seguro que vai ser horrível.

Tombada ainda na poltrona, Alicia se abraçou um pouco mais forte, por isso seu queixo se introduzia na V que seus braços formavam.

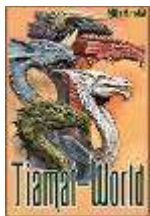
—É obvio que te ajudarei, mas não sei o que posso fazer.

—Escreva uma carta para ele. Eu também lhe escreverei uma. Não quererá enfrentar às duas. Isso deveria mantê-lo afastado.

Alicia franzia terrivelmente o cenho com grande intensidade.

—Farei, mas se a ameaça de enfrentar a seu irmão não o mantém afastado, duvido que uma nota escrita por mim frustrasse suas intenções. Não pode simplesmente dizer ao laçao que não o deixe passar?

—OH, Alicia, se fosse tão singelo, mas duvido que vá entrar pela porta.



—Então, por que não pergunta a sua amiga, a senhorita Rushdale? Ao melhor ela sabe o que fazer, porque eu não tenho nem ideia.

—Bela. Não o hei dito. Não estou muito segura de onde está —disse Niamh— aconteceu algo horrível com ela ... —ela fechou a boca ao ver a faísca de interesse brilhando nos olhos de Alicia— sim, pode que tenha razão. Vou pedir conselho a Bela.

Mas Bela parecia mais difícil de encontrar. Não tinha aparecido na comida, nem tampouco Vaughan, nem Henry, nem de Maresi, e Fortuna só apareceu sob coação. Era difícil saber o que estava passando, quem se escondia e quem estava ocupado com os preparativos da festa da noite. Niamh escreveu a carta e Alicia a sua e esperou que aquilo pudesse detê-lo. O outro recurso que ficava era avisar a Vaughan de sua próxima chegada e aquilo não parecia muito inteligente.

Mais tarde, cruzou-se com Vaughan no salão, enquanto os outros cavalheiros tomavam o porto na grande sala. As mulheres estavam reunidas no salão do piso de baixo, sob os olhos severos do Mrs. Alvanley, esperando um convite para a festa.

—Durará muito? —perguntou Niamh.

Henry saiu das sombras pela porta da biblioteca e lhe saudou.

—Acredito que está a ponto de começar — disse ele.

Ela se ruborizou ao vê-lo, recordando seu beijo, o que lhe provocava uma doce dor no peito. Havia a feito sentir como nunca Edward o tinha feito, excitada e estranhamente segura.

Usava seu traje mais delicioso para a noite, um traje de cetim de raias rosa e azuis, com uma gravata espumosa que, quando se desdobrava podia alcançar facilmente a longitude da sala.

Com alguma dificuldade, retirou seu olhar dele e se concentrou em seu irmão.

—O que está fazendo? —inclinou-se para seu braço para dar uma olhada ao decantador que sustentava.

Vaughan a olhava com astúcia de relance e girou o decantador, por isso o líquido que continha em seu interior se derramou. Aparentemente fascinado com o resultado, encheu um copo e o ofereceu.

Henry se aproximou um pouco e sacudiu levemente sua cabeça.

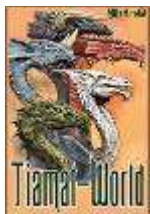
—Estou bem — respondeu ela.

Vaughan deu de ombros e levantou o copo para ela como brindando.

—Morte e decadência — disse e tirou de um só gole o líquido—. Tristan, vamos convocar aos farristas.

No momento no que tinha deixado Raffaele sob a chuva aquela manhã, os pensamentos de Bela tinham dado voltas perpetuamente em sua cabeça. Vaughan, Raffaele, Lucerne, Louisa. Não havia nem princípio nem final, só uma espiral de tristeza. Tinha dormido na tarde anterior envolta em um ninho de mantas e despertou fazia uma hora, dura e faminta, quando a donzela de Niamh tinha chegado para ajudá-la a vestir-se para a festa.

Agora se encontrava diante da porta de seu quarto com um traje de noite branco e com o cabelo adornado com cachos arrevesados, preparando-se para enfrentar ao Vaughan e a seus



convidados. Podia escutar seus murmúrios na sala de baixo, reconhecendo inclusive algumas das vozes dos encontros em Londres. Eram uns lascivos uvas sem semente para ser homens.

As mulheres estariam certamente reunidas em algum lugar, o salão ou a sala do piso de baixo, supôs ela.

—Me dê forças — disse, olhando à pilha de cartas de Louisa na mesa da penteadeira. Depois, sustentou levantada a cabeça e deslizou pelo balcão, descendo pelas escadas, para a matilha.

Havia tantos deles como tinha esperado, mas ainda suficientes para fazê-la sentir incômoda e o único rosto amistoso que reconheceu entre eles foi o de Raffe, cujos olhos evitava deliberadamente. Parte dela queria rechaçar sua proposta como algo sem sentido, dito no calor de seu próprio orgasmo, mas sabia que havia dito a sério.

Seu olhar, junto com o de outros, despiam-na mais descaradamente, enquanto atravessava a sala. Nunca a grande sala tinha parecido tão imensa. Estava quase a salvo quando de Maresi ficou diante dela, lhe bloqueando o passo.

—Cadela — disse lentamente ele — que vergonha te encontrar ainda aqui; ouvimos que já tinha ido.

Com os lábios apertados, Bela se encontrou com seu hostil olhar.

—Não acredita que a clara competição muda as coisas — os lábios dele se estreitaram em uma careta horrível. Obviamente, com Lucerne agora categoricamente fora, aquele tulipa excessivamente perfumado tinha que reclamar seu lugar.

—Engana a si mesmo — vaiou ela — inclusive o fantasma do Lucerne é algo com o que nunca poderá competir.

Os estreitos orifícios de seu nariz se dilatavam e sua calma se dissolveu em um grunhido abusivo.

— Puta.

Bela não ficou para trocar nenhum insulto mais. Separou-se de um empurrão à enfurecida mariposa de seda, só para encontrar seu caminho talhado por uma segunda mordida.

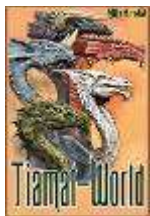
—Pennerley nos envia um aperitivo.

—Não te comi uma vez antes? — brincou Connelly e Dovecote, reconheceu ela, flanqueada pelo cabelo encrespado dos gêmeos Darleston, quatro quintos da coleção que Vaughan lhe tinha servido em bandeja de prata. —Onde se colocou Marlinscar esta noite? Me disseram que te abandonou. Que conseguiu uma boa nova menina. Algo menos usada — aquele comentário vinha do maior dos gêmeos, que se movia atrás dela para esmagar os quadris contra seu traseiro.

—Ouvi dizer que não é uma menina — disse lentamente seu irmão, a quem eles chamavam Neddy. Nunca tinha perguntado por que. Seu nome era Alberic.

—Tem que estar consternada de todas as maneiras — uma mão se plantou sobre seu ombro e atirava do cordão do lenço que cobria seus inchados seios. Bela se desfez da mão, mas quatro deles já a tinham encurralado.

—Deixem-na em paz, miseráveis traficantes de carne. — Raffe forçou seu corpo dentro do



círculo—. É essa a maneira de falar com uma senhorita?

—Depende da senhorita — chiou Connelly.

Bela o olhou com o cenho franzido e depois a Raffae. Se não as arrumava para tentar o último truque com Vaughan aquela noite, teria que aceitar sua oferta. Mas não queria que ele fosse seu protetor durante a noite. Era perfeitamente capaz de arrumar-se sozinha.

—Com licença — disse ela repentinamente e cravou seu leque contra o peito de Connelly, fazendo que um uivo de protesto saísse de seus lábios.

Os outros homens riram, mas se afastaram o suficiente para deixá-la passar entre eles, fora do círculo, embora as mãos pegaram a seu traseiro e o espremeram à medida que saía dali. Bela se deu a volta, olhando-os enfurecida e soltando um grunhido, e depois se dirigiu à porta, para encontrar-se com o duro corpo de outro homem esfregando-se com seu traseiro.

Sua fragrância a banhou como um bálsamo. Bela deu a volta para encontrar Vaughan frente a ela, com suas sobrancelhas negras levantadas assombrosamente.

—Ainda conosco — disse ele.

—Você convidou a uma festa.

Vaughan inclinou a cabeça.

—Ah, sim, deve ficar por isso. Já vejo que os machos estão tão cativados com sua presença como sempre.

Ela se deu conta de que tinham perdido o interesse nela, depois da chegada de Vaughan. *Covardes*, pensou. Nenhum de vocês se atreve a arriscar sua cólera, todos temem por sua pele.

—Milord — disse Bela. Fez uma reverência educadamente, fazendo que a outra sobrancelha do Vaughan se arqueasse.

Ele era todos quadris sinuosos e coxas firmes aquela noite, com seu casaco negro e sua camisa impossivelmente branca. Ela queria agarrá-lo, sacudi-lo, lhe provar com seu corpo que se não se tinham um ao outro, não tinham nada.

Apesar da dor que seu rechaço tinha lhe causado, ainda o queria. Ele simplesmente a feria e agora ela era uma presa fácil. Se pudessem estar a sós, possivelmente solucionariam tudo aquilo.

Ela tentou alcançá-lo, mas ele levantou os dois de cantadores que levava na mão, a modo de barricada.

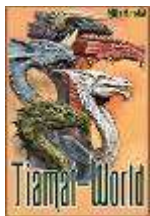
—Nunca me deste os pêssames — disse ela.

Vaughan a olhou, mas seus olhos violetas estavam levemente vidrados, como se estivessem observando-a através de uma capa opaca.

—Você tampouco o fez — com um estranho giro de quadris, ele rebolou ao redor dela pelo que seus corpos não se tocaram, e depois se uniu aos outros homens.

Com o coração na boca, Bela se foi à segurança que lhe oferecia o corredor, onde pressionou as costas contra a parede. Por que a estava torturando daquela maneira? Realmente necessitava uma noite de fantasmas e espíritos para espantá-la? Já estava meio fora de julgamento.

As mulheres estavam dispostas no corredor do salão do piso de baixo. Pôde ouvir a Alicia cantar, mas não estava segura de se ainda estava preparada para enfrentar a elas, não enquanto



tivesse o coração acelerado e o rubor resplandecesse em suas bochechas. Já estava dissipando sua angústia, quando Niamh apareceu na frente dela.

—Está bem? —perguntou-lhe— estava te procurando. Fui ao seu quarto antes, mas estava dormindo.

—Prefere a versão longa ou a curta?

Niamh lhe apertou carinhosamente a bochecha.

—Já sei mais ou menos o que passou. Vaughan estava furioso a noite passada. Não estou muito segura de se agora estiver completamente lúcido. Sinto o de sua amiga e... —cravou os dentes no lábio superior—e de lorde Marlinscar.

Abrasada por um torvelinho de emoções, Bela caminhou alguns passos e depois se deu a volta no lugar.

— Raffe pediu que me case com ele — espetou ela.

—Ele fez o que? —a boca de Niamh formava uma O quase perfeita— Quando? —o desconcerto substituiu sua comoção e depois se endureceu em um preocupado gesto — não aceitou, verdade?

Bela lambeu os lábios que ainda estavam úmidos pelas primeiras lágrimas e os beijos agressivos.

—Não, mas Vaughan quer que eu vá embora.

—Uma coisa é ir e outra... —Niamh lutava por encontrar as palavras— se casar. —Fechou o espaço que ficava entre elas e sustentou as mãos de Bela entre as suas—. Não o faça, será totalmente miserável. Vaughan não quer realmente que vá, o que ocorre é que é teimoso como uma mula — esfregou seus polegares contra os nódulos de Bela no que esta supôs como o que tinha que ser um estilo reconfortante, mas apenas tirou um pouco de ansiedade—. Não deve se casar com o Raffe, Bela. Destruirá ao Vaughan se o fizer. Ele precisa de você. O que fez com lorde Marlinscar esteve... —voltou a lutar— mau. Tem que lhe ajudar a cicatrizar suas feridas.

Bela negou com a cabeça.

—Ele deixou bem claro esta manhã quais eram seus desejos e acaba de fazê-lo outra vez — pode que precisasse, mas nunca admitiria. Mesmo assim, havia algo que ela devia corrigir—. Não esteve mal —lhe disse tranquilamente a respeito da relação entre o Vaughan e Lucerne— foi algo precioso.

Niamh mordeu os lábios e assentiu. Lentamente sua expressão ficou mais determinada.

—Tenho uma ideia. Falaremos mais tarde — uma gargalhada estridente percorreu o corredor da grande sala, captando a atenção das duas e silenciando as perguntas imediatas de Bela.

—Niamh, querida irmã! —gritou Vaughan. Niamh e Bela apareceram sob a soleira da porta — deixa de se esconder nas sombras e se una a nós. Foster, se avisar às demais senhoritas, poderemos começar a nos dirigir para o porão.

—O porão —recalcou um daqueles descarados— Para que demônios queremos ir até ali abaixo?



Vaughan se voltou lentamente para enfrentar ao dissidente.

—Já tem medo, Dovecote? —disse enquanto lhe passava o decantador—. Bebe. Pode que isso fortaleça seu espírito.

—Sim, amigo, —o coronel, uma excelência do esquadrão Horse Guard¹⁰, deu-lhe uma palmada nas costas— pode que inclusive te dê um pouco de culhões.

Dovecote riu a gargalhadas.

—Se isto for o que acredito que é, provavelmente me dê algo mais que isso.

—Pensava que a senhorita Rushdale já tinha proporcionado o que precisava — disse Darlestone e sorriu a Bela, com uma careta de lobo no rosto.

Os olhos de Vaughan se entreabriram até converter-se em finas ranhuras, impulsionando Darlestone a levantar as mãos em sinal de rendição.

— Nada mais era uma observação.

Vaughan lhe mostrou os dentes e depois seu desprezo se dissipou em um sorriso.

—Não, está muito quente para o Dovecote, a ele gosta dos juvenzinhos da academia.

—Sem experiência, mas com jogo, de fato —disse Dovecote, provocando a risada em outros.

Bela queria lhe dar uma bofetada a cada um deles, mas a mão de Niamh segurava firmemente seu braço, de tal maneira que as unhas lhe cravavam na pele.

—Não deixe que lhe tentem —falou ela.

Felizmente, suas obscenidades cessaram com a chegada do Mrs. Alvanley e as outras senhoritas, que penetraram na sala como um desfile de virgens em revista. Se a acompanhante não tivesse estado entre elas, certamente tivessem aplaudido com entusiasmo.

—Senhorita, — Vaughan se deixou cair fazendo uma reverência extravagante, que terminou com seus lábios pressionando sobre os nódulos de Mrs. Alvanley— está encantadora —. Deu uma volta ao seu redor e, de fato, a estúpida mulher se ruborizou. Bela grunhiu por dentro: não se dava conta de que estava jogando com ela?— Apresento-te ao coronel — continuou Vaughan, com um sorriso tão retorcido como o espetáculo que estava dando.

O coronel fez uma reverência igualmente baixa, mas com uma considerável rigidez.

—Encantado, Mrs. Alvanley, duplamente encantado. Far-me-ia a honra de me permitir acompanhá-la até o porão?

—OH — arrulhou ela e pressionou o leque contra seu peito. Bela olhou para outro lado em sinal de incredulidade. Seu braço penetrou entre a manga do coronel e Mrs. Alvanley resplandecia—. Agora garotas — disse jogando uma olhada fugaz para trás enquanto cada uma delas se via acompanhada por um dos cavalheiros—. Recordem.

Mae levantou o leque e o inclinou contra Bela.

—Como se fôssemos nos atrever a esquecê-lo. Mas não se inteirará de nada uma vez que apaguem as luzes.

¹⁰ cavalaria



Capítulo 18

O porão estava escuro, e se não era úmido e insalubre, tinha que cheirar a fechado. Bela não podia acreditar que normalmente cheirasse tanto a sangue, o sabor metálico lhe penetrava na boca, lhe causando uma viscosidade na garganta.

A figura de um capuz os fazia sinais do misterioso final das escadas. Niamh, pendurada de seu ombro, já estava tremendo. Sob a adega de vinho, as salas estavam iluminadas com uma incandescência verde doentia, dando a impressão de estar ao fundo de uma espécie de piscina turva. Dúvidas e andrajosos fios cobriam barris e cofres e uma foice que fazia caretas estava pendurada da porta.

Tremulamente, seguiram a seu silencioso guia até um salão abobadada onde quatro figuras disfarçadas mais formavam um arco ao redor de um buraco negro enorme no ladrilhado. Os convidados se apertavam os uns aos outros detrás deles e as damas se agarravam aos braços de seus acompanhantes, enquanto todos os cavalheiros estavam de pé, rígidos, a única indicação de seu medo era que inconscientemente respiravam lentamente enquanto esperavam, com os ouvidos atentos, um sinal premonitório pavoroso.

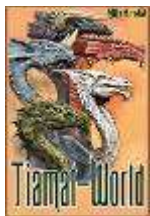
Começou com uma nota discordante, como o pranto de um menino que é desprendido do peito de sua mãe, seguido por um vaio de fumaça. Uma figura branca titilava na escuridão, suspensa em metade do ar dentro da negra boca, e as figuras encapuzadas começaram uma espécie de canto litúrgico, passando por diante de um ser que subia do vazio até o reino dos vivos.

Lentamente, a imprecisa silhueta se afixou. Bela esfregou os olhos, mas aquela aparição espantosa de morte ainda estava ali. Celosamente queimada nas vazias conchas de seus olhos e com uma capa cinza lhe envolvendo os frios e brancos ossos.

Um grito estridente subiu a tensão do salão um pouco mais. Mae se aconchegava nos braços de seu acompanhante e uma risada escapou da boca de vários assistentes. Mas se sossegou quase em seguida quando a figura esquelética abriu a mandíbula com um chiado horroroso.

—Escutem agora —grasnava— ao mensageiro de meu senhor, Sebastian Alastair Elisud, marquês de Pennerley, mestre destas terras. Meu senhor despertou faminto de seu comprido descanso. Tem sede do sangue de inocentes e os corações negros de canalhas ignóbeis — a voz era profunda e ameaçadora, vaiando assobiando na semi-obscuridade—. Uma vez ele foi como vós, com a carne quente e um coração latente — a esquelética imagem titilava. Chamas vermelhas e famintas dançavam nos poços de seus olhos—. Fugindo da loucura e o suicídio, foi longe, procurando os prazeres que o antigo mundo podia lhe oferecer. Na Pérsia, encontrou um mago, sem dentes e repugnante, quem lhe prometeu um brilho de céu e inferno.

A imagem se desvaneceu e se ouviu um novo suspiro, assim como o resplendor maligno de um bruxo enrugado, com a crueldade gravada em seu rosto. A primeira figura se virou e as chamas lambeiram sua forma, enquanto uma luz caía de cima e lhe dava uma palidez espantosa à cabeça



da morte.

—Meu mestre o seguiu para as Torres do Silêncio, aonde os vivos tinham retornado da morte dos dias do Mohammed. Juntos conjuraram aos espíritos dos corpos putrefatos. Mas o mago enganou a meu senhor.

A aparição se fez maior até que quase podia tocar as figuras encapuzadas. Bela olhava boquiaberta só levemente consciente daqueles que a rodeavam e a mão do Niamh ainda apertava a sua. A sua esquerda, Gabriel se levantava fascinado e ela observava como os finos cabelos de seu pescoço se arrepiavam lentamente até ficar completamente separados da pele.

—O mago tinha negociado um trato, mas não com meu senhor. Ele queria uma alma que pudesse tomar seu lugar e sofrer sua condenação. O horror chegou um espírito de assassino e raiva do passado. Algo anti-Cristiano. — Houve vários ofegos. Depois, uma sombra se levantou no espaço escuro, um demônio com olhar lascivo provocou uma fumaça azeda de cor vermelha. — Açoitado por um espírito impuro, meu senhor retornou a estas terras, voltou para este castelo. E agora, ainda não pertence a ele. As coisas se apaziguam com o sacrifício e o espírito foi alimentado por sua mão desde aquele maldito dia. Escutem! Tem fome. Aproxima-se.

O grito desumano que os tinha recebido voltou a crescer outra vez. Vários lamentos de resposta vinham do público.

—Como ele foi enganado, vocês o serão agora. Deve haver sangue. Esta noite, um de vós deve morrer para que ele possa viver de novo!

Uma risada zombadora afogou os gritos dos convidados. A aparição titilava e se desvanecia. Algo frio roçou a nuca de Bela e depois a ponta do nariz e um de seus braços nus. A seu lado, Niamh gritava.

Diante deles, a aparição esquelética se solidificava outra vez e expandia suas monstruosas proporções, que pareciam fazer-se maiores e mais ameaçadores. Bocejou impossivelmente estendida e vomitou uma serpente de sua enorme boca, a qual caiu ao chão fazendo um ruído muito real. Ao mesmo tempo, os corpos de outros o pressionavam por detrás e algo suave e úmido com uma carne flexível e mendicante lhe roçou os tornozelos.

A figura se desvaneceu, e a escuridão ficou cheia de gritos, golpes e maldições.

Niamh tinha sido afastada bruscamente para um lado e seus dedos, que se escorregavam dos de Bela, deixaram-na arranhando freneticamente o ar vazio. Bela sentiu como o pânico e o horror percorriam seu corpo, enquanto a multidão histérica a rodeava agora em um círculo. Ninguém lhe segurou sua mão. Ela retrocedeu do roce de tecido tosco contra a gema de seus dedos e algo peludo escapuliu perto de seus pés.

Atoleiros salgados e úmidos refletiam a horripilante incandescência verde, mostrando o caminho de saída. Enquanto o resto do grupo se apressava pelas escadas, desejando alcançar a segurança da grande sala, Bela os seguiu com um pouco mais de cautela. Se conhecia Vaughan, os terrores não se limitariam ao porão.

Quando subiu, os canalhas tinham recuperado algo de sua fanfarronice e as damas se deprimiam para impressioná-los. Em sua ausência, alguém tinha apagado todas as velas e tinha



deixado a grande sala iluminada somente com a agonizante luz da lareira.

—Que demônios estão tramando aqui? —exclamou Connely à frente do grupo. Em resposta, uma luz fez brilhar um ser que estava ao final do corredor e depois obscureceu a uma figura que vinha flutuando para eles. Uma mão pálida e magra sustentava um candelabro bifurcado, que oferecia uma irradiação maligna sobre a mulher que os olhava. Usava um vestido com volantes que ressaltava sua magra cintura, de um estilo do século passado, só era branco puro. Parecia haver possuído um belo rosto, mas tinha uma sombra leprosa e pálida na pele e umas conchas profundas e escurecidas que guardavam seus olhos sem vida.

—OH, Rose, está doente— sussurrou uma voz que parecia a de Darleston.

Paralisados por sua terrível beleza, observavam-na enquanto dava a volta e deslizava silenciosamente para as escadas, onde começou a subir para o quarto de Bela. Ou mais especificamente, viu ela, para a sala das senhoritas.

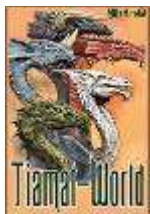
A figura alcançou o final das escadas e entrou no corredor, passando sob o olhar de outros, e o grupo soltou um suspiro coletivo. Alguém esclareceu garganta, preparado para exercitar seu engenho, mas nunca lhe deram essa oportunidade porque uma cacofonia uivava sob o oco da escada: o chiado característico do demônio de Sebastian.

A multidão se desfez e correu tremendo até a porta, rindo-se de forma nervosa, mas todos igualmente sem estar dispostos a ser o sacrifício da noite. Bela deste modo não tinha vontade de enfrentar a aquilo só e se escorreu sob a noite com o resto do grupo. Fora, a névoa pesada ainda se curvava ao redor das terras, embora a luz das estrelas delineasse a figura do castelo ao redor dela. As senhoritas e seus poucos galantes cavalheiros se pulverizaram, e logo desapareceram de sua vista, embora seus gritos se repetissem no opaco ar. Vaughan não podia ter escolhido uma noite mais perfeita para seu grotesco desfile. Nervosa por estar sem escolta nem companheiro, Bela se moveu para um par de candelabros que penduravam misteriosamente, como o fogo fátuo. Mas com atração sepulcral ou não, as luzes significavam certamente gente e os impactos se desfrutavam de melhor com uma companhia a que se segurar.

O vapor parecia separar-se e depois estirar-se para ela como mãos que a arranhavam enquanto se movia. Ela alcançou a entrada e viu que a grande porta estava aberta, como se as defesas do castelo se desvaneceram e os espíritos o assediassem.

Ao redor dela, as paredes do túnel resplandeciam, sua superfície era fria e lamacenta quando a tocou. Diante, ela pensou que veria movimento, ouviria os sussurros das grandes abas, mas em lugar disso viu uma figura ao longe da ponte levadiça. Fez-lhe um nó na garganta, Bela tragou e começou a andar, mas somente até que viu que a visão tinha desaparecido para aparecer um segundo depois em metade do pátio do estábulo. Levantou uma de suas mãos ossudas e a chamou.

Com medo e agitação seguiu a chamada, com os braços agarrados fortemente contra seu corpo. Ela não era tímida por natureza, mas os fantasmas que se levantaram no porão estavam vivos e eram aterradores, intangíveis, mas mesmo assim completamente reais. Perguntou como Vaughan tinha arrumado para conseguir que aquilo parecesse tão mágico.



A porta da torre de entrada chiou enquanto se abria. O espaço estava iluminado por uma só vela, que ardia dentro de uma jarra de geleia em uma estante sob a janela embolorada. Na outra porta, pôde distinguir os tranquilos relinchos dos cavalos.

—Quem está aí? Onde está? —chamou, procurando a seu fantasmal guia. Seus passos soavam sobrenaturalmente ruidosos sobre as pranchas de madeira que havia na entrada. Mais dentro, a madeira deixou lugar a um pavilhão cheio de palha e uma escada que levava ao palheiro.

Um aglomerado de serragem caiu do interior da sobreloja e Bela se moveu para ele.

—Quem está aí acima? — perguntou ela, com a excitação nervosa impulsionando-a para diante, até chegar à escada. — Niamh?

O ar cheirava a palha e a enjoativo caramelo. Já tinha o pé no primeiro degrau quando um grito, agudo como um assobio, encheu o silencioso ar e uma mancha cinza caiu ao chão. Bela ficou gelada. Os olhos lhe ardiam, mas não se atrevia a piscar. Aquela coisa pendurava no ar, com uma andrajosa capa que ondulava sua indefinida forma. Com um chiado horripilante, sua cabeça se voltou para ela, revelando o rosto meio putrefato do demônio do Sebastian. Um osso branco aparecia através da carne ressecada. Em lugar de cabelo, tinha uns chifres de carneiro que lhe sobressaíam da cabeça. Ela gritou e saiu pela porta da torre de entrada para o espaço aberto do pátio do estábulo.

Ofegante e pegajosa, cambaleou até o reservatório de água que ficava no outro lado do pátio, onde jogou água no rosto. Subiu-lhe o coração à boca e tudo o que podia ouvir era a agitação de seu próprio sangue.

—Só é um truque —disse a si mesma, tentando regular os batimentos de seu coração. Seu reflexo na água lhe devolvia o olhar, pálida e quase tão fantasmal como a daquela mulher vestida de branco—. É só um dos fantasmas inteligentes do Vaughan — tinha a garganta em carne viva de tanto gritar. Nunca havia sentido tanto medo ou excitação em sua vida, mas apenas se atrevia a separar os dedos do bordo do reservatório de água de água.

Algo lhe agarrou o ombro e ela se girou aterrorizada pois pensava que estaria diante daquele espírito vingativo, mas unicamente se encontrou olhando o rosto encapuzado de Henry Tristan.

—Bela, — disse ele e lhe acariciou a bochecha com um grande brinco de cor de alga marinha— está bem?

—Não, estou aterrorizada. —Retrocedeu da folhagem, olhando-o e depois se abraçou com força a seu ombro. Teria sido ele o de antes? A teria encaminhado à aparição da torre de entrada? Gradualmente, controlou sua respiração e relaxou seu abraço.—Como? —perguntou ela.

Ele negou com a cabeça, mas estava sorrindo.

—Não importa como, simplesmente desfruta do espetáculo. Está preparada para mais?

Seu coração se agitava pela excitação, mas assentiu.

—Então, vem, vejamos com o que outros pesadelos podemos te deleitar, mas antes encontremos Niamh.

—Niamh? —gritou ela, sem entender enquanto ele a dirigia ao redor do muro.

A agradável cara do Henry se obscureceu ao franzir o cenho.



—Não falou contigo?

—Não.

—Então definitivamente é hora de que nos encontremos. Temos uma oportunidade que não podemos desperdiçar.

Vaughan esperou até que todos seus convidados tiveram desaparecido, antes de sair sigilosamente detrás da tela de algodão encerada que se estirava através do buraco no ladrilhado. Tinha um dos muitos armários do porão parcialmente ladrilhado para a ocasião, por isso ele e a mágica lanterna ficavam ocultos ao público. A lanterna era uma ferramenta engenhosa trazida da França por de Maresi, um produto inspirado em uma sangrenta revolução.

Estranhamente intumescido pela dor que lhe tinha consumido anteriormente e agradavelmente eufórico, Vaughan enviou a uns poucos atrasados fugindo sob a noite e emitindo grunhidos demoníacos e depois se foi através da ponte levadiça até a torre sul. Deteve-se na base das escadas e escutou os prantos e os gritos de terror enquanto seus convidados se lançavam para a névoa, mas não durou muito. Ainda tinha que encenar outro personagem, um ao que estava procurando: seu diabólico tataravô Sebastian Alastair Elisud.

Vaughan subiu as escadas, rindo-se por dentro. OH, como tinha gostado do momento quando, escondido na escuridão, tinha-os apertado a todos, com o suor resplandecendo em suas sobrancelhas enquanto dava voltas ao conto de seus antepassados. E a expressão de suas caras enquanto os fantasmas se moviam diante deles, projetados pela fumaça.

Alcançou seu quarto, só para encontrar Fortuna tombada em sua cama. Dirigiu-se trêmula para ele, com um vestido de seda branca e uns olhos resplandecentes como brilhantes.

—Senhorita Allenthorpe — segurou o decantador de láudano que tinha preparado antes e o levantou junto com um copo, entre eles—. Não lhe excitam meus jogos?

—De fato, o fazem —ela agarrou o copo de sua mão como se fora uma oferta para dar um gole— mas você me excita muito mais. —Esvaziou o copo e depois deslizou suas mãos dentro da parte dianteira de seu casaco.

—Ah, — ele deu um passo para trás— não se engane, Senhorita Allenthorpe. Se for um marido o que está procurando ou inclusive simplesmente um amante, será melhor que dirija seus esforços de caça para o pátio. Seu tempo já passou.

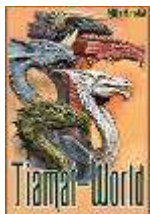
Ela o olhou, com a boca entreaberta.

—Sim, mas...

—Acreditou que tinha mudado de opinião? Acredito que deixei bem claras minhas intenções a noite passada — ele deu a volta, desprezando seus enormes olhos. Uns olhos que pareciam muito grandes para seu rosto. Não havia nada que ele pudesse fazer por ela e que fizesse que as coisas fossem melhor. Não havia nenhuma parte dele que a desejasse.

—Vá —lhe disse —persegue seus sonhos em outra parte.

Ele ouviu como soluçava e o suave espremeio de seus sapatos contra as tabuletas do chão. “É um demônio, Pennerley” — pensou, embora na realidade e surpreendentemente o sentia pouco.



Serviu-se outro copo e saboreou o doce porto sobre sua língua, deixando que os opiáceos lhe intumescessem o corpo.

Deixou seu disfarce ao lado do espelho. Tinha desenhado especialmente para aquela ocasião enquanto ainda estava em Londres, planejando tudo. Era uma réplica exata do traje que Sebastian Alastair Elisud usava no retrato que pendurava no salão. Tinham um parente assombroso, uma vez que se pôs o chapéu absurdamente emplumado, as calças com cós e os volantes. Definitivamente lhe causou comoção, caso que, simplesmente, confundissem-no pelo Henry Tristan.

Ocupado com aquela ideia, começou a rir de seu próprio engenho. Depois, pôs o chapéu em um ângulo seguro, bebeu outros dois goles do veneno e se deu conta mais tarde que o copo estava vazio.

—Ah, bem — encheu o decantador com o licor. Haveria tempo suficiente para fortalecer-se, no caso de que o necessitasse e no momento, não lhe servia de nada realmente. Preferia relaxar e, seguir bebendo.

O intumescimento parecia lhe invadir o corpo e agora um formigamento de excitação lhe surgia sob a pele. Esfregou a mão contra seus quadris e se deleitou com o dardo de prazer. Tinha que tentar evitar a Bela e a Fortuna e concentrar-se em suas torturas. Aquela noite, o horror e o prazer colidiriam em uma ópera infernal.

O rechaço do Vaughan lhe doía ainda. Sabia que ia ser assim, mas ainda estava em sua cama, esperando-o. Fortuna se amaldiçoou amargamente enquanto se dirigia para o pátio, tentando encontrar a suas irmãs ou inclusive a sua tia. Uma estranha letargia parecia havê-la alagado ao ter descido o lance final dos degraus. Com as extremidades trementes e a náusea preparando-se como uma poção em seu estômago, cambaleou até que não pôde mais e caiu ao chão. Fortuna deu com as costas na pedra. Sombras passeavam diante de seus olhos, figura fantasmais com túnicas, uma caveira e finalmente um homem. Lhe levantou o braço e pressionou um beijo contra seus nódulos e depois outro na palma da mão.

—Estamos sozinhos — falou lentamente Dovecote — que casualidade — sorriu ele a sua própria piada. Dois de seus dedos lhe curvaram sob o queixo, forçando-a a olhá-lo aos olhos quando se ajoelhou frente a ela. Eram de uma cor verde profunda, como dois pedacinhos de jade. Ele inclinou a cabeça e depois percorreu com o polegar seus lábios—. Muito vinho, minha preciosa papoula? —Inspecionou a erva a seu lado e se secou o polegar com o casaco—. Aqui, tire esse sabor da boca — ele pressionou uma cigarreira sobre ela. Fortuna tragou instintivamente. O conteúdo era tosco e abrasou sua garganta, fazendo-a balbuciar e respirar com dificuldade.

Dovecote a ajudou a levantar-se e depois lhe deu um tapinha atento nas costas, deslizando o braço ao redor de sua cintura.

—O que diz, vamos e procuramos um pouco de excitação os dois? Disseram que o cemitério é encantado —seu abraço era reconfortante mas um pouco muito íntimo.

—Provavelmente deveria me tombar — disse ela. Sentia a cabeça como se estivesse cheia de água e queria descansar, não ir cambaleando pela escuridão e arriscar-se a ser devorada por



fantasmas e outros terrores menos extravagantes.

—Não tem sentido —negou ele com a cabeça— um pouco de exercício e estará fresca como uma alface.

Com seu braço firmemente segurando sua cintura e seu corpo plasmado a seu lado, Fortuna encontrou a si mesma impulsionada para a ponte levadiça. Estavam quase atravessando suas pranchas cambaleantes quando Alicia apareceu em frente deles fora da névoa, acompanhada um segundo depois por lorde Devonshire.

—O vimos —disse sua irmã— ao primeiro Marquês. Esteve perseguindo o Darlestone e Neddy ao redor do lago. Deveria havê-los visto correr. Devonshire e eu ficamos nas sombras até que se foram — seus olhos brilhavam pela excitação, só por um momento, pois seu sorriso se paralisou quando seu olhar recaiu no rosto de Fortuna—. Tunie — sua excitação aturdida se desvaneceu dando passo à preocupação por sua irmã. Acariciou delicadamente o braço de Fortuna— Está bem? Não tem bom aspecto.

—Nada de mais, está um pouco assustada — disse Dovecote. Ele apertou o ombro de Fortuna, quem piscou muito lentamente— também viu ao Marquês, verdade, querida?

Com algum esforço assentiu e depois o movimento se transformou em uma espécie de tremor. Não tinha sido o Marquês quem lhe tinha assustado. Era uma repentina perspectiva da vida futura, de acordo aos ditames da sociedade. Isso não era o que ela queria. Não queria sentar-se em casa e fazer mostruários, nem tampouco alimentar a uma dúzia de meninos. Queria ter permissão para pensar, para sentir e poder para amar. Tinha visto um espionista disso em uma futura relação com o Vaughan, mas obviamente ele parecia ter o coração em outra parte.

Enquanto sua mente divagava, logo que foi consciente do olhar de Raffae rondando suspeitosamente sobre Dovecote e ela mesma.

—Há algum problema aqui? —perguntou Raffae, fazendo frente à Dovecote— se a senhorita não se sentir muito bem, certamente o castelo seja uma direção mais sensata, não a porta.

—Está bem — respondeu Dovecote. Não era nem tão alto nem tão robusto como Raffae e claramente detectou o grunhido sob suas palavras— só precisa dar um passeio.

—Então veremos como o faz.

Os lábios do Dovecote formaram uma careta. Parecia que ia objetar algo, mas finalmente inclinou a cabeça rigidamente e permitiu que Alicia e Raffae a levassem de volta pelo caminho que acabavam de percorrer.

—Eu somente quero me deitar —disse ela, mas ninguém parecia lhe fazer caso.

Capítulo 19

Os tempestuosos raios de sol, foram transformados em uma noite clara e plaina, o tipo de escuridão favorito do Vaughan, com as estrelas resplandecendo nos céus e uma grande estilhaça



de luz de lua, criando um ambiente perfeito para ruborizar aos malditos bêbados, apesar dos bafos de névoa que ainda se consumiam sobre as tumbas, sobrevoando as agradáveis águas do canal. Ele tinha dado uma volta pelas ameias, e depois tinha aterrorizado aos gêmeos Darlestone na sacristia da igreja. Havia uma linha de estátuas e ele se colocou ao final, iluminado pela cinza luz de lua e pintalgado pelos cristais manchados. De repente, tinha voltado para a vida justo diante de seus olhos e depois os tinha açoitado, correndo e encolhendo-se, para o lago. Agora estava preparado para fazer justiça à memória de seu antepassado.

Seu disfarce de Restauração era mais encantador: um casaco vermelho forte, trancado pesadamente diante e detrás, com enormes punhos que podiam esconder um ganso em seu interior. As calças também eram de cor vermelha e curiosamente ficavam folgados nas pernas em comparação às calças que normalmente levava. Pareciam flutuar ao redor de seu corpo, roçando sua pele de uma maneira que o fazia pôr os cabelos de ponta, enquanto o excesso de adornos de cintas pendurava como asas de mariposa cada vez que se movia.

Tinha sido obrigado a desfazer do chapéu antes de entrar no castelo outra vez. Media ao menos um metro de largura e estava decorada com um lenço de seda em vermelho do tamanho de uma toalha, apinhado e dobrado em forma de rosa. Esfregou o rosto com a seda, desfrutando da sensação que lhe produzia contra a pele, como a carícia de um prazenteiro amante. Estava desesperadamente orgulhoso. Era a hora de procurar um camundongo com o que jogar.

Três prometedoras empregadas estavam dispostas frente a ele, na grande sala, gritando de terror. Ele as perseguiu até o final do corredor dentro do beco sem saída que supunha o quarto de bilhares.

—Saíam, saíam, minhas preciosas damas — uivava enquanto rebojava pela soleira. Era impossível não rebolar dentro daquelas calças, forçavam suas pernas a afastar-se — faz cento e quarenta anos que não provo a carne de uma mulher e agora não estou pensando em tratar temas relacionados com minhas terras.

Equilibrou-se sobre elas. Uma se deslizou sob seu braço e às outras duas conseguiu as agarrar pelos pulsos.

—Não há escapatória — vaiou e as estreitou contra seu peito.

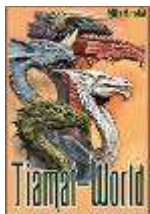
Não importava quem fossem, só que eram suaves e ágeis e rebojavam contra ele, quase lhe paralisando com a sensação de seus quentes corpos esfregando-se contra sua pele. E sua fragrância. Seria o medo misturado com umas gotas de inocência ou era outra coisa?

—Nos deixe Vaughan! Nos deixe!

A garota que tinha à direita parecia uma antiga descrição de sua mãe, com seus olhos impossivelmente azuis. Azuis como os acianos, azuis como os olhos do Lucerne. Ele forçou a boca contra a dela para apagar a lembrança e sentir como ela ficava tensa.

A outra garota gritou e as engentou para desfazer-se de seu abraço. Retrocedeu para a parede, com os dedos agarrados firmemente à palma de suas mãos e com a boca aberta.

Os desejos despertaram com a ameaça do beijo, as cenas eram tão obscenas que nem sequer poderia lhe pedir a uma prostituta que o fizesse. Seu sabor lhe era familiar e precioso. Ela



se retorceu e ele a segurou. De algum jeito lhe tinha posto uma mão na garganta e pressionava, quase estrangulando-o no processo.

—Dá-me asco! —Niamh se esfregou o rosto com as mãos, tentando tirar-se seu sabor dos lábios, completamente horrorizada— está louco.

—Sou Sebastian Alastair Elisud, marquês do Pennerley e tomo o que me agrada.

Ela o esbofeteou a altura da mandíbula, deixando-o vesgo e momentaneamente sem discurso.

—E eu sou sua irmã, assim tire as malditas mãos de cima —ela tentou lhe empurrar mas lhe agarrou o pulso.

— Não, não sou Vaughan. Sou Sebastian. E faz tempo reclamei uma vítima para apaziguar a Angra Mainyu —deixou que o pulso de Niamh se deslizasse entre seus dedos, seu olhar fixado agora sobre a mais jovem das Allenthorpe que estava tentando ainda mesclar-se com o muro. Lentamente se passou os dentes pelo lábio inferior.

Mae deu um grito assustado à medida que ele se aproximava, olhando brevemente suas curvas gordinhas e preciosas, antes de encontrar seus olhos com um sorriso malévolos no rosto. Ele se viu refletido em seus olhos, um espírito malevolente com olhos negros e um coração inclusive mais escuro, um só cacho lhe caía no centro de sua frente.

—Me conceda um beijo e pode que tenha piedade de sua vida.

—Um beijo?

—Só isso.

Ela tremia, mas assentiu, de acordo.

—Pode que queira ir, irmã querida.

Niamh soltou um grunhido grave e se foi, fechando ele a porta de uma patada atrás dela. Não cabia dúvida de que se deteve no corredor.

—Por que tinha que deixar de fora? —perguntou Mae tremendo.

—Porque não especifiquei aonde vou te beijar. E nunca tive a intenção de utilizar minha língua honestamente.

Vaughan se afundou graciosamente sobre seus joelhos e depois para seu assombro, lhe levantou a saia e subiu até a cintura. Acariciou-lhe com o nariz a liga e depois lubrificou com sua língua as genitálias desta, aliviando um ofego assustado que rapidamente se transformou em um gemido. Ela estava salgada e suave contra sua língua, curiosamente familiar mas diferente de Bela. Vaughan pressionou o nariz contra seus cachos escuros e pausa de sua essência. Estava bastante seguro pela maneira em que ela apertava os dedos contra seu cabelo e suas unhas lhe cravavam no couro cabeludo, de que era a primeira vez que um homem a tinha beijado em um lugar tão íntimo. Levava pouco esforço fazer que chegasse ao clímax rapidamente e ele era consciente de como suas próprias necessidades se faziam notar. Seu membro estava agora dolorosamente duro, mas não queria fazê-lo com ela. Tinha outra vítima em mente. Mesmo assim, parecia uma vergonha o negá-la. Mais que isso, ele queria lhe deixar uma lembrança contente para sua própria reputação.



—Milord — choramingou ela. Deu-lhe uma palmada no traseiro e inclinou seus quadris para ele. As pernas de Mae tremiam e ela emitia um som afogado na parte de atrás de sua garganta. Suavizou-se em um comprido e satisfeito chiado, enquanto ele dirigia sua atenção para o clitóris, lambendo com sua língua a superfície da pequena e dura bolinha, com golpes rápidos e repetitivos. Estava tentando aprofundar seus beijos, mas ele sabia que o prazer de uma mulher era realmente uma coisa muito singela de obter. Se gostava do que estava fazendo, a não ser que deliberadamente pretendesse prolongar o discurso, teria que seguir fazendo o da mesma maneira que tinha começado. Mesmo assim, havia limites inclusive para sua resistência e o sabor dela se sentia espesso sobre sua língua, assim quando começou a esfregar-se contra ele, este se precipitou e deixou que lhe cobrisse o rosto com seus genitais. Depois, quando ela gritou, ele introduziu a língua dentro dela, para lambar e golpear, com uma carícia como o veludo.

As respirações de Mae se voltou mais entrecortada, retorceu-se contra seu corpo, desfrutando de sua carícia com todo seu ser. Era muito mais sinuosa que suas irmãs, travessa e jovial, e suspeitou que estivesse mais disposta a dar algo em troca. Era uma Caçadora de prazer que desejava satisfazer sua própria essência.

Vaughan voltou a lambar rapidamente seus clitóris que agora se levantava orgulhoso sob seu capuz. Ele ouviu como sua respiração trocava de ritmo quase imediatamente, enquanto começava a elevar-se e seus quadris se balançavam em pequenas ondas perfiladas. Ofegava enquanto chegava ao orgasmo, como se não pudesse tomar fôlego, balançando-se contra ele, por isso seu rosto ficou lubrificada por seus sucos.

Vaughan retrocedeu e os limpou de sua boca com a mão. Suas pupilas estavam dilatadas quando ela o olhou. Ele se levantou e a agarrou da mão, depositando um casto beijo contra seus nódulos enquanto lhe sustentava o olhar.

—Milord — cantou ela. Seu olhar se cravava na longitude tremendo de sua ereção que nem sequer suas calças da Restauração eram capazes de dissimular. A tentação estava aí, lhe persuadindo a pôr a de joelhos e lhe oferecer a membro a sua boca, e deixá-la aprender com sua língua e sua imaginação como tinha que persuadi-lo para esgotá-lo.

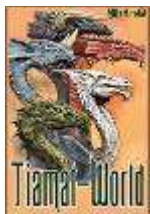
—Milady — se inclinou com um floreio e depois se foi. Ele se aproximou até o Niamh, e se deteve o outro lado da porta.

—Mae. Está bem? O que te fez? —ouviu-lhe perguntar.

Mae suspirou distraidamente em resposta.

—Beijou-me. Só isso.

Fora, Raffe acompanhava artisticamente a Alicia e a Fortuna Allenthorpe ao redor do jardim de delícias terrestres de Pennerley. Apesar de ter sido resgatada do Dovecote, cujas intenções estavam claramente longe de ser honoráveis, Fortuna parecia estranhamente pouco agradecida. Ela não compartilhava nada do entusiasmo de sua irmã pelos eventos e parecia mais distante atrás de seus enormes e sensíveis olhos. Ele se perguntou se tinha chegado muito tarde para salva-la



dos encantos de Dovecote ou se alguém mais a tinha incomodado. Seu melhor convidado era seu anfitrião. *Maldito seja!* É que sempre tinha que ter a qualquer mulher em seu poder?

Por sua parte, Alicia tinha estado chocada e assustada com cada novo pesadelo e parecia divertir-se enormemente.

Raffe suspirou pela frustração. Tinha esperado encontrar a Bela entre a multidão e desfrutar da noite com ela. Não tinha ilusões de que se deprimisse convenientemente para aproveitar-se da situação, sentia-se mais comprometido com sua companhia que com qualquer outra mulher. Não a tinha visto e logo que podia abandonar seu papel de guardião e protetor das duas irmãs, enquanto os descarados predadores rondassem pelas terras em busca de carne fresca. Sua única esperança de escapar de algum jeito era se encontravam a Mrs. Albanley.

Viram como Gabriel e Connelly se abraçavam um ao outro pelo terror, o reboledo do Connelly foi dissimulado quando se deu conta de que o estavam observando. Raffe não parou de contar histórias, mas se balançava para a parede norte em busca de novos prazeres e com sorte para a acompanhante das garotas.

Não tinham ido muito longe quando um feixe de luz penetrou por uma janela aberta no alto, na torre norte.

—Não é essa o quarto de Bela? —perguntou Alicia.

Suficientemente seguro, sob o cristal chumbado, ele pensou que espiava sua figura. Seguro que se teria retirado já? Mas aquela imagem não era a sua, a não ser a da mulher cadavericamente pálida, magra e de outro mundo, sem curvas e fina. Com uma fascinação desconcertante, os três homens observaram enquanto a aparição que tinham visto em um primeiro momento na grande sala os contemplava tristemente e, depois, com um angustiado lamento se veio abaixo pela janela.

Os gritos das damas repicavam altos e claros. Raffe ficou sem fôlego enquanto seu corpo branco caía. Depois lhe seguiu um golpe repugnante e um chapinho da água do canal, aberto para recebê-la.

—A Marquesa — vaiou Alicia. Ela se agarrou com força a sua manga — Niamh falou dela antes. Estava ficando louca pelas perversões e maldades de seu marido e se rendeu à morte.

Ele também estava a par da história, mas por *Deus Santo!* Aquilo estava indo muito longe se Pennerley tinha esperado que alguma pobre faxineira se atirasse ao asqueroso canal simplesmente por entretenimento. Em realidade, a situação roçava a loucura de tal maneira que lhe estava fazendo perder a paciência.

Raffe correu a toda velocidade até o muro, consciente de que as duas garotas o seguiam e se estirou pela parede para ver o corpo nas negras águas, mas não podia distinguir nada exceto canos e amoras.

—Olhe — Alicia apareceu a seu lado e ele seguiu a linha de seu braço estirado até onde ela estava assinalando. A metade de caminho do muro do castelo, uma marionete enorme pendurava de uma corda, como se estivesse sendo rebocada à torre. O alívio lhe alagou o corpo, fazendo-se sentir estúpido por ser tão ingênuo.



—Só é um espantalho com um vestido — Fortuna riu. Parecia haver-se animado um pouco, e se aproximou algo mais ao muro. Raffe se deteve e a olhou com o cenho franzido na escuridão. A causa da água, chamas coloridas oscilavam entre as tumbas.

—Olhe, aí estão Mae e Niamh — Alicia seguia agarrada a seu braço até que ele deixou o muro— vamos pegá-las, quero saber o que viram e pode que tenhamos que procurar tia Beatriz por causa de Fortuna. Claro que também está por ali.

Raffe assentiu. Fortuna ainda parecia um pouco pálida e pode que ele encontrasse Bela entre a luz dançante do cemitério.

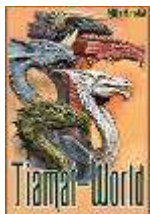
Depois da conversa malograda no corredor de abaixo e antes que Vaughan tivesse soltado a todos seus demônios pelo castelo, tinha sido intenção de Niamh ficar com Bela toda a noite e aproveitar a oportunidade para levar a cabo o plano que Henry lhe tinha proposto e que ela ia desenvolver. Não acreditava que sua amiga necessitasse que alguém fizesse de mãe, mas ela entendia que esta se sentia encurralada e consternada pelas circunstâncias. Em alguns aspectos, a fantasmagoria não tinha podido vir em um momento pior. Havia muita e muitos convidados que tentavam pôr armadilhas ao Vaughan com suas inseguranças. Niamh só sabia que seu irmão e sua amiga estavam feridos, mas não entendia por que lhes custava tanto encontrar a comodidade um no outro. Certamente, a perda do Lucerne deveria unir aos dois...

Havia outras vantagens de estar com Bela, já que Niamh carecia da experiência mundana e Bela tinha uma grande capacidade para afastar a quão descarados rodeavam as terras do castelo Vaughan não podia ter colecionado um conjunto mais libertino se tivesse procurado por toda Bretanha, enquanto que Niamh estava segura de que nenhum deles lhe poria um dedo em cima por medo às represálias de seu irmão, mas havia um espectro do que não estava tão segura.

Edward havia dito que iria ao castelo e ela não acreditava que sua carta o tivesse detido. Deixar as terras do castelo podia ser inclusive um convite para que ele a raptasse, essa era a razão pela que sem vontade tinha deixado que Mae fora com ela detrás de Mrs. Alvanley e o coronel até o cemitério.

A igreja. Tão recentemente um lugar de felicidade e agora uma lembrança amarga da confusão que ela sentia a respeito do Edward, inclusive mais turva ainda com o beijo que lhe tinha pedido ao Henry. Viesse Edward ou não, tinha que romper aquela relação. Não poderiam ser felizes, inclusive se Vaughan desse sua bênção. Agora se dava conta de que o entusiasmo do Edward tinha sido um pouco forçado e muito para durar toda uma vida. Ela preferia de longe a sutil intensidade do Henry. Estava completamente segura de que não lhe pediria nada que ela não estivesse preparada para dar. Resistiu inclusive a revelar seu plano para fazer que o teimoso de seu irmão desse sentido às coisas. Ele tinha tido medo de que ela se sentisse assustada ou indignada pela sugestão.

Aquela ideia lhe provocou um sorriso. Fazia muitos anos que seu irmão tentava extraviadamente proteger a dos canalhas como ele mesmo e no único no que tinha tido êxito era em fazer dela uma pessoa mais vulnerável. Seria mais cuidadosa com seu coração daí em diante.



Enquanto isso, devolveria o favor de uma maneira que ele não esperaria e com sorte faria algo útil para solucionar aquele lamentável embrulho.

—Niamh, Niamh. Venha de pressa, por favor —Mae gritava excitada, levando-a a passo ligeiro junto a ela. A jovem estava totalmente assustada com cada nova revelação e pelas histórias que chegavam para assustá-los. Pode que descobrir que realmente havia um antigo demônio espreitando-os para dar um banquete com seu sangue virginal lhe tivesse gostado muito mais que saber que tudo era um truque de Vaughan e um desfile dos membros de pessoal.

—Agora, fique perto de mim — avisou a tia Beatriz ao ver como as tumbas se formavam redemoinhos espessamente ao redor dela.

—Não se preocupe — disse o coronel, quem foi recompensado pelo suspiro grotesco da revoada de pestanas do Mrs. Alvanley. Mesmo assim, deixando a um lado sua paquera, passaria de ser uma velha solteirona a converter-se em uma bruxa vingativa, se avistava algum indício de ameaça sobre as meninas que estavam a seu cargo. De fato, Edward devia estar louco se pretendia aparecer, enquanto ela estivesse por ali.

—Olhe, o que são essas figuras? —Mae deu um salto para diante, com o xale caindo pelos ombros e seus belos ombros nus na brisa da noite.

Niamh entreabriu os olhos na escuridão. A névoa quase se dissipou, mas a noite era espessa e a lua estava oculta sob uma nuvem.

—Não se preocupem queridas. Estou seguro de que é parte do espetáculo — o coronel caminhava de maneira protetora para a parte de diante, bloqueando a vista de Mae. Sem vontade de deixar de olhar, aproximou-se dele e se instalou perto de uma cruz de pedra que havia a um lado.

O sino da igreja dobrava tristemente sobre eles. Temerosamente, bocas sem fôlego observavam como quatro portadores de féretros bloqueavam o caminho da entrada do cemitério, cada um deles sob suas cargas, com suas figuras completamente obscurecidas por túnicas inchadas e amorfas. A imaginação de Niamh se encheu de detalhes das características cadavéricas que se ocultavam debaixo. Aproximaram-se um pouco a eles e viram que deixavam os caixões ao lado de uma tumba recém-cavada e que, depois, a tampa começava lentamente a ascender.

Niamh sabia perfeitamente que aquilo não era outra coisa que uma das brincadeiras macabras do Vaughan, outro elemento mais dos romances góticos que tanto gostavam ela e a Bela, mas mesmo assim observava o quadro insone e suas extremidades lhe gelavam e um traço de temeroso pressentimento lhe escapava dos lábios. Parecia algo bastante blasfemo o apresentar tais imagens em terra Santa, mas a seu irmão não importava nada disso.

Ela esperava a aparição de outra dama branca ou possivelmente um esqueleto com capa que saísse do interior da tumba. Mas em lugar disso, um grito ensurdecedor rompeu o silêncio enquanto a tampa caía a um lado para revelar o demônio de Sebastian, que vinha desde a Pérsia para levar-se a um deles ao inferno. Claramente, as oferendas que algum dia Sebastian teve que fazer, não tinham sido suficientes. De fato, saltou do caixão para golpear a terra que se estendia ante eles e brandir suas garras empapadas de sangue.



O chiado de Mae fez ressonar o sino, enquanto que Mrs. Alvanley desfalecia quase inconsciente nos braços do coronel. Ele se esforçou um pouco para poder segurá-la e teve que pedir ajuda a um dos portadores, que de fato era o engraxate, para deixá-la com suavidade sobre a terra.

O demônio, enquanto isso, perseguia a ainda assustada Mae ao redor das tumbas durante uns deliciosos minutos antes de retirar-se em busca de almas mais manchadas para consumir. Havia um montão de almas assim desdobradas por essas terras, Niamh estava segura disso. Possivelmente encontraria ao Edward e o faria correr de susto.

Justo naquele momento, os gêmeos Darleston emergiram das árvores onde tinham estado observando a cena.

—Bravo — exclamou o maior deles enquanto os dois aplaudiam com entusiasmo ao papel que Mae tinha desempenhado no melodrama.

Enquanto o coronel abanava Mrs. Alvanley, Niamh procurava seus sais aromáticos e os colocava sob seu nariz. Possivelmente era hora de que se fossem dentro e compartilhassem todos mais sustos.

—Mas eu não quero entrar aí dentro — protestou Mae enquanto Neddy Darleston dançava com ela entre uma fileira de cruzeiros.

—Bom, vem —disse Niamh. Com um violento espirro, Mrs. Alvanley voltou a si— temos que fazer que sua tia se sinta bem e eu preciso encontrar a Bela.

—Desmancha-prazeres — se queixou Mae. Sempre tinha sido a mais alegre das irmãs, mas depois de seu encontro com o Sebastian um momento antes parecia rebelde até o limite. Isso, além de que Niamh viu claramente como rebojava seu traseiro contra os quadris de Neddy. Seus pequenos olhos se abriam de par em par. Obviamente, tinha encontrado mais do que tinha pedido.

—Mae! —Mrs. Alvanley se sustentava já por seu próprio pé— se comporte agora mesmo — dedicou ao Neddy um olhar particularmente vingativo—. Coronel, se acompanhar a minha sobrinha, estou segura de que Mr. Darleston e Niamh me ajudarão a retornar ao castelo.

Capítulo 20

Vaughan caminhava a grandes passos pelo castelo, com a atenção completamente centrada em sua próxima presa. Fazia um esforço enorme em jogar aquele papel antes de sucumbir a seus próprios prazeres, mas agora tinha uma vaga ideia de perder-se naquele momento e deixar que Sebastian o invadisse e o levasse na dor residual de seu coração.

De Maresi estava na torre norte, na sala de estar da suíte que compartilhava com Raffae. Estava de costas para Vaughan, já que se tinha concentrado em trabalhar as cordas do pulso diabólico que representava à Marquesa e que se suspendia na metade do muro exterior.



Vaughan lhe pôs uma mão sobre a boca.

—Tranquilo, tranquilo —vaiou ele— Fique quieto.

Por uma vez, aquilo ia dar-se inteiramente sob suas condições, razão pela qual ele contornava os preâmbulos. Havendo se desfeito rapidamente das calças de Maresi, Vaughan lhe separou as nádegas e se sentiu como em casa. A penetração encontrou com uma resistência débil e os gemidos de Maresi, enquanto seu corpo se rendia à intrusão.

—Isso é o que queria verdade? —sussurrou Vaughan.

—Sim... OH, Deus, sim... —de Maresi tentou girar o rosto.

—Hei dito que silencio — Vaughan pressionou seus dedos cobertos pela luva dentro da boca do Visconde. Ele conhecia seu sabor, estavam estranhamente empoeirados e curiosamente acentuados com um toque de noz moscada. Um sabor amargo e enjoativo, embora não estava seguro de se era o aroma ou a textura o que encontrava tão tentador. De qualquer maneira, havia algo nas luvas de seda brancas que ele achava cativante, um prazer só intensificado pela sensação da boca de Maresi ao redor deles.

—Chegou o momento —disse ele— não haverá mais depois disto. —Vaughan lhe açoitou com golpes largos e constantes que o obrigavam a estar de cara contra o muro. Era uma agradável sensação poder consentir com delicadeza e foder, só para variar. O êxtase se concentrou em seu membro que cobrava intensidade à medida que aconteciam as investidas, até que quase alcançou o clímax com a sensação.

—Está emendado, François? Está desesperado por uma carícia?

De Maresi se retorceu contra seus braços.

—Vaughan, estou desesperado — tentava falar entre os dedos que lhe enchiam a boca.

—Silêncio! Avisei —lhe apanhou o lóbulo da orelha entre os dentes— você terá que se mover.

Ele agarrou de Maresi contra seu peito, sua boca ainda coberta por seus dedos, e se perdeu no movimento. O tempo se expandiu até o infinito. Sentiu como se um milhão de espinhos lhe cravassem na pele e cada ponta de dor lhe trazia a agonia de um orgasmo. Estava seguro de que do Maresi sentia o mesmo. Seus gemidos eram profundos e como se trabalhasse seu membro ao mesmo tempo em que Vaughan marcava o ritmo. Nada disto tinha que ver com a duração, a não ser com o êxtase.

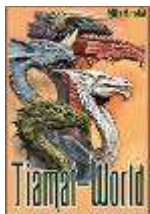
Sua respiração se agitava para a janela arqueada. As cordas do pulso caíam flácidas sobre o batente.

—Como é com o doce Gabriel? —perguntou Vaughan—. O que pensaria seu pequeno protegido se nos visse assim? Sabe ele o que é? —Vaughan pressionou os dedos mais profundamente dentro da boca de Maresi e sentiu que lhe mordida com força. Os tirou da boca—. tentaste possuí-lo já?

O gemido que saiu da garganta de Maresi o expressava claramente tudo.

—Não posso, é uma pessoa frívola. É jovem, não entende ainda.

—Nunca pensei que a idade seja um fator determinante em tais questões. Estivesse ou não



estivesse interessado.

—De todas as maneiras, não posso. O prometi a uma mulher.

—Isso não é verdade — grunhiu Vaughan, perdendo temporalmente o ritmo. De Maresi choramingou. —Não dessa maneira. Não se o disse dessa maneira.

Lentamente, compreendeu em seus pensamentos o que ele dizia, e imediatamente depois replicou com uma gargalhada.

—OH, agora o entendo! O prometeste a sua mãe! Isso é penoso, François, realmente penoso. Estou imaginando isso: deve entender querido Gabriel, que te masturbo até te deixar inconsciente, mas prometi a sua mamãe que minhas intenções eram estritamente honoráveis.

—Já é suficiente, Vaughan! —De Maresi deu fortemente com a palma de sua mão detrás dele, contra as costelas do Vaughan. O tirou de cima e se afastou—. Não tenho por que jogar a seus desprezíveis jogos.

—Ah, não? —Vaughan agarrou o membro de Maresi que ainda estava duro e derramava as lágrimas de antes do orgasmo— jogará este último jogo comigo até o final.

—Canalha — de Maresi grunhiu enquanto suas bocas se enredavam—, só estive me utilizando.

—Como você a mim.

O corpo do Vaughan tremia a ponto de alcançar o orgasmo. Ele enrolou as pernas formando um oito e balançava seu corpo contra a coxa de Maresi enquanto masturbava o pênis do outro homem. Os espinhos estavam atravessando sua pele outra vez, e em alguma parte do mundo de seus sonhos não estava com do Maresi a não ser com um anjo de cabelo loiro.

—O que pensaria o doce Gabriel se te visse assim? —disse ele outra vez, muito consciente de sua repetição.

—Se cale Vaughan, se cale! —gritava do Maresi e sua choramingação de moléstia se transformou em uma feliz angustia. Seu êxtase manchou a manga de Vaughan, mas era uma mera irritação, enquanto seu próprio membro se encabritava e começava a cega ascensão até o orgasmo.

Vaughan deixou que os efeitos físicos rodassem sobre ele, suas emoções tão complicadas e retorcidas que apenas as reconhecia como deles. Seus joelhos cederam e ficou pendurando de Maresi, sem lhe deixar escapar até que a última gota tivesse saído de seu membro.

—Vaughan — sussurrou de Maresi. Levantaram-se, ainda com os corpos unidos, pegajosos pelo suor e o sêmen, até que seus membros recuperaram seu estado inicial. Só depois, Vaughan se separou dele e se limpou. De Maresi se voltou para lhe dar um beijo, mas Vaughan levantou uma mão entre eles.

—Guarda para o Gabriel, —deu um tapinha no ombro de Maresi— terminamos.

Bela estava cansada, embora estranhamente em paz. Depois de que Lucerne fizesse seu fatídico anúncio e depois de que por um segundo lhe tivesse caído o mundo em cima. Cada momento que tinha seguido ao horror da realidade tinha sido recebido simplesmente como uma



diversão. Não estava segura de por que tinha mudado aquilo, mas a companhia de Henry tinha muito que ver. O fazia bem rir e gritar. Ficaram no refúgio e tinham uivado à lua até que suas gargantas acabaram irritadas e suas costelas doloridas de tanto rir. Tinham visto o demente Sebastian atravessar o pátio com seu enorme chapéu, gritando suas ameaças e desejos. Ao redor das ameias, tinham seguido seu progresso, pela estreita escada que albergava um haste de bandeira, onde uma cabeça sangrenta e degolada lhe tinha caído aos pés.

Henry tinha rido tanto pelo descomunal grito de Bela, que uma vez que já se acalmou, tinha-lhe arrojado uma figura de cera e lhe tinha deixado uma mancha de sangue na batina.

—Sabia — disse ela.

—Tem toda a maldita razão, sabia. Tive que atarraxar essa maldita coisa aí — Henry se enlameou com a massa de tomate, aborrecido— não foi fácil já que você e Niamh apareciam por todos os lados como cogumelos. Uma de vocês sempre aparece no momento mais inoportuno.

—Lembro-me do da torre de entrada. O da linha era por isso, verdade? Sabia que ele só estava tentando distrair minha atenção, me levando a lago.

—Pode — Henry limpou a mancha de seu peito e depois sustentou seu lenço sujo com desgosto—; acredito que será melhor que me troque — puxou a capa pouco favorecedora que cobria sua cabeça, deixando-o só em mangas de camisa e calças. Bela lhe deu um golpezinho descaradamente com seu leque nas costas.

—Ei. Nos meterá em um problema se fizer algo como isso.

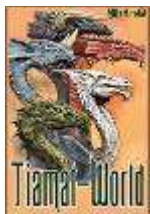
—Não direi a Niamh e ao Vaughan não importará — aquela ideia a fez ficar séria instantaneamente. Além de um encontro torpe na grande sala ao princípio da noite, não o tinha visto em toda a noite. Era quase como se a tivesse estado evitando deliberadamente.

—Sobre o plano... —disse Henry. Não acabou a frase, deixando que ela embaralhasse as possibilidades.

Bela mordeu o polegar. Não estava segura de tudo. Não estava completamente segura se funcionaria, mas pensava que não perdia nada por tentar. Caso que Niamh estivesse realmente no jogo.

Niamh emergiu no refúgio uns minutos mais tarde, enquanto Bela ainda estava meditando sobre o plano. Henry soltou um grito afogado ao vê-la. Bela se deu a volta e o efeito do disfarce apagou todas suas dúvidas. Uns cachos negros caíam sobre uma seda florentina e uma figura magra e ágil revestida em umas calças apertadas e umas botas negras, com o suave e resolvido passo de um gato. Salvo os olhos e alguns centímetros de altura, eram idênticos.

Tinha quebrado outro laço. Logo teria quebrado laços com todo mundo. Vaughan deixou a de Maresi chocado e sujo perto da janela da torre norte e, depois, tinha ido de volta à grande sala. Tinha apaziguado sua luxúria um pouco também, embora sua pele estava ainda apertada e esquisitamente sensível, mas não estava satisfeito de tudo. Seus demônios lhe pediam mais vítimas desejosas, pode inclusive que cada alma do castelo, antes que voltasse a descansar em paz outra vez.



Não havia ninguém na grande sala. Presumivelmente, estariam todos ainda correndo pelas terras como ratos assustados pelos jardins, atacados por seus fantasmas e espíritos. Vaughan cruzou para a janela e abriu as persianas da janela central. A luz da lua penetrou pelo chão de pedra, banhando a obscurecida sala com seu brilho azul prateado. A névoa já se dissipou e as luzes cintilavam nos pisos superiores da torre de entrada, onde ele supôs que Mrs. Alvanley se tinha ido já à cama. A grande porta ainda se encontrava aberta, recebendo-os a todos nos braços da maldade.

Uma grande figura apareceu sobre a ponte, com seu grande vestido branco flutuando ao redor dela. Uns cachos largos e marrons lhe caíam pelas costas. Bela. A dor apunhalou seu peito como uma lança. Apenas se atrevia a olhá-la. Quando ao princípio tinha planejado aquela noite de fantasmas, tinha tentado terminar em seus braços e nos de Lucerne. Os três corpos apertados os uns com os outros em sua cama, nus, roçando suas peles e suas extremidades entrelaçadas. Mas agora, já não cabia a possibilidade de tal final.

Nunca haveria.

Lucerne tinha ido e Bela estava indo.

Vaughan apertou os dentes enquanto imagens de seus dois amantes lhe invadiam a cabeça, deixando a um lado o santuário gelado que tinha construído ao redor de seu coração.

Fora, Bela se detinha instável justo na soleira da porta. Não o tinha visto na janela, porque seu olhar se dirigia para trás enquanto caminhava, fixa sobre seu perseguidor. Devonshire, perguntou-se ele ou um dos outros descarados que queriam seduzi-la. Não acreditava que ela tivesse escapado de um de seus espíritos. Depois de um forte fôlego, ela retomou o caminho embora não o suficientemente rápido, o caçador já quase a tinha a seu alcance. Ele a fez girar para seus braços e lhe pôs as costas contra ao arco de pedra. Seus corpos estavam tão juntos que parecia que se derreteram em um. Os braços de Bela se entrelaçavam nas costas do homem para arranhar seu casaco. Seu escuro cabelo caía em forma de cascata de cachos para suas costas enquanto suas duas bocas se fechavam, seus profundos beijos, frenéticos e apaixonados. Era tão intenso que inclusive ele se sentia envergonhado de olhar.

O calor alagou sua virilha. O ódio surgia como um incêndio florestal em seu peito. Mas não tinha sentido. Como podia estar ciumento de si mesmo? Pela visão que tinha diante, aqueles eram Bela e ele. Sua boca se esmagava contra a dela. Suas mãos lhe moldavam os ombros, cobriam seu traseiro e atiravam dela para seus famintos quadris.

Mesmo assim ele estava aí, e Bela não tinha direito de apertar-se tanto a ele. Nada disto tinha sentido real. Pressionava a ponta de seus dedos contra o rosto e depois olhou suas próprias mãos, aterrorizado ao encontrar insubstanciais, não era mais que um fantasma de seu antepassado morto ao qual ele tinha despertado para aquela noite.

As palmas de suas mãos pareciam o suficientemente sólidas e um suor frio lhe caía pela testa, enquanto tremores e calafrios lhe percorriam a espinha dorsal.

Sob a porta, a paixão ardia. O sabor de seus beijos lhe dava calafrios na garganta. Uma opressão lhe apertava o peito, quando os dedos dela roçavam ligeiramente a sensível pele de seu



estômago. Seu olhar estava fixo nela. Não podia piscar. Não podia dar a volta.

A mão de Bela deslizou mais abaixo, roçando a superfície de seu membro e depois com firmeza. Seus dentes lhe cravavam no lóbulo da orelha e sua boca se fechava sobre sua garganta. Ele já não podia distinguir em que momento o sonho começava ou terminava. Que versão de si mesmo era a real? Sentia cada carícia como se estivesse contra sua própria pele até sentir-se totalmente excitado, e a cabeça lhe doía pela loucura de tudo aquilo.

Vaughan fechou de repente as persianas e pressionou as costas contra elas. Já não mais. Não podia continuar olhando. A visão acabava com todas as emoções que tinha estado tentando enterrar tão desesperadamente. Deslizou pela grande sala e subiu as escadas até o salão. Connelly se encolhia de medo em uma esquina quando ele passou, mas o ignorou e alcançou algo para beber.

Não sabia o que fazer. Já nem sequer sabia quem era agora.

Estava feito. Vaughan os tinha visto. Niamh não sabia se seu plano tinha funcionado ou o efeito que teria. Só o tempo o diria. Descansou as costas contra a parede curvada do túnel e deixou escapar um grande suspiro expressivo. Tinha experimentado poucos beijos em sua vida: os do Edward, os do Henry, os de seu irmão... mas nenhum a tinha beijado como Bela. Nenhum deles tinha derretido sua boca contra a sua tão docemente, como se o fogo crescesse dentro de seu corpo. Seus instintos lhe haviam dito que se retirasse. O beijo a tinha transtornado tanto como o do Vaughan, mas tinha que continuar com o plano. O espetáculo tinha que ser convincente. E aquilo suportava paixão.

Sabia como beijava Vaughan: com todo seu corpo, quase com toda sua alma. Como atuaria ele depois disso, não sabia. Logo que podia respirar.

—Está bem? —perguntou-lhe Bela. Ela virou a cabeça e lhe dedicou um sorriso.

—Não estou segura. Acredita que funcionou?

Bela inclinou a cabeça.

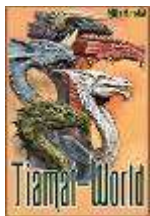
—Chegou-nos a ver?

—OH, sim, viu perfeitamente. —Henry tinha uma expressão particular no rosto quando emergiu das sombras, ao final do túnel—, estava na janela e te olhava com a boca aberta. Se isso não o houver chocado, nada na terra poderá fazê-lo, —deu um apertão no ombro a Bela e lhe ofereceu um sorriso tranquilizador— lhe dê uma oportunidade de esclarecer com a neblina do láudano.

—Quanto tomou Henry? —perguntou Niamh, a preocupação lhe endurecia as costas.

Henry se virou para ela e conscientemente tirou o colete de Vaughan para o frente, sabendo que suas calças deixavam pouco à imaginação. Estes penduravam de suas curvas um pouco muito bem, um fato que Henry logo que podia ignorar.

—Mais que suficiente —disse ele, umedecendo os lábios —mas duvido de que deixe nenhum dano perdurável a não ser que tome por costume. Suas pupilas pareciam alfinetes a última vez que o vi de perto e obviamente foi um pouco longe esta noite, mas os demônios de seu



irmão sempre o acossaram duramente. —Agarrou-lhe a mão e há aproximou um pouco mais—. Será melhor que não nos entretenhamos muito tempo aqui. Tem que tirar sua roupa —Niamh assentiu e sentiu que o calor lhe esquentava as bochechas— se der conta de que o enganamos, sua vingança será provavelmente rápida e brutal e o plano terá fracassado completamente.

Bela assentiu, mostrando seu acordo e os três caminharam para a torre sul. Detiveram-se fora da porta.

—Acredito que vou entrar e ver onde está — disse ele. Fez-lhes uma reverência e penetrou dentro.

Niamh e Bela se olhavam.

—Obrigado —disse Bela— embora só Deus sabe se funcionará. Pode que não se acorde quando chegar à manhã.

—Niamh, Bela — chamava Mae enquanto se deslizava da torre de entrada, seguida pela Alicia. Uniram-se a elas na porta—. A tia Beatriz levou a Fortuna à cama. As duas tiveram suficientes sustos para uma noite, mas têm a promessa do coronel de dormir depois da porta, só em caso de que ocorra algo. O que estiveram fazendo?

—OH, pouca coisa — disse Bela, permitindo que Niamh escapulisse— há uma cabeça decapitada no topo da torre.

—Sério? —gritou Mae— Alicia, vamos vê-la — agarrou a mão de sua irmã e se foram, deixando a Bela só com seus pensamentos. Sentindo-se ligeiramente com frio, foi para o quarto em busca de um xale.

O quarto de Niamh estava escuro, exceto pelo brilho tênue do carvão na chaminé. Desfez-se do casaco de Vaughan e de suas calças e tremeu pela gelada brisa. Tinha quase tão frio como fora, já que bobamente tinha deixado a janela aberta.

Vestida com a enorme camisa de Vaughan, atravessou o quarto para fechá-la e depois avivou o fogo.

—Niamh —o som de sua voz a esfriou ainda mais. Edward. Não. Não em seu quarto. Não naquele momento, enquanto estava sozinha. Quase tinha esquecido-se dele pela excitação da noite.

—Niamh — disse ele de novo, esta vez aparecendo de entre as sombras, atrás dela. Ambos viraram ao unísono para encontrar-se cara o rosto.

—Disse que não viesse. Mandeí uma mensagem — a mancha roxa que levava nas bochechas pelo golpe de Raffae se obscureceu agora em uma sombra lívida de cor arroxeada.

—Não podia te abandonar. —Deslizou o xale de suas mãos e o pôs sobre os ombros—. Vem agora, — com um propósito singular, guiou-a para a janela aberta. Havia uma grande queda para o outro lado, facilmente uns dez metros até golpear as tenebrosas profundidades do canal. Viu então que havia algo que pendurava sobre o batente de pedra. Suas puas de aço brilhavam com o mesmo objetivo doente que se refletia nos olhos de Edward.

—Não vou contigo, Edward. Disse inclusive antes de averiguar da Alicia — ela se retirou da



janela enquanto ele a seguia de perto.

—Silêncio — disse ele. Cada músculo de seu corpo se esticava firmemente contra ela—. Por que isso deveria nos afetar? Cometi um engano, mas nunca lhe fiz nenhuma promessa séria — pôs as mãos sobre seus ombros e depois procurou seus lábios.

—Não — Niamh lutou contra seu abraço, lhe dando um empurrão. Ela o empurrou, mas não havia maneira de se esconder, tinha as costas colada à janela aberta— me enganou, mentiu. Tudo o que quer é meu dinheiro.

Edward negou com a cabeça de uma maneira nervosa e agitada. Seu cenho franzido combinado com as manchas roxas que lhe rodeavam o olho, faziam parecer sinistro.

—Acredita que correria um risco assim se não me preocupasse com você? Seu irmão me disparou a última vez que nos vimos.

—Acredito que correria qualquer risco com tal de te sair com a tua. Acredita que alguma vez teria me informado? Alicia é minha amiga.

Edward se ergueu completamente, por isso se elevava firmemente diante dela. Niamh se agarrava ao batente da janela. O vento agitava seu cabelo e o abanava seu rosto.

—Virá comigo — disse ele e lhe apanhou o pulso em uma espécie de esposas de ferro— tenho uma permissão especial. Tudo está preparado para o amanhecer.

—Se afaste de mim — lutava ela, mas o medo de cair limitava seus movimentos.

Com uma risada sádica, Edward a levantou e a colocou no batente, cobrindo sua boca enquanto passava uma das mãos em sua coxa, debaixo da saia.

—Não sei o que eu gostarei mais, se te ouvir dizer sim ou sentir sua coxa contra meu membro — seus dedos cobertos pela luva se introduziram nos lábios de seus genitais. Niamh mordeu seus dedos que cobriam sua boca e gritou:

—Vaughan!

—Má ideia — retirou os dedos de seu sexo e farejou o couro com aroma de noz moscada. Niamh ficou gelada enquanto ele tirava o cinturão de couro, pensando que a golpearia, mas em lugar disso, ele o atou ao redor de sua cintura. Sentiu como a fria fivela se apertava contra suas costas e, depois, o estalo do metal. Levantou o joelho e o golpeou entre as pernas, mas não o suficientemente forte. Ele se dobrou, mas se recuperou rapidamente e em lugar de lhe pegar, lançou-a pela janela.

Por um momento terrível, ela se viu pendurada de forma instável, seu corpo suspenso sobre o canal e suas pernas ainda curvadas sobre o suporte. A porta se abriu violentamente e Mae e Alicia Allenthorpe penetraram dentro.

—Deixa-a em paz! —seus peitos se levantavam pelo esforço que haviam feito ao subir do refúgio. Tinham encontrado armas. Alicia brandia um atizador de ferro que obviamente tinha pegado do quarto de Vaughan e o pressionou fortemente contra o traseiro do Edward—. Bastardo! —com um uivo de dor, precipitou-se sobre Niamh.

Niamh gritava enquanto caía. Pressentia o impacto da água gelada, mas se deteve uns poucos centímetros antes com um movimento brusco e se encontrou a si mesmo pendurando



como uma aranha em seu fio de seda.

Sobre ela, na torre, escutava gritos de pânico, afogados por um claro disparo.

Vaughan cambaleava pela neblina do láudano e caiu da cadeira onde tinha estado fundo. O som retumbou em seu crânio como um tambor de lata.

—Pelo amor de Deus, o que foi esse ruído?

—Não cabe dúvida de que outro de seus fantasmas — disse Connelly da outra cadeira ao lado da lareira. Uma vez que se deu conta de que Vaughan já não era uma ameaça, havia-se posto cômodo com o brandy na mão.

—Sonha como foguetes — disse Henry Tristan, equilibrando-se para a janela.

Vaughan negou com a cabeça.

— O que diz? Era o disparo de uma arma — de seu fuzil mais especificamente, se não se equivocava.

Saiu a toda velocidade da sala e atravessou a ponte levadiça até a torre sul com suas calças cheias de cintas voando ao seu redor como acrescentados extra. A porta do quarto de Niamh estava aberta. Vaughan penetrou dentro para encontrar os dois traseiros arrebitados frente a ele, e suas proprietárias inclinadas sobre o batente da janela e seu fuzil apoiado de ponta sobre o chão de madeira.

Vaughan o afastou com o pé.

—Que demônios está acontecendo aqui?

Capítulo 21

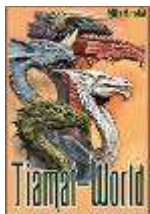
Bela não escutou o ruído, estava em seus aposentos ao outro lado do castelo e inclusive se o tivesse feito, provavelmente o tivesse tirado da cabeça em seguida. Não tinha nem ideia de se seu espetáculo teria tido algum efeito no Vaughan, mas de todas as maneiras valeria a pena tentar. Se entreteria até a manhã seguinte e tentaria falar de novo com ele então. Se seus sentimentos não tinham mudado, então consideraria a oferta de Raffé. *Demônios*, já estava considerando seriamente. Podia fazer algo pior que acabar com ele, apesar do fato de que amava a outro homem. Raffé, estava seguro disso, faria tudo o que estivesse em suas mãos para fazê-la feliz.

—Bela? — Falando do diabo... Raffé caminhava a grandes passos por seu aposento e se sentou na cama, a seu lado. — Estive te buscando toda a noite, onde tinha se metido?

—Estava com o Henry — disse ela, sem olhar nos seus olhos. Não tinha por que admitir que tinha estado o evitando deliberadamente. Não por desprezo, mas sim porque até que pudesse lhe dar uma resposta definitiva, havia um inevitável desconforto entre eles.

—Considerou minha oferta? —perguntou ele.

—Não me pressione Raffé. Não posso te dar uma resposta ainda.



Os lábios lhe torciam e franzia o cenho até enrugá-lo. Raffe se tombou sobre o colchão, uma ação que lhe recordou profundamente Lucerne e uma onda de perda ameaçava destroçando sua compostura. Bela olhava para Raffe, concentrando-se em sua compleição muscular e em sua virilidade mundana, no contraste entre ele e Lucerne, até que seu escrutínio fez que ele se levantasse e a acariciasse.

—Se está pensando em me rechaçar, será melhor que simplesmente me diga isso.

—Não sei o que vou fazer — tombou a seu lado pelo que suas cabeças ficavam uma ao lado da outra e ficaram uns minutos em silêncio, só olhando a madeira escura das vigas do teto. Ela se sentia cansada, mas não acreditava que pudesse adormecer, não sem algo que lhe tirasse da cabeça todas as preocupações. Ela supôs que a fantasmagoria o tinha conseguido por um instante, justo até o momento no que tinha beijado Niamh. Tinha que convencer a si mesma de que era Vaughan e não sua irmã, só para fazer que o espetáculo parecesse mais real e então deixou que a paixão ardesse como se fosse o último beijo que ele fora lhe dar.

Talvez, assim fosse.

Ao lado dela, Raffe se voltou sobre seu estômago e se apoiou na cama, sobre os cotovelos.

—Sabe que não lhe importa absolutamente, não é assim?

—Possivelmente — disse vagamente. Henry, Niamh e seus instintos lhe diziam o contrário.

Raffe se sentou. Seu cenho franzido tinha forçado rugas seu belo rosto e ela se fez uma ideia de como podia ser ele com vinte anos mais. Ainda raivosamente bonito, mas ligeiramente mais quebrado. A idade decidiu, o faria melhorar.

—Bela, cansou-se de você. Todo mundo diz que esteve tentando te roubar dos braços do visconde Marlinscar faz já muito tempo, mas desde que rompeu ontem com ele, já deixou de ser uma provocação.

—Isso não é exatamente o que aconteceu.

—Ah, não? —inclinou a cabeça para um lado. Bela desceu da cama e deu a volta para olhá-lo, com as mãos nos quadris. Raffe ficou de barriga para cima, com um gesto de preocupação em seu rosto.

—Não.

Ele a agarrou das mãos e puxou para ele, por isso ficava olhando a de maneira suplicante.

—Estou-te oferecendo uma vida feliz. Sabe e deve enfrentar a isso: sua reputação parece pedaços. Se nos casarmos, nada disso importará. A sociedade terá que te aceitar.

Tinha-lhe dado voltas ao mesmo argumento na cabeça, mas o risco do ostracismo social não era suficiente.

—Acredita honestamente que me importa o que as pessoas pensem? Estive compartilhando minha cama com dois homens nos últimos três anos. Acredito que se estivesse preocupada com minha reputação, teria pensado isso duas vezes.

Seus olhos a olhavam perplexos e sua boca se abria em uma expressão de incredulidade.

—Com os dois? —balbuciou ele. Obviamente a verdade de sua relação com Vaughan e Lucerne não era de domínio público, como ela tinha acreditado— não refere a cada um por um



lado, verdade?

Bela deixou que suas mãos deslizaram sobre as dele e brandamente negou com a cabeça.

Os esbeltos ombros do Raffé se afundaram bruscamente.

—Suponho que não há maneira de competir com isso. Deus deve pensar que sou um completo estúpido.

—Raffé — acariciou sua testa, sem estar realmente segura de como tranquiliza-lo, mas ele não a olhava. Bela franziu o cenho. Onde tinha metido a simplicidade? Em que momento qualquer aspecto de sua vida se converteu em um pouco tão sério e enredado?

No Yorkshire... em Lauwine... nada tinha sido tão complicado ali. Uma vez dormiu com três homens em um dia e não sentiu nenhuma culpabilidade. Tinha amado Lucerne, mas tivesse satisfeito seus prazeres onde fizesse falta, e tinha sido feliz exceto por um pequeno contratempo. Bela olhou sua inclinada cabeça e tentou recordar o que tinha pensado a respeito dele a primeira vez que se conheceram. Nada mais tinham acontecido uns poucos dias. Ela tinha pensado que sentia um pouco de admiração para ele, era elegante e esbelto, possivelmente muito. Seu sorriso recordou ela, era travessa.

Não estava do todo segura de quando tinha tomado a decisão, mas era consciente da mudança que havia feito na maneira de sentir-se. Londres tinha mudado muitas coisas. Tinha-a alterado de um modo que ela não tinha esperado e de um modo do que não estava segura de se gostava. Era hora para a velha Bela. Levaria Raffé para sua cama essa noite, não havia nenhuma razão na terra pela que não devesse fazê-lo. Além disso, de algum jeito, ele era como uma versão arrumada do Mark, seu anterior noivo, a quem gostava de tomá-la como mulher. Então, ao dia seguinte deixaria as coisas claras ao Vaughan e se ele não podia arrumar-lhe para corresponderia, então teria que separar-se dele e fazer que as coisas funcionassem com Raffé.

Ela voltou a lhe acariciar as sobrancelhas e lhe deslizou os dedos até os lábios.

—Fica comigo esta noite.

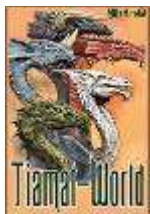
Houve um brilho curioso em seus olhos quando levantou a cabeça para olhá-la.

—Não entendo.

Bela se inclinou e o beijou lentamente, desfrutando da luxúria que provocava o roçar de sua boca contra a sua. Tinha sabor de laranjas com especiarias e a canela e ele gemeu com agrado, enquanto ela se aconchegava em seu colo.

Edward tinha ido e provavelmente não voltasse jamais. Depois de ter empurrado Niamh pela janela, Mae tinha disparado nele. Parecia que tinha falhado um pouco certificado pela parte que caiu do marco da janela, mas Edward não queria ficar para tentar a sorte outra vez. Tinha saltado, caindo no canal com um chapinho explosivo, que tinha deixado Niamh encharcada e suspensa como um vendaval de água.

De certo modo, tinha tido sorte, pensou ela, ao ter saltado, porque se Vaughan tivesse entrado depois, apesar do intumescimento de seus sentidos, estava segura de que não tivesse falhado. Mae e Alicia tiveram virtualmente que pô-lo em seu lugar justo para detê-lo em sua



perseguição. Henry tinha organizado o resgate com a ajuda de outros homens. Havia arrastado suas costas pela janela do primeiro andar, o que parecia menos árduo e de algum jeito mais seguro que conduzir uma bandeja até o canal e descê-la sobre sua superfície cheia de canos. Ao final, arrastou-se para o marco da janela, jorrando e febril pelo frio, ainda atada à corda com algo que parecia uma cruz, entre umas algemas de ferro e uma peça de um pino de montar.

Agora estava deitada em sua cama vestida com sua camisola de flanela, tentando conseguir calor e sentindo-se terrivelmente afortunada por não ter se afogado no fundo do canal com outros corpos que descansavam em suas tenebrosas profundidades. Ninguém parecia ter se dado conta de que usava uma das camisas de Vaughan e não usava o traje quando a arrastaram para a janela.

Vaughan entrou no quarto levando uma bandeja em que havia duas xícaras fumegantes. Sentou-se na cama, a seu lado e lhe ofereceu uma bebida — chocolate misturado com seu melhor rum jamaicano—. Niamh lhe ofereceu um sorriso. Parecia mais ele mesmo que fazia uns vinte minutos, quando os esforços de Mae, Alicia e Henry o tinham expulsado do quarto, mas ainda tinha as pupilas fortemente contraídas pelo que seus olhos eram de um violeta profundo.

—O que ele estava fazendo aqui? —perguntou. Niamh apertou a xícara, permitindo que o ardente líquido esquentasse suas mãos através da cerâmica.

—Eu não o convidei se for o que acredita. Eu disse que não viesse.

—Bem — Vaughan olhava pensativamente dentro de sua própria bebida, que parecia não querer tocar.

—Tinha que haver dito antes para Alicia.

—Supunha que ela o mencionaria. Disse que foram boas amigas.

Niamh baixou a cabeça. Ele tinha razão. Estiveram guardando muitos segredos o ano passado e nada bom tinha saído de tudo aquilo. Ela pensou que era a razão pela que agora tinha vontade de falar com ele. Seu irmão estava ferido. Não era destrutivo por natureza, ao menos não no sentido ordinário, mas não estava levando nada bem a partida de lorde Marlinscar. Normalmente, era elegante e tranquilo e agora estava distraído e nervoso. Viu-o recolher o atizador e mover o carvão, fazendo que várias faíscas voassem pela chaminé.

—Vaughan — Niamh deixou a bebida na bandeja que estava sobre a colcha e tirou as pernas da cama. Quase imediatamente, ele estava de novo ao seu lado.

—Fica na cama, tem que se aquecer — disse ele repentinamente, ao tempo que colocava gentilmente as mantas sobre seu corpo— te deixarei dormir. Podemos discutir tudo isto quando tiver descansado — deu um beijo terno na sua testa.

—Espera — Niamh curvou os dedos ao redor da fina lapela de seu casaco—. Bela.

Vaughan negou com a cabeça antes de lhe dar uma oportunidade para explicar-se. Apesar de seu escuro olhar, ela começou de novo.

—Está lhe fazendo mal. E eu gosto dela — ele tentou escapulir, mas ela se segurava com firmeza ao tecido de seu casaco— me escute, Vaughan. Ao menos, tem que saber. Raffé pediu a ela que se case com ele.

— Ele fez o que? —Vaughan desceu da cama e tinha percorrido a metade do caminho para



a porta antes que seu cérebro alcançasse seu primeiro impulso—. Maldito bastardo! Não o convidei aqui para que pudesse ficar de olho a mi... —fechou a boca com força. Niamh o observava com expectativa.

—A sua o que?

—A minha cadela — ele sustentou seu olhar, desafiando-a a lhe refutar, mas comovido pela revelação do que estava dizendo.

—Vai perdê-la — falou ela, mantendo seu intenso olhar— e então, onde estará você, irmão?

A ira de Vaughan distorcia sua beleza em cada milímetro, como o desfile de fantasmas que tinha preparado para essa mesma noite.

—Nunca tive a Bela — disse repentinamente ele.

—Bobagens!

Ao Vaughan brilhavam os olhos. Por um momento parecia como se fosse amaldiçoá-la, mas em lugar disso deu voltas a seu redor pelo que o casaco lhe pendurava por detrás e depois se afundou na poltrona.

—Não espero que o compreenda. Pensou que Edward era um enviado do céu só porque te adulava — atirou de seus joelhos até ter o queixo apoiado nelas—, era algo plano, não existia paixão entre vocês dois.

—Há muita paixão entre Bela e você.

Vaughan piscava lentamente, sua expressão ficava lentamente cautelosa.

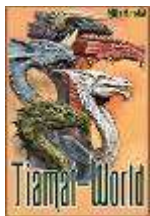
—Alguma sim, pode ser.

—Então, faça algo — não estava segura pela piscada da luz do fogo, mas acreditou ver como uma lágrima deslizava por sua bochecha e atravessava seus lábios entreabertos.

Raffe dificilmente poderia dar a crédito onde se encontrava. Parecia fantasioso, como os fantasmas de Pennerley. Bela montava escarranchada sobre seus quadris, com a cabeça estendida para trás, enquanto lhe cavalgava, o levando para o clímax. Então, pensou que ela era a criatura mais sensual que nunca tinha conhecido. Seu corpo inteiro respondia a cada uma de suas carícias. Ele gemeu enquanto lhe envolvia mais profundamente, apenas capaz de acreditar que aquele momento fosse real e não só uma fantasia noturna.

Seria ainda sua pela manhã? Tão só podia rezar para que assim fosse.

A Bela tremia todo o corpo. O membro de Raffe a encheu, e satisfez seu desejo ardente, mas ainda havia algo que faltava. Não importava como de profundo ele se encaixasse dentro dela e não importava a intensidade com que lhe montasse, suas investidas não pareciam ser suficientes por si só. Ela queria mais, muito mais, as coisas que unicamente Vaughan podia lhe dar. Ele a entendia. Nem sequer precisava lhe dizer uma palavra para excitá-la, só uma carícia dele e sua fragrância. Ela simplesmente tinha que vê-lo e em seguida pensava no sexo. Vaughan tinha uma maneira de esfregar-se contra ela que fazia que seu coração desse um tombo e que em seu interior fizesse um nó de desejo; e o que ele era capaz de lhe fazer com sua língua... bom,



simplesmente, não havia comparação.

—OH, Bela! —gemia Raffe— é tão boa, tão boa. Goza, vem por favor.

Ele balançava seus quadris contra ela, lhe fazendo perder o equilíbrio, por isso esta caiu sobre seu peito. Bela lhe agarrava as mãos e as sustentava firmemente contra o colchão. Ela se deslizava de um lado a outro ao redor de seu membro, até que os olhos começaram a vidrar. O ângulo era bom, mas ela necessitava de algo mais. Bela fechou os olhos e o deixou penetrar em seus pensamentos sem piedade.

Na escuridão de sua mente, as posturas estavam trocadas. Vaughan estava ajoelhado sobre ela, e tinha as mãos na cabeça seguras por uma das dele. Ele não falava, só a olhava enquanto entrava dentro dela. Ele chupava com gula seus peitos enquanto seus quadris se esfregavam sem piedade contra os seus. Bela gritava cada vez que ele a enchia e seus ofegos se voltaram gloriosos lamentos quando alcançava o topo do êxtase.

Raffe se enredava com seu corpo e atirava para fora. Seus olhos cinza eram tão grandes como pratos enquanto agarrava a membro com a mão e terminava com vários golpes rápidos pelo que seu sêmen caiu em cima do estômago de Bela como jorros de cor pérola. Bela sorria enquanto limpava sua pele com um lenço de renda. *O que acontecia os galantes homens naqueles dias?* No passado, nunca tinham sido tão resistentes a gozar dentro dela.

Capítulo 22

Depois de deixar a Niamh descansando, Vaughan se esquivou de seu próprio quarto e passou pelos compridos e lúgubres corredores do castelo. Os retratos que penduravam da parede riam dele. O vento cantava seu nome. Bela. Ele a queria, mas não podia suportar pensar nela. Queria ser capaz de culpá-la, gritar no seu rosto os pedaços que havia feito de sua relação com Lucerne, mas o certo é que não era culpa de ninguém. Os três tinham ocultado aspectos de sua vida a outros. Nunca tinham falado do futuro, simplesmente tinham se dedicado a viver, como se tudo fosse um reino de conto de fadas do que nunca fossem despertar. Ninguém podia viver daquela maneira para sempre, e ele menos que nenhum.

Tinha percorrido ao longo da grande sala seis ou sete vezes antes de deter-se finalmente ao pé das escadas e dirigir sua cabeça para o balcão. Grandes sombras se desenhavam entre as vigas de madeira quase invisíveis. Ele a havia possuído em ambos os extremos daquelas puídas escadas, justo aí no balcão, com seu corpo pressionando contra o dela e os dedos em seus genitais e, então, sua visão se alterava com a vista de seu traseiro grosseiramente nu. Desejava-a naquele preciso momento, seu desejo era como uma dor persistente no peito. Mas ainda estava zangado com ela. Tinha-a açoitado ali e depois tinha deixado que seus sentimentos aflorassem muito à superfície. Não desejava isso para ela. Tinha desejado para Lucerne.

Vaughan pôs o pé no último degrau. Não existia razão alguma pela que correr para ali. Só



Deus sabia o que poderia encontrar. A bÍlis subiu por sua garganta com a ideia de encontrá-la em metade de um momento de paixão com Devonshire. A resposta de seu corpo, o confundia ainda mais. Já a tinha visto com Lucerne muitas vezes, por que pensar em que pudesse estar com outro homem lhe incomodava tanto? A não ser que realmente se importasse com ela.

Reprimiu um pouco seus próprios sentimentos, mas já conhecia a resposta.

Vaughan deslizou pelas escadas, com uma sombra mais profunda em seu pessimismo, e depois se deteve na enegrecida escuridão fora de sua porta. Confiar em que o láudano tivesse lutado com o espetáculo da fantasmagoria tinha sido uma estupidez, seu abraço um mundo sedutor, convincente e lunático de sombras e ilusão. Sabia que não podia continuar assim, tentando apagar sua dor. Tinha que enfrentar a ele. Tinha transformado tudo em uma confusão.

Enfrentar o amor de Bela era o primeiro passo. Não era como se não se desse conta de que existia um laço entre eles que ia além de um desejo compartilhado por Lucerne. *Demônios*, não tinham admitido antes de ir embora de Lauwine? Vaughan negou com a cabeça. A vida tinha parecido muito mais singela então. Deveriam ter ficado ali. Inclusive se tivesse sido algo frio.

A porta se abriu fazendo apenas um chiado. Ele duvidou um momento na soleira antes de recordar que era o dono daquela casa.

Raffe estava nu, seu peito peludo exposto e suas extremidades sólidas estendidas pela cama, abrangendo-a quase por completo. Não sentia inveja alguma por seu rival. Sentia poucas coisas mais que o desgosto por sua insuportável masculinidade. Felizmente, os lençóis lhe cobriam as genitálias.

O homem era uma besta com seus ornamentos retirados, todo cabelo vulgar e músculo.

Bela, pelo contrário, estava encolhida em uma espécie de bola protetora no canto traseiro da cama. Sem nenhum tipo de contato, como uma fria proximidade. Um cacho perdido caía sobre sua bochecha, o qual ele retirou brandamente detrás de sua orelha. *O que está fazendo aqui?* perguntou-se ele, embora estivesse sem saber o que dizer nem a quem dizer se a ela ou a ele mesmo.

Ela respirava de maneira agitada, com sua camisa úmida sob as pontas dos dedos dele enquanto percorria o inchaço de seu peito. A pressa por tomá-la, por possuí-la totalmente e deixar marcas sobre sua esbelta garganta lhe golpeava como uma onda. Deixou-o cambaleando sobre seus calcanhares.

Vaughan se esticou, com a mandíbula tensa. Sabia o que tinha que fazer. O que queria fazer. Um sorriso lhe desenhou no rosto. Depois se inclinou e recolheu Bela entre seus braços.

Seu segundo passeio pelo adormecido castelo sob a luz da lua era mais determinante. A cabeça de Bela descansava aconchegada contra seu peito, com uma respiração mais tranquila. Seu comprido cabelo caía sobre o braço de Vaughan, formando uma onda de cor castanha avermelhada. Cheirava curiosamente a limpeza, não a sexo, a não ser a sabão de lavanda e a algo mais, algo que não podia distinguir, forte e vagamente metálico.

As estreitas e sinuosas escadas que conduziam a seu quarto representavam toda uma provocação, mas as arrumou para subir, embora estava comovido quando alcançou a cama.



—Bela — sussurrou enquanto lhe alisava o cabelo e a camisola. — Ah —disse ele, dando-se conta de que o dia rompia enquanto acariciava suas genitálias. Bom, aquilo fazia as coisas certamente mais interessantes—. Bela — sussurrou de novo e lhe cobriu com beijos o rosto e o peito.

Bela cochilava em uma esfera de imagens sem sentido. Sabia que se tinha deitado para dormir ao lado de Raffé depois de tirar sua essência de sua pele, mas já não parecia estar em seu quarto. Virou a cabeça sobre o travesseiro. As sombras não pareciam razoáveis. A cama... sua cama não tinha cortinas. Nem era feita de carvalho enegrecido. Por um momento, se imaginou de volta em Londres, despertando de um sonho horrível, mas a cama estava generosamente mais adornada que a que os três tinham compartilhado, e não cheirava à combinação de suas fragrâncias, a não ser a de Vaughan...

—Está acordada? —seus lábios angustiavam o lóbulo de sua orelha e ela sentiu sua presença sobre seu ser.

—Onde estou?

—Em minha cama.

Bela se levantou um momento, mas podia reconhecer pouco daquela vaga silhueta, sobre a que sua memória reconhecia um parecido. Ele devia havê-la levado ali. A teria recolhido de sua cama ao lado de Raffé. Seu coração pulsava um pouco mais rápido ao pensar o que Vaughan podia ter feito e o que tinha planejado para ela. Tinha sido um porco com ela. Tinha que esperar um pouco parecido agora.

—Não podemos ter um pouco de luz?

—Se desejar — tinha a voz suave. Nem tensa nem dura como tinha sido antes, nem como ela esperava que fosse. Ele estendeu uma mão e acabou com a escuridão. Com a cortina recolhida depois do pilar da cama, a luz da lareira os alagou com um brilho quente de cor laranja. O cabelo do Vaughan brilhava com uma frágil luminescência.

Sua respiração se entrecortava em sua garganta. Ele estava completamente nu, nem sequer com o relicário adornando seu pescoço. Ela se aproximou e acariciou a cicatriz que tinha no abdômen.

—Para que me trouxe aqui? — Ele se estirou sobre ela e a olhou aos olhos. Os seus pareciam dois atoleiros negros.

—Não é óbvio? Vou te dar o que me pediu.

Os músculos se esticavam na parte de trás de seus ombros.

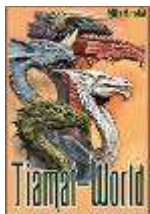
—Bastardo —lhe sussurrou entre dentes— que tipo de jogo está jogando comigo?

—Não há jogos, não esta noite —sua respiração sussurrava quente e doce sobre os lábios— me deixará te beijar, Bela?

Ela teve que soltar uma gargalhada por aquele comentário.

—Nunca antes tinha me pedido permissão para fazê-lo.

Vaughan inclinou a cabeça para um lado e lhe sorriu imprudentemente, pedindo sua



piedade e perdão. Realmente não se sentia zangada com ele, seus sentimentos estavam muito confundidos para que um deles dominasse, mas seu sorriso tirou aquilo da sua cabeça, de modo que desejou tomá-lo em braços e sustentá-lo com força.

—Muito bem, me beije.

Ela entreabriu os lábios, mas ele não procurou seus lábios a não ser sua garganta. Sua língua lambia sobre seu pulso, lhe enviando calafrios de esperança por suas extremidades. Depois, lambeu-a com intensidade e ela cambaleou como um pulso de trapo em seus braços, incapaz de mover-se nem resistir, apenas capaz de respirar. Doía. Estava marcando-a. A sensação de seus dentes lhe enviava uma onda de medo e excitação que golpeava o corpo. Seu peito se dilatava e seus mamilos se arrepiavam contra seu peito, enquanto a umidade surgia mais abaixo.

Finalmente, ele a aliviou e engoliu uma grande baforada estremecida de ar. Agora ela desejava seus lábios. Sua boca sobre a sua, mas os beijos de Vaughan se moviam para baixo, por todo seu corpo. Levantou-lhe a camisa até o rosto, enquanto brincava com seus mamilos, e depois lambeu a parte inferior de seus seios. Bela ofegava contra o algodão que lhe cobria o rosto, enquanto lhe afundava a língua no umbigo e depois se movia mais abaixo para o lugar onde ela se sentia se desesperada pelo ter.

Sua língua lambeu sem piedade até que ela se abriu como uma flor e seus clitóris se sobressaiu de seu capuz, ansioso e atento. Beijou-lhe as genitálias com a mesma intensidade que tinha feito na sua garganta, por isso ela se retorceu sobre a cama, quente e espectador, com as mãos enredadas em seu cabelo.

Cada parte dela desejava ardentemente a penetração.

—Vaughan, me faça amor, por favor! —disse enquanto mordida o lábio, assustada pela ideia de que ele voltasse a rechacá-la outra vez.

Vaughan levantou a cabeça.

—Estou fazendo, com a língua — e tinha feito, *Deus o amaldiçoara*. Ela afundou os dedos em seu couro cabeludo, mas isso só conseguiu que ele trabalhasse com mais intensidade. Era uma maldade o que podia ser capaz de fazer com a língua, levando-a ao clímax com uns simples golpes.

Alcançou o clímax, tremendo e arranhando-o. Ainda desejava dolorosamente seu pênis. Vaughan arrastou seu corpo para cima como uma serpente exótica até cobri-la dos ombros até os dedos dos pés e sua ereção ficou como uma lança contra sua coxa. Ela rebolou, tentando fazer que ele estivesse mais perto, mas este só pressionava seu peso contra seu corpo.

—Delicioso.

Bela o olhou, reprimindo um grito que subia por sua garganta. Havia sangue em sua boca e seus lábios estavam também ensanguentados. O que era ele? Em que tipo de criatura se converteu? A história dos rituais de sacrifício retumbava em sua cabeça. Seria a lenda verdade depois de tudo?

Assustada, tocou a mancha roxa que tinha deixado sobre sua garganta.

Vaughan esfregou a boca, deixando uma mancha de sangue na parte posterior de sua mão.

—Minha menstruação — gemeu ela quando de repente se deu conta. *Por que agora?*



—Tranquila — sussurrou Vaughan e pressionou um dedo silencioso sobre seus lábios— de onde sai este pequeno sangue?

—É desagradável — disse ela.

—Eu gosto do desagradável.

Claro que gostava. Cada coisa que ele fazia era complicada e desordenada. Além disso, ela não só o desejava. Ansiava-o.

—Estraguei os lençóis — disse ela como última pretensão de cortesia.

Vaughan jogou a cabeça para trás e riu.

—Tenho mais lençóis. E inclusive se não as tivesse... —de repente, ele entrou dentro dela, enchendo-a com uma só investida divina— é minha, pequeno passarinho —lhe disse enquanto rebolava os quadris. Bela enroscou suas pernas ao redor das coxas e se levantou para receber suas investidas. Mais profundo. Queria que a penetrasse mais profundamente. A cama chiava debaixo deles. Vaughan deslizou sua camisola pela cabeça e o pôs de tal maneira que lhe atava os pulsos, deixando assim que lhe arranhasse as costas—. Sabe que é assim como vai ser. Não tem nem ideia da metade do que eu esperava de Lucerne.

Não, não tinha. Tinha os espiado o suficientemente frequentemente quando tinham tentado afastá-la de sua relação e ela os tinha visto lutar, despedaçando um ao outro. Havia ela desejado sempre o que eles tinham compartilhado? Acaso não tinha rogado o mesmo tratamento?

Vaughan empurrava dentro dela, tomando-a sem piedade. Possuindo-a. Enchendo-a.

—Mais forte — ofegava ela. Estava ascendendo de novo. Em qualquer momento ia gozar e queria que ele o fizesse também.

Seus dentes lhe cravavam no pescoço, fazendo que a marca doesse. Cada uma de suas terminações nervosas pareciam estar conectadas e depois explodiu. O negro calor a consumiu. Os músculos de seus genitais se contraíam, conduzindo a ele mais dentro, seu corpo tenso como uma corda contra o seu. Ela observou como se arqueava, sua cabeça sacudindo-se grosseiramente, enquanto seu membro se movia até derramar sua semente dentro dela com grandes movimentos estremeceadores.

Finalmente, ele se esparramou contra seu corpo e ela se aconchegou contra sua bochecha.

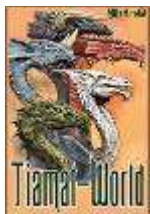
—Te amo, Vaughan — sussurrou.

Ele endureceu muito levemente e depois os músculos de suas costas relaxaram e a beijou lenta e profundamente.

—Sei. Pode que eu também te ame.

Bela enrugou o nariz contra ele, mas este apenas a lambeu em resposta.

Por isso, lhe golpeou nas costelas e depois encheu seu rosto de beijos.



Na meia luz que trazia o amanhecer, Bela se removeu, sua viva imaginação tinha pintado uma imagem maravilhosa e absurda dela aconchegada nos braços de Vaughan. Sonolenta, olhou a escuridão com os olhos entrecerrados. Vaughan estava deitado a seu lado, com a cabeça no travesseiro e seus cachos negros formados redemoinhos ao redor de seu rosto, como uma auréola empanada. Ela se aproximou e acariciou sua suave pele, impressionada ao ver que a imagem não tinha se quebrado. Um sorriso se desenhava em seus lábios e se aconchegou sobre seu peito.

Quando voltou a despertar, estava sozinha na cama.

Bela se sentou e tentou tirar o sono dos olhos, esfregando-os com as mãos. As pesadas cortinas estavam ao redor da cama, obscurecendo completamente o quarto. Ela tentou as buscar para tirar de cima, mas não podia encontrá-las. Com cautela, tirou um braço fora das cortinas para alcançar o chão.

—Está acordada.

A cabeça de Bela aparecia pela abertura. Não havia nenhum servente no quarto, só Vaughan, reclinado diante da lareira, dentro de uma banheira. Cachos de fumaça surgiam e formavam redemoinhos sobre ele, enquanto pétalas de rosa formavam pequenos navios sobre a superfície da água. Seu braço descansava sobre o bordo da banheira e lhe fez sinais enquanto rebojava os dedos.

—Meu vestido? —perguntou ela.

—Necessita de uma lavagem — Bela franziu o cenho e olhou duvidosa a distância que separava a cama da banheira. Deu uma cautelosa olhada à porta e depois deslizou até o chão e se meteu na banheira, fazendo que a água derramasse pelos lados provocando ondas agitadas. Ela dobrou os joelhos diante de seu corpo e ficou olhando as pétalas que flutuavam sobre a superfície. sentiu-se incômoda. Tinha sido fácil imaginar o futuro enquanto ele a abraçava, mas com todos os fantasmas dissolvidos com a luz do dia, a forma parecia de repente forjada pelo perigo.

O reflexo de Vaughan resplandecia na frente dela uma vez que a água se acalmou. Sua expressão era precavida e usava o relicário de novo.

—Você me fez amor — disse ela.

—Sim, assim é — não havia nada mais em sua voz, só uma resposta de acordo.

—Voltará a fazê-lo?

—Isso depende.

—Do que depende?

—De se for se casar com lorde Devonshire.

—Ah — *sim, já sabe*. Acaso tinha dado uma resposta oficial ao Raffe? Não com palavras, apenas havia dito que não tinha tomado uma decisão ainda, mas podia perdoá-lo por ter alguma esperança depois do que tinham compartilhado antes que Vaughan a raptasse de sua cama.

A expressão de Vaughan continuava precavida. Inclinou a cabeça, por isso o cabelo caiu sobre o rosto em uma cascata de cachos úmidos. Bela se aproximou e os acariciou onde



descansavam sobre seus ombros.

—Não lhe dei uma resposta.

—Mas quando o fizer... —ele a olhou, com os olhos claros e brilhantes e as pupilas com seu tamanho normal.

—O que quer? —perguntou-lhe ela.

—Quero muitas coisas e algumas delas não posso ter.

—Sei — ela inclinou a cabeça outra vez, tentando encontrar as palavras corretas para expressar-se. — de mim, quero dizer —ela observou o quarto, a cama—. Há um futuro para nós, Vaughan?

—Isso depende mais do futuro que queira ter.

Bela mordeu o lábio. Ele sempre havia dito que não se casaria. Não havia razão alguma pela que pensar que mudaria de ideia só porque já não estava com Lucerne. Mesmo assim, aquilo era como um rechaço de algum jeito. Mas era realmente o matrimônio o que ela queria dele?

—Não haverá promessas falsas — disse ele e seus lábios vermelhos e sensuais esboçaram um sorriso. Ele a puxou e a pôs entre seus braços, beijando-a.

—Promete que não voltará a escapar?

Ele sorriu e negou com a cabeça.

—Nem posso te prometer fidelidade absoluta. Há certas coisas que simplesmente não pode satisfazer, embora seja extremamente complacente —seus dedos se curvaram ao redor do cordão de ouro que descansava sobre seu peito— entendo se quer viver dessa maneira.

Bela lambeu sua língua. Ela poderia viver com isso? Não normalmente, mas pensava que Vaughan seria discreto, pelo menos. Muitos homens copulavam com as cozinheiras e não lhes importava quem demônios se inteirasse.

—Poderei olhar de vez em quando?

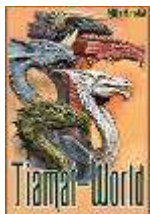
Ele balbuciou algo.

Vaughan chapinhou para ela e depois saiu da banheira. Bela observou fascinada como atravessava o quarto, com a pele adornada com um milhão de diminutas gotas, como joias brilhantes. Ele era sua jóia.

—Entende que não voltarei para a cidade até dentro de uns dias — disse ele enquanto vestia a camisola— não estou disposto a entreter os rumores.

Ela já sabia que a ausência de Lucerne na festa tinha sido notada pelos convidados. Não havia dúvida de que antes que o sol saísse os rumores estariam se estendendo como uma praga, junto com a especulação, como resultado. Turvada por suas ideias, inundou-se e deixou que a água quente dissipasse todas suas preocupações.

Os descarados foram um depois de outro. Darleston lhe deu um tapinha no traseiro, mas não deu importância ao ver que fazia com todo mundo. Depois Connelly e o coronel se foram. Dovecote ficou até metade da tarde, falando com as Allenthorpes, que também se despediram e se foram com de Maresi.



Finalmente, Bela se encontrou com Raffé, de pé, sobre a ponte levadiça.

—Sinto muito — disse— provavelmente nunca tivesse funcionado.

Raffé ficou em silêncio durante um longo momento, olhando-a.

— Acredito que podia ter sido perfeito, mas suponho que o melhor homem ganha — molhou o lábio lentamente, e depois se inclinou para beijá-la uma vez nos lábios—. Adeus Bela, espero que nos vejamos outra vez e que quando o fizermos, seja feliz.

Bela deslizou os braços por suas costas e o apertou com força.

—É um bom homem. Alguém aí fora te merece. E essa não sou eu — caminhou com ele para os degraus da carruagem e se despediu com a mão enquanto a carruagem ia.

O castelo estava quase opressivamente vazio depois de que todos partiram. Os quatro, Vaughan, Niamh, Henry e ela, comiam apertados em uma ponta de uma enorme mesa. Henry tinha anunciado sua intenção de ficar um pouco mais e enquanto Vaughan tinha levantado uma sobancelha, não objetou nada ao final. Também estava de acordo em que Niamh fosse a Londres quando Henry voltasse, em companhia de sua donzela. Ia ficar com a irmã de sua mãe, Mrs. Lily Cadoux, um acordo que agradava grandemente a Niamh, embora Vaughan tinha sustentado que aquela mulher era uma antipática e uma dissimulada.

Com o pôr do Sol, foram às ameias, só a duas delas. A cabeça de cera ainda estava estendida na base das escadas que conduziam ao topo da torre, tinha caído rodando depois de que Henry tivesse dado um chute na noite anterior. Vaughan a recolheu e a olhou, depois a atirou pelo muro e acabou aterrissando no jardim, sobre as rosas.

Bela observava como seu cabelo ondulava com a brisa. Apesar do vento, logo que usava uma camisa de seda aberta no pescoço e umas calças ajustadas. O relicário caía, abraçado à palma de sua mão, uma lembrança constante do que os tinha separado. Bela tocou seu ombro e lhe sorriu.

—Ainda o ama, não é certo? —disse ela.

Vaughan não respondeu. O brilho em seus olhos negros era resposta suficiente enquanto percorria de um lado a outro com o polegar a polida superfície. *Estará pedindo um desejo*, pensou ela.

—E você?

Bela negou com a cabeça.

—Tenho saudades de sua companhia. Passamos muito bons momentos. Um montão de bons momentos, mas não estou segura sequer de se realmente era amor — ficou preocupada, olhando os pés. Estava muito contente de ter chegado tão longe, para lhe dar voltas tão profundamente aos sentimentos que sentia por Lucerne. — Pode que em algum momento tenha sido. Acredito que era o que eu desejava inicialmente, mas então foi e tudo mudou.

—Não reescreva a história, Bela. Me odiava.

—É essa a razão pela que alguma vez fui capaz de manter minhas mãos afastadas de você? —ela deslizou a mão por suas costas e puxou dela para seus quadris. Vaughan lhe beijou a ponta do nariz. Ficaram de pé, unindo seus corpos, respirando a fragrância um do outro, enquanto várias nuvens deslizavam com rapidez pelo topo das obscurecidas montanhas. Finalmente Vaughan deu



a volta e inclinou o queixo para a parte de acima de uma das galerias.

—Faz frio, deveríamos entrar — disse Bela. Passou um dedo pela lateral da bochecha, mas o olhar de Vaughan seguia fixo no horizonte. — por favor, Vaughan.

Por um momento, ele resistiu. Depois ela viu um brilho de ouro contra a escuridão, o relicário que pendurava do ar e que caía como uma lágrima no canal para ficar ali, protegido pelos brilhos, com outros tesouros que durante séculos tinham sido confinados ali.

Vaughan pegou com força sua mão.

—Vamos. Já tive suficiente com velhos fantasmas.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>